

MARIZILDA FLEURY DONATELLI

**A COMPREENSÃO DA RELIGIOSIDADE DO CLIENTE NO PSICODIAGNÓSTICO
INTERVENTIVO FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL**

Doutorado – Psicologia Clínica

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2005**

MARIZILDA FLEURY DONATELLI

**A COMPEENSÃO DA RELIGIOSIDADE DO CLIENTE NO PSICODIAGNÓSTICO
INTERVENTIVO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL**

**Tese apresentada ao Departamento
de Pós-graduação em Psicologia da
Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo, como parte dos
requisitos para obtenção do título
de Doutora em Psicologia Clínica.
Área de concentração: Práticas
clínicas.**

**Orientadora: Dra. Marília Ancona-
Lopez**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2005**

MARIZILDA FLEURY DONATELLI

**A COMPREENSÃO DA RELIGIOSIDADE DO CLIENTE NO PSICODIAGNÓSTICO
INTERVENTIVO FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL**

PUC – SP - 2005

Banca Examinadora:

Dedicatória

Dedico essa tese a Flavio, Fabio, Mariana, Luisa e à minha mãe pelo afeto e apoio recebido no decorrer desta caminhada .

AGRADECIMENTOS

Á Dra. Marília Ancona-Lopez pelo cuidado, rigor e inestimável apoio, sem os quais seria impossível a realização deste trabalho.

Ao meu marido, Flavio, pelo incentivo e a incansável dedicação manifestada durante esses anos, que permitiram que eu prosseguisse em minha caminhada, apesar das dificuldades.

Ao meu filho, Fabio, pela compreensão e ajuda a mim dispensadas, no decorrer desse trabalho.

À minha filha, Mariana, pela disponibilidade, afeto e auxílio que marcaram nossa relação durante a elaboração dessa pesquisa.

À minha filha, Luisa, pelo afeto incondicional e pela disponibilidade que sempre me dedicou e, que, representaram um importante papel nessa trajetória.

Ao Dr. Luiz Cláudio Figueiredo, que me ajudou a perseguir com determinação meus objetivos, dando-me apoio e suporte nos momentos difíceis.

Aos colegas da pós-graduação, com os quais pude trocar informações que ampliaram os horizontes dessa pesquisa.

Aos membros da banca de qualificação: Dra. Rosa M. Macedo, Dr. Geraldo J. Paiva, Dra. Gohara Yvette Yehia pelas indicações precisas que iluminaram os vários territórios a seguir.

À Mary Santiago, minha amiga, pelas palavras de incentivo e encorajamento, sempre pronunciadas.

À Ligia Caran Costa Corrêa, pelas contribuições oferecidas para a realização deste trabalho.

À minha amiga, Betisa Malaman, pela compreensão e afeto demonstrados.

Á Paulina Cymrot, pelo interesse e preocupação manifestados.

Às minhas amigas da Unip, especialmente ao grupo de Campinas: Silvia Ancona-Lopez, Maria Fernanda Mello Ferreira, Elisabeth Becker, Mary Santiago, Suzana Lange Pinto Borges, Rosana de Fátima Tchirichian de Moura pelos momentos de descontração que ajudaram a aliviar o cansaço e a ansiedade, vividos nos últimos anos.

Aos meus clientes, sem os quais essa pesquisa não se realizaria.
Ao Cnpq, instituição financiadora desse trabalho.

RESUMO

DONATELLI, MARIZILDA FLEURY: A compreensão da religiosidade no Psicodiagnóstico Interventivo Fenomenológico-Existencial. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil: 2005.

O objetivo deste trabalho é apresentar um modo de compreender a religiosidade dos clientes - a criança e seus pais - atendidos no Psicodiagnóstico Interventivo Fenomenológico Existencial. Parte da premissa de que a religiosidade integra as vivências e experiências humanas e, por essa razão, é constituinte da maneira como a pessoa se coloca no mundo, da forma como vê as situações em sua vida e de como as enfrenta. Para atingir esse objetivo, são apresentados os modelos de avaliação da religiosidade propostos por Fowler, Paloutzian e Allison, Malony e Shafranske, analisados à luz dos critérios de Fitchett, com a intenção de compará-los e extrair, dessa comparação, elementos para a eleição de temas acerca da religiosidade a serem investigados no Psicodiagnóstico Interventivo Fenomenológico-Existencial. O método do estudo de caso clínico foi utilizado com o intuito de apontar para o aprofundamento da compreensão diagnóstica e a ampliação do raciocínio clínico do psicólogo, obtidos a partir da exploração dos temas escolhidos a fim de conhecer a religiosidade dos clientes. Concluiu que essa pesquisa se mostrou um dispositivo de suma relevância para a compreensão dos clientes, pois permite desconstruir determinados comportamentos e atitudes, esclarecendo premissas, crenças e valores que desvelam uma faceta, muitas vezes submersa, da experiência humana.

ABSTRACT

DONATELLI, MARIZILDA FLEURY: The comprehension of religiosity of clients in the Existential-Phenomenological Interventive Psychodiagnosis. PhD Thesis presented at the Post-Graduated Program in Clinical Psychology of the University Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brazil: 2005.

The purpose of this essay is to present a method to understand the religious conscience of the clients - children and their parents - attended in the Existential-Phenomenological Interventive Psychodiagnosis. It starts from the premise that religiosity is part of the experiences of the human beings and this is the reason why it plays a role in how people place themselves in the world, how they see the situations in their life and how they face them. To reach this objective was presented the method of evaluation of religiosity proposed by Fowler, Paloutzian and Allison, Malony and Shafranske, analyzed in the light of Fitchett standards with the intention to compare them and to extract from this comparison, elements for the selection of themes concerning religiosity to be investigated in the existential-phenomenological interventive psicodiagnosis. The method in the study of clinical case was used with the purpose to point out the deepening of the diagnostic understanding and the enlargement of the clinical reasoning of the psychologist, thanks to the exploration of the chosen subjects in order to know more about the religiosity of the clients. I conclude that this research reveals itself as a device of utmost relevance to understand the clients, as it allows us to disintegrate certain behaviors and attitudes, to clarify premises, beliefs and values that disclose a facet, often submerged, of the experiences of human beings.

RÉSUMÉ

DONATELLI, MARIZILDA FLEURY : Compréhension de la religiosité des clients par le psychodiagnostic interveneur phénoménologique existentiel. Thèse de Doctorat présentée au Programme Majeur de Psychologie Clinique à l'Université Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brésil: 2005.

Le motif de cet essai est de présenter une méthode pour identifier la conscience religieuse des clients - enfants et **leurs parents - orientés par le psychodiagnostic interveneur phénoménologique existentiel.**

Il part de la prémisse que la religiosité s'intègre aux expériences des êtres humains et pour cette raison intervient sur la manière dont les personnes se placent dans le monde, sur la façon dont elles voient les situations dans leur vie et comment elles y font face. Pour atteindre cet objectif a été présentée la méthode d'évaluation de religiosité proposée par Fowler, Paloutzian et Allison, Malony et Shafranske, analysée à la lumière des critères de Fitchett avec l'intention de les comparer et d'extraire de cette comparaison des éléments pour la sélection de thèmes sur la religiosité devant être examinés par le psychodiagnostic interventaire phénoménologique existentiel.

La méthode d'étude des cas cliniques a été employée dans le but d'attirer l'attention sur l'approfondissement de la compréhension diagnostique et sur l'élargissement du raisonnement clinique du psychologue, grâce à l'exploration des thèmes choisis a fin d'en apprendre plus sur la religiosité des clients.

Ma conclusion est que cette recherche s'avère être un outil de la plus grande importance pour la compréhension des clients, car

elle nous permet donc de décomposer certains comportements et attitudes, en éclaircissant des prémisses, des croyances et des valeurs qui révèlent une facette, très souvent profondément ensevelie, de l'expérience humaine.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO FENOMENOLÓGICO- EXISTENCIAL.....	19
OBJETIVO E MÉTODO.....	42
COMPREENSÃO DA RELIGIOSIDADE.....	47
MODELO INVESTIGATIVO PARA COMPREENSÃO DA RELIGIOSIDADE NO PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL.....	67
O PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DE JOÃO.....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	201
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	205
ANEXOS.....	214

INTRODUÇÃO

Antônia é mãe de cinco filhos e resolveu inscrevê-los para atendimento psicológico no Centro de Psicologia Aplicada da Universidade Paulista. Como solicitou ajuda para as cinco crianças, foi orientada a procurar atendimento familiar. Visto não ter aceitado tal orientação, foi alertada de que, naquele semestre, somente dois dos garotos seriam atendidos, alternativa aceita por Antônia.

Sua queixa relativa aos meninos era que, por várias vezes, ambos já haviam tentado suicídio. Um deles, Marcos, havia tomado dois vidros do remédio Cataflan, com o objetivo explícito de acabar com a vida. Também já havia pulado de um mastro de 3 metros de altura. Paulo, o outro filho, havia aberto o bico do gás e fechado todas as portas e janelas da casa. Em outra ocasião também tentara matar-se com uma facada no peito. Os garotos tinham, respectivamente, oito e nove anos.

Durante as entrevistas inicial e de anamnese, Antônia comentou que era de religião espírita e que, aos sábados pela manhã, a família se reunia e ela e o marido tentavam transmitir aos filhos os ensinamentos da doutrina espírita. No decorrer do atendimento às crianças, por sua produção gráfica, ficou claro que os temas morte e religião permeavam o universo psíquico daqueles meninos. Em devolutiva dada a Marcos, em que a questão do desejo de morte foi mencionada, ele reagiu dizendo que queria mesmo morrer, pois a mãe havia dito que *“lá do outro lado é muito melhor que aqui, tudo é branco, verde, não tem que fazer a lição, ir na escola...”*

Paulo, por sua vez, amedrontado não dormia à noite, uma vez que os pais lhe haviam dito que espíritos do mal rondavam as pessoas. Portanto, não poderia fechar os olhos, pois se o fizesse aqueles poderiam machucá-lo.

Tornaram-se claros para mim os efeitos que os ensinamentos religiosos familiares tinham para aquelas crianças. Esse fato foi então mencionado à mãe, que reagiu agressivamente, alegando que sua crença e sua fé estavam sendo questionadas por mim. Ao retornar a nova sessão, Antônia disse que se sentira enraivecida por minhas observações. Contudo, os fatos mencionados fizeram-na lembrar que, quando pequena, apresentava enurese diurna e noturna. Voltou-lhe à memória o fato de que só ia ao banheiro se tivesse alguém para acompanhá-la, caso contrário, preferia urinar na roupa, por temer que espíritos do mal pudessem pegá-la. Lembrar-se dessa experiência levou-a a compreender a angústia do filho e

permitiu que pudesse aceitar o fato de que os garotos, tal qual lhe ocorrera em outra época da vida, não estavam conseguindo compreender a doutrina que lhes era ensinada.

Marcelo era um homem de 33 anos, de boa aparência, engenheiro e executivo em um banco. Procurou atendimento psicológico por ser homossexual, característica que procurava esconder de todos. Segundo ele, vivia uma vida fictícia, ou seja, existiam dois Marcelos: um para o mundo e outro para si mesmo. Dizia que tal fato o angustiava muito, pois não podia ser o que realmente era, nem para sua família, nem para seus colegas e empregadores, nem para o parceiro com quem vivia. Toda vez que Marcelo mencionava suas angústias diante da própria homossexualidade, seu companheiro sentia-se culpado e ofendido, fato que eliminava qualquer possibilidade de diálogo sobre o assunto. A psicoterapia era uma tentativa de ser verdadeiro, de estar e ser inteiro. Após algumas sessões, Marcelo mencionou que era espírita, freqüentava um centro e fazia curso de desenvolvimento espiritual, no qual soubera que, em gerações anteriores, vivera como mulher, na condição de esposa do atual parceiro e por não terem alcançado o desenvolvimento espiritual adequado na ocasião, haviam voltado, atualmente, como homossexuais, pois esse era o carma a pagar.

Gustavo era um garoto de oito anos, muito agitado, e essa era sua principal queixa. Já aos dois anos, essa agitação tornara-se perceptível. Fora examinado por vários psicólogos e neurologistas, sem que o diagnóstico de hiperatividade se confirmasse.

No contato com o garoto, notava-se baixa auto-estima e sentimentos de incapacidade e inadequação, embora fosse uma criança criativa e com excelente capacidade intelectual. Entretanto, parecia que o caminho encontrado para ser notado era oposto a suas reais possibilidades: era visto sempre como “o bagunceiro”, “aquele que mobiliza a classe negativamente”, “o desastrado”, “o inadequado”. Gustavo acabava, de uma forma ou de outra, destruindo suas ricas produções. Tais questões foram pauta do atendimento terapêutico durante algum tempo. Em certa época, o pai do menino adoeceu. Corria o risco de ser portador de uma doença grave, fatal. Contrariamente ao esperado, Gustavo ao invés de tornar-se mais agitado e nervoso, acalmou-se. Passou a trazer para as sessões o aspecto

religioso: sua fé em Deus, seus pedidos e orações pela saúde do pai, o qual, de fato, curou-se. O menino, por meio de suas atividades e produções gráficas, passou a celebrar a “cura” e agradecer pela “graça” alcançada. Gustavo acalmou-se, Gustavo também “curou-se”.

Jorge era um homem de 45 anos, empresário bem sucedido. Procurou a psicoterapia por sentir-se nervoso e estressado. Apesar de aparentar ser uma pessoa realizada dos pontos de vista financeiro, afetivo e social, lia-se, nas entrelinhas de seu discurso, certa insatisfação. Jorge dizia-se ateu, dizia não acreditar em nada. Após algum tempo, focalizou questões existenciais: vida, morte, Deus. Passou inúmeras sessões discorrendo contra Deus, ou melhor, dizendo que a existência Deste era uma utopia, fruto do desejo humano. Mostrava-se enfático diante dos próprios argumentos, afirmando a impossibilidade de existir um Deus tão injusto que permitia a infelicidade de tantas pessoas. Entre elas incluía a si mesmo, na medida em que havia perdido os pais muito cedo, fora criado em orfanato, sofrera toda a sorte de privações, humilhações e necessidades. Ressaltava sua crença no ser humano, enquanto dotado de potencialidades para a ação e de razão, e sua descrença no divino. O homem, segundo ele, “*se fazia por si mesmo*” e ele era um exemplo vivo disso: “*veio do nada*”, não tivera nada, podia ter-se tornado um criminoso, um marginal, mas, ao contrário, lutou com os próprios recursos e atualmente era um homem de poder e de dinheiro. Orgulhava-se de suas conquistas, mas o tema Deus, ou melhor, sua não existência, prosseguia nas sessões.

Márcia era uma moça de 29 anos, marcada por muitas decepções amorosas. Em certo momento de sua vida fora levada, por uma amiga, a uma igreja evangélica. Segundo ela, o que lhe faltara era aceitar Jesus Cristo em seu coração e isso lhe foi propiciado pela citada igreja. A partir desse momento pôde iniciar nova relação afetiva, essa sim, culminada por vitórias. Márcia dizia que, a partir do momento em que aceitou Jesus Cristo, tudo mudou em sua vida, tudo melhorou e até a psicoterapia tinha adquirido outra função: seu objetivo não era mais resolver problemas e, sim, ampliar seu conhecimento sobre si mesma.

Conversando com colegas sobre esses casos em que a religiosidade permeia o atendimento clínico, ouvi histórias semelhantes. Uma colega, supervisora em um centro de Psicologia, falou-me de uma cliente que constantemente citava trechos da Bíblia em atendimentos grupais. Tais falas evidenciavam os pressupostos que norteavam sua vida e sua relação com os filhos.

Um colega, que trabalha com a terceira idade, comentou a enfática presença da religiosidade na fala de pessoas mais velhas. Em sua opinião, elas tendiam a se aproximar de Deus e da religião como forma de amenizar o temor da morte.

Outro profissional relatou-me o atendimento de uma criança que se sentia ameaçada por Deus, na medida em que seus pais lhe ensinaram que Deus era onisciente, onipresente. Tal observação lhe causava temor e insegurança e vivia o conflito entre o que gostaria de fazer e o medo do castigo de Deus.

Antônia, Marcos, Paulo, Marcelo, Gustavo, Jorge, Márcia e os clientes de meus colegas mostravam coisas em comum. Todos eles passavam por um processo terapêutico e todos, de alguma maneira, mencionavam questões religiosas no decorrer das sessões, embora pertencessem a religiões diferentes. Em todos os casos, de uma forma ou de outra, havia espaço, preocupação e disposição para tratar do assunto. Os temas religiosos assumiam, em determinados momentos, papel essencial, pois se referiam, freqüentemente, a questões-limite da existência. Essa dimensão ocupava boa parte das sessões e tinha um lugar definido no processo terapêutico dessas pessoas.

Os casos nos quais o aspecto religioso está envolvido apresentam ao psicólogo várias dificuldades, tanto do ponto de vista da compreensão teórica quanto do manejo clínico. Tais dificuldades originam-se de alguns pressupostos difundidos em nossa sociedade, como o de que não se devem abordar questões relativas à fé, pois ela é intocável, inabalável, inatingível, assim como, de posições psicológicas que interpretam a crença religiosa como defesa do indivíduo, quase uma patologia a ser eliminada e, não, examinada quanto aos diversos significados e funções que pode desempenhar para os diferentes indivíduos.

Ellis (1962,1977), entre outros, defende vigorosamente o ponto de vista de que a religião é prejudicial às pessoas e que não há lugar para esse tema nas psicoterapias. Frankl (1984) aponta para o fato de que é comum os psicólogos

sustentarem que os sentidos e valores religiosos são “*nada mais que mecanismos de defesa, formações reativas e sublimações*”, embora discorde veementemente dessa posição, ao indicar a religiosidade como algo inerente a personalidade humana.

O fato é que a dimensão religiosa do ser humano esteve, durante muito tempo, pouco presente no universo da Psicologia, a qual preferiu temas que garantissem o esforço para alcançar o estatuto de ciência do comportamento. Conseqüentemente, a maior parte dos psicólogos não se refere à religiosidade, como se essa não fosse passível de interrogação. Hoje, no entanto, reconhece-se a necessidade de incorporar esse aspecto ao campo dos estudos e conhecimentos psicológicos. Já em 1992, a American Psychological Association (APA), incluiu nos Princípios Éticos do Psicólogo e no Código de Ética de Conduta, a importância de os psicólogos considerarem as diferenças culturais e individuais, salientando nesse domínio, as diferenças religiosas, adotando procedimentos específicos para lidar com elas.

Confirmando essa disposição, a experiência profissional mostra que o aspecto religioso aparece na clínica psicológica freqüentemente permeando o psiquismo humano e não deve, portanto, ser ignorado.

Casos como os que citei levantam para o profissional uma série de questões: que lugar a religiosidade humana ocupa no psiquismo das pessoas; como ela se constituiu; a partir de quais relações; que função exerce; quais são os significados de Deus, de vida e morte, assimilados pela pessoa; como eles se alinham a outros significados e delineiam um certo modo de existir no mundo.

Essas questões são muito amplas e podem ser abordadas de várias maneiras. Assim, ao defini-las como localizadoras de meu interesse para o desenvolvimento de minha tese, defrontei-me com a necessidade de escolher, dentre as inúmeras possibilidades de abordagem, uma que parece ir ao encontro de meu interesse e de minha experiência profissional. Tendo em vista que durante toda minha vida profissional, realizei um trabalho voltado especialmente à prática do Diagnóstico Psicológico numa abordagem Fenomenológico-Existencial, pretendo localizar o tema da religiosidade na clínica psicológica no contexto do psicodiagnóstico e pela ótica da fenomenologia. Apesar de muitos teóricos terem apresentado diferentes formas de elaborar uma “avaliação da religiosidade”, faltam pesquisas que se ocupem de aspectos ligados a essa prática, não sendo

encontradas reflexões ou discussões sobre a integração da religiosidade nos processos diagnósticos.

A proposta deste estudo, portanto, é contribuir para o redimensionamento do processo de Diagnóstico Psicológico desenvolvido na abordagem Fenomenológico-Existencial, buscando uma forma possível de compreensão da religiosidade.

A religiosidade será entendida como a aderência ou não do indivíduo a uma determinada religião, além de seus valores e de seu sistema de crenças religiosas. Parto do pressuposto que esses norteiam seu modo de estar no mundo e de se relacionar com as pessoas. A relação do sujeito com a religião é algo que se constitui com o indivíduo e seus relacionamentos no decorrer da vida, sujeita a influências sociais, culturais, espaciais e temporais.

Para atingir meu objetivo, pretendo apresentar, inicialmente, estudos de autores que se dedicam ao tema da avaliação da religiosidade, perseguindo uma definição adequada dos termos e conceitos utilizados, à luz dos quais, propostas técnicas encontradas na literatura poderão ser analisadas. Com esses subsídios será possível propor um modo de conhecer o sentido que os clientes atribuem a religiosidade, integrá-lo ao processo de Psicodiagnóstico desenvolvido na abordagem Fenomenológico-Existencial e verificar seu uso, assim como sua contribuição, por meio de um estudo de caso clínico.

CAPÍTULO I

PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

A Psicologia Clínica desenvolveu-se no século XIX, quando o paradigma vigente era o positivismo lógico, ou seja, existia a idéia de que havia uma verdade sobre os fenômenos, passível de ser conhecida por meio de determinados procedimentos utilizados pelo pesquisador de forma isenta e neutra. Foi nesse contexto que se desenvolveram as primeiras práticas psicodiagnósticas.

Cunha (2000) comenta: *“As sementes da avaliação psicológica, que hoje constitui uma das funções do psicólogo, foram lançadas numa fase que abrangeu o fim do século XIX e o início do século XX, época que marcou a inauguração do uso dos testes psicológicos. Historicamente, portanto, justifica-se a imagem que o leigo formou do psicólogo, como um profissional que usa testes, já que testólogo é o que ele foi, na metade do século XX.”* (p. 19).

Segundo Ancona-Lopez, M. (1984) desenvolveram-se, a partir dessa postura, três modelos de psicodiagnóstico: médico, psicométrico e behaviorista. O modelo médico de psicodiagnóstico *“ênfatisou os aspectos patológicos do indivíduo, usando como quadros referenciais as nosologias psicopatológicas e enfatizou o uso de instrumentos de medidas de determinadas características do indivíduo”*. (p. 4). Nesse modelo, foram criados os testes psicológicos usados como instrumentos para realização dos diagnósticos. Ancona-Lopez, M. (1984) comenta essa abordagem: *“Do ponto de vista do psicólogo, a grande ênfase nos aspectos psicopatológicos deixava em segundo plano características não patológicas do comportamento das pessoas, limitando o estudo e o conhecimento sobre o indivíduo.”* (p. 5)

Com relação ao modelo psicométrico, Ancona-Lopez, M. (1984) destaca que o desenvolvimento dos testes psicológicos delimitou, de algum modo, o lugar do psicólogo como um profissional autônomo, que os utilizava para auxiliar nos diagnósticos psiquiátricos, nas seleções de pessoal e na área da educação com crianças para determinar sua *“capacidade intelectual, aptidões e dificuldades, assim como sua dificuldade escolar.”* (p. 5)

Se os testes psicológicos definiram um lugar para o psicólogo, desenharam também um modo de realizar o psicodiagnóstico, a partir da mesma posição

epistemológica que embasava o modelo médico. Acreditava-se que havia no ser humano características gerais, passíveis de serem conhecidas, medidas e classificadas a partir dos testes psicológicos.

O modelo behaviorista oriundo da mesma vertente positivista entendia que qualquer explicação sobre o comportamento humano só seria obtida a partir da observação e da experimentação. Os behavioristas consideravam que o comportamento humano é aprendido, podendo ser modificado. Passaram a estudá-lo, preocupando-se em alcançar as leis que o regem e as variáveis que nele influem, a fim de poder agir sobre ele, mantendo-o, substituindo-o, modelando-o ou modificando-o. Desse modo, segundo Ancona-Lopez, M. (1984), *“criaram formas próprias de avaliação do comportamento a ser estudado. Não utilizaram o termo ‘Psicodiagnóstico’, valendo-se dos termos ‘ levantamento de repertório’ ou ‘análise de comportamento’.*”(p. 6).

Ainda segundo Ancona-Lopez, M. (1984) no início do século XX, alguns filósofos posicionaram-se contra a visão de ciência vigente na época e introduziram a idéia de que a subjetividade do pesquisador interferia na compreensão de seu objeto de estudo, pondo em cheque a idéia de possibilidade de um conhecimento puramente objetivo. Para esses filósofos *“o homem não pode ser estudado como um mero objeto, fazendo parte do mundo, pois o próprio mundo não passa de um objeto intencional para o sujeito que o pensa. Desse modo, os métodos das ciências naturais não poderiam ser transpostos para as ciências humanas, já que estas possuem características específicas”*. Completando seu raciocínio refere que *“Partindo dessa posição frente ao homem e à ciência, inúmeras escolas surgiram e encararam de formas diversas a questão do Psicodiagnóstico.”* (p. 7)

A Psicanálise desmistificou a idéia de que o comportamento só poderia ser entendido a partir daquilo que fosse observável, na medida em que introduziu a noção de inconsciente. Deu destaque ao fato de que há uma dimensão humana a ser conhecida que não é explícita, à qual só se pode ter acesso por meio de recursos psicanalíticos. Ancona-Lopez, M. (1984) comenta que, embora sejam muitas as correntes psicanalíticas, todas elas influíram igualmente na prática do Psicodiagnóstico e assinala *“Acentuou-se o valor das entrevistas como instrumento de trabalho, o estudo da personalidade através da utilização de observações e técnicas projetivas e se desenvolveu uma maior consideração da relação psicólogo*

cliente com a instrumentalização dos aspectos transferenciais e contratransferenciais. Enfim, a psicanálise desenvolveu instrumentos diagnósticos sutis, que permitem verificar o que se passa com o indivíduo por detrás de seu comportamento aparente.” (p. 6).

Aberastury (1987), ao comentar sobre as contribuições da Psicanálise nesse sentido, faz um histórico partindo de Freud, quando ele descobriu o valor da associação livre e, posteriormente, quando enfatizou o vínculo terapeuta-paciente. Aberastury diz: *“Seu novo e grande descobrimento foi compreender e valorizar como instrumento técnico o vínculo que se criava entre o paciente e o terapeuta, que denominou de transferência.”* (p. 21)

Segundo a autora, *“foi ele quem abriu caminho para que outras autoras se dedicassem ao atendimento infantil, assim como Sophie Morgenstein, Anna Freud e Melanie Klein, criando técnicas específicas adequadas a este fim”.* (p.18).

Trinca (1983) enfatiza que os processos psicodiagnósticos do tipo compreensivo, derivados da Psicanálise e conhecidos como psicodinâmicos, têm por objetivo obter *“uma compreensão psicológica globalizada do paciente e não, apenas, aspectos ou partes que correspondem a determinados testes psicológicos”.* (p. 17). Segundo o autor, nos citados processos é dada grande importância ao raciocínio clínico do psicólogo que deriva do amplo conhecimento da personalidade do cliente.

Também as correntes humanistas colocaram-se contra os procedimentos padronizados utilizados no psicodiagnóstico. Entendiam que qualquer compreensão acerca do homem poderia e deveria ser obtida por meio da relação que se estabelecesse com ele, sem a necessidade de instrumentos intermediários.

Algumas correntes da Psicologia Fenomenológico-Existencial, no entanto, reformularam a visão do psicodiagnóstico, considerando que a interação com o cliente por meio de testes e outros instrumentos poderia ser útil para as pessoas, *“ajudando-as no caminho do autoconhecimento. Esses dados devem ser discutidos diretamente com os clientes, estabelecendo com os mesmos as possíveis conclusões”* (Trinca, 1983, p. 17).

Marcada por essa influência, uma equipe de profissionais que trabalhava em uma clínica-escola em São Paulo na década de 80, coordenada por Ancona-Lopez, M. (1987), sentiu a necessidade de explorar os efeitos terapêuticos dos modelos de Psicodiagnóstico. A partir do desconforto gerado por uma pesquisa que detectou

haver alto índice de desistência, provocado pela longa espera por atendimento, as psicólogas participantes da equipe desenvolveram algumas propostas de atendimento psicológico nas clínicas-escola, como de formas de supervisão de estágio para a formação de psicólogos.

A primeira iniciativa nesse sentido deu-se por meio de da organização de Grupos de Espera. Dada a enorme fila de espera para o atendimento psicológico, as psicólogas começaram um trabalho com os pais cujos filhos aguardavam por atendimento. Os Grupos de Espera consistiam em atendimentos imediatos e de curta duração que, segundo Laburre (1984), visavam a agilizar o futuro atendimento em Psicodiagnóstico, providenciando encaminhamentos médicos necessários, recolhendo informações dadas por profissionais anteriormente consultados, pela escola, etc... Do mesmo modo, facilitavam o encaminhamento dos pais a psicoterapia ou orientação quando necessário, bem como encaminhar a criança a diferentes atendimentos psicológicos, dentro ou fora da instituição. Outro objetivo a ser alcançado pelos Grupos de Espera era diminuir a desistência, oferecendo um atendimento que contivesse a ansiedade dos pais e permitisse que tivessem melhor compreensão da necessidade do atendimento e dos objetivos do Psicodiagnóstico pelo qual seus filhos passariam.

Os Grupos de Espera mostraram-se bastante eficientes em relação aos propósitos para os quais foram criados (diminuição de fila de espera, maior engajamento dos clientes etc...) e, para muitos clientes, constituíram a parte inicial do Psicodiagnóstico Interventivo.

A partir dessa experiência, acoplada ao estudo da fenomenologia, foi proposto, final da década de 70, o processo de Psicodiagnóstico Interventivo (Ancona-Lopez, M., 1987). É esse o modelo de atendimento com o qual trabalho atualmente e que passo a descrever.

1. O PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO FENOMNOLÓGICO-EXISTENCIAL

1.1. Pressupostos do Psicodiagnóstico Interventivo

A abordagem fenomenológica, segundo Holanda (1997), pressupõe *“um esforço, uma tentativa de clarificação da realidade humana. É uma abertura à experiência, à vivência integral do mundo”*.(p 28).

Para Forghieri (1993), os conceitos da Fenomenologia relevantes para a Psicologia Fenomenológica são a intencionalidade, a redução fenomenológica, a intuição das essências e a intersubjetividade.

A intencionalidade se define, em princípio, pela premissa de que não se pode afirmar ou negar a existência de *“mundo em si”*, ou seja, o mundo sempre existe para uma consciência intencional que se constitui enquanto consciência do mundo. Assim, Forghieri (1993) diz: *“A intencionalidade é, essencialmente, o ato de atribuir sentido; é ela que unifica a consciência e o objeto, sujeito e mundo. Com a intencionalidade há o reconhecimento de que o mundo não é pura exterioridade e o sujeito não é pura interioridade, mas a saída de si para o mundo tem uma significação para ele.”* (p. 15)

A redução fenomenológica é uma atitude que busca chegar ao fenômeno *“tal como ele se mostra”*. Essa atitude implica a suspensão de crenças, valores, preconceitos, teorias e, particularmente, a suspensão da noção de consciência e do mundo considerados de forma separada.

A intersubjetividade é compreendida como a possibilidade de ver o outro como um outro eu, numa instância pré-reflexiva, anterior a qualquer pensamento, representação ou juízo. Para Forghieri (1993), *“Os pensamentos, as representações têm origem nessa vivência pré-reflexiva, ou ‘antepredicativa’, que é anterior a toda elaboração de conceitos e de juízos; até as mais abstratas e sofisticadas formulações científicas partem dessa vivência. A ciência não começa quando articula uma teoria, resultante de suas investigações; ela tem início com a intenção do cientista ao desejar esclarecer um problema que surgiu em sua vivência cotidiana”*. (p.18).

Os conceitos da Fenomenologia serviram de base para o desenvolvimento da Psicologia Fenomenológica a qual, segundo Corrêa (2004) *“está interessada em compreender a experiência vivida interna, externa e racionalmente, ou seja, sentida, agida e pensada”*. (p. 18).

Ao longo de sua existência, o ser humano atribui sentido a suas experiências. Esses significados são singulares, peculiares a cada indivíduo e estão intimamente ligados a seu modo de existir. Assim, entender um indivíduo do ponto de vista psicológico implica conhecer os significados que atribui a suas experiências. Para isso, é preciso compreender o indivíduo em seus muitos contextos, a partir das conexões feitas com o mundo.

Para a Psicologia Fenomenológica o homem se constitui, enquanto subjetividade, a partir da trama de relações que estabelece com o mundo. Desse modo, o ser humano é sempre um *“ser em”*, um *“ser com”*, *“um ser junto com outros seres”*. Forghieri (1993) assinala: *“Ser no mundo” uma estrutura originária e sempre total, não podendo ser decomposta em elementos isolados. Entretanto, tal estrutura primordial pode ser visualizada e descrita em seus vários momentos constitutivos, mantendo a sua unidade. É desse modo que podemos considerar os vários aspectos do mundo e as diferentes maneiras do homem existir no mundo.*”(p. 28).

As experiências e seus significados constituem-se em uma cultura, uma rede de relações e em horizontes espaciais e temporais. Para Forghieri (1993), *“Temporalizar consiste em experienciar o tempo, sendo esta a vivência que mais próxima se encontra do nosso existir”* (p. 41). Em tal perspectiva, presente, passado e futuro não obedecem a uma sequência linear, mas são instâncias que se perpassam. Augras (1986) comenta: *“Poder-se-ia representar o horizonte temporal mediante três círculos concêntricos: o círculo central indicaria a posição do passado, como núcleo biológico; o círculo intermediário expressaria a inclusão do passado dentro do presente, como substrato cujo significado é, contudo, orientado pela experiência atual; o círculo maior, por fim, designaria o abarcamento do presente e passado pelo futuro que, correspondendo ao mundo próprio do destino individual, situaria o ser em sua especificidade.”* (p 31).

Implícitas no horizonte temporal estão as questões humanas essenciais de vida e morte, de permanência e impermanência. O tempo é algo próprio, vivido de acordo com cada um e de acordo com as situações que experienciamos.

A espacialidade mostra o modo pelo qual experienciamos nossa existência. Espacializar refere-se a um espaço psicológico, ou seja, à maneira mais ampla ou mais limitada pela qual nos conduzimos na vida e vislumbramos nossas possibilidades. Podemos existir com maior ou menor e esse espaço psicológico não corresponde ao espaço físico ou social, considerado do ponto de vista objetivo.

A Psicologia Fenomenológica, segundo Forghieri (1993), buscando compreender a experiência e seus significados, trabalha na clínica em dois movimentos: envolvimento existencial e distanciamento reflexivo. São esses os movimentos que utilizamos ao trabalhar o processo Psicodiagnóstico em uma abordagem fenomenológico-existencial, procurando entender, junto com os indivíduos que nos procuram, os significados que eles atribuem as suas experiências.

1.2. Psicodiagnóstico como processo de intervenção

Durante muito tempo, o psicodiagnóstico foi entendido como um processo que se desenvolvia a partir de um levantamento de dados do cliente (queixa, história de vida pregressa e atual, funcionamento psíquico etc...), cabendo ao psicólogo analisar esses dados com base na nosologia psicopatológica e dar o encaminhamento possível para o caso. Evitavam-se nesse processo estabelecer vínculo com o paciente, fazer intervenção, sendo esses procedimentos delegados aos processos psicoterápicos.

Ocampo e Arzeno (1981) comentam: *"O psicólogo tradicionalmente sentia sua tarefa como o cumprimento de uma solicitação com as características de uma demanda a ser satisfeita seguindo os passos e utilizando instrumentos indicados por outros (psiquiatra, psicanalista, pediatra, neurologista, etc.). O objetivo fundamental de seu contato com o paciente era, então, a investigação do que este faz frente aos estímulos apresentados."*(p. 13).

Fischer, nos Estados Unidos e Ancona-Lopez, M., no Brasil, nas décadas de 70 e 80 respectivamente, foram as precursoras na introdução do Psicodiagnóstico Interventivo, o qual, como indica o próprio nome, rompe com o modelo acima, fazendo do atendimento um processo ativo e cooperativo. Não se trata apenas de um processo investigativo; ao contrário, o que fundamentalmente o caracteriza é a possibilidade de intervenção. No Psicodiagnóstico Interventivo

Fenomenológico-Existencial, as questões trazidas pelos clientes são ao mesmo tempo investigadas e trabalhadas a fim de que se possam construir, em conjunto, possíveis modos de compreendê-las.

As intervenções no Psicodiagnóstico Interventivo se caracterizam por propostas devolutivas ao longo do processo, acerca do mundo interno do cliente. São assinalamentos, pontuações, clarificações, que permitem ao cliente, buscar novos significados para suas experiências, apropriar-se de algo sobre si mesmo e ressignificar suas experiências anteriores.

A esse respeito, Santiago (1995) informa que os profissionais “... *reconhecem a necessidade de fazer certos apontamentos ao paciente durante o processo Psicodiagnóstico por considerarem que o trabalho alcança uma dimensão mais ampla e compreensiva. Também argumentam a favor de devoluções parciais e de realizar um trabalho em conjunto com o paciente*” (p.17).

No caso do Psicodiagnóstico Infantil, esse processo pressupõe a implicação da família na problemática, atribuída à criança, na queixa. Parte da idéia de que, se a criança apresenta um comportamento que atinge os pais, mobilizando-os a procurar por um psicólogo, a família está, de algum modo, envolvida no problema. Além disso, como diz Yehia (1995): “... *mesmo sendo a criança a precisar de atendimento psicológico, são os pais que arcam com muitos dos custos do atendimento infantil; o tempo para levar e buscar a criança, o pagamento das sessões (quando estas são gratuitas, o pagamento das conduções) e os possíveis efeitos transformadores do atendimento infantil na dinâmica da família.*” (p.118).

Esse modo de compreender o Psicodiagnóstico decorre, como já mencionado, da concepção de homem e de mundo postulada pela fenomenologia existencial, isto é, considera o ser humano como um ser sempre em relação, cuja subjetividade se constitui pelas relações que o individuo estabelece no decorrer de sua existência. Dessa forma, os pais ou responsáveis também são clientes e têm participação ativa no referido processo.

1.3. Psicodiagnóstico como pratica colaborativa

O Psicodiagnóstico é visto como uma prática conjuntamente realizada pelo psicólogo, pelos pais e pela criança. Os pais e a criança têm uma participação ativa

nesse tipo de diagnóstico, atribui-se grande valor às informações trazidas pelos pais, à forma de compreensão do problema do filho, às explicações prévias, às fantasias e expectativas construídas antes e no momento da procura do psicólogo. Nessa medida, não há uma relação verticalizada, pois o psicólogo não se põe no lugar de quem “detém o saber”; ao contrário, dialoga com os clientes no sentido de construírem juntos, possíveis modos compreensão acerca do que está acontecendo com a criança.

1.4. Psicodiagnóstico como prática compartilhada

Em tal modalidade de atendimento o psicólogo compartilha com os clientes suas impressões, permitindo que esses as legitimem ou ainda as transformem. Entende-se que é no compartilhar de experiências e percepções que pode emergir uma nova compreensão, um novo sentido que possibilite diminuir ou eliminar o sofrimento psíquico da criança e da família.

Essa é uma posição derivada da Psicologia Fenomenológica, na medida em que entende o indivíduo, em seu “*estar no mundo*”, como uma pessoa consciente, capaz de fazer escolhas e de responsabilizar-se por elas, diante de quem se abre um leque de possibilidades. As intervenções do psicólogo obtidas por meio de suas percepções, se oferecem como possibilidades para ampliar o campo de consciência da pessoa, permitindo novas experimentações.

Para Ancona-Lopez S. (1991), o processo de Psicodiagnóstico Interventivo, quando efetuado numa abordagem Fenomenológico-Existencial, “*é uma prática colaborativa, contextual e intervencionista.*” (p. 87).

Yehia (1995) complementa: “*A situação do Psicodiagnóstico torna-se então uma situação de cooperação, em que a capacidade de ambas as partes observarem, apreenderem, compreenderem, constitui a base indispensável para o trabalho.*” (p.120).

1.5 Psicodiagnóstico como prática de compreensão das vivências

O registro das experiências que as pessoas vão tendo ao longo da vida e às quais atribuem sentido constituem seu campo fenomenal.

No Psicodiagnóstico Interventivo Fenomenológico-Existencial, o psicólogo busca compreender esse campo fenomenal e evita que as explicações teóricas se antepõem ao sentido dado pelo cliente.

Ancona-Lopez, M. (1995) comenta que quando do desenvolvimento do processo de Psicodiagnóstico Interventivo, ocorreu na equipe que o desenvolvia uma mudança no modo de compreender a relação entre teoria e prática. A prática, embora planejada a partir de indicações teóricas, ultrapassa a teoria de referência, expondo o psicólogo a experiências que não são abarcadas pelos conceitos teóricos. Desse modo, torna-se local privilegiado para apontar lacunas do conhecimento teórico e produzir questionamentos. Segundo Ancona-Lopez, M. (1995), *“No Psicodiagnóstico essa posição trouxe como consequência a valorização do conhecimento pessoal do cliente e de seus pais, assim como a necessidade de se trabalhar desde o início de modo conjunto e participativo, evitando guiar-se perante o caso apenas a partir de referências teóricas.”* (p. 93).

A fim de que possa compreender o campo fenomenal o psicólogo deve, com os clientes, desconstruir a situação apresentada e buscar seu significado principal. Ancona-Lopez (1995) discorre: *“A queixa deixou de ser vista de modo isolado para tornar-se via de acesso ao mundo do sujeito, a seus objetos intencionais, e aos conflitos nele instalados, considerando-se o esclarecimento dos significados ali presentes como processo necessário para uma possível re-significação e consequente modificação do modo de estar consigo e com o outro”* (p. 94).

A identificação da experiência do outro, bem como seu significado, é uma tarefa que exige, de alguma maneira, que o psicólogo se reconheça nesse outro. Portanto, é preciso que haja um envolvimento existencial, é preciso mergulhar no mundo do cliente, compartilhar seus códigos, deixar-se enredar por sua trama de sentidos e, ao mesmo tempo, conseguir uma distância suficiente que permita refletir sobre a situação.

Ancona-Lopez, M. (1995), referindo-se a esse aspecto, observa que ele se apóia no conceito de intersubjetividade, o qual afirma a possibilidade de *“reconhecer o outro como um outro eu que, possuindo um corpo inserido em um mundo, portador de comportamentos e construtor de significados, constitui a si e ao mundo.”* (p. 94).

1.6 O Psicodiagnóstico Interventivo como prática descritiva

O Psicodiagnóstico, conforme concebido tradicionalmente, busca obter um diagnóstico do indivíduo, classificando-o quanto às patologias, a partir das definições das características de personalidade e fatores específicos, como nível mental e outros.

O Psicodiagnóstico Interventivo evita classificações. Não pretende montar um quadro estático sobre o sujeito. É um modelo descritivo na medida em que faz um recorte na vida da pessoa, em dado momento e em determinado espaço, focalizando seu modo de estar no mundo, com os significados nele implícitos.

1.7 O Psicodiagnóstico Interventivo e o papel do psicólogo e dos clientes

Convém reiterar que os clientes, nesse atendimento, têm um papel ativo, participam da construção de uma compreensão sobre o que acontece com eles. O psicólogo solicita e valoriza a sua colaboração na intenção de que o esforço conjunto possa produzir novo entendimento para as questões por eles trazidas.

Desse modo, tanto as experiências do cliente quanto as impressões do psicólogo sobre elas são compartilhadas, caindo por terra à idéia de que existem aspectos que não devem ser mencionados pelo psicólogo ao cliente: o importante é como dizer e não o que dizer.

Nesse sentido, diz Ancona-Lopez, M. (1995): *“Pais e psicólogo engajam-se no processo de criação de sentido e, diminuída a assimetria na relação, o conhecimento profissional perde seu caráter de verdade, mostrando-se como uma forma possível de significação”*.(p. 98)

2. DESCRIÇÃO DO ATENDIMENTO EM PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO NA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Essa modalidade de atendimento pode ser realizada individualmente ou, mais freqüentemente, nas instituições. As etapas do processo são as mesmas, em ambos os casos. Nesta descrição, apresento minha forma de trabalhar, individualmente, em Psicodiagnóstico Interventivo Fenomenológico Existencial.

2.1. Entrevista inicial

Para a entrevista inicial convoco somente os pais. Inicio com os cumprimentos e apresentações habituais e deixo-os falar sobre como vieram até mim, por que e o que esperam. Em seguida, converso sobre minha forma de trabalhar, ou seja, compartilho com eles o fato de o Psicodiagnóstico ser um processo cujo objetivo é compreender aquilo que ocorre com a criança e com eles, pais, na relação com o filho, dos motivos que levam a criança a apresentar determinados comportamentos, bem como o que é possível fazer para ajudá-la. Explico que parto da idéia de que se a criança tem uma dificuldade, os pais estão implicados nela, e que, por essa razão, a participação deles no processo é fundamental. Enfatizo que não se trata de um diagnóstico feito somente por mim, mas que buscaremos juntos compreender o que se passa, que eles são parte ativa do atendimento e que tanto as informações por eles fornecidas, como seu modo de entender a criança são essenciais para a efetivação do processo. Explico ainda sobre as visitas domiciliar e escolar que fazem parte do atendimento e que serão realizadas durante seu curso. Combino dia, horário, falo a respeito do sigilo. Certifico-me de que os pais compreenderam minha fala e pergunto-lhes se concordam com o que apresentei. Procuro, por meio de seu discurso, entender as expectativas ante ao processo. Busco entender os aspectos manifestos e latentes da demanda. Deixo que eles falem sem interrupções. As eventuais dúvidas ou perguntas que tenha a fazer, deixo para depois que os pais derem sinal de que concluíram o que tinham para comunicar. Procuro observar os temores, as fantasias, as angústias que eles demonstram ao se referir à criança, a si mesmos e à vida de modo geral. Começo a notar quais são as explicações que constroem para dar conta de sua queixa, dos sintomas apresentados pela criança. A esse respeito, Ancona-Lopez, M. (1995) relata: *“O valor atribuído à escolha, responsabilidade e autonomia do cliente para imprimir direções à sua existência leva os psicólogos a privilegiar na relação clínica a participação dos pais, a valorização do esforço pessoal e a abrir espaço para as crenças e construções explicativas que criaram para dar conta das angústias levantadas pelos conflitos gerados pelos papéis, funções e jogos familiares.”*(p. 98).

No caso de comparecer o casal, tento compreender se ambos têm as mesmas demandas e se atribuem a elas os mesmos significados. Desse modo, vou sendo transportada para um outro universo que não é o meu, mas no qual, de algum modo, também me reconheço. Assim Yehia (1995) diz: *“Compreender é participar de um significado comum, do projeto do cliente, de sua abertura e limitações para o mundo. É importante identificar os acontecimentos e a forma como se desenvolveram em relação a seu contexto, gerando a pergunta, precipitando a crise e levando ao pedido de atendimento.”* (p.120).

Após essa primeira imersão na teia de significados construídos pelos clientes procuro fazer eventuais intervenções de esclarecimento e pontuações, de tal forma que possa compartilhar com eles minhas impressões e eles possam ou não legitimá-las. É nessa interação entre o que eles me dizem e o que eu apreendo do que me dizem que vamos estabelecendo um modo de trabalho que permite emergir de nós possibilidades de compreensão.

Normalmente, verifico se a sessão atendeu ao objetivo, que é a contextualização da queixa e o esclarecimento da forma de trabalho e, caso ainda existam dúvidas, conversamos sobre o prosseguimento da entrevista no próximo encontro no qual pretendo também aclarar determinados pontos. Informo aos pais que o atendimento posterior será destinado a conhecer a história de vida da criança e, que, provavelmente dedicaremos a esse tema um ou dois encontros.

2.2. História de vida da criança

O segundo encontro destina-se a anamnese, que pode ser feita de duas formas. Segundo Ancona-Lopez, M. (1995) é possível entregar o questionário de anamnese aos pais, que o levam para casa e lá o respondem. Quando retornam ao atendimento, conversam com o profissional sobre suas respostas e sobre como responderam ao questionário: se apenas o pai ou a mãe o fez ou se a família se reuniu em torno dos temas, revivendo sua história, se consultaram outros membros da família em relação às informações etc... Outra forma de encaminhamento da questão é entrevistar os pais ou responsáveis durante o atendimento. Essa é a maneira que prefiro utilizar em meu trabalho, pois me permite ver, sentir as emoções que os pais refletem a cada pergunta ou cada etapa da vida do filho. Isso me dá

condições para que observe tanto o comportamento verbal, como o não verbal, enquanto falam da criança.

Começo a história de vida da criança pelo período em que os pais se conheceram. Converso sobre os planos e os projetos daquela época, sobre namoro, casamento e gravidez. A partir daí sigo o roteiro clássico de anamnese; entretanto, faço perguntas abertas, a que os pais respondem livremente. Detenho-me nas especificidades apenas se isso for necessário, ou seja, caso não tenham sido mencionadas no discurso do casal. Meu objetivo é sempre o mesmo: penetrar naquele mundo repleto de significações, entender o projeto de vida, desvendar o sistema de valores, de crenças, o modo de ser. Nesse ponto, na tentativa de alinhar os dados da queixa com os da anamnese, formulo aos pais hipóteses sobre o que pode estar acontecendo, para que eles contribuam com elementos que as ampliem. A idéia embutida nesse procedimento é apresentar novas formas de ver a situação, novas possibilidades de pensar o fenômeno em questão. Além disso, procuro verificar como os pais reagem diante delas, como as analisam e o que está em jogo nessa análise.

Ancona-Lopez, M. (1995) refere: *"O cuidado em apresentar hipóteses como possibilidades interpretativas e de escutar como e em relação a que os pais as examinam esclarece as redes cognitivas, ou seja, a teoria subjetiva que construíram a esse respeito."* (p.100).

Caso conclua a anamnese em um único encontro, digo aos pais que tragam a criança para o próximo atendimento. Se isso não ocorre, aviso sobre a continuidade da entrevista.

2.3. Contato inicial com a criança

Início o primeiro contato com a criança apresentando-me: informo que sou psicóloga e pergunto-lhe se ela sabe o que faz um psicólogo, bem como se conhece os motivos pelos quais foi trazida a esse atendimento. Caso a criança responda afirmativamente, converso sobre a queixa por ela identificada, buscando que sentido tem isso para ela, que o significado dá ao fato de estar ali. Meu propósito é conhecer quais fantasias e temores ela expressa diante do problema e do atendimento propriamente dito. Por outro lado, se a criança responde negativamente à pergunta inicial, explico a ela, genericamente, que um psicólogo conversa com as pessoas

para auxiliá-las em suas dificuldades. Comento que as crianças vão ao psicólogo por motivos diversos, como desempenho escolar, relações com mãe, pai, irmãos ou colegas, descontrole de esfíncteres etc... Em seguida, pergunto-lhe se sabe por que razão está ali; se dessa feita ela consegue expressar sua visão do assunto, prossigo o diálogo conforme descrevi acima. Quando ocorre de a criança negar algum conhecimento a esse respeito, duas condutas são possíveis. Se percebo que a criança não pode se expressar por algum motivo, mas não está em uma posição distante ou defensiva em relação a mim, informo a ela, ou seja, explico que seus pais a trouxeram por estarem preocupados com determinado comportamento seu. Entretanto, se noto que a criança não fala sobre o motivo da consulta, pois esse lhe causa ansiedade e sofrimento e noto ainda que ela se encontra distante e defensiva em relação a mim, digo-lhe que entendo que naquele momento ela não possa falar sobre o fato e que na ocasião em que se sentir em melhores condições, poderemos voltar ao assunto.

Evidentemente todas essas informações são dadas em uma linguagem que a criança possa entender. Depois dessas preliminares combino data e horário, falo sobre o sigilo da relação e aviso que mantereí contato com seus pais, mas não lhes falarei a respeito do que ela fez ou contou no consultório, e sim de minhas interpretações e percepções sobre seu comportamento e que tudo isso será também conversado com ela.

A primeira sessão com a criança é uma observação lúdica. Para realizá-la, trabalho com caixa lúdica, cujo conteúdo inclui material gráfico: lápis preto, de cor, e de cera, papel sulfite, canetas coloridas, tinta, pincel; bonecos da família; animais, índios e soldados de plástico; jogos de varetas, dominó, quebra-cabeça, mico, damas; móveis de casa como cama, sofá, armário, mesa, cadeiras, fogão, geladeira; utensílios domésticos, ou seja, panelas, garfos, facas, colheres, pratos; revólver e/ou espada; carros de diferentes tipos, como automóvel, carro de polícia, ambulância; bacia e pano.

Apresento a caixa fechada para a criança, pois me interessei em observar se ela toma a iniciativa de abri-la, se espera por minha ajuda para fazê-lo, enfim, para ver qual sua reação em situação desconhecida. Digo a ela que pode abrir a caixa e que pode brincar da forma como quiser com o que está lá dentro.

Se a criança solicita que eu brinque com ela, eu a atendo, tomando o cuidado de perguntar sobre o que quer que eu faça, que papel que devo representar ou quais são as regras do jogo que pretende jogar.

Durante a sessão converso com a criança a respeito de sua produção e tento estabelecer relações entre seu comportamento no atendimento e suas ações em sua vida, de modo geral. Além disso, procuro observar e compreender a natureza e o conteúdo do seu brincar: se há criatividade; se há agressividade; se reproduz aspectos de sua vida, ou melhor, tento entender qual é sua lógica, sua realidade. Sempre que possível, faço assinalamentos a ela, com a expectativa de que possa referendar e ampliar minhas percepções.

Segundo Ancona-Lopez, M. (1995), é importante *“ao final de cada sessão, conversar com a criança sobre as observações feitas, sempre usando as situações clínicas como metáforas das situações vividas.”* (p. 108).

2.4 Sessões Devolutivas com os pais

Esses encontros são realizados alternadamente entre criança e pais. Nesses, compartilho minhas percepções sobre a criança, seu comportamento no atendimento e como eles se articulam com a queixa de modo geral. Trabalho também os sentimentos dos pais diante da situação, suas angústias e possibilidades de ajuda à criança. Discuto com eles a respeito dos procedimentos que vou utilizar e quais as motivações de minha ação. Dependendo do que percebo, faço orientações que, a meu ver, permitam um melhor desenvolvimento da criança. Entretanto, procuro levar em consideração a disponibilidade, os recursos internos e as características de comportamento dos pais para que tais orientações não tenham o tom de uma “receita médica”. Procuro fazer com que os pais se apropriem delas ou mesmo as sugiram, a partir da aliança que estabelecem comigo, no sentido de dar conta da situação que os aflige. Assim, Yehia (1995) diz: *“Desta forma, o Psicodiagnóstico Fenomenológico-Existencial envolve um trabalho de redirecionamento dos pais a partir de uma compreensão da criança e da dinâmica familiar, com o objetivo de facilitar o relacionamento, propiciar novas formas de interação e abrir novas perspectivas experienciais”* (p. 119).

2.5. Encontros com a criança: Uso de testes psicológicos

Nas sessões com a criança posso usar testes psicológicos, observação lúdica, recursos como colagens, ou ainda intercalar essas e outras estratégias. A escolha do procedimento a ser utilizado é feita caso a caso, dependendo das peculiaridades de cada criança e do decorrer no atendimento, não existindo, portanto, um conjunto padrão de procedimentos definidos anteriormente.

Os testes psicológicos, em sua maioria, foram concebidos como instrumentos objetivos, capazes de medir e avaliar aspectos de personalidade independentemente da relação estabelecida com o examinador e da história de vida da pessoa. Assim, seus resultados se apresentam como definições objetivas a respeito do cliente. Essa não é a forma como compreendo as informações obtidas a partir dos testes psicológicos. Acredito que os resultados de qualquer teste só podem ser compreendidos no contexto das experiências do indivíduo e que as interpretações podem ou não ser legitimadas pelo cliente. Essa visão a respeito dos testes psicológicos foi inicialmente formulada por Fischer (1979), ao propor um *"diagnóstico centrado na vida"*. Ancona-Lopez, M. (1987) ao falar dos testes psicológicos e de seu uso, considerou que os psicólogos das abordagens fenomenológico-existenciais, na década de 70, teceram críticas à maneira tradicional com que os testes eram usados e apresentaram uma nova visão no que diz respeito à utilização de testes: *"Na avaliação dos testes, esses psicólogos procuravam, conjuntamente com o cliente, explorar o significado dado às várias partes dos testes e às avaliações que se podia extrair delas. Buscavam novas informações e solicitavam ajuda para compreender melhor as respostas. Os resultados objetivos dos testes, os escores, eram considerados como dados secundários, válidos apenas como referências das instâncias para as quais haviam sido estabelecidos, e estas eram explicadas ao sujeito."* (p. 62).

Ao usar um teste, minha intenção é conhecer o funcionamento da criança, quais são os mecanismos dos quais se utiliza em sua vida. Valorizo a análise qualitativa dos testes e não tenho a intenção de, a partir deles, categorizar, classificar ou definir patologias no comportamento do cliente. Pretendo compreender o comportamento da criança no teste, articulando-o com suas experiências de vida.

Assim, costumo apresentar à criança minhas percepções ou hipóteses sobre suas produções no teste, relacionando-as com sua vida. Procuro verificar se minhas

observações fazem sentido para ela e se pode acrescentar algo ao que foi dito. Essas percepções também são discutidas com os pais. Ancona-Lopez, S. e Corrêa (2004), referindo-se ao uso de testes psicológicos comentam: *“A característica principal do uso de testes nessa abordagem é o fato de que tanto a aplicação quanto a avaliação são compartilhadas com o cliente. Isto é, a compreensão dos testes é co-constituída, é construída em conjunto pelo psicólogo e seu cliente...”* (p. 379).

2.6. Visita escolar e visita domiciliar

Durante o processo de Psicodiagnóstico, usualmente faço duas visitas: uma à escola da criança e outra a sua casa. Essas visitas têm por objetivo entender a criança em relação às circunstâncias em que vive. Procuro comunicar aos pais e à criança as razões da visita escolar. Marco o contato por telefone e geralmente, deixo a critério da escola a indicação da pessoa com quem devo falar. Na visita, procuro observar as instalações da escola, suas possibilidades, sua conservação. Pergunto ao responsável sobre as condições de ensino, o desempenho escolar da criança e seu relacionamento com colegas e professores.

A visita domiciliar só ocorre se a família concordar. Ela é agendada previamente em horário determinado pela família. Peço que ela, na medida do possível, esteja reunida. Durante a visita interesso-me por observar a casa, suas condições de cuidado e higiene, os móveis, enfim, a parte física. Entendo que ela mostra e elucida a maneira como aquela família está no mundo. Acompanho as conversas durante as visitas sem deixar de considerar que elas podem estar, naquele momento, influenciadas pela presença do psicólogo.

Corrêa (2004) diz que os *“espaços cotidianos da vida são modelados e modificados de acordo com a imagem do mundo que cada um carrega dentro de si e que é, por sua vez, constituída por pessoas, lugares, valores, experiências, acontecimentos associados a sentimentos. Esse mundo interno é projetado sobre os espaços e sobre os objetos o que produz uma configuração provoca associações, estabelecendo uma via de mão dupla entre o mundo interior - eu - e o espaço exterior - mundo. Ou seja, essa ligação entre o espaço - mundo concreto - e subjetividade - mundo abstrato - estabelece uma relação de similaridade entre eles”*. (p. 62).

2.7. Últimas sessões com os pais

Nas últimas sessões com pais tenho cinco objetivos:

- 1- Alinhar as percepções ocorridas durante o processo, ou seja, estabelecer um fio condutor que delineie o que foi trabalhado aos poucos, produzindo uma *gestalt*.
- 2- Trabalhar o desligamento do processo de Psicodiagnóstico, já que nesse trabalho conjunto se estabelece uma forte aliança com os pais e a criança, cujo rompimento produz sentimentos diversos que merecem ser discutidos e trabalhados.
- 3- Avaliar conjuntamente o processo, em que aspectos atingimos nosso objetivo em comum, no que mudamos etc.
- 4- Apontar os aspectos importantes que podem permitir aos pais e à criança continuarem suas vidas mais fortalecidos.
- 5- Trabalhar eventuais encaminhamentos ou o desligamento do consultório ou instituição.

2.8. Relatório Final

Ao final do processo faço um relatório escrito, do qual constam as informações dadas pelos clientes, as questões trabalhadas durante o diagnóstico, enfim, tudo o que fez parte do atendimento. Ele é descritivo e é lido na íntegra para os pais, que podem retirar ou acrescentar algo ou ainda sugerir modificações.

Ancona-Lopez, M. (1995) diz: *“Elabora-se um relatório descritivo do caso, contendo os encaminhamentos decididos em comum, assim como os pontos de discordância entre pais e profissionais e este é lido para os pais e transmitido às crianças, em linguagem acessível, como um modo de fechar o trabalho, já que relata o processo da primeira a última sessão”* (p.104).

2.9 Devolutiva final para a criança

O fechamento do processo para a criança pode assumir diferentes formas. Uma delas consiste em fazer um livro cuja história é a própria história da criança.

Esse procedimento baseia-se nas propostas de Fisher (1998)¹, desenvolvidas no Brasil por Becker, (2001, 2002); Donatelli, (2001, 2002); Donatelli e Santiago, (2001); Santiago, (2001, 2002); Santiago e col.,(2003 e 2004).

Quando monto o livro, faço o texto acompanhado por legendas e gravuras, cujos personagens são representados por animais pelos quais a criança tenha manifestado preferência. O enredo em si contempla a história de vida da criança, seus conflitos e o próprio atendimento psicodiagnóstico. O livro não contém nome do autor nem tampouco o nome da criança e é lido e entregue a ela no último atendimento. O propósito é que a criança leve com ela algo que lhe permita continuar elaborando aquilo que, por alguma razão, não pode ser elaborado até aquele momento.

A esse respeito Santiago (2001) refere: *“No livro de história trabalhamos basicamente com analogias, o que permite à criança uma compreensão de sua problemática na medida de suas possibilidades egóicas. Neste sentido, o livro relata a história de um personagem com o qual a criança possa se identificar: mas, ao contrário de suas produções, não necessariamente terá que relacioná-lo consigo mesma. Supomos que o trabalho de elaboração psíquica pode ocorrer após o encerramento do psicodiagnóstico, visto que o livro é entregue a ela no final do processo e seu texto ou gravuras podem servir de estímulo para que gradativamente se aproprie das analogias.”* (p. 34).

2. O PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL E A COMPREENSÃO DA RELIGIOSIDADE

O Psicodiagnóstico Interventivo, como dito, procura compreender o indivíduo em suas relações e por essa razão, está aberto a todo e qualquer tema importante para o cliente. Chama a atenção, contudo, que, em todos os trabalhos já escritos sobre o Psicodiagnóstico Interventivo (assim como nos estudos sobre psicodiagnóstico em outras abordagens) encontram-se mínimas referências à religiosidade das pessoas e à dimensão que ela ocupa em sua vida. De fato, nos principais textos sobre Psicodiagnóstico Interventivo publicados no Brasil, nada se fala sobre esse assunto.

¹ Constance Fisher, psicóloga norte americana, que em palestra proferida na PUC/SP em 1998, relatou o fato de dar devolutivas a crianças com poemas, músicas e cartas.

Embora na anamnese geralmente conste uma indagação sobre a filiação religiosa do cliente, não há observações que mostrem um aprofundamento sobre o assunto. Pelo contrário, essa informação e as experiências a ela associadas dificilmente são consideradas no conjunto do processo.

Um dos fatores que contribuem para isso, segundo Giovanetti (1999), é o fato de que até pouco tempo atrás não havia interlocução entre ciência e religião. Assim, qualquer processo ou procedimento psicológico, para ser considerado científico, deveria distanciar-se de questões de ordem religiosa. O autor chama a atenção para o fato de que, no século XX, assistiu-se à exclusão de Deus da vida do homem, e a inclusão da racionalidade como fator preponderante. Diz que a Psicologia *“passou a contribuir, por meio de seus modelos operacionais para a idéia de que Deus não era necessário à realização do homem.”* (p. 88). No entanto, no final do século passado e início desse século houve uma grande explosão de denominações religiosas. Nesse sentido, Giovanetti alerta para o paradoxo de que o psicólogo, ao lidar com essa crescente demanda em seu consultório, não está preparado para enfrentá-la, pois isso não fez parte de sua formação. E continua: *“Todavia, podemos dizer sem medo de errar que os psicólogos, em sua maioria (se não buscaram uma formação específica), não se preocupam com a dimensão religiosa nem dão importância a ela; e mais; na clínica, quando atendem as pessoas ignoram o problema.”* (p. 89). Prosseguindo em sua argumentação comenta que, diante dessa realidade *“podemos elencar duas atitudes mais comuns entre os psicólogos quando se defrontam com a conduta religiosa de seu paciente. Em primeiro lugar, temos os psicólogos que simplesmente negam essa dimensão da vida dizendo que a religião é uma ilusão, e, conseqüentemente, todas as crenças daí decorrentes não merecem crédito. Negar a dimensão religiosa torna-se mais fácil do que procurar instrumentos teóricos para tentar entendê-la. Uma segunda posição, também radical, é reduzir a religiosidade a um mero aspecto do psiquismo, e não tratá-la como se fosse outra dimensão da existência humana”* (p. 89).

A opinião de Giovanetti é compartilhada por Boehnlein (2000), para quem a consolidação de um modelo de pesquisa científico clássico criou uma ruptura entre ciência e religião, o que pode justificar o fato de que, nos dias atuais, os psicólogos manifestem dificuldades para lidar com questões religiosas.

Nessa mesma direção Klausner (1964) in Koenig, (1998) atribui as dificuldades do psicólogo clínico em lidar com as questões religiosas de seus

pacientes a questões ideológicas. Alega que essas posições são reducionistas e que em algumas delas, tanto a Psicologia quanto Religião reclamam para si a competência para lidar com a saúde mental. A posição dualista propõe que existem os dois domínios, o psicológico e o religioso e que um terapeuta qualificado pode dialogar com ambos. Outro entendimento é que existem problemas religiosos e problemas de saúde mental e que cada um deles deve ser tratado pelo respectivo especialista.

Richards & Bergin (1998) destacam o fato de que há o mito de que a religião do indivíduo não é uma área passível de interrogação, o que impede os psicólogos de se aprofundarem nesse domínio. Ainda destacam que a consequência desse modo de pensar é que não se produziu um conhecimento consistente e sistematizado sobre a compreensão da religiosidade que lhes dê suporte. Comentam que, embora muitos psicoterapeutas busquem rotineiramente informações acerca de aspectos múltiplos das experiências e do funcionamento de seus clientes quando fazem suas avaliações, é raro que busquem sistematicamente informações sobre a religiosidade. Entendem que esses fatores carecem de discussão, de divulgação e de sistematização para que a busca de conhecimento das experiências religiosas dos clientes se torne uma prática amplamente difundida. Propõem cinco razões para que haja essa investigação:

- 1- A compreensão da relação que os clientes mantêm com a religião pode contribuir para que os terapeutas compreendam melhor sua visão de mundo,
- 2- Pode ajudar a determinar se as crenças religiosas de seus clientes são saudáveis ou não, e qual o impacto em seus problemas ou distúrbios,
- 3- Permite ao psicólogo determinar se as crenças ou a comunidade religiosa do cliente podem ser usadas como recursos que o auxiliem a lidar com o mundo a sua volta, a crescer,
- 4- Ajuda os psicoterapeutas a determinar quais intervenções sobre a religiosidade podem ser usadas na psicoterapia,
- 5- Possibilita aos psicoterapeutas determinar se os clientes têm dúvidas, preocupações ou necessidades religiosas não resolvidas que devem ser trabalhadas na psicoterapia,

Lotufo Neto (1997) refere que os tratamentos psiquiátricos devem levar em conta as inclinações religiosas dos pacientes, fato que não ocorre na prática, pois o

profissional de saúde mental não está familiarizado com os temas religiosos, bem como com as atitudes religiosas de seus pacientes.

Ancona-Lopez, M. (1999) também comenta que os psicólogos encontram dificuldades para justificar a inclusão da religiosidade na prática da Psicologia Clínica. Para ela as reflexões sobre o material religioso que o cliente traz devem ser feitas à luz de uma abordagem teórica, entretanto, poucas delas contemplam o aspecto religioso: *“o psicólogo encontra-se muitas vezes perdido e vai buscar referentes em outras disciplinas ou em sua própria experiência. O problema que o psicólogo clínico enfrenta é a ausência de eixos referenciais que o auxiliem a refletir e considerar as experiências religiosas quando elas aparecem na clínica.”* (p. 77). O que dificulta a pesquisa do psicólogo no que diz respeito à relação que o cliente estabelece com a religião é o desconhecimento. Isto é, o psicólogo não sabe como abordar o assunto: teme criar algum desconforto ao discutir temas religiosos, esbarrando em situações para as quais não está preparado para atuar, pois *“a inclusão da religiosidade na prática psicológica exige meios para pesquisar a religiosidade e manejar o tema no atendimento clínico”* (p. 77).

Percebe-se que atualmente a Psicologia Clínica vive um paradoxo nas questões de ordem religiosa: ao mesmo tempo em que o mundo atual revela uma enorme busca e adesão das pessoas às religiões, os psicólogos não estão preparados para lidar com essas, tais questões em seus consultórios ou instituições. Entretanto, observa-se, no âmbito da Psicologia, o aumento de estudos e pesquisas sobre Psicologia da Religião, bem como sobre a religiosidade humana. Prova disso é que pela primeira vez na história da Psicologia no Brasil criou-se um espaço, na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, ou seja, um grupo de estudos voltado à discussão de Psicologia e Religião, configurado por professores doutores de diferentes estados da federação e em Programas de Pós-Graduação. Os estudos desenvolvidos no país, atualmente, visam à sistematização dos conhecimentos na área e a instrumentalização dos profissionais. É dentro dessa perspectiva que eu me incluo.

CAPÍTULO II

OBJETIVO E MÉTODO

O objetivo deste trabalho é propor uma forma de compreensão da religiosidade do cliente no processo de Psicodiagnóstico Interventivo em uma abordagem Fenomenológico-Existencial, isto é, busco apresentar uma forma de pesquisar a religiosidade do indivíduo, com a intenção de compreender como ela opera em sua vida. Parto do pressuposto de que experiências, crenças e valores decorrentes da religião são constituintes do *estar no mundo* dos indivíduos.

Para atingir meu objetivo, inicialmente relembro alguns casos de minha experiência clínica, que delinearam o surgimento de minhas questões e foram localizadoras de meu tema de pesquisa. Esse procedimento auxiliou-me a mergulhar na questão e clarear o objetivo da tese. Ainda, revendo minhas experiências clínicas, situei o tema na área do diagnóstico psicológico, mais especificamente no Psicodiagnóstico Interventivo Fenomenológico-Existencial com crianças e seus pais, área em que venho atuando nos últimos anos. Para deixar claro tal contexto retomei alguns pressupostos teóricos da Psicologia Fenomenológica que mais influenciaram o atendimento em Psicodiagnóstico Interventivo. Neste trabalho, diante das várias possibilidades de atuar em Psicodiagnóstico Interventivo, descrevo a maneira como conduzo o processo. Aponto, em seguida a lacuna nele observada no que diz respeito às referências suas à compreensão da religiosidade. Apoio essa reflexão em vários autores mostrando, deste modo, a necessidade de construir um conhecimento sistematizado que permita e estimule uma investigação da religiosidade no Psicodiagnóstico Interventivo Fenomenológico-Existencial.

Ao realizar um levantamento bibliográfico cuja finalidade era conhecer o que já foi feito sobre o assunto, deparei-me com uma compilação de pesquisas já realizadas e com uma variedade de trabalhos na área. Fichei as pesquisas descritas pelos autores e selecionei aquelas que interessavam a esta pesquisa.

Apresento os critérios para a formulação de uma avaliação da religiosidade propostos por Fitchett (1994). Faço uma análise crítica desses critérios identificando minha posição em relação a eles. A seguir, descrevo os modelos de avaliação da

religiosidade de Fowler (1994), Paloutzian e Allison (1983), Malony (1996) e Shafranske (1997), sendo esses analisados à luz dos critérios para análise oferecidos por Fitchett (1994). Essa forma de trabalho culmina na possibilidade de comparação entre os diferentes modelos de avaliação da religiosidade, identificando os fatores que são comuns a todos e os que não são. Os critérios apresentados e a análise dos modelos fornecem subsídios para a elaboração de uma nova proposta de compreensão da religiosidade do indivíduo a ser utilizada no contexto do processo de Psicodiagnóstico Interventivo Fenomenológico-Existencial.

A partir desse estudo sugiro dez temas para pesquisa junto ao cliente no Psicodiagnóstico Interventivo Fenomenológico-Existencial.

Em seguida realizo o estudo aprofundado de um caso clínico, verificando como a exploração dos temas propostos auxiliou na compreensão do Psicodiagnóstico Interventivo Fenomenológico-Existencial.

Com base nas propostas de d'Allonnes, o estudo de caso único foi o método escolhido para este trabalho.

Segundo d'Allonnes (1989), o objeto da pesquisa clínica é o estudo global da pessoa dentro de um determinado contexto, tendo em vista sua evolução e situação atual, ou seja, tendo em vista seu funcionamento psíquico, seu modo relacional, sua história de vida e os eventos exteriores. Para ela, o estudo de caso único na Psicologia Clínica, por determinar a lógica de uma história de vida singular, a partir das ferramentas conceituais necessárias, visa a referendar um raciocínio clínico por meio da ilustração. O ponto forte desse tipo de estudo de caso único está em expor o raciocínio clínico do pesquisador, ou seja, mostrar como, por meio de quais pensamentos e instrumentos o pesquisador elabora a compreensão do fenômeno estudado. O estudo de caso, ainda segundo d'Allonnes, permite usar a teoria de modo circular, com idas e vindas constantes entre material e reflexão, constituindo um método de pesquisa que sustenta, mostra e demonstra um modo de compreensão clínica. Para a autora, essa forma de trabalho tem muita força persuasiva. d'Allonnes (1989) afirma que, esse método investiga, ilustra, mostra, demonstra, sugere, persuade, convence ao pesquisador e aos especialistas, e é o melhor método que se pode encontrar em Psicologia Clínica.

A autora chama a atenção para o fato que, na pesquisa clínica por meio do estudo de caso, o pesquisador assume dois papéis: o de psicólogo e o de pesquisador. No mesmo trabalho afirma que a prática da intervenção vem corroborar

as hipóteses do pesquisador ao mesmo tempo em que elas facilitam o trabalho de compreensão do paciente com o qual interage. As situações de atendimento constituem os momentos de coleta de material, que serão tratados posteriormente. Além da intervenção, a pesquisa clínica, por meio do estudo de caso, leva o pesquisador a confrontar suas questões práticas com a teoria em um movimento puramente reflexivo que visa à transformação das perguntas em hipóteses. Trata-se de uma tradução das perguntas geradas na prática para a linguagem conceitual. Essa tradução é acompanhada de uma redução do campo do objeto e ao mesmo tempo de uma ampliação e de um aprofundamento internos. O trabalho de análise exige suspensão da relação terapêutica sendo a problemática do sujeito e os discursos recolhidos interrogados à luz das hipóteses construídas para a pesquisa. O momento de coleta do material põe o pesquisador diante do sujeito. O momento da análise dos dados coloca-o perante o conjunto das produções do sujeito que constitui sua amostra. O objeto da pesquisa é submetido a um processo de construção e desconstrução permanente. O pesquisador elabora, nesse processo, conhecimentos validados tanto no plano da convicção quanto no plano da argumentação. Além disso, há a covalidação dos resultados pelo indivíduo participante da pesquisa, ou seja, o pesquisador obtém do sujeito a confirmação ou não de suas interpretações, de sua compreensão diante do problema pesquisado.

O estudo de caso único foi, portanto, o método escolhido para este trabalho. Considerei, apoiada em d' Allonnes, que a importância da inclusão de pesquisa de religiosidade do cliente, cuja compreensão, elaborada durante o processo de Psicodiagnóstico Interventivo, ficaria melhor exposta e avaliada por meio da exposição do raciocínio clínico por ela possibilitado.

Para escolher o caso a ser estudado realizei cinco triagens. Os clientes foram consultados a respeito de sua participação nessa pesquisa, tendo dado seu consentimento por documento. Os nomes adotados para designá-los são fictícios.

Durante as triagens, além da investigação a respeito da queixa, de aspectos familiares, escolares, de sociabilidade e de relacionamentos de modo geral, os clientes foram indagados sobre o fato de professar ou não uma religião, acreditar ou não em Deus ou uma entidade superior e em caso afirmativo, o que essa crença representava em sua vida e qual o valor a ela atribuído.

Entre as triagens foi escolhida uma para o estudo de caso. Os critérios adotados para a escolha do caso aqui exposto foram aqueles que identificavam a vivência religiosa da pessoa:

- Citação de muitos elementos ligados à religiosidade.
- Evidências a respeito da relação entre a religiosidade do cliente e seu modo de estar no mundo e seu modo de lidar com os problemas de sua vida.
- Clareza com que o cliente se expressava, inclusive sobre os aspectos ligados à religiosidade.

Esses critérios encontram suporte nas propostas de pesquisas clínicas em abordagem fenomenológica.

Segundo Forghieri (1993) o objetivo do método fenomenológico em Psicologia é *"captar o sentido da vivência da pessoa em determinadas situações, por ela experienciadas em seu existir cotidiano."* (p. 59). No caso deste trabalho, a vivência a ser investigada era a religiosidade dos pais entrevistados na triagem e o critério, em última análise, era que as informações colhidas estivessem próximas de sua experiência imediata. A esse respeito Forghieri (1993) comenta: *"Um dos requisitos básicos da pesquisa fenomenológica diz respeito à maneira como é obtido o seu material de estudo, pois, devendo este ser constituído de relatos espontâneos e sinceros do sujeito sobre sua vivência, alguns cuidados devem ser observados para que as informações por ele fornecidas sejam claras, autênticas e próximas de sua experiência imediata"* (p. 63).

Na mesma direção, Holanda (2001) retrata o objeto de estudo da pesquisa fenomenológica como sendo as vivências e experiências concretas e intencionais do sujeito. Desse modo, referindo-se a ela, comenta: *"É descritiva, pois parte da experiência e da vivência concretas; é eidética e empírica por ser uma reflexão sobre as generalidades e tipicalidades da vivência, e por identificar, pela sua descrição, as essências pré-existentes; e é intencional porque revela a consciência e suas ligações com a organização da experiência"* (p. 40).

Para Forghieri (1993), a análise dos dados deve ser efetuada a partir da redução fenomenológica. Essa consiste em dois momentos: envolvimento existencial e distanciamento reflexivo. No primeiro momento, o pesquisador deve deixar de lado seus conhecimentos sobre a vivência, deve se colocar num estado de *"suspensão"*, de tal forma que possa apreendê-la

de modo experiencial. Desse ato decorreria “*uma compreensão global, intuitiva, pré-reflexiva, dessa vivência*” (p. 60).

O segundo momento tem por objetivo um distanciamento da vivência, que permite refletir sobre a compreensão anteriormente obtida e “tentar captar e enunciar, descritivamente, o seu sentido ou o significado daquela vivência em seu existir” (p. 60).

A fim de que esses movimentos pudessem ser produzidos o processo de Psicodiagnóstico Interventivo Fenomenológico-Existencial foi realizado em 14 sessões, sendo oito com a mãe e seis com o garoto. As sessões, objeto do meu estudo, foram gravadas. Transcrevi pessoalmente as fitas buscando ouvi-las cuidadosamente e atentando para as palavras usadas, pausas e tons de voz. O objetivo foi o de me envolver naquela situação para que pudesse ter uma compreensão intuitiva acerca da experiência. Em seguida, a transcrição de cada sessão foi lida e relida uma a uma de acordo com a seqüência em que ocorreu. Detive-me em cada momento em que os clientes expressavam sua religiosidade e como esta se articulava à queixa apresentada. Busquei assim entender o significado das crenças na vida dos envolvidos no Psicodiagnóstico. Depois, refleti sobre ele a fim de enunciar o significado que havia captado intuitivamente, num processo circular de envolvimento e distanciamento, ressaltando nas análises os trechos que melhor evidenciaram as crenças religiosas, o raciocínio clínico utilizado e particularmente, como o entendimento da religiosidade dos envolvidos contribuiu para a compreensão da criança. Pude também esclarecer qual a função exercida pelas crenças religiosas na vida daquelas pessoas, se propiciavam desenvolvimento, amadurecimento e crescimento ou se eram aprisionantes.

Concluindo a análise do estudo de caso, mostro como a compreensão da religiosidade contribuiu para o aprofundamento do processo de Psicodiagnóstico Interventivo, imbrincando-se no raciocínio clínico e na construção do conjunto de significados desenvolvidos durante o processo, ampliando seus horizontes e permitindo o entendimento de *nuances* e dimensões que não teriam sido apreendidas, não fosse sua inclusão.

CAPÍTULO III

COMPREENSÃO DA RELIGIOSIDADE

Fitchett (1994) diz que ao selecionar-se um modelo para avaliação da religiosidade deve-se levar em conta o conceito de religiosidade implícito ou explícito na avaliação, assim como o conceito de natureza humana subjacente. A partir dessa questão ampla, entende que há sete aspectos que devem ser considerados:

1. Religião Implícita ou Explícita - A avaliação pode verificar a religiosidade da pessoa enfocando fatores objetivos tais como a aderência a uma determinada religião, a frequência com que a pessoa vai aos rituais correspondentes, sua ligação com grupos religiosos etc. A avaliação pode também focalizar aspectos subjetivos, como a crença em Deus ou sentimentos religiosos que norteiam a vida do indivíduo.

2. Substantiva ou Funcional – O modelo de avaliação da religiosidade deve abranger as crenças do indivíduo de determinada filiação religiosa e verificar a função que elas desempenham em sua vida, qual o sentido atribuído a elas em seu cotidiano.

3. Dimensões – É importante considerar o número de dimensões que o modelo inclui. Fitchett acredita ser mais indicada uma abordagem multidimensional que considera as várias formas de religião manifestadas na vida humana: crenças, práticas, experiências e relações significativas, participação em grupos de atividade e outros.

4. Estático ou Evolutivo - O modelo pode prever ou não mudanças e desenvolvimento religioso.

5. Perspectiva Dinâmica – O modelo pode contemplar a crença religiosa, os comportamentos e valores e explorar sua dinâmica. Deve permitir avaliar o que as pessoas sentem ou dizem e observar atitudes e emoções veladas, coerentes ou não com aquelas conscientemente esperadas.

6. Contexto holístico – É preciso verificar se a relação entre religião e outros aspectos da vida humana é considerada no modelo proposto: se a religião é tratada de forma isolada de outros aspectos da vida ou se o modelo propõe ligações entre religião e cultura, personalidade, família, saúde. É importante verificar ainda se o

modelo leva em conta a forma como a dimensão religiosa e outras dimensões exerce influência mútua e como essas conexões são consideradas sob tal aspecto.

7. Distinção de aspectos psicossociais - O modelo poderá ou não fazer distinções entre os aspectos da vida religiosa e os aspectos da vida psicossocial.

Além desses sete critérios formalmente destacados por Fitchett, ao ler sua obra me foi possível perceber outros critérios subjacentes.

Para ele, um ponto a considerar é se o modelo é descritivo ou prescritivo, ou seja, se tende a descrever a vida religiosa do indivíduo ou se a analisa segundo conceitos de maturidade espiritual.

O autor ressalta, também, a necessidade de verificar se o modelo contempla aspectos positivos ou apenas disfunções. Ou seja, se o modelo enfoca o crescimento ou somente os problemas, crises e patologias.

Fitchett observa que um outro tema a considerar são as autoridades do psicólogo e do cliente no processo de avaliação. Refere que na abordagem centrada na pessoa o conselheiro e o cliente têm o mesmo grau de autoridade, enquanto que em outras abordagens a autoridade reside no conselheiro. O autor considera que nenhum dos dois extremos é aconselhável. Comenta que o conselheiro deve ser valorizado não por ocupar um lugar de autoridade na relação profissional, mas sim porque pode conhecer a perspectiva do cliente. A autoridade e conhecimento são recursos para empreender esforços a fim de que o cliente tenha uma maior compreensão de si mesmo. Assim, o psicólogo mantém sua autoridade, mas evita qualquer coação sobre o paciente.

Diz, ainda, que é preciso verificar se está subjacente ao modelo a crença de que a vida humana inclui, obrigatoriamente, uma dimensão religiosa, mesmo que as pessoas neguem isso.

Assinala o fato de que é preciso notar se o modelo verifica se a religião é aprendida, reforçada e vivida de forma saudável no relacionamento com os outros e na comunidade. Deve avaliar, também, que implicações a autoridade religiosa tem na vida da pessoa.

Outro aspecto a observar é se o modelo sugere como técnica apenas o uso de entrevistas ou se ele oferece outros procedimentos.

Fitchett comenta, ainda, que é importante verificar se o modelo pode ser utilizado em contextos plurais como clínicas, hospitais etc..., se é aplicável a todas as religiões ou restrito a uma única tradição religiosa.

A meu ver, para realizar uma investigação sobre religiosidade é interessante obter informações a respeito da religião explícita e da religião implícita da pessoa, na medida em que estas ampliam a compreensão do psicólogo sobre o sentido que têm as crenças e valores do cliente. Do ponto de vista da religião implícita nota-se que, muitas vezes, a pessoa não vai a igreja ou templo, mas tem determinadas crenças que interferem positiva ou negativamente em sua vida. Um exemplo disso são pessoas que não freqüentam igreja, mas crêem num Deus punitivo, e essa visão de Deus tem uma força determinante sobre suas vidas, pois estão sempre temendo que algo de mal lhes aconteça como castigo por suas ações. Uma outra situação que ilustra isso é aquela em que os pais ensinam aos filhos que eles têm de ser bons, que não podem sentir raiva dos demais membros da família, que devem obedecer-lhes cegamente, sem questionamentos. Todas essas posições podem ser originárias da tradição judaico-cristã, ou seja, da idéia de um homem constituído à imagem e semelhança de Deus. Entretanto, essas premissas já não se limitam às doutrinas religiosas, são difundidas em nossa sociedade e estão enraizadas em nossa cultura de tal forma que as pessoas se apropriam desses conceitos sem que, necessariamente estejam vinculadas à determinada religião.

Parece-me que para conseguir compreender o sentido da religiosidade no cliente é preciso saber se suas crenças se derivam de uma determinada religião. O modelo funcional é mais apropriado para isso, pois esse tipo de abordagem vai ao encontro do objeto de estudo de algumas pesquisas anteriormente relatadas, permeadas por um pressuposto com o qual concordo. As religiões por si só não são patológicas, a função que se atribui a elas é que pode ser mais, ou menos, saudável. Assim, essa categoria permitiria compreender como as pessoas utilizam suas crenças, sejam elas advindas ou não da religião, se o uso que fazem delas as beneficia ou as aprisiona.

Conhecer a religiosidade da pessoa implica em abordá-la de forma multidimensional. O entendimento do sentido da religiosidade pautado por esse critério deve contemplar diferentes perspectivas e facetas e como estas são vividas pelo cliente.

Conforme afirmei anteriormente, meu interesse quanto à compreensão da religiosidade do indivíduo refere-se à possibilidade de uma

abrangência maior no modo de entender o estar no mundo dos clientes, da maneira como se posicionam ante a vida e as pessoas. Desse modo, adoção de uma perspectiva evolutiva na compreensão da religiosidade permite não só informações sobre aquele momento da vida do indivíduo, como também de sua trajetória do mesmo nesse sentido. Creio que, da mesma forma que se recolhem informações de diferentes instâncias da vida - aspectos familiares, escolares, sociais, os aspectos religiosos também devem ser conhecidos de forma dinâmica, com o objetivo de reconstruir a história do sujeito no tempo e no espaço.

Para mim, as questões abordadas com a finalidade de investigar a religiosidade na vida da pessoa, devem ter uma perspectiva dinâmica, devem permitir que sejam explorados significados atribuídos pelos clientes às suas experiências, ou seja, devem possibilitar o estabelecimento de relações entre o comportamento religioso do indivíduo e outros aspectos de sua vida e de seus relacionamentos, mesmo que isso não tenha sido explicitado anteriormente.

Acredito que a religiosidade e demais relações estabelecidas pelo indivíduo, fazem parte da vida humana, estão imbricadas em seu modo de ser e de estar no mundo, portanto, não faz sentido uma abordagem descontextualizada das atividades, da família, da cultura da pessoa.

Quanto à necessidade de explorar a religiosidade fazendo distinções entre a vida psicossocial e a vida religiosa, penso que não se trata de verificar distinções, mas, sim, de estabelecer relações entre as crenças do indivíduo e a maneira como ele se comporta do ponto de vista psicológico e social. Tal investigação pode auxiliar na compreensão de uma determinada conduta, ou melhor, se ela está atrelada a valores religiosos, fazendo com que o indivíduo adote certo modo de funcionamento ante as pessoas que o cercam.

A descrição das relações que a pessoa estabelece com a religião parece-me adequada. Ela permite a emergência de significados obscuros, dando clareza a certos modos de o indivíduo se colocar no mundo.

Uma outra questão que me interessa é o fato de que o conhecimento sobre a religiosidade do cliente não deve fixar-se em aspectos patológicos, ao contrário deve olhar o indivíduo a partir de seus aspectos saudáveis. Esta pode ser uma possibilidade de ajudá-lo a atualizar seus recursos e parece ser um dispositivo que vai ao encontro do que postula a Fenomenologia-Existencial, a abordagem que privilegiei.

Devo ressaltar que o Psicodiagnóstico Interventivo, objeto de meu interesse nesta tese, pretende obter um entendimento “consensual e compartilhado” entre psicólogo, pais e criança, a respeito das dificuldades relatadas inicialmente, de tal forma que possam, juntos identificar os problemas e buscar novas possibilidades de lidar com eles. Esse tipo de psicodiagnóstico dá a perceber que o psicólogo não se posiciona como aquele que tem o poder de diagnosticar o que se passa com outra pessoa, mas, sim, como aquele que está ao lado do cliente, para que juntos possam entender o que está acontecendo. A compreensão da religiosidade pode fazer parte desse processo, desse conjunto de idéias e, portanto, sua formulação deve ser compatível com elas.

A compreensão da relação que o indivíduo estabelece com a religião deve possibilitar ao psicólogo obter informações sobre questões limite da existência, como vida, morte, Deus etc, ou melhor, o que estas questões representam para o indivíduo. Uma outra investigação que deve ser feita é saber se o indivíduo vive suas crenças, ou se há um descompasso entre aquilo em que diz acreditar e o que realmente faz e vivencia em sua vida e em suas relações.

Do ponto de vista formal, creio que esse entendimento deve ser obtido por meio de entrevistas semidirigidas, com perguntas que possibilitem a livre expressão do cliente.

A apresentação de uma forma de compreensão da religiosidade a ser utilizada dentro do processo de Psicodiagnóstico Interventivo Fenomenológico-Existencial, tem de ser, com ele, teoricamente compatível.

A concepção epistemológica da qual a Fenomenologia Existencial decorre, considera a subjetividade, a singularidade do indivíduo. Assim, técnicas e procedimentos usados na avaliação da religiosidade oriundos de paradigmas diferentes não podem ser utilizados. Esse é o caso dos questionários que visam à mensuração do comportamento religioso, pois pressupõem um conceito quantitativo e, mais ainda, pressupõem que exista um certo modo “normal” de se comportar do ponto de vista religioso, o que, a meu ver, não procede.

Do ponto de vista da Fenomenologia é importante verificar o significado que cliente atribui às suas experiências, sendo este significado considerado como único e singular. Portanto, uma compreensão da religiosidade deve permitir a descoberta desses significados e sua função na vida do sujeito.

Em resumo, a investigação da religiosidade deve abarcar a religiosidade implícita e explícita; deve ter um caráter funcional, ou seja, deve verificar qual a função da religiosidade na vida do indivíduo. Deve permitir a exploração de mais de uma dimensão e a possibilidade de avaliar o desenvolvimento da vida religiosa do cliente. Deve ainda contemplar uma perspectiva dinâmica e uma visão holística, estabelecendo relações entre a vida religiosa do sujeito e seus aspectos psicossociais. É interessante que descreva o sistema de crenças, dando atenção aos aspectos saudáveis da pessoa. O psicólogo deve obter uma parceria com o cliente, de tal forma que ambos se aliem em torno de um mesmo objetivo, que é a solução do problema levantado pelo cliente.

Tal investigação precisa ser composta por questões que se apoiem na crença de que valores religiosos são ou não desenvolvidos ao longo da vida da pessoa, são vividos nos relacionamentos com os outros e deve permitir também que o cliente comunique o que quiser sobre sua vida religiosa. Precisa ser aplicável na clínica psicológica e elaborada por meio de serem explorados em entrevista semidirigida.

Deve ainda, contemplar as diferentes tradições religiosas. Ou seja, o objetivo da aplicação de um modelo investigativo para a compreensão da religiosidade no Psicodiagnóstico Interventivo Fenomenológico-Existencial é que seja utilizado como um recurso para a exploração do aspecto religioso e permita ao psicólogo inserir os dados obtidos desse modo no conjunto de informações que orientam seu raciocínio clínico.

Desde as contribuições revolucionárias de Allport, alguns teóricos e pesquisadores têm proposto formalmente e testado empiricamente, teorias de bem-estar, desenvolvimento e maturidade religiosa e espiritual.

Para efeito deste trabalho apresentarei os modelos de avaliação da relação religiosa de Fowler (1981), Paloutzian & Ellison (1991), Malony (1985) e Shafranske (1997) e os analisarei à luz dos critérios formulados por Fitchett(1994).

1. MODELO DE SEIS FASES DE DESENVOLVIMENTO DA FÉ DE FOWLER (1981)

O modelo de Fowler é um modelo evolutivo. É quase uma teoria de desenvolvimento da fé. Como qualquer outra teoria de desenvolvimento, supondo que a fé humana passa por estágios e que esses se estruturam ao longo da vida do indivíduo, paralelamente à constituição de outras características físicas e psicológicas. Em outras palavras, o desenvolvimento da fé acompanharia o desenvolvimento das capacidades simbólica, cognitiva e reflexiva do sujeito.

Parece ter como pressuposto o caráter de normalidade ou anormalidade que norteia as etapas da fé, pelas quais os indivíduos passam no decorrer de sua vida.

Estágio e Descrição

I. Fé Primária (infância): Uma disposição de formas de confiança pré-linguística quanto a mutualidade das relações com pais e outros cuidadores, visando a afastar a ansiedade resultante de separações que ocorrem durante o desenvolvimento infantil. O self incorporativo.

II. Fé Intuitivo-Projetiva (primeira infância): A imaginação, estimulada por histórias, gestos e símbolos e ainda não controlada pelo pensamento lógico, se une com a percepção e os sentimentos, de modo a criar imagens duradouras que representem os poderes, tanto de proteção, como também os ameaçadores que cerceiam a vida da criança. O self impulsivo.

III. Fé Mítico-Literal (a partir da infância): O desenvolvimento da habilidade de pensar logicamente permite que se ordene o mundo em categorias de causalidade e de espaço e tempo; que se entre nas perspectivas dos outros; que se apreendam sentidos da vida através das histórias. O self imperial.

IV. Fé Sintético-Convencional (a partir da adolescência): Novas habilidades cognitivas possibilitam a tomada de perspectiva mútua e permitem que se integrem diversas imagens de si em uma identidade coerente. Uma síntese de crenças e valores pessoais e em sua maior parte, não reflexiva, evolui para apoiar a identidade e para promover uma solidariedade emocional com o outro. O self interpessoal.

V. Fé Individuativo-Reflexiva (a partir da juventude): Reflexão crítica sobre crenças e valores da pessoa pela perspectiva da terceira pessoa; compreensão do self e do outro como partes de um sistema social; a internalização da autoridade e o

assumir da responsabilidade pelas escolhas explícitas de ideologia e de cotidiano, abrem caminho para comprometimentos de autoconsciência crítica nos relacionamentos e quanto à vocação. O self institucional.

VI. Fé Conjuntiva (a partir da idade adulta): Esse estágio é marcado pela aceitação de polaridades na vida da pessoa, por um senso de alerta para com paradoxos e pela necessidade de interpretações múltiplas da realidade. Símbolo e história, metáforas e mitos (da própria tradição da pessoa ou de outras tradições) são apreciados novamente (segunda ingenuidade, ou ingenuidade voluntária) como veículos de expressão da verdade. O self interindividual.

VII. Fé Universalizante (a partir da meia-idade): Além dos paradoxos e das polaridades, indivíduos nesse estágio se baseiam em um sentimento de unidade para com o poder de “ser”. Suas visões e comprometimentos deixam-nos livres para um dispêndio de si em amor que é passional, porém desembaraçado, em prol de superar divisões, opressão, violência e como efetiva resposta antecipada para a chegada de uma comunidade de amor e de justiça.

Segundo Fowler esse é um modelo útil para ajudar os terapeutas a pensar sobre o quão desenvolvido e maduro é a fé religiosa de seus clientes.

Ao analisar o modelo percebo que nele parece haver a idéia de que a religiosidade é algo inerente ao ser humano e se desenvolve e amadurece simultaneamente a outras funções humanas. Pressupõe que a fé faz parte do humano e se desenvolve com ele, de acordo com sua idade.

Tem características de um modelo funcional, pois não se detém em verificar a aderência religiosa do indivíduo, mas, sim, em que estágio de desenvolvimento de fé ele se encontra e como isso repercute em sua vida. Para tanto, acena para diferentes dimensões da vida da pessoa, como por exemplo, crenças, valores pensamentos, modos de interpretar a realidade.

É um modelo evolutivo, pois propõe estágios no desenvolvimento da fé, o qual ocorre à proporção que se desenvolvem outras funções, como pensamento simbólico, cognição, crítica etc.

Aparentemente, esse modelo pode ser utilizado em contextos plurais. Não tem uma perspectiva dinâmica e, de certo modo, relaciona o estágio de fé no qual o indivíduo se encontra a seu comportamento em outras áreas da sua vida. Por ser um modelo composto por estágios de desenvolvimento da fé,

pressupõe que todas as pessoas percorram o mesmo circuito. Nele está implícito um conceito de normalidade – anormalidade e desconsidera as diferenças individuais e a singularidade do sujeito. Parece muito mais assumir a concepção de patologia que a idéia de saúde. Tal modelo enfatiza a figura de autoridade do psicólogo, já que ele é quem fará o diagnóstico do paciente, identificando sua fé e verificando se sua maturidade religiosa é compatível com sua faixa etária e com outras dimensões de sua vida. Assim, o modelo de Fowler parece-me incompatível com a Fenomenologia Existencial, que não entende o comportamento humano como universal e passível de generalizações. Ao contrário, enfatiza as diferenças individuais e a necessidade de compreender o indivíduo a partir de suas experiências, ressaltando o significado peculiar a elas atribuído.

Esse modelo também é criticado por diversos autores, que o consideram contaminado de idéias liberais, além de conter idéias de relativismo e universalismo e dar uma ênfase cognitiva à fé, ao desconsiderar seu caráter afetivo.

2. MODELO BIDIMENSIONAL DE BEM-ESTAR ESPIRITUAL DE PALOUTZIAN E ALLISON (1979,1983)

O modelo bidimensional de bem estar espiritual é um modelo simples, de aplicação igualmente simples. Define-se por dois eixos, ou seja, o bem-estar religioso, cujo pressuposto é que a crença em Deus é elemento que oferece conforto e sustentação para a existência do indivíduo e o bem estar existencial, que é obtido mediante o grau de satisfação que o sujeito sente em relação a suas escolhas, na vida.

Dimensão e Descrição

I. Bem-Estar Religioso

Pode ser definido como a dimensão vertical do bem-estar espiritual. Pessoas com bem-estar religioso sentem-se próximas de Deus e acreditam que o relacionamento com Ele contribui para sua sensação de bem-estar. Consideram que Deus os ama e cuida deles, lhes dá força e apoio, e está preocupado com seus problemas.

II. Bem-Estar Existencial

O bem-estar existencial pode ser definido como a dimensão horizontal do bem-estar espiritual. As pessoas que sentem bem-estar existencial revelam satisfação em relação à forma pela qual suas vidas estão caminhando. Denotam propósito, sentido e direção em suas vidas e olham para o futuro com otimismo e segurança. Sentem-se felizes e satisfeitas.

Paloutzian e Allison referem que é importante avaliar o bem-estar religioso dos clientes teístas, como tais clientes se sentem em relação a Deus. Referem também a necessidade de avaliar o bem-estar existencial de tais pessoas. Para fazer isso, os terapeutas devem tentar entender se as crenças religiosas dos clientes estão ou não contribuindo para seu bem-estar existencial.

Os autores sugerem que os psicólogos que utilizam esse procedimento devem ter bons conhecimentos de psicopatologia, de crenças e de comportamentos religiosos dentro das diversas tradições, de tal forma que possam reconhecer se as informações obtidas são ou não coerentes com os conceitos e ensinamentos que a religião prega. Segundo os autores, esse “preparo” permite ao profissional estabelecer um diagnóstico diferencial entre as atitudes saudáveis e as patológicas nesse domínio.

Esse modelo parece avaliar a religião implícita, é um modelo funcional e, de certo modo, pode-se dizer que é multidimensional, pois tenta investigar a forma como as crenças religiosas repercutem na vida humana. Tenta fazer uma conexão entre o relacionamento da pessoa com o divino ou o sagrado e demais relacionamentos, bem como seu posicionamento no mundo. Parece ter uma perspectiva dinâmica e permitir ao cliente sua livre expressão e comunicação quanto ao seu comportamento religioso. Tem um caráter holístico.

Parte do pressuposto de que as crenças religiosas do indivíduo podem contribuir positiva ou negativamente para seu bem-estar existencial. Parece excluir as pessoas que não acreditam em Deus, ou julgar essas não são completamente ajustadas ou felizes. Está implícita nesse modelo a dualidade normal - anormal. Pode ser usado em contextos plurais e não possui forma estruturada de investigação.

Esse procedimento também não combina totalmente com a proposta deste trabalho na medida em que pressupõe o comportamento humano classificado como normal ou patológico, enquanto o Psicodiagnóstico Interventivo Fenomenológico -

Existencial ressalta a descrição do comportamento humano sem que, necessariamente, ele deva ser classificado nesses termos. Ou seja, existem diferentes possibilidades de “estar no mundo” e nenhuma delas é considerada absolutamente correta ou incorreta. Assim, os conceitos de ajustamento e adaptação implícitos nesse modelo não se coadunam com os princípios que embasam este trabalho.

3. MODELO DE OITO DIMENÇÕES DE MATURIDADE CRISTÃ, DE MALONY (1996)

Dimensão e Descrição

As oito dimensões são:

- I. Percepção de Deus
- II. Aceitação do amor de Deus
- III. Ser penitente e responsável
- IV. Envolvimento em religiões organizadas
- V. Experiência de fraternidade
- VI. Ser ético
- VII. Afirmação de fé
- VIII. Abertura na fé

Cada uma dessas dimensões é avaliada por várias perguntas que compõem um questionário e segundo um padrão esperado de respostas que supostamente discriminariam as pessoas maduras das que não o são. Na verdade, essas dimensões foram desdobradas em 13 sub-escalas e 43 questões.

Segundo o autor, a avaliação não só é objetiva (aderência a uma religião), como também se refere à experiência religiosa subjetiva, mediante questões sobre a vida da pessoa. A avaliação contempla apenas a crença cristã. Está pautada por conceitos como criação, redenção, perdão, salvação, que são todos conceitos cristãos. Tenta enfatizar o aspecto funcional, embora o combine ao aspecto substantivo, verificando como as crenças do indivíduo estão repercutindo em sua vida. Supõe que aquilo que a pessoa diz sobre sua crença é o que considera

essencial. A habilidade do indivíduo para falar sobre sua crença deve ser espontânea e o entrevistador deve encorajar respostas diretas. A clarificação das respostas é um recurso técnico do qual o entrevistador deve se utilizar no sentido de ajudar a pessoa a expor suas idéias.

Tendo em vista os critérios descritos pelo próprio autor, pode-se dizer que seu modelo avalia a religiosidade explícita e implícita, tem um caráter funcional, apesar de restrito à tradição cristã. É avaliação multidimensional e evolutiva. Nesse sentido, pressupõe também um conceito de maturidade religiosa e um conceito de normal e patológico aos quais as respostas dos indivíduos avaliados serão submetidas e comparadas. Não creio que esse modelo revele uma perspectiva dinâmica, apesar de levantar dados sobre crenças e valores da pessoa e de ser bastante objetivo, constando de entrevistas e questionários compostos por inúmeras perguntas que têm uma direção definida. Embora tenha um caráter holístico, esse tipo de avaliação está pautado na mensuração do comportamento religioso, é normativo e não descritivo e, evidencia, de certo modo, a autoridade do psicólogo.

Também nesse caso, o modelo não atende aos propósitos desta pesquisa. Da mesma forma que os anteriores, pressupõe conceito de normal - anormal e visa a classificar as pessoas como tendo uma relação boa ou ruim com a religião, em virtude de um determinado modo de pensar. É um instrumento excessivamente longo, com muitas questões, o que foge ao contexto do Psicodiagnóstico Interventivo Fenomenológico Existencial, cuja perspectiva é conhecer os diferentes aspectos da vida da criança e de sua família, incluindo o religioso, sem, entretanto, restringir-se a ele num curto espaço de tempo, ou seja, aproximadamente 14 encontros.

4. AVALIAÇÃO DA RELIGIOSIDADE DOS MEMBROS QUE COMPÕEM AS FAMÍLIAS, DE SHAFRANSKE (1996)

Segundo o autor, problemas experienciados pelas famílias podem ser derivados de sua relação com a religião, ou seja, elas podem usar suas crenças, valores, práticas religiosas ou associações com grupos religiosos de forma positiva ou negativa.

Existem famílias que utilizam a religião como suporte e o desenvolvimento da prática religiosa é fator de crescimento e de coesão familiar.

Shafranske entende que deve haver sensibilidade por parte do psicólogo para, por meio de avaliação da religiosidade, perceber que crenças e práticas ajudam as famílias e facilitam o processo terapêutico e quais dificultam ou impedem seu crescimento. Segundo ele, as crenças religiosas que, geralmente, ajudam as famílias a se desenvolver são aquelas que se identificam com sentimentos de amor, medo, esperança, perdão, graça, reconciliação e salvação. Considera que, ao se identificarem com esses aspectos, podem transportá-los para a relação familiar, facilitando a compreensão, a expressão de necessidades e a harmonia doméstica. Destaca também o fato de que a associação a grupos religiosos pode fortalecer as famílias, reduzindo a solidão e o isolamento e intensificando sentimentos de pertencimento e de esperança.

Refere, ainda, que existem famílias que utilizam suas crenças religiosas de uma forma que as prejudica. Isso acontece quando fazem uso de uma doutrina muito rígida, insensível às necessidades humanas, chegando a negá-las. Ou seja, muitas famílias, por fatores religiosos negam fatos como planejamento familiar, sexualidade, divórcio e segundo casamento. Prosseguindo nessa direção, afirma que crenças religiosas que propõem julgamentos muito severos para os atos das pessoas estimulam sentimentos de culpa, levam o indivíduo a ter baixa auto-estima e enfatizam os papéis de gênero patriarcal, por exemplo. Enfim, influenciam o comportamento geral das famílias e trazem prejuízo ao relacionamento entre seus membros.

O autor defende a tese de que as famílias que utilizam a religião como uma das formas de se desenvolver e crescer, tendem a encorajar a responsabilidade de cada um de seus integrantes, incentivando-os a formular os próprios julgamentos, não percebem as mudanças como ameaça e são capazes de respeitar os limites e as diferenças individuais.

O oposto disso é o que ocorre com famílias que se apegam a religião de forma não reflexiva e dogmática. Desse modo, Shafranske estabelece uma relação direta entre a maneira como a pessoa se relaciona com a religião e a maneira como conduz sua vida e se relaciona com os membros da família.

Para tentar explorar tais aspectos, Shafranske propõe avaliação da religiosidade, que pode ser formal ou informal. Do ponto de vista formal, Shafranske sugere, entre outras, as sete categorias de Pruyser (1976):

Descrição e Dimensão

- I. Consciência do sagrado: O que é uma força ou um poder sagrado? O que se pode venerar?
- II. Providência: O que é crível ou produz esperança na vida do cliente?
- III. Crença: Para que ou para quem o cliente entrega a si mesmo?
- IV. Graça ou agradecimento: A quem o cliente agradece? Sente que tem sido gratificado ou tem sido esquecido?
- V. Arrependimento ou pecado: Como tem lidado com seus erros?
- VI. Comunhão: De quem o cliente cuida ou por quem se sente cuidado?
- VII. Senso de vocação: Que satisfação ou objetivo o cliente encontra em sua vida e em seu trabalho?

Cada uma dessas categorias é composta por questões e a avaliação das respostas individuais pode revelar atitudes e práticas das pessoas.

Do ponto de vista da avaliação informal, para Shafranske o psicólogo deve indagar sobre o lugar de Deus, da religião, da igreja, da comunidade e da oração na vida do cliente. Deve averiguar também de que modo essas questões influenciam sentimentos, pensamentos e comportamento no sistema familiar.

As avaliações sugeridas por Shafranske, tanto as categorias formais quanto a avaliação informal, abordam a religiosidade de forma implícita e explícita e verificam se é substantiva e funcional. Parecem possuir caráter evolutivo, suportam a exploração significativa de conteúdos religiosos trazidos pelo cliente, ao mesmo tempo em que permitem que ele expresse o que deseja comunicar. São propostas holísticas, na medida em que tentam relacionar religião, cultura, família e saúde, com o aspecto religioso dos clientes. Nesse modo de avaliar não está implícita a noção de normalidade ou anormalidade, mas, sim, a busca da identificação de quais conceitos religiosos fazem bem ou mal para as pessoas e/ou famílias. Não é uma avaliação passível de mensuração e nem enfatiza a autoridade do psicólogo. Por meio dessa avaliação é possível perceber se as crenças religiosas são vividas em

comunidade e nos relacionamentos em geral, especialmente o familiar. É aplicável em contextos plurais, mediante entrevistas semi dirigidas.

Parece-me que a compreensão informal é a que mais se identifica com meus objetivos neste trabalho. Não se trata de estruturar um questionário com a finalidade de mensurar, nem de classificar as crenças religiosas ou a própria religião do indivíduo como patológicas ou não; trata-se de propor a exploração de temas que possibilitem a descrição e a percepção de como o sistema de crenças religiosas está sendo utilizado e que efeitos produz naquela família. Trata-se de conhecer o universo familiar e a constelação de signos e significados atribuídos à religiosidade, a partir dos quais a criança e a família, objeto de estudo no Psicodiagnóstico Interventivo Fenomenológico-Existencial, se constituem e se desenvolvem. Enfim, tem a finalidade de pesquisar se crenças e práticas religiosas favorecem ou não a integração e o crescimento dos clientes.

Para melhor compreensão dos modelos propostos, organizei o quadro que segue.

**QUADRO COMPARATIVO DE MODELOS DE AVALIAÇÃO DA
RELIGIOSIDADE SEGUNDO CRITÉRIOS DE FITCHETT**

Fowler	Paloutzian e Allison	Malony	Shafranske
- Implícito	- Implícito	- Implícito e explícito	- Implícito e explícito
- Funcional	- Funcional	- Substantivo e funcional	- Substantivo e funcional
- Multidimensional	- Multidimensional	- Multidimensional	- Multidimensional
- Não Dinâmico	- Dinâmico	- Não dinâmico	- Dinâmico
- Holístico	- Holístico	- Holístico	- Holístico
- Evolutivo	- Não Evolutivo	- Evolutivo	Evolutivo
- Não distingue os aspectos sociais dos religiosos	- Não distingue os aspectos sociais dos religiosos	- Distingue os aspectos psicossociais dos religiosos	- Distingue aspectos os psicossociais dos religiosos
- Prescritivo	- Descritivo	Prescritivo	- Descritivo
- Considera a autoridade do terapeuta	- Considera a autoridade do terapeuta	- Considera as autoridades do paciente e do terapeuta	- Considera as autoridades do paciente e do terapeuta
- Crença de que a dimensão religiosa faz parte da vida humana	- Crença de que a dimensão religiosa faz parte da vida humana	- Crença de que a dimensão religiosa faz parte da vida humana	- Crença de que a dimensão religiosa faz parte da vida humana
- Verifica se a religiosidade é vivida nos relacionamentos	- Não inclui a verificação da religiosidade nos relacionamentos	- Verifica se a religiosidade é vivida nos relacionamentos	- Verifica se a religiosidade é vivida nos relacionamentos
- Plural	- Plural	- Plural	Plural
- Não se refere a procedimentos clínicos	- Não se refere a procedimentos clínicos	- Refere-se a procedimentos clínicos	- Não se refere a procedimentos clínicos
- Usa de entrevistas semi-estruturadas	- Usa entrevistas semi-estruturadas	- Usa de entrevista semi-estruturada e questionário	- Usa de entrevistas semi-estruturadas
- Aplicável a pessoas de todas as religiões	- Aplicável a pessoas de todas as religiões.	- Aplicável a pessoas da tradição cristã	- Aplicável a pessoas de todas as religiões

Todos os modelos apresentados avaliam a religião implícita, ou seja, as crenças religiosas das pessoas, sem que, necessariamente elas estejam aderidas a uma religião instituída.

As avaliações apresentadas por Shafranske e Malony verificam tanto as crenças subjetivas ou implícitas quanto aquelas ligadas à filiação religiosa, como a frequência com que o indivíduo vai à igreja, descrição de rituais e similares. Todos os modelos, a partir da especificidade de cada um, se preocupam em compreender a função que as crenças desempenham na vida da pessoa. Entretanto, os modelos de Fowler, Malony e Paloutzian partem da idéia de que a pessoa deve ter determinadas características religiosas para ser considerada equilibrada e saudável, enquanto que, para Shafranske, a religião pode ou não beneficiar o indivíduo em seu desenvolvimento psicológico, o que depende da função que ela ocupe em sua vida.

Em todos os modelos de avaliação, a proposta é atingir diferentes dimensões da vida religiosa crenças, práticas, experiências e relações significativas em grupos ou em atividades religiosas. Com exceção do modelo de Fowler e Malony, os demais abrem espaço para que os psicólogos observem atitudes e emoções veladas, pois têm uma perspectiva dinâmica. Os modelos apresentados propõem que se considere a religião entrelaçada com os demais aspectos da vida humana como família, personalidade, saúde e cultura. O modelo de Paloutzian e Allison não permite a investigação sobre o desenvolvimento do caráter religioso no indivíduo, já os demais modelos incluem esta possibilidade. Fowler e Malony apresentam avaliações prescritivas e também procuram mensurar a vida religiosa da pessoa, enquanto a ênfase dada por Shafranske e Paloutzian e Allison é descritiva. Malony e Shafranske consideram a autoridade do terapeuta e do paciente no mesmo nível, já, nas avaliações de Fowler e Paloutzian e Allison, a autoridade do terapeuta é reforçada. Os modelos estão apoiados na idéia de que a dimensão religiosa faz parte da vida humana. Apenas o modelo de Paloutzian e Allison deixa de verificar se as crenças religiosas são vividas nos relacionamentos. É possível fazer uso das quatro avaliações em hospitais, clínicas e consultórios, embora somente Malony refira-se a procedimentos clínicos. Os autores utilizam entrevistas semi-estruturadas, entretanto Malony, além desse procedimento, faz uso de questionário. Quanto à aplicabilidade dos modelos, somente a verificação de Malony se restringe à tradição cristã. Com exceção da avaliação da religiosidade informal de Shafranske, os demais são modelos que pressupõem, de alguma maneira, que o psicólogo seja

uma pessoa religiosa também ou que tenha conhecimento sobre as diferentes religiões.

Em resumo, os modelos de Fowler e Malony permitem a obtenção de um conhecimento sobre a maturidade religiosa dos clientes, ou seja, se é adequada ou inadequada a seu desenvolvimento geral. Já o modelo de Paloutzian e Allison produz um conhecimento que relaciona bem-estar espiritual e bem-estar existencial pautado pela idéia de que o bem-estar existencial está relacionado à crença no divino. Quanto a Shafranske, o conhecimento obtido é um conhecimento do sentido que a religião tem para a pessoa, como ela utiliza essas crenças em sua vida. O autor não se preocupa em medir a maturidade ou a adequação das crenças religiosas do indivíduo. Entende que essas crenças são produtoras de bem estar ou geradoras de conflitos dependendo da maneira como o cliente as utiliza em sua vida.

Pelo exposto posso afirmar que o modelo apresentado por Shafranske é o que mais se aproxima do Psicodiagnóstico realizado na abordagem Fenomenológico-Existencial. Suas idéias ressaltam a necessidade de se pesquisar as crenças, os valores da religião nas famílias. Pressupõem a descrição do comportamento religioso em diferentes *nuances*. Ainda para o autor, não é necessário que o psicólogo seja religioso, pois a compreensão da religiosidade é um recurso que permite entender o cliente também por essa dimensão, entre outras dimensões. O autor refere-se especificamente ao trabalho desenvolvido em Psicoterapia de Família, contudo, entendo que suas idéias também podem ser utilizadas no processo de Psicodiagnóstico Interventivo, realizado com a criança e seus pais.

Conforme descrevi anteriormente, o Psicodiagnóstico Interventivo Fenomenológico-Existencial pressupõe um trabalho integrado com os pais e com a criança. Assim como a Psicoterapia Familiar focaliza o relacionamento conjugal e familiar, as questões de fronteira, de limite e de poder e procura elucidar como isso afeta os indivíduos que compõem o grupo familiar, notadamente a criança levada para o psicodiagnóstico. As posições de Shafranske a respeito da influência positiva ou negativa do sistema de crenças da família sobre seus membros se adaptam ao Psicodiagnóstico Interventivo.

O autor propõe que a compreensão sobre a religiosidade seja ampla o suficiente para dar conta de dois aspectos. A religião, enquanto instituição, implica uma prática ritual e aderência a uma comunidade religiosa. A religiosidade, enquanto força que influi nos significados dados a existência e na formação de um conjunto de valores atuantes sobre o comportamento que deve ser compreendida em toda sua extensão.

Com essa proposta que compartilho e ela deve nortear este trabalho. A compreensão da religiosidade, portanto, precisa contemplar duas dimensões: prática ritual instituída e também, aquela menos formal, mas nem por isso menos importante, que colore um certo modo de entender o mundo e de se posicionar diante dele. Quando entendida dessa forma, a compreensão da religiosidade é uma “compreensão de sentido”, uma “compreensão da experiência de significação” qualquer que seja a religião.

Em concordância com Shafranske creio ser necessário indagar sobre qual é o lugar que Deus, religião e oração, ocupam na vida dos clientes. Importa averiguar que sentimentos e pensamentos os pacientes têm sobre eles e, sobretudo, em que grau e intensidade ocorrem e influenciam sua conduta geral, sejam fantasias ou ações. Acredito que a dimensão religiosa faz parte da vida da pessoa, como qualquer outra dimensão, e por essa razão deve ser investigada. Do mesmo modo que se pesquisam a história de vida da criança mediante o questionário de anamnese, sua relação consigo mesma por intermédio de observação lúdica e/ou testes psicológicos, sua relação com os pais e demais membros da família por meio de entrevistas e da visita domiciliar, sua relação com a escola pela visita escolar, deve-se também incluir a avaliação da religiosidade no âmbito familiar.

A exploração de aspectos religiosos com os pais pode propiciar uma compreensão mais profunda de sua religiosidade e contextualizar, com maior propriedade, o ambiente do qual a criança faz parte. Do mesmo modo, permite identificar o funcionamento e a natureza interativa do relacionamento da família com a religiosidade e como isso norteia determinados modos de agir e, mais ainda, se isso está de alguma forma relacionado com o sintoma apresentado pela criança.

Fortalecendo esse ponto de vista, Aponte (1985) refere que os valores, sejam eles morais, culturais, religiosos ou políticos, determinam a forma pela qual a pessoa dirige suas ações, define, interpreta e julga os fenômenos sociais. Acrescenta que os valores da pessoa aparecem na família, na rede social, na experiência educacional e

comunitária. A família, com suas funções e características, é freqüentemente orientada por valores morais e religiosos.

Neste momento de minha exposição, creio ser necessário tecer considerações sobre a religiosidade do psicólogo. A compreensão que proponho não pretende categorizar a religiosidade do indivíduo como sendo boa ou má, correta ou incorreta, dentro da normalidade ou fora dela. Não é esse o objetivo. Não parto da idéia de que haja crenças melhores ou piores, nem entendo que todas as pessoas tenham de aderir a uma religião para ser mais felizes e psicologicamente saudáveis. Apenas, dado o grande número de pessoas religiosas presentes em nossa sociedade, percebo a necessidade de que esse aspecto seja explorado no Psicodiagnóstico Interventivo, mediante de um procedimento melhor sistematizado. Sob tal ótica, a religiosidade do psicólogo não é um fator que possa impedir ou dificultar a utilização desse recurso como forma de ampliar a compreensão diagnóstica. Sua tarefa é entender o sentido que o paciente dá à religião, a seu sistema de crenças religiosas e como eles são utilizados em sua vida. Em concordância com Shafranske, creio que, como qualquer outro aspecto da vida do indivíduo, as crenças religiosas que promovam bem-estar, satisfação e crescimento para o indivíduo devem ser incentivadas; quanto àquelas que desempenham papel oposto, devem ser trabalhadas, independentemente das crenças do psicólogo.

Amparada por essas idéias, proponho um modo de compreender a religiosidade dos clientes atendidos no Psicodiagnóstico Interventivo Fenomenológico-Existencial.

CAPÍTULO IV

MODELO INVESTIGATIVO PARA COMPREENSÃO DA RELIGIOSIDADE NO PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

O modelo a ser utilizado no Psicodiagnóstico Interventivo Fenomenológico-Existencial deve ser considerado como uma etapa do processo. Proponho uma investigação por meio de entrevista semidirigida, ou seja, há temas a ser explorados junto aos clientes, propiciando-se a livre expressão daquilo que querem comunicar. Assim, não é possível estabelecer a duração dessa avaliação, que pode ser feita em uma ou mais sessões.

A compreensão da religiosidade contempla diversos aspectos e para abarcá-los escolhi as pautas que a definirão, conforme segue:

I. Aderência ou não a uma religião.

Dentro desse tema é importante focalizar, caso a resposta da pessoa seja afirmativa, se o indivíduo frequenta uma comunidade religiosa, se segue os rituais correspondentes a sua religião e como o faz. A idéia é que se tenha acesso à experiência da pessoa nesse domínio, bem como ao sentido que isso tem para ela.

É possível que se obtenham respostas em que a pessoa afirma ter uma religião, mas não praticar os cultos referentes a ela. Também nesse caso, é importante verificar por que isso ocorre, qual sua posição diante dos cultos religiosos, de que forma ela entende a religião que professa.

É possível, ainda, que a pessoa diga que não possui nenhuma aderência religiosa, e também nesse caso é necessário entender o que a pessoa tem a comunicar sobre o fato.

II. Crença em Deus, entidade ou princípio superior.

Qualquer que seja a resposta é importante que o cliente explique sua crença ou não-crença. Em caso positivo, outro ponto a ser explorado é de que maneira tal

crença é tratada na família, especialmente em relação à criança trazida para diagnóstico. Explicando melhor, é importante investigar tais crenças são transmitidas para a criança no dia-a-dia. Existem pais que fazem das crenças religiosas ou da crença em Deus uma fonte de coerção ou até de punição. Outros utilizam-nas como fonte de esperança e de amparo. O modo de lidar com a questão vai constituindo a subjetividade da criança e pode ser fonte tanto de coragem e autodeterminação quanto de insegurança e de sentimentos de menos-valia.

III. Significado da crença.

É importante entender o significado da crença para o indivíduo e que lugar ela ocupa em sua vida e, a partir disso, que conseqüências pode trazer. Para algumas famílias as crenças religiosas são levadas a extremos, ocupando lugar central em suas vidas. É freqüente em algumas delas, por exemplo, a não-permissão para que a criança assista à televisão, ponha determinada roupa ou brinque com certos brinquedos. Contudo, essa mesma criança, para quem são feitas tais restrições, está na escola com outros colegas que possuem objetos desejados por ela, que fazem comentários sobre fatos que ela se vê impedida de discutir. Avaliar as conseqüências desse modo de viver, no desenvolvimento psicológico da criança, bem como a forma como lida com as limitações impostas pela religião professada, parece-me condição de possibilidade para a compreensão do caso.

IV. Crença vivenciada em família e em relacionamentos interpessoais.

Este tema destina-se a investigar se a crença é algo apropriado pelo indivíduo, se é vivida na família e nos relacionamentos ou se é algo distante, que funciona como uma abstração, dissociada da realidade da pessoa. De qualquer modo, a idéia é poder visualizar de que forma isso repercute no universo da criança.

V. Desenvolvimento da fé ou da atitude religiosa.

Esse tema destina-se a verificar se a fé, a religiosidade e a aderência a uma religião modificaram-se ao longo de sua vida, ou se manteve constante. Caso o cliente identifique modificações, deve-se entender como ocorreram, em que ocasião, se elas foram determinadas por algum fato especial e se trouxeram conseqüências para sua vida.

VI. Hábito de orar, rezar ou meditar.

Caso a resposta seja afirmativa, deve-se explorar seu significado para o cliente. Caso seja negativa, deve-se entender a argumentação do cliente. Também nesse caso é importante observar de que forma isso é transmitido para a criança.

VII. Questões-limite da existência: nascimento, vida e morte.

Qual o sentido ou significado dessas instâncias para a pessoa. Atenção especial deve ser dada para entender o tratamento dessas questões no âmbito familiar, especialmente no que diz respeito à criança.

VIII. Relação entre a religião ou o sistema de crenças e a queixa apresentada a respeito da criança.

Nesse item, a idéia é que seja perguntado aos pais se eles estabelecem alguma relação entre a religião ou o sistema de crenças religiosas que professam e a queixa da criança. É importante considerar que os pais nem sempre aludem a uma ligação direta entre esses aspectos; no entanto, ao ser indagados a respeito, podem surgir fatos, associações e questionamentos que contribuem para o enriquecimento do processo Psicodiagnóstico Interventivo.

IX. Ensinamentos religiosos para a criança.

Esse tema destina-se a compreender se existem ensinamentos religiosos formalmente transmitidos ou se eles se evidenciam apenas em algumas atitudes dos adultos. Em caso de resposta afirmativa, é interessante verificar a opinião dos pais sobre a compreensão da criança em relação a tais ensinamentos. E mais ainda, se esse fato tem alguma influência ou atua de algum modo na vida da criança.

X. Tema livre.

Busca permitir um espaço para que a pessoa possa comunicar o que quiser sobre os temas ou sobre qualquer coisa que eles tenham mobilizado nela.

Essa sugestão de temas foi feita buscando-se maior abrangência e atendendo aos critérios para a avaliação da religiosidade, propostos por Fitchett. Conseqüentemente, tais temas permitem um aprofundamento na compreensão diagnóstica obtida no Psicodiagnóstico Interventivo Fenomenológico-Existencial.

Explicando melhor, consideram a religiosidade explícita, ao pesquisar sobre a aderência a uma religião específica, e verificam outras eventuais crenças religiosas que a pessoa queira comunicar.

Abordam a religiosidade tanto do ponto de vista substantivo, como do ponto de vista funcional, quando propõem discorrer a respeito da função que as crenças exercem na vida do indivíduo, sejam elas provenientes de uma determinada religião formal ou advindas da particular experiência religiosa do sujeito.

É uma proposta multidimensional e também possibilita que sejam relatadas eventuais modificações na fé ou nas crenças religiosas ao longo da vida da pessoa.

Por se tratar de temas abertos à livre expressão, permitem ao cliente comunicar-se da forma que quiser, tornando possível para o psicólogo identificar expressões, atitudes e emoções veladas, dando a essa avaliação uma perspectiva dinâmica.

Tem um contexto holístico e psicossocial, na medida em que aborda a religiosidade na vida cotidiana da pessoa, tentando estabelecer relações entre as crenças do cliente e o relacionamento familiar.

Trata-se de descrever a religiosidade das pessoas com a finalidade de aprofundar e ampliar o conhecimento sobre elas, visto que entende a religiosidade como mais uma dimensão do campo fenomenal humano, no qual se registram as experiências.

Essa proposta parte do pressuposto que o indivíduo é um todo multifacetado, e uma dessas facetas é a religiosidade, que se articula às demais, formando uma *gestalt*. Está aberta tanto para encarar as disfunções que eventualmente possam advir das crenças religiosas, quanto para contemplar o crescimento que delas pode provir.

Esse procedimento está sendo sugerido para ser inserido no processo de Psicodiagnóstico Interventivo, que é de caráter compreensivo e de relação não hierárquica entre psicólogo e cliente – ambos estabelecem uma relação horizontal, em que o diagnóstico é realizado e compartilhado pelos dois. Assim, tal inserção também implica distribuição equivalente da autoridade entre psicólogo e cliente. É aplicável a todas as religiões e a contextos plurais.

Indaga não apenas a respeito da religiosidade dos membros da família, como também a respeito de como isso é transmitido à criança e por ela compreendido.

Por fim, visa a obter um conhecimento sobre o aspecto religioso dos pais e da criança, dando relevo à dimensão que ele ocupa na vida dos membros da família.

A meu ver, essas características são importantes na medida em que fazem a articulação entre compreensão da religiosidade e o Psicodiagnóstico Interventivo Fenomenológico-Existencial.

CAPÍTULO V

O PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DE JOÃO

1. A triagem

O cliente é um garoto de 12 anos, cursa a quinta série do ensino fundamental. O pai é pedreiro e a mãe, Marta², é cabeleireira. João inscreveu-se na Clínica Psicológica de uma universidade e sua mãe foi por mim chamada para triagem.³

Marta compareceu sozinha à triagem. Contou-me que João havia sido encaminhado pelo médico, em virtude de evacuar na roupa, sem ter controle ou percepção do fato.

A mãe relatou que, até os quatro anos, João conseguia controlar os esfíncteres anais e vesicais. Contudo, nessa época, ela passou a tomar conta de seu sobrinho (em sua casa) e a partir desse momento João passou a defecar na roupa. Marta comentou que o menino não percebe quando o fato ocorre, e são os outros que sinalizam isso para ele. Disse que, atualmente, esses episódios ocorrem, com maior frequência, nos finais de semana, quando João está em casa, embora anteriormente acontecessem também na escola. Indagada sobre sua atitude nessas circunstâncias, disse que não bate no garoto, nem o recrimina, o que já fez antes, sem sucesso. O marido, porém, não tem a mesma atitude e repreende João, grita com ele na frente dos amigos. Acrescentou ainda que João fica muito aborrecido por “fazer cocô na roupa” e que, em certa ocasião, ao ver pela TV uma missa rezada por padre Marcelo, ajoelhou-se e pediu que Deus o ajudasse a ficar livre “daquilo”. A respeito da religiosidade, mencionou que a família é católica carismática praticante, a cujo grupo pertence. Relatou que a religião católica e a crença em Deus representam parte significativa da vida familiar. Reforçando esses pensamentos

² Trata-se de atendimento feito por mim no CPA uma universidade. Todos os nomes mencionados são fictícios.

³ O procedimento adotado no CPA é de inicialmente realizar a Triagem Interventiva com os pais da criança inscrita para que se possa ter uma ação imediata e/ou posterior encaminhamento para área de atendimento mais adequada.

afirmou que acreditar em Deus é o que lhe dá forças para “agüentar” os sofrimentos pelos quais está passando, como o problema do filho, a surdez do marido e o fato de sustentar a casa praticamente sozinha.

Parecia haver grande ansiedade envolvendo a mãe nessa primeira sessão. Isso era perceptível tanto por sua fala bastante acelerada como por sua posição na cadeira, rígida, com a bolsa no colo, sem que a largasse por um único instante. Marta manifestou ficar chocada e incrédula diante da atitude do filho, de não perceber quando evacuava na roupa, tendo de ser avisado, por outras pessoas, sobre o fato de que algo tão íntimo e pessoal estava acontecendo com ele.

Por outro lado, parecia depositar todas as esperanças na religião, mais especificamente, em Deus, como sendo a única possibilidade para que suas angústias fossem aplacadas e seus problemas resolvidos. Creio que essa mãe e a criança também põem na mão de Deus a resolução dos problemas. Deus e a religião não só lhes dão suporte e conforto, como também acreditam que Ele pode solucionar tudo, sem que façam um movimento em busca de soluções. Fatos negativos são vistos quer como castigo de Deus, quer como provação necessária para alcançar o reino dos céus. Todo o discurso da mãe é permeado por tais crenças, o que é corroborado pelo fato de que o sintoma apareceu quando o garoto tinha quatro anos e ela vem buscar ajuda quando ele já está com 12 anos. O período é bastante longo para um sintoma tão desagradável, que os expõe e traz tanto sofrimento, como foi possível observar no contato com a mãe.

Marta: ***“Deus é o cabeça da família, tudo passa por Ele.”***

Marta: “Não fosse Ele e eu achar que Ele pode ajudar, eu não agüentar tudo que estou passando com o João e com o meu marido.”

Marta também contou que a família é constituída por ela, seu marido, uma filha de 19 anos, um filho de 17 anos e João, com 12 anos. O relacionamento entre as pessoas da família é bom, entretanto, fez duas ressalvas a respeito: a primeira uma se refere ao relacionamento de João com seu irmão de 17 anos, que avaliou como ruim e permeado de brigas, a segunda remete ao marido, que tem um problema auditivo - está totalmente surdo, fato que o torna alheado e com dificuldade para se comunicar com os familiares.

Ficou claro que as brigas entre os filhos a preocupavam, que sentia muita angústia pela situação do marido e que essa condição fazia sentir-se sozinha, com um peso muito grande para dar conta.

Marta: *“É muito difícil fazer tudo sozinha, meu marido não ouve nada, não pode trabalhar nem entende direito o que acontece, fica no mundo da lua.”*

Os assuntos mencionados a seguir foram os resultados dos exames médicos a que João se submetera e o encaminhamento para Psicodiagnóstico Interventivo.

Minha impressão, ao terminar o atendimento, era de que aquela mãe estava disposta a ajudar seu filho, apesar de toda a ansiedade manifestada durante a sessão. As crenças religiosas permeavam seu discurso, mas era possível perceber que essas, embora indicassem certa passividade, também explicitavam atitudes de esperança perante a vida.

Diante dessa narrativa, minha escolha para o estudo de caso recaiu sobre esse caso. Entendi que o aspecto da religiosidade estava presente e era mencionado abertamente, antes mesmo que isso tivesse sido solicitado por mim. Percebi que as crenças dessa mãe, tanto as mencionadas como aquelas que não haviam aparecido ainda, deveriam ser compreendidas, pois faziam parte do caso, eram crenças vividas no meio familiar e de algum modo estavam relacionadas à queixa apresentada, embora eu ainda não entendesse bem como.

Esse modo de pensar apóia-se na possibilidade de compreender o existir humano, oferecida por Heidegger, na qual o homem só pode ser entendido como algo que compõe junto com o mundo. Explicando melhor, é a partir da trama de relações que o ser humano estabelece no mundo que emerge sua subjetividade. Desse modo, João não estava imune a todas as crenças e atribuições de significados presentes em sua família, ao contrário, de algum modo, em alguma instância, “isso também era ele”.

Restava-me entender como, até que ponto, de que maneira...

2. O estudo de caso propriamente dito

2.1. Primeira sessão com a mãe

A sessão foi iniciada com as apresentações, a especificação do contrato, o pedido para que as sessões fossem gravadas. Marta justificou a ausência de seu marido, ou melhor, sua impossibilidade de participar do atendimento em virtude do problema auditivo.

A partir daí a queixa foi retomada e a mãe reafirmou o que havia dito anteriormente. Disse que, a partir de um ano, o menino tinha controle esfinteriano anal e vesical. Quando passou a tomar conta de um sobrinho, João estava com quatro anos e foi nessa época que teve início o sintoma de João. A mãe acredita que o garoto ficou com ciúme do primo e, por esta razão, voltou a ter comportamentos já superados. Contudo, ela deixou de tomar conta do sobrinho e João continuou apresentando encoprese. Segundo ela, todas as atitudes já foram tentadas, desde punir o menino, até ignorar o comportamento inadequado. Relatou que hoje em dia isso acontece mais no final de semana, quando João está em casa com ela. Comentou que sempre manda o garoto ir ao banheiro, mas que muitas vezes ele não percebe e quando vai “já fez na roupa” (sic). Em seguida, a mãe relatou que trabalha em um salão de beleza na zona oeste de São Paulo e mora em Francisco Morato. Informou que seus três filhos, inclusive João, trabalham com ela no mesmo local. A moça é manicure como ela, o filho do meio é cabeleireiro e João trabalha na loja de videogame que fica em cima do salão de beleza.

Marta: “Porque hoje, eu moro em Francisco Morato e eu faço assim: de manhã ele vem pra Lapa comigo, a gente vem de trem. Lá no cabeleireiro tem uma loja de cd de videogame, ele vem comigo, eu trabalho como cabeleireira e ele trabalha na loja vendendo cd. À tarde ele vai para a escola sozinho, e depois volta para o cabeleireiro e nós vamos juntos para casa. Meu filho, o outro é cabeleireiro e também trabalha lá e minha filha é manicure e também trabalha lá”.

Essa fala da mãe me chamou a atenção. Todos os filhos estavam junto a ela em tempo integral. Pareceu-me uma forma de controle. Tê-los por perto era uma maneira de saber o que faziam durante as vinte e quatro horas do dia. Do mesmo modo, se os três aceitavam essa condição, era possível que estabelecessem com a mãe uma relação de dependência. No caso de João, essa dependência talvez pudesse estar relacionada de alguma forma com seu sintoma, a encoprese. Isso era algo que eu pretendia verificar no decorrer do atendimento. Assim, assinalei levemente para a mãe no que estava pensando.

Marizilda: “A família quase toda fica junto de você 24 horas por dia, isso é interessante”.

A seguir, pedi que falasse mais sobre sua família, já que o assunto trazido tinha sido esse. Marta deu mais detalhes sobre sua família e sobre o problema auditivo do marido e de como esse o deixava alheio aos problemas familiares. Novamente contou o episódio no qual João assistia a uma missa rezada por Padre Marcelo e se ajoelhou em frente à TV, pedindo a Deus que o livrasse de seu problema.

Marizilda: “O que seu marido acha da dificuldade do João? Do cocô”?

Marta: “Ah! Ele nem fala muito. É como eu falei, ele é meio fora do ar, quem cuida sou eu. Ele não fala muita coisa. Mas antes ele ficava bravo com João e falava bravo com ele na frente dos amigos. Eu também fazia isso e até batia no João, hoje não bato mais, não adianta. O João fica muito triste por fazer cocô na roupa né? E eu já te contei que um dia ele estava vendo TV e

era uma missa rezada pelo Padre Marcelo. O João ajoelhou e pediu para Deus ajudar ele ficar livre daquilo.”

Marizilda: “Você me disse que são católicos...”

Marta: “É, a gente é católico carismático, mais antes eu ia todo dia na igreja, agora que a gente trabalha longe, só vamos de domingo.”

Marizilda: “Isso mudou alguma coisa na sua fé, na maneira de ver Deus”?

Marta: “Não, Deus continua sendo importante pra nós. Ele que dá forças pra agüentar as coisas, os sofrimentos.”

Era a segunda vez que Marta colocava suas idéias nessa mesma seqüência. Primeiro, a dificuldade de João quanto ao controle esfinteriano anal, depois, as relações familiares, no caso específico, as relações familiares de controle X dependência, ausência da figura paterna e posteriormente a crença religiosa, a fé, a expectativa da intervenção divina para solucionar os problemas. Eu ainda não sabia o que isso significava. Não encontrava uma explicação que pudesse alinhar esses dados, mas acreditava que essa mãe, em algum nível de consciência, relacionava esses aspectos.

Nesse sentido, lembrando as palavras de Yehia (1995) quando se refere ao Psicodiagnóstico Interventivo Fenomenológico-Existencial:

“Refletindo a respeito deste trabalho, me ocorre uma imagem: Tanto psicólogo como cliente estão organizando um quebra-cabeças, contribuindo com peças diferentes, para chegar à constituição de uma imagem comum. Esta imagem vai se construindo ao longo do processo e os aspectos que nela serão mais nítidos dependerão da colaboração dos pais, dos conhecimentos do psicólogo e da interação entre ambos”. (p. 128).

Era exatamente desse modo que eu me sentia, como se estivesse montando um quebra-cabeça, sendo ajudada pela mãe que me sugeria pistas. Mesmo sem ter total clareza da situação eu ia seguindo a trilha que me era indicada.

A seguir a sessão foi encerrada.

2.2 Segunda sessão com a mãe

A sessão teve início com os cumprimentos habituais. A seguir, expliquei o objetivo do atendimento, ou seja, informei-a que, naquele dia, faria várias perguntas a ela, com o objetivo de entender a história de vida de João. Ressaltei o fato de que tudo que ela dissesse era importante e que quanto mais detalhes fornecesse, maiores seriam as minhas possibilidades de compreensão.

Iniciei retomando os dados de identificação. Logo após Marta relatou que teve um aborto espontâneo anterior à gravidez de João, a qual não fora planejada.

Marta: “Ele veio de intruso! Eu não queria porque eu era servente de obra do meu marido, ele era o pedreiro e eu a servente de obra para construir nossa casa. A gente ia lá domingo e eu levava água e uma panela bem grande de arroz e feijão e a gente ficava fazendo a casa. Eu não queria ficar grávida, mas também não fiz nada, depois aceitei.”

A expressão usada por Marta ao referir-se ao filho como “intruso” pareceu-me forte e pouco afetiva. Minha sensação naquele momento foi de estranheza. As palavras pronunciadas pela mãe não combinavam com a preocupação que, até aquele momento, havia demonstrado pelo garoto.

Relatou que as condições financeiras da família durante a gravidez, eram precárias, o que ocorria também do ponto de vista emocional.

Marta: “A saúde era boa, mas de dinheiro era atrapalhada. Meu marido e eu tinha construído uma casa no terreno de uma amiga dele, aí ela queria que a gente pagasse aluguel pra ela. Eu não quis, a gente já tinha construído a casa, eu saí de lá, eu fui morar na favela. Mas era horrível. Aí eu saí de lá e aluguei uma casa com minha irmã, dois cômodos pra cada uma e a gente dividia o aluguel. Daí a gente guardou dinheiro pra comprar o terreno e o

básico para casa e foi assim que eu fiquei grávida, não tinha dinheiro pr nada. Tudo que tinha, tinha ido pra casa. O meu marido estava nervoso, irritado, parecia que ele que estava grávido. Batia a cabeça na parede quando ficava nervoso. Foi difícil. A minha filha gostou muito de ter um irmãozinho e o meu filho não gostou.”

Marizilda: “E o relacionamento seu com seu marido, como era?”

Marta: “O relacionamento era bom, ele só ficava nervoso e dizia ‘você foi ficar grávida’, mas foi só no começo depois passou.”

Foi possível perceber, até esse momento, que a gravidez não fora algo planejado e, pela ênfase dada pela mãe, este fato atingiu mais ao pai do que a ela mesma. Ao relatar o fato, não percebi sentimento de ansiedade, culpa, ou algum sofrimento maior. Marta, ao descrever essa situação, o fez como uma contingência, uma circunstância que tirou o casal de um certo rumo ao qual se propunham e ao qual também retornaram com certa facilidade.

Marta referiu gravidez e parto sem apontar nenhuma intercorrência. Quanto à suas reações pelo nascimento do filho, pareceu denotar certa frustração e descontentamento. Em relação ao pai, disse que, na época, este não manifestava muito apego à criança, embora atualmente manifeste maior afetividade para com João.

Marta: “Eu queria que fosse uma menina, eu sonhava com uma menina, mas no sonho só via da cintura pra cima. Fiz ultra-sonografia duas vezes e nas duas deu que era menino. Mas ainda eu tinha esperança que fosse menina. Até

o médico me mostrar que era um menino eu tinha esperança que fosse menina”.

Contou que amamentou João por apenas um mês, pois tinha de voltar para a obra. Ele sempre aceitou bem a alimentação e atualmente, alimenta-se com certo exagero. O menino dormiu no quarto dos pais até oito anos. Tem sono agitado.

Quanto aos dados de desenvolvimento, a mãe não lembra com exatidão, mas refere desenvolvimento psicomotor muito precoce.

Marta: “Que nem eu te disse, ele fez tudo muito rápido, com sete meses já andava, com cinco meses eu pus ele no andador, ele era muito levado, a gente estava construindo a casa em cima e ele subia na laje.”

Marizilda: “Marta, sete meses me parece cedo para uma criança andar, você tem certeza?”

Marta: “Eu tenho sim. Todo mundo ficava impressionado com ele. Era pequenininho e já sabia andar. Ele era muito levado, as coisas aconteciam em segundos. Com seis meses caiu um caibro na cabeça dele e ficou marcado na testa. Levei ao médico, ao hospital, e eles queriam que deixasse o menino lá, em observação, mas eu assinei o termo de responsabilidade e levei embora para casa. Quando ele tinha oito meses já andava bem e eu levei ele na casa da minha irmã que era minha vizinha. Ela tinha um cachorro e ele brincava bem com o cachorro e ele ficou na área com o cachorro. Quando olhamos pela janela o cachorro estava em cima dele, o cachorro mordeu o rosto, a orelha, a orelha descolou e a cabeça. Levou muitos pontos e também queriam deixar no hospital e eu não deixei. Era ‘danadinho’ o menino, não podia deixar um minuto sozinho. Trepava nas janelas, queria entrar na geladeira. Meu cunhado trabalhava e deixava o portão aberto quando saía, quando eu via, o João estava na rua e subia a laje da vizinha que era rente com a rua e de lá de cima chamava ‘mãe’. Quando eu ia, ele ameaçava pular. Duas vezes o vizinho teve que pegar ele por trás. Era um menino muito alegre, mas muito ‘danadinho’”.

Marta relatou esses acidentes sem emoção ou ansiedade aparente. Referiu-se a eles como se estivesse contando um caso e não estivesse diretamente envolvida nele. Tal fato chamou-me a atenção. Durante os atendimentos anteriores ela me pareceu uma mãe preocupada com o filho, uma mãe que procura controlar o comportamento dos filhos, mantendo-os próximos a ela, mesmo agora já praticamente adolescentes ou adultos. Eu não entendia por que, quando pequeno, supostamente mais frágil e desamparado, João tivera tantas oportunidades de estar só e de se colocar em tantas situações de risco. O que havia mudado? A mãe mudou sua atitude, seu comportamento? Seria o fato de o menino ter crescido que modificava o modo de agir daquela mãe? Eu poderia ter feito essas perguntas a ela, mas, por algum motivo, julguei que o momento não era oportuno e calei-me. Optei por abordar a questão em ocasião mais apropriada.

Em relação ao controle esfinteriano, a mãe também referiu precocidade e, mesmo eu tendo assinalado o fato, Marta manteve as datas citadas.

Marizilda: “Com que idade controlou a urina?”

Marta: “Antes dos nove meses”.

Marizilda: “E durante a noite?”

Marta: “Eu não me lembro, mas foi antes de um ano”.

Marizilda: “Com que idade controlou as fezes durante o dia?”

Marta: “Antes dos nove meses”.

Marizilda: “E de noite?”

Marta: “Também, porque eu me lembro que antes de nove meses e ele fazia cocô e era umas bolinhas e quando eu ia lavar tinha que pegar com a mão e minha irmã me chamava de porca.”

Marizilda: “Quem o ensinou a não fazer xixi e cocô na fralda?”

Marta: “Fui eu.”

Marizilda: *“Se ele controlou o cocô tão cedo, me conte como foi que voltou a fazer?”*

Marta: *“Com quatro anos eu comecei a tomar conta do meu sobrinho e um dia eu fui com ele na casa da minha cunhada e lá pela primeira vez ele fez cocô na roupa. Eu dei uns tapinhas nele e daí por diante ele passou a fazer.”*

Marizilda: *“Você relaciona o fato de ele voltar a fazer cocô na roupa com o fato de você começar a tomar conta do seu sobrinho?”*

Marta: *“Eu acho que sim.”*

A mãe negou a existência de tiques, mas admitiu que atualmente ele rói unhas. Contou que a criança usou chupeta até um ano. Alegou que só dava a chupeta para que ele dormisse, quando não encontrava outra maneira de acalmá-lo. Quanto a sua retirada, comentou que jogou a chupeta fora na frente do garoto e que ele nunca mais a pediu.

Novamente, aquela situação me intrigava: como uma mãe, que atualmente se mostra tão sensível às questões do filho, havia se comportado de forma tão insensível anteriormente? O que teria acontecido?

Embora formulasse tais questões para mim mesma, decidi não mencioná-las à mãe nesse momento. Acreditava que teria de compreender um pouco melhor a situação para poder trabalhá-las com Marta. Temia antecipar-me e perder algo que minha intuição me dizia, era muito importante. Eu ainda não conseguia “participar de um significado comum, do projeto do cliente, de sua abertura e limitações para o mundo”. (Yheia, 1995, p.120).

O último tópico levantado na sessão foram os relacionamentos de João. Ficou claro que o menino, apesar de ser extrovertido e desenvolto, não consegue cativar as amizades. Tem o desejo de liderar nas brincadeiras, mas não aceita a liderança dos outros. Segundo sua mãe, permanece brincando por curto espaço de tempo, após o qual se desentende com os colegas.

De modo geral, poderiam ser assinalados nessa sessão, como fatores importantes, o desejo da mãe de que João fosse uma menina; o desenvolvimento psicomotor precoce; o controle esfinteriano precoce; certa insensibilidade da mãe pelo filho ainda pequeno, retratada pela retirada abrupta da chupeta e pelos vários acidentes sofridos por João e, por último, a dificuldade do garoto estabelecer vínculos duradouros e afetivos com os colegas.

2.3. Terceira sessão com a mãe

Ao entrar na sala, Marta cumprimentou-me. Retribuí e informei-a sobre a continuidade da entrevista iniciada na semana anterior.

Logo de início, indaguei sobre a sexualidade de João, perguntei-lhe se ele manifestava curiosidade sexual, fato a que a mãe respondeu negativamente.

Marizilda: *“Vamos falar um pouco sobre a sexualidade de João? João tem curiosidade sexual, pergunta sobre sexo?”*

Marta: *“Não. Ele é diferente desde pequeno, ele não se importa. Quando era pequeno, tomava banho todo mundo junto, eu, meu marido e os filhos. Quando eles começaram a mudar o corpo deles, eles mesmos separavam, não queriam mais tomar banho junto. Nós também vimos que eles estavam mudando e mudamos também. Mas o João não, o João é diferente, ele não se importa. Ele diz que ele ainda é criança, dança pelado, não tem preocupação. João não se percebe. Ele não se coloca no seu lugar, no lugar que ele já é.”*

Marizilda: *“Você acha o João infantil?”*

Marta: *“Não, ele não é infantil. Pensa em coisa de gente grande. Está trabalhando e com seu dinheiro comprou videogame e celular. Mas outras vezes... Ele fica no banheiro e eu fico olhando, ele fica jogando xampu no azulejo, estragando o creme da irmã.”*

Marizilda: *“Então, do ponto de vista da sexualidade, você não observa nada?”*

Marta: *“Não.”*

Novamente, aquela mãe me deixava surpresa. Ela havia dado toda a descrição de um garoto infantilizado, que não consegue perceber o próprio crescimento, que não percebe a interdição, que faz coisas de criança de menor idade. Entretanto, quando apontei que sua descrição correspondia à de uma criança mais nova, a mãe negou o fato. Minha sensação era a mesma de sessões anteriores, havia algo ali. Havia algo que se colocava entre perceber e ignorar o crescimento do filho. Contudo, desta vez eu havia tido uma atitude diferente das que tive em outras ocasiões. Naquelas, embora tivesse percebido algo, não o havia compartilhado com a cliente. Agora, fizera o oposto e não tinha tido sucesso. A mãe não concordou com minha observação, fato que me fazia retornar ao ponto de partida. Na verdade, essa tentativa de intervenção veio a comprovar minha posição anterior: ainda não era a hora de abordar determinados aspectos. Isso deveria ser feito quando eu os compreendesse melhor.

Prosseguindo a entrevista, ela contou-me sobre a escolaridade de João.

Marizilda: “Quando começou a freqüentar escola?”

Marta: “Ele tinha vontade de ir na escola, entrou na escola com cinco anos. Quando entrou pegou uma professora estranha, muito seca. Ficou seis meses com essa professora e foi expulso. Foi assim, passou uma semana sem ir para a escola por dor de ouvido. Ah! Expulso não, suspenso. Ela disse que ele tinha batido numa criança e a mãe foi reclamar. Mas ele contou outra história, disse que o menino estava chorando e ele e outro amigo começaram a cantar uma música para a criança e ela chorou mais. Ele não quis mais ir pra escola por causa da professora que só era chata com ele. Não aprendeu nada. No outro semestre ele mudou de período, com outra professora, que mandava só elogio pra ele. Ele adorava fazer revistinha. Ele fazia a história e só recebia elogio. Na primeira série foi muito bem. Na segunda série teve o mesmo problema com outra

professora. Entrou numa sala como aluno novo, que os outros alunos já vinham juntos do outro ano. Era só reclamação, suspensão. Eu passei três meses na escola com ele. A professora dizia que ele parecia um monstro e que eu precisava ver o que ele fazia. Eu não acreditava nisso. Depois que fui para a escola que entendi o que estava acontecendo. Uma vez a professora disse que ele tinha falado milhares de palavrões e ele tinha falado 'merda'. Outra vez, ela mandou um bilhete que ele tinha batido numa menina, voltado e chutado ela já no chão. Ele disse que derrubou a menina que estava com um prato de comida, ele empurrou ela, não chutou. Numa reunião, a professora falou que tinha um menino muito ignorante que aprendeu a bater no ponto fraco dos outros: 'no saco'. Ele disse que tinha sido ele, mas não tinha chutado no saco, e sim na coxa. Teve uma vez que fui falar com a diretora e ela disse que ali não era lugar para meu filho. Ele queria trocar de professora, mas a diretora dizia que o problema estava no meu filho e não na professora. Aí a professora me convidou pra ficar com ele na sala de aula. Aí eu fui entender o que estava acontecendo. Ninguém gostava dele, ninguém brincava com ele, ele começou a engordar porque comia três pratos de comida porque ninguém queria brincar com ele. Daí ele falava que era bom eu estar com ele na escola, dizia que as pessoas tratavam ele diferente quando eu estava lá. Melhorou, terminava as lições primeiro que os outros. Daí eu percebi que eles nunca brincavam com ele, era aluno novo explosivo. Eu sempre ensinei falar a verdade, que se falar a verdade não apanha. Hoje também é mesma coisa. Ele não tem paciência com as crianças. Até hoje é assim, se tratar bem, ele trata, mas se não tratar ele fica muito bravo.

Marizilda: *“E atualmente, como ele está na escola?”*

Marta: *“Atualmente, ele sempre foi assim, gosta de dar risada de tudo. No ano passado teve uma reclamação de que ele não termina a lição, ri de tudo. Se a professora dá atenção aos colegas, faz graça e tira a atenção dos colegas das lições. Eu não deixava ele ir no passeio da escola por causa do cocô. Ele nunca sai muito de casa.”*

Marizilda: *“O cocô acontecia na escola? Seria por isso que as crianças não gostavam dele?”*

Marta: *“Era muito difícil acontecer na escola, não era por isso. Na outra escola as crianças não gostavam dele porque a professora não gostava. As crianças bagunçavam por tudo. Achei a escola um absurdo. Tinha um menino que ele disse que chutou, colocou um lápis e um ferro assim e começou a lutar com outro, com a professora na sala.”*

Nesse discurso da mãe, novamente se percebe a mãe superprotetora, que se dispôs a passar três meses na escola para ajudar o filho. Durante todo seu relato, ela mostrou-se envolvida no episódio, criticando a falta de tato e de habilidade da professora para lidar com as crianças. Essa mãe que estava à minha frente em nada se parecia com a outra, que não manifestava nenhuma emoção com os graves acidentes sofridos por seu filho.

Além dessa constatação, foi possível visualizar João como um garoto fragilizado, com dificuldade para ser aceito pelo grupo, fato que supostamente teria desencadeado uma baixa auto-estima e uma grande carência afetiva.

Minhas hipóteses foram reforçadas pela continuidade do relato de Marta que descreveu João como um aluno que faz piadas durante as aulas, particularmente quando a professora está dando atenção à outra criança.

Marta: *“Atualmente, ele sempre foi assim, gosta de dar risada de tudo. No ano passado teve reclamação de que ele não termina a lição, ri de tudo. Se*

a professora dá atenção aos colegas, faz graça e tira atenção dos colegas das lições.”

Marta aludiu ainda às dificuldades de João em matemática e a seu relacionamento com o garoto.

Marizilda: “Você conversa com ele sobre isso?”

Marta: “Converso sim. Ele é muito carinhoso, daqueles que é até chato, gruda em mim. Tem preocupação comigo. No trem ele gosta muito de se mostrar e eu tenho medo que ele vá se mostrar andando com as pessoas erradas.”

Marizilda: “Você parece não confiar no seu filho, parece temer o que ele possa fazer.”

Marta:” É isso mesmo, eu tenho medo de drogas, eu converso sobre drogas. Às vezes ele olha as meninas no trem e diz ‘tenho vontade de bater tanto’, porque elas se exibem. Ele leva tudo pra brutalidade, o pai dele é tão diferente! Mas eu não sei se fica isolado na escola, ele fala muito de um amigo que este ano não está com ele, ele tem poucos amigos, por mais que tente fazer amigos.”

Algo começou a ser esclarecido no caso. Talvez fosse possível, a partir do crescimento do menino, que sua mãe sentisse necessidade de estar mais perto dele, por não confiar no que pudesse fazer. Parecia temer suas atitudes, seu comportamento, suas ações em geral. Existia algo nele que a ameaçava, fazia com que sentisse necessidade de protegê-lo, de contê-lo. O que seria? Aparentemente, tal necessidade não existiu quando o filho era pequeno: parou de amamentá-lo com um mês, deixando-o aos cuidados da filha, uma menina; despreocupada, deixou-o sozinho com um cachorro; além disso, o garoto envolvera-se em diversos acidentes. E havia mais: e os outros dois filhos? Trouxe-os para trabalhar perto dela ela.

Desconfiaria também do comportamento deles? Seria isso um tipo de vigilância em tempo integral?

Prosseguindo a entrevista, Marta comentou que João nunca sofreu nenhum tipo de cirurgia, desmaio ou doença, exceto catapora. Entretanto, relatou vários acidentes sofridos por João, dos quais dois foram graves.

Marta: *“Uma vez ele caiu em cima do cabo do guarda chuva. Meu marido ficou com ele. Quando cheguei ele estava dormindo, não percebi nada. No outro dia ele estava com o olho todo vermelho, era sangue puro, caiu em cima do cabo do guarda chuva e perdeu 80% da visão, pra sempre. Tinha que fazer mapeamento da retina e não consegui fazer. Ele passou muito tempo sem sair no sol. O médico pôs tampão no olho.”*

Marizilda: *“Quando você chegou, seu marido não te avisou sobre o que tinha acontecido?”*

Marta: *“Meu marido é muito sossegado demais. Só falou que ele tinha caído, mas não tinha machucado. Também quando ele tinha um ano e dois meses eu tenho uma laje no quintal, ele subiu e eu chamei ‘João’, ele me olhou e caiu. Eu precisei levar pro hospital, mas não deixei lá de novo. Uma outra vez, na frente da casa tinha um banco e um coleginha empurrou ele, ele caiu e quebrou o braço. Tinha um ano e meio. Também quando ele tinha dois ou três anos um colega bateu nele com um cabo de vassoura e cortou o supercílio. Depois disso só umas coisinhas pequenas.”*

Mais uma vez, episódios graves foram narrados sem emoção. João perdera 80% da visão em um olho e sua mãe não demonstra preocupação quanto às seqüelas do fato. As coisas não combinavam. Não parecia a mesma mãe que conversava tanto com o filho, que se preocupava com o uso de drogas.

Marta contou ainda que comemoram Natal e Páscoa, e que costumam ler revistas e assistir a televisão, embora ela não o faça com frequência. Atualmente, pensa em ir ao cinema, para assistir a um filme sobre Jesus Cristo.

A sessão chegava ao final e eu propus a Marta que nos encontrássemos mais uma vez, antes que eu visse João. Expliquei-lhe que precisava fazer mais uma entrevista para que pudesse entender melhor, as circunstâncias da vida de João. Esclareci que precisava compreender o que ela pensava, as coisas nas quais acreditava. Marta concordou e nos despedimos.

2.4. Quarta sessão com a mãe

A sessão teve início com o comentário da mãe a respeito de João ter evacuado na roupa durante os três dias em que ficaram em casa. Alegou que somente ela teve acesso ao fato, mandando-o tomar banho. Assinalei que ambos, ela e o garoto se tornam cúmplices nesses momentos e compartilham um segredo. Marta respondeu-me que prefere assim, pois impede que seu marido se aborreça, que o filho mais velho ridicularize João e que a filha fique brava, enfim, agindo desse modo, evita brigas. Disse a Marta que, de algum modo, nessas ocasiões seu filho fica próximo dela e é protegido por ela, o que pode gerar atitude recorrente. Ela argumentou que não havia pensado desse modo, mas que era provável que isso estivesse acontecendo. Pedi-lhe que refletisse a respeito para que retornássemos assunto em outro momento.

Ficou claro para mim que o sintoma de João se ligava à relação mãe-criança. Os dados que me faziam supor isso eram que João, em quase todas às vezes evacuava na roupa quando estava em casa, na presença da mãe; essa escondia a ocorrência dos demais familiares, protegendo João dos seus ataques. Estabelecia com João um pacto de aliança e segredo. Aquela mãe vinha oferecendo pistas de que, para se entender o que acontecia com João, era preciso entender em profundidade o significado que ambos atribuíam àquela relação. Eu havia apreendido algo, mas, ainda assim, era pouco...

A seguir iniciei a entrevista para compreensão da religiosidade. Sobre os dois primeiros temas, a aderência a uma religião e crença em Deus ou em algo superior, eu já sabia as respostas e só as confirmei, com a mãe. Em seguida perguntei-lhe sobre o que significava tal crença em sua vida e obtive como resposta, que só poderia me explicar de forma clara se me contasse sua vida toda. Disse-lhe que, se quisesse contar-me, eu estaria disponível para ouvi-la. Foi o que aconteceu.

Marta: “É que eu fui uma menina muito traumatizada. Acho que minha mãe não gostava muito de mim, ela sempre dizia para todo mundo que eu era feia, que só tinha o cabelo bonito. Todos diziam que eu era feia, que minhas irmãs eram bonitas e eu era feia. Eu não me lembro que idade eu tinha, só

sei que era bem pequena, não sei três ou quatro anos. Meu irmão veio para São Paulo e depois voltou para a roça. Aí ele me levava para o mato.”

Marizilda: “Como era isso?”

Marta: “Ele punha uma moeda dentro da caixa de fósforos e dizia que ia me dar. Me levava para o mato e punha o pênis e se masturbava, não chegava a pôr dentro. Isso aconteceu por muito tempo, até quando eu tinha 11 anos. Aí eu falei que se ele fizesse de novo eu ia contar para minha mãe e ele nunca mais fez. Acho que minha mãe sabia, acho que ela percebeu alguma coisa, mas naquele tempo não se falava sobre esse assunto. Ela sempre disse que eu era feia, não prestava para nada, era ruim.”

Marizilda: “Você contou isso a alguém?”

Marta: “Quando eu estava com 12 anos, minha irmã mais velha já tava em São Paulo e teve nenê e queria que alguém viesse da Bahia pra tomar conta do nenê e minha mãe não ia mandar minhas irmãs que ela gostava mais, a Solange, era o tempo todo Lange, Langinha, ela mandou eu. Essa minha irmã que eu fui, de São Paulo era muito ruim. Quando ela era pequena ela caiu num tacho de sabão, minha mãe falou para ela não ir lá que estava fazendo sabão, mas a vizinha chamou e disse que estava fazendo doce de leite, ela foi e não voltou pelo mesmo caminho e caiu no tacho de sabão. Ficou uma bolha só. Ela ficou revoltada, cresceu revoltada. Batia em todo mundo, quando a gente ficava sozinha com ela, ela judiava da gente batia muito... Mas na hora de ir para São Paulo eu não pensei nada disso. Eu queria ir. Quando eu cheguei para cuidar da filha dela, ela me batia muito, eu apanhava o dia inteiro, eu era meio rebelde também, mas ela me batia. Aí ela teve outro nenê e eu cuidava também. Mas como ela me batia, de dia eu batia

na menina dela para descontar. Um dia eu dei mamadeira para o bebê e não fiz ele arrotar e deitei ele, de propósito. Quando eu voltei, ele estava roxo, eu chamei minha outra irmã, que chamou minha irmã, que já veio com o carro pra levar o nenê para o hospital. Ela disse que, se o nenê dela morresse, ela ia me matar. Eu rezei muito para Deus não deixar ele morrer, eu fiquei com muito medo. O nenê não morreu. Aí ela me arranhou emprego em casa de família. A primeira que eu fui, eu fazia como na roça. Sabe, quando minha mãe mandava lavar a louça eu falava 'Che, tudo era Che'... reclamava, por que manda eu , só eu , por que não manda outra? Com a mulher eu fazia a mesma coisa, reclamava e quebrava toda a louça da mulher, ela não quis ficar comigo. Minha irmã arranhou outro. A mulher me tratava bem, ela tinha duas filhas e um quarto cheio de bonecas e eu só queria ficar com as bonecas. Aí ela não quis ficar comigo. Ela não quis mais ficar comigo porque eu não fazia o serviço, o serviço da casa, eu só ficava no quarto das bonecas, só queria brincar de boneca. Daí eu fui para outra casa, essa mulher me mandou embora, nessa casa eu cuidava de três crianças, mais a mulher era ruim, não me dava nem comida. Mesmo assim eu fiquei lá. Um dia eu ouvi ela falar no telefone pra minha tia, que tinha sumido um relógio e que eu tinha roubado. Daí eu falei pra ela que era só ela ter me perguntado onde estava o relógio, que eu sabia. Estava debaixo do abajur, eu mostrei pra ela, mesmo assim ela me despediu. Aí minha irmã me mandou de volta pro norte. Meu pai morava na roça e minha mãe morava na cidade. Eu preferi morar com meu pai na roça e aí eu arranhei um namorado. Eu nem gostava muito dele. Aí teve uma festa e fui eu, ele e meu irmão. De repente, meu irmão tinha ido embora e meu namorado foi comigo até perto do curral. Passaram umas

mulheres e viram e elas espalharam para a cidade inteira que eu tava transando com ele, mas eu não estava. No dia seguinte, a cidade inteira me olhava, todo mundo cochichava de mim. Eu tinha pena por causa do meu pai, que era tão bom. Minha mãe nem tanto. Daí eu fui pra cidade. Minha mãe não queria ficar comigo e mandou para casa de uma tia em Lagoinhas. A minha tia tinha uma filha e ela não me dava nem comida. Minha prima que repartia o prato dela comigo. Eu saía de casa de manhã cedo e passava o dia inteiro procurando emprego e não conseguia. Depois de muito tempo uma mulher me deu emprego. Eu fui trabalhar para cuidar dos filhos dela. Fazia tudo também. Só que aí, a mulher falou que tinha sumido coisa e que era eu que tinha roubado. De novo eu fui despedida, todo mundo na cidade falava de mim. Depois de um tempão, eu arranjei outro emprego e a mulher também falou que eu tinha roubado. Ela era advogada e o marido dela era juiz. Ela falou que ia me mandar prender, mas eu não tinha roubado. Aí minha tia me mandou de volta, mas eu não queria ficar mais na casa de minha mãe. Vim embora para São Paulo outra vez. Aí eu já tinha mais um irmão e uma irmã que moravam em São Paulo. Aí eu trabalhei em casa de família aqui em São Paulo também. Depois eu aluguei um quartinho e fui morar sozinha. Mas eu não tinha nem fogão. E meu marido morava do lado. Foi assim que eu conheci. E aí ele me chamava pra jantar na casa dele porque eu não tinha fogão. Eu fiquei grávida. Minha mãe veio pra cá ficou triste, mas aceitou. E aí eu resolvi casar com ele. Eu não gostava muito dele, mas resolvi casar. Aí, nasceu meu primeiro filho, que era menina e aí meu marido tinha uma amiga e nós construímos uma casa no terreno dela. Depois que a casa estava

construída, ela queria que a gente pagasse aluguel. Eu não queria. Larguei a casa lá e fui embora. Foi aí que fui morar na favela.

Eu já tinha dois filhos e fui morar lá. Eu tinha muito medo e vergonha. Todos os meus irmãos tinham uma casa simples, mas tinham e eu morava na favela e não tinha nada dentro do barraco. Um dia eu saí com as crianças, quando voltei o barraco tinha sido arrombado e era um cara que era bêbado, aí eu fiquei com mais medo e falei com meu marido que ali não ia ficar, todo mundo tinha casa e eu também queria ter. Aí eu fui com a cara e com a coragem e aluguei uma casa com a minha irmã. Era quatro cômodos, dois pra ela e dois pra mim. Nós juntamos dinheiro pra comprar terreno e construí uma casa, a nossa casa, pelo menos o bruto. Meu marido é muito correto e ficou sabendo de um terreno em Francisco Morato. Ele mandou eu buscar o dinheiro no banco, sei lá por que não deu cheque, mandou eu buscar o dinheiro no banco. Eu fui e minha filha gostava muito de maçã, tudo pra ela era maçã e tinha uma feira no bairro do Limão. Eu fui. Aí levei um golpe... Eu fiquei desesperada, chorei e entrei numa igreja rezando pra Deus fazer um milagre. Aí uma pessoa que estava lá disse que não adiantava chorar, que tinha que ir à polícia. Aí foi embora o sonho da casa própria. Aí nós juntamos o dinheiro de novo e apareceu o terreno em Francisco Morato, onde nós moramos. Fui ver o terreno e gostei. Aí nós tínhamos dinheiro na poupança, só que de novo ele mandou o dinheiro pra uma colega que ia dar para o outro colega que ia dar para o dono do terreno. Eu fiquei até com medo, demorou dois meses, mas deu certo. E a gente passava o fim de semana construindo. Foi nessa época que eu engravidei e não queria, eu tomava anticoncepcional,

só que nessa época eu não tinha dinheiro pra comprar por causa da construção, acabei engravidando.”

Marizilda: “E você já acreditava em Deus?”

Marta: “Não, Deus foi depois de João, por isso que eu tenho que contar toda minha história pra você entender. Eu era muito nervosa, batia muito nas crianças, era muito brava, eu era preguiçosa, só tinha vontade de assistir TV ou ir na vizinha , que a gente ficava conversando o dia inteiro, falando, falando... Uma vez era domingo e a minha vizinha disse pra eu ir no comício que ia ter pagode. Eu fui, teve o pagode e tinha um padre que cantava louvores, ele era muito bonito. Aí eu falei pra ela, “vamos na paróquia, vamos conhecer esse padre”. Eu fui na renovação carismática. Eu achei muito bonito. Dava a impressão que eu ia por causa do padre que era bonito, mas eu me sentia bem. Um dia o padre disse que ia ter uma missa na igreja de Santo Expedito, mas eu entendi São Benedito, que era perto da minha casa. Eu fui, mas o padre não estava lá. Na igreja só tinha uma senhora que estava com um terço na mão. Ela me perguntou se eu tinha vindo pra missa. Eu disse que tinha, mas eu tinha medo da mulher, por causa do que aconteceu. Ela segurou no meu braço e disse que Jesus me amava. Eu fiquei com medo, achei que ela era doida. Ela disse, que desse dia em diante, eu ia ser outra pessoa. Ela disse que eu tinha que receber a benção. Ela disse pra eu ir até a igreja que tinha a missa, eu fui até estúpida com ela e disse ‘você não tá vendo que não tem missa nenhuma’. Meu sapato era só preto naquela época, eu não conseguia usar outra cor, ficava na TV até sair do ar, trabalhava como manicure, o dinheiro que ganhava gastava todo em sorvete. Se eu ganhasse uma caixa de chocolate dava um para meus filhos e comia o resto sozinha. A

mulher falava ‘você só usa sapato preto, né’? Ela falava cada coisa! Ela me levou na igreja Coração de Jesus. Chegando lá tinha dois ministros e dois padres. Depois fomos pra Santo Expedito e eu tinha medo de ter gente na igreja e que as pessoas pensassem que eu estava falando sozinha, até àquela hora eu não tinha certeza que aquela mulher existia mesmo. Mas aí falaram com ela e eu fiquei mais aliviada, por ver que ela existia. Eu estava louca para chegar em casa e ver meus filhos, ver se eles estavam lá... No dia seguinte, amanheci diferente, mais calma. Mas mesmo assim eu ia na igreja e o desenho do chão da igreja parecia só pênis, você sabe, o desenho no chão parecia um monte de pênis e eu pensava ‘como eu posso vim aqui se eu fico vendo isso?’ Com o tempo eu perdi aquilo, pedi a Deus que me libertasse daquilo. Eu fiquei dez dias sem comer, nem água. A partir desse dia não assisti mais TV, não tomei mais sorvete. Hoje eu assisto TV, mas não posso assistir porque eu fico muito nervosa, eu participo daquelas coisas lá.”

Marizilda: “Me explica melhor o que acontece quando você fica nervosa?”

Marta: “Eu fico tremendo, parece que tô lá... As novelas, eu entendo muito disso. Sei o que está acontecendo. Sei o rolo que está. Daquela época eu não assisti mais TV. É igual à pessoa que é alcoólatra, tem um grupo na igreja. Eles falam que faz dez, vinte anos que tão sóbrios, mas não falam que não são alcoólatras. É o vício. Ele sabe que tem dez ou vinte anos que não bebe, mas tem que evitar o primeiro gole. É igual.”

Marizilda: “Então, se você voltar a ver TV volta a ser como antes: Misturar as coisas da sua vida com as coisas da TV, não cuidar dos seus filhos, comer muito sorvete, não saber se aquilo que você vê é real, ver muitos pênis nos desenhos dos pisos da igreja, é isso?”

Marta: *“Tudo é permitido, mas nem tudo me convém. Hoje eu acho que a TV é um vício, me faz mal. Hoje eu não quero ser do jeito que era antes. Há um lado meu que não quer viver mais aquela vida, tem um lado meu que é um lado fraco.”*

Marizilda: *“A religião ajudou você a controlar o lado fraco.”*

Marta: *“Há um ditado na bíblia que diz ‘conhecereis a verdade e a verdade vos libertará’. A gente tem que saber entre o que é bom e o que é ruim. Até minha família diz ‘a Marta pensa que é dona da verdade, acha que tudo é pecado.’”*

Marizilda: *“Tudo isso aconteceu depois que o João nasceu, né?”*

Marta: *“Sim, João foi o que teve uma infância melhor. Minha filha foi quase mãe dele, não desgrudava dele. Era questão de segundos, você não podia ficar 12/14 horas por dia olhando ele. Num segundo ele corria e se machucava. Ele foi o mais bem esperado, quando nasceu tinha uma pessoa pra ficar comigo. João nunca apanhou, minha filha diz que ele é o protegido.”*

Marizilda: *“Você acha isso?”*

Marta: *“Foi, ele foi mais protegido, mas todo mundo gostava dele, dançava, ele era muito esperto.”*

Marizilda: *“Resumindo o que você me disse, parece que sua crença, a religião representa um papel fundamental na sua vida, parece que é a religião que fez de você uma pessoa diferente e parece que é ela que dá as ferramentas para você conduzir sua vida.”*

Marta: *“É, é isso, acho que você entendeu.”*

Minha sensação, por todo esse relato, era como se eu tivesse rompido uma barreira que estava represada há anos. Foi como se uma enxurrada invadissem aquele ambiente tornando impossível qualquer interrupção. Logo no início da narração da cliente, tentei fazer uma intervenção de esclarecimento e foi como se ela nem tivesse notado. Continuou sua história, fato que me fez perceber que nenhuma intervenção seria possível, até o momento em que fosse autorizada.

Continuando, Marta me relatou que suas crenças são vividas na família e que todos freqüentam a igreja, embora atualmente, em razão do trabalho, essa freqüência tenha diminuído. Disse que João vai à catequese, para onde, muitas vezes, tem preguiça de ir. Contou que João pede a ajuda de Deus para solucionar seus problemas.

Indagada a respeito de sua fé, relatou que essa se modificou ao longo do tempo: quando era pequena, sua mãe, católica, a obrigava ir à missa. Ela lhe obedecia, mas aquilo não fazia sentido para ela. Hoje faz.

Marta: “Antes eu era católica porque minha mãe era, ela era muito católica. Ela mandava a gente ir à igreja e a gente ia. Agora não, eu vou porque eu quero, eu entendi as coisas, conheci a verdade”.

Quanto ao fato de rezar ou de meditar, Marta disse que faz isso sempre, em diferentes circunstâncias.

Marta: “Eu tenho, eu rezo, leio a Bíblia, faço orações. Por exemplo, eu rezo pelo João, porque eu acho que a escola hoje é o pior lugar pra se ficar.

O João é muito metido, está sempre querendo se mostrar. A reclamação é essa. Se a professora briga, ele ri. No trem vai de pé envernizando às meninas, mexe com uma, põe apelido na outra. Por isso eu rezo por ele. Acho que tudo tá nas mãos de Deus e Ele pode ajudar. Quando rezo fico mais calma, menos preocupada.”

Marta faz um relato um tanto confuso, quando se refere a questões como nascimento, vida e morte.

Marta: “Hoje como eu não estou participando muito, só vou à missa. Eu trabalho com muita gente, pai de santo, espírita, que pela Bíblia eu vejo que tá errado. Ultimamente eu estou me sentindo fraca. Como meu pai, ele tá nas últimas, com câncer. Eu me questionava muito com Deus, por que ele tem que passa por isso. Minha mãe faleceu, mas foi de uma hora para outra. Meu pai não. Pra mim ficou difícil, minhas irmãs, como não vão na igreja, fica me cobrando muito que se eu pedisse a Deus acontecia um milagre. Quando eu ficava em casa e ia mais à igreja eu sabia dize coisas boas para as pessoas. Hoje eu não sei mais. Como isso que tá acontecendo com meu pai. Os médicos acham um milagre porque ele tem câncer no estômago e não tem dor, minhas irmãs falam que são minhas orações. Tenho medo de que ele venha a sofrer, e aí eu me sinta estranha, minhas orações. Eu não queria que ele sofresse”.

Marizilda: “Se entendi bem, a religião ajuda você a entender melhor a vida e a morte. Mas, como você está um pouco distante dela esse entendimento fica mais difícil, tanto para você quanto para você falar com sua família”.

Marta: “Você entende muito bem o que eu falo, está sendo muito bom vim aqui e falar de tudo isso”.

A mãe referiu que foi na mesma época em que se tornou mais religiosa que João começou a evacuar na roupa; entretanto não consegue estabelecer nenhuma ligação entre os dois fatos. Acrescentou ainda que transmite os ensinamentos religiosos para os filhos, que muitas vezes fala com eles citando salmos e provérbios, e acredita que João entende seus ensinamentos.

Marta: “Sim, eu te falei que o João põe Deus até pra ir no passeio da escola. Ele entende que tem que fazer o bem e que Deus ama a gente e faz tudo pra gente. A gente tem que rezar.”

Perguntei a Marta se queria falar algo mais sobre o tema religiosidade e ela me disse que não. A sessão foi encerrada.

A entrevista sobre religiosidade me permitiu entender muitas coisas a respeito da vida de Marta. Ampliou significativamente o conhecimento acerca das características familiares de João, sendo essa uma condição de possibilidade para a realização de um Psicodiagnóstico Interventivo de abordagem Fenomenológico-Existencial.

Pude perceber que o fato de serem católicos carismáticos conforta a ambos, mãe e criança. Foi possível notar a sensação de amparo e proteção depositada na filiação religiosa. Marta não se sente só, apesar das agruras da vida. João também não. Acreditam que a intervenção divina pode solucionar os problemas.

Para Marta, a função da religião em sua vida é sustentar, inibir um lado de sua personalidade que considera “fraco”, inadequado, ruim. A religião parece exercer a função inibidora de seus “vícios” (sente-se como uma alcoolatra), sobre os quais anteriormente não tinha o menor controle. Isso ficou claro em diferentes momentos de sua história: ainda pequena quando sofreu abuso por parte do irmão; posteriormente, nos recorrentes episódios em que foi acusada de roubo; na época em que “batia em seus sobrinhos porque sua irmã batia nela”; quando não fez com que seu sobrinho arrotasse, “*de propósito*”, fato que quase provocou a morte do

sobrinho. Esse último episódio pareceu provocar-lhe medo, culpa, angústia e necessidade de reparação, levando-a a rezar *“muito a Deus para não deixar ele morrer”*. A história se repete, quando, mais tarde, já moça, casou-se com o marido sem muito afeto, ou quando, sem se preocupar com os outros, passou a ter uma vida em que só buscava prazeres: assistir a programas de televisão, conversar com sua amiga, sem se preocupar com a limpeza da casa ou ainda, sem manifestar sentimento por seus familiares. A lista continua: como mãe, quando não se preocupava com os filhos, negava-lhes sorvetes e doces, mesmo sabendo que eram coisas de que eles gostavam, para poder consumi-las sozinha, *“no escondido”*.

Marta sofreu uma transformação, após se converter. Essa transformação repercutiu em diferentes dimensões de sua vida. Passou a ser, de mãe pouco atenta, pouco comprometida com o bem-estar dos filhos, a mãe cuidadora e preocupada; de esposa descuidada e displicente a esposa atenciosa e dedicada; de dona de casa desorganizada a dona de casa esmerada e prestimosa; de mulher ociosa e “preguiçosa” a mulher trabalhadora. Em outras palavras, deixou de ser a mãe que “negava sorvete aos filhos” e passou a ser aquela que os alimentava adequadamente; deixou de ser a esposa que “ia atrás do padre por achá-lo bonito” para ser a esposa que se esforçava para “atender seu marido”; deixou de ter uma casa da qual “tinha vergonha” e passou a ter uma casa limpa e arrumada, da qual se orgulhava; deixou de ser a mulher que “só assistia à televisão” para ser a mulher que ganhava a vida e ajudava no sustento da casa. Isso, de certo modo, mudou o modo como via a si mesma.

Sua fé foi sendo desenvolvida ao longo do tempo e era vivida em seus relacionamentos. Em seu relato ficou perceptível que sua família possuía uma tradição religiosa católica e que ela fora criada por ótica. Em diferentes momentos, falou sobre a fé religiosa de sua mãe. Referiu-se também ao fato de que, quando criança, freqüentava a missa, não por vontade própria, mas porque era obrigada a fazê-lo. Apesar disso, nos vários episódios ao longo de sua vida em que se sentiu ameaçada, recorreu a “Deus” como fonte de alívio para suas dores. Mas, até então, Deus só era lembrado nessas circunstâncias. Existia a fé, mas, talvez, uma fé “herdada”, não “apropriada”. “Essa fé se modifica a partir do encontro com uma pessoa que “praticamente a convence” de que sua vida pode mudar caso “creia”. Nesse momento, parece que sua vida religiosa se transforma. Ela associa essa

mudança em sua fé, com algo positivo que lhe permitiu entender melhor o mundo e suas relações.

Minha compreensão em relação a tais fatos é de que Marta tinha um autoconceito muito ruim que foi sendo construído desde pequena, a partir do episódio com o irmão e das falas pejorativas da mãe a seu respeito. Não se achava digna ou merecedora de ser amada pelas pessoas em virtude do que adotava condutas de rebeldia e impulsividade que acabavam referendando o que já pensava de si própria. Sua vida foi transcorrendo, assim, com a sensação de que não era uma boa filha, não era uma boa pessoa, não era uma boa mãe. A adesão religiosa permitiu que ela ressignificasse esse olhar para consigo mesma. Se até aquele momento não se sentia capaz de ser amada por alguém, a partir de sua conversão isso foi possível, porque “Deus a amava” e era capaz de perdoar-lhe todos os pecados cometidos, desde que se transformasse numa outra pessoa. Marta teve sua dignidade resgatada, sentiu-se novamente uma pessoa plena de possibilidades.

Entretanto, essa mudança teve um custo. Marta passou a evitar situações que a pusessem em risco, que a fizessem fraquejar em seus propósitos. Esse é o caso dos programas de TV, aos quais prefere não assistir para não ceder à tentação. Define-se como uma alcoólatra que não pode dar o primeiro gole, pois recairia no vício. É visível, portanto, que tal transformação teve um alto custo.

A pergunta que vem a seguir é como toda essa compreensão de Marta pode me auxiliar a entender João. Onde e como João se coloca em tudo isso?

Posso assinalar, em princípio, dois aspectos centrais e inferir algumas novas pistas.

Em primeiro lugar, eu já sabia porque a mãe tão preocupada de hoje não se parecia com aquela bem mais desleixada do passado.

De fato, os quatro primeiros anos de vida de João tinham sido vividos com “poucos cuidados”, pouca atenção por parte da figura materna, que não se mostrava disponível para essa tarefa naquela época. Esse fato justifica tantos acidentes graves. Outra coisa era interessante a esse respeito, era que mesmo tendo se transformado, segundo suas próprias palavras, Marta ao se referir a esses acidentes do passado, o fazia sem emoção, como se ainda estivesse vivendo naquele tempo. Isso me fazia pensar que aquele lado “ruim”, “fraco”, ainda estava presente, apenas estava represado. Marta tinha razão!

Outra circunstância observada e que foi expressa pela própria mãe é que o sintoma apresentado por João apareceu na mesma época em que ela se converteu. É possível sugerir a hipótese de que “quando a mãe se torna supostamente melhor, João se torna supostamente pior”. É como se, de alguma forma, Marta e João estabelecessem, a partir daquela época, um relacionamento tão intenso e íntimo que João passa a manifestar o lado negativo que sua mãe estava fazendo tanto esforço para conter. Isso justificaria o fato de protegê-lo tanto, de ser cúmplice dele quando, defecava na roupa, de estabelecer com ele uma aliança, de manter um segredo.

Além disso, outras possibilidades de compreensão e investigação haviam se aberto para mim. João apresentava um sintoma de uma criança bem pequena, um sintoma que era peculiar em crianças com extrema dependência da figura materna. Caso fosse verdade que ambos mantinham um estreito e profundo relacionamento, qual era à parte da mãe na manutenção desse sintoma? Se João não se percebia, não se importava em fazer algo próprio de criança pequena, o que acontecia com sua mãe? Ela também preferiria que João se mantivesse pequeno? Por quê? Teria algo a ver com suas crenças religiosas? Alguma coisa me dizia que sim. O que seria?

A partir desse momento tornou-se claro para mim que eu deveria investigar como João se percebia, se ele realmente estava fixado a um determinado período de desenvolvimento. Passei então a definir meus próximos passos. Iniciaria por uma sessão livre, com caixa lúdica. Embora João já tivesse 12 anos e os brinquedos da caixa supostamente pudessem não mais interessar a garotos desta faixa etária, considereei que era uma boa oportunidade de avaliar a reação do menino diante de um material tão regressivo.

Nesse caso, a compreensão da religiosidade da mãe me havia feito entender vários aspectos, o que me lembra um outro caso atendido. Trata-se de uma menina de seis anos de idade, sobre quem as queixas eram de que havia se tornado rebelde após a separação dos pais, desobedecia à mãe, mantinha com ela um relacionamento distante, evitava falar sobre a separação do casal, voltava para casa doente (febre, náuseas, problemas intestinais) após passar o final de semana com o pai. Durante os atendimentos com mãe, pai e criança, surgiram-me várias dúvidas, enquanto tentava compreender o que acontecia. Apesar de saber que a separação dos pais era algo doloroso para a criança, eu não encontrava um fio condutor que pudesse justificar aqueles sintomas, nem tampouco os pais conseguiam achar em

sua experiência as correlações necessárias. Foi pelas das informações obtidas na entrevista sobre a religiosidade que o conflito pôde ser iluminado e compreendido. Após a separação, tanto a mãe quanto o pai tinham novos parceiros e a menina se dava bem com ambos, madrasta e padrasto. Entretanto, as famílias recém-constituídas professavam religiões diferentes e a garota seguia as duas: Evangélica Universal do Reino de Deus e Testemunhas de Jeová. As crenças decorrentes das duas religiões eram diferentes. Um exemplo disso era que, na religião da mãe, Testemunhas de Jeová, não era permitido comemorar aniversários, não podia haver festa ou bolo e doces. Já na religião do pai, evangélica, isso era esperado e reforçado. Ocorre que a garota ia para a casa do pai, comemorava seu aniversário, mas não podia contar para a mãe, pois temia ser censurada e perder seu amor. Sentia-se impura, indigna. Esse é um dos vários aspectos ligados à religião, por que a criança sentia-se em conflito e desenvolvia sentimentos ambivalentes.

Esses fatos provavelmente não seriam conhecidos, não fosse a entrevista sobre a religiosidade, pois os pais não tinham consciência dos sentimentos da menina e a mãe desconhecia o que acontecia na casa de seu ex-marido, na medida em que esta nada lhe revelava.

Após esse recorte, voltemos ao caso João.

2.5. Primeira sessão com João

A primeira sessão com João foi de observação lúdica e não havia, portanto, nenhum procedimento estruturado. A sala de atendimento continha somente uma mesa e duas cadeiras. A caixa lúdica estava sobre a mesa, encostada na parede. Dentro dela existiam brinquedos, como: bonecos da família, jogo de damas, varetas, quebra-cabeça, mico, bonecos da família, material gráfico, carrinhos, revólver, bola, massa para modelar, mobiliário de sala e quarto, painéis.

Ao buscar João na recepção me deparei com um garoto alto, forte, que aparentava mais que sua idade, doze anos. Tinha aparência descuidada.

Logo que João entrou na sala de atendimento eu me apresentei, defini dias e horários em que nos encontraríamos, certifiquei-me de que ele sabia quem eu era e o que fazia um psicólogo. Tratei então de alicerçar uma aliança entre nós, deixando claro que só seríamos bem sucedidos em nossa empreitada se ele achasse que isso era possível e se pudesse confiar em mim. João pareceu compreender o que eu dizia e senti que podia perguntar-lhe diretamente sobre a queixa trazida pela sua mãe.

João confirmou o que sua mãe havia dito, alegando não ter nenhuma percepção do que estava ocorrendo quando evacuava na roupa.

João: “É. Eu fico brincando e fazendo alguma coisa e não percebo. Não percebo mesmo.”

Marizilda: “Me explica João, me dá um exemplo de um dia que isto aconteceu.”

João: “Humm... Outro dia, eu tava jogando videogame e fiquei, aí minha mãe chegou e falou: ‘você fez, vai já pro banheiro’. Eu fui e tinha feito.”

João negou qualquer sensação ou percepção que fosse sugestiva, ou que lhe indicasse de algum modo que deveria ir ao banheiro.

Minha sensação era de que o menino podia falar sobre o assunto de forma aberta, em nenhum momento ele me pareceu constrangido ou intimidado frente às minhas perguntas ou da abordagem do assunto.

Após essas apresentações iniciais eu informei a João que faríamos atividades variadas durante o tempo em que estivéssemos juntos, e que naquele dia eu havia trazido uma caixa que continha brinquedos e que ele poderia usá-la como quisesse. João prontamente abriu a caixa. Na superfície havia um jogo de varetas, que ele pegou sem explorar o interior da caixa. A seguir, convidou-me para jogar e estabeleceu as regras do jogo, a meu pedido.

João: “Vamos jogar?”

Marizilda: “Vamos. Me diz como que se joga.”

João: “É assim, a gente joga os palitos e tem que tirar sem mexer o outro.

Cada um vale um ponto, vamos ler.

(João começa a ler com alguma dificuldade).

“João: O verde vale cinco pontos, o vermelho 10, o amarelo 15, o azul 20 e o preto 50. Vamos jogar?”

Marizilda: “Vamos.”

João: “Quem joga os palito?”

Marizilda: “Pode jogar.”

(João joga os palitos)

João: “Quem começa”?

Marizilda: “Você quer começar?”

João: “Vamos tirar par ou ímpar.”

Marizilda: “Eu quero par.”

João: “Eu sou ímpar. Um, dois, três e já! Ímpar, eu ganhei.”

(Risos)

Marizilda: “Começa.”

Minha expectativa era que João fosse se comportar como um garoto que quisesse ganhar a qualquer preço e, logo de início, eu percebi que, pelo menos ali,

isso não estava acontecendo. Dei-lhe a ele a oportunidade de jogar as varetas e ele aceitou. Quando novamente permiti que ele comesse o jogo, recuou, preferindo decidir isso por uma disputa.

Durante o jogo, João manteve-se atento e concentrado, acatou todas as regras por ele propostas, mostrando-me conhecer a lei e saber a maneira supostamente correta de se apresentar em situações desconhecidas. Entendi tal comportamento como uma forma cautelosa de se relacionar com os outros e de ser aceito.

João: “Eu mexi?”

Marizilda: “Eu não vi, acho que não.”

João: “Humm..., agora mexi, é você.”

O jogo transcorreu normalmente, até que, em determinado momento, João alterou uma regra. Essa alteração, entretanto, era algo que favorecia a ambos, a ele e a mim.

João: “É melhor a gente fazer assim, quando mexe a gente tira o que mexeu.”

Marizilda: “Como é? O que a gente mexeu a gente tira?”

João: “É. Só falta pouco. Acabei, vamos contar, acho que você ganhou.”

João mostrava uma competitividade socializada e um grande envolvimento com o jogo. Estava satisfeito com nossa disputa.

João manifestou grande dificuldade para contar os pontos e foi necessária minha interferência para que essa se realizasse a contento.

João: “Cento e quarenta e cinco, cento e ... cinqüenta e não, sessenta , tá certo?”

Marizilda: “São 165, o azul vale 20, né?”

João: “É. 175, 180, agora, 185...”

Marizilda: “Mas, o amarelo não vale 15?”

João: “Vale.”

Marizilda: “Então não são 185?”

João: “Ah, é 195, 200, 205, acabou. Fiz 205, e você?”

João manifestou dificuldade para fazer cálculos, para somar. Perguntei-me como seria isso na escola, já que estava aprendendo matérias mais complexas e não sabia efetuar corretamente as operações básicas.

João perdeu o jogo e me propôs recomeçarmos.

João: “Não falei? Você ganhou. Vamos jogar de novo?”

Marizilda: “Vamos.”

João: “Agora você joga.”

Marizilda: “Tá bom.”

João: “Par.”

Marizilda: “Impar.”

João: “Seis, par, ganhei! Tudo o contrário da outra vez.”

Marizilda: “Acho que você quer dizer que desta vez você vai ganhar.”

João: “Não sei, né?”

Marizilda: “Você não gostou de perder, mas não me pareceu que ficou bravo por causa disso.”

João: “Não fiquei mesmo, só fico com vontade de ganhar dessa vez. Agora tá difícil, acho que eu vou por baixo. Eh! Não deu, mexi.”

(Risos)

Marizilda: “Minha vez. Nossa tá difícil mesmo. Acho que eu vou tirar esse daqui, olhando aqui, ele parece estar solto. Ih! Não estava solto nada, errei.”

João: “Agora eu.”

(Silêncio)

Marizilda: “Dessa vez você pegou muitos.”

João: “Mas será que você ainda tem mais?”

Marizilda: “Acho que não.”

João: “É, eu tenho o preto e ele vale mais, vale 50 né? Por isso que eu fiz aquela manobra pra tirar o preto. Quem tira o preto ganha.”

Marizilda: “Será que é sempre assim?”

João: “Sempre, sempre, não. Mas quem tem o preto quase sempre ganha. Mexi.”

Marizilda: “Agora ficou fácil pra mim, você tirou o que estava em cima. Fácil nada, olha o que eu fiz, mexi.”

João: “Ficou fácil pra mim agora, eh... igual você, mexi, é melhor a gente não falar que tá fácil, não dá certo.”

Marizilda: “Errei.”

João: “Vou acabar. Acabei.”

(Começamos a contar os pontos e novamente João demora e, demonstrando muita dificuldade começa a contar em voz alta)

João: “75, 80, não, 90, 95, 105, não, cento e ... 110, 15, 115, 120, cento e ... 130, não, 135, 150, não, 40, não, 50, 155, e ... quanto era mesmo?”

Marizilda: “155.”

João: “Ah! é 155, com mais 15... cento e ... 170, mais 20, cento e ... , 190, 195.”

Marizilda: *“Acho que está errado João, você já tinha 190 com mais 15...”*

João: *“Ah! É, 190 mais quinze, 200, 205, né?”*

(Balanço a cabeça afirmativamente)

João: *“210, 220, 230, 240, 250, 260, 270...”*

(João passa a contar os palitos verdes de dois em dois)

João: *“280, 290, 300, 310, 320, 330, 340, 340, e você?”*

Marizilda: *“200, você ganhou.”*

Toda essa seqüência confirmou a dificuldade de João para fazer cálculos, mas chamou-me a atenção o fato de João aceitar com tanta naturalidade a frustração da perda. Essa não era uma realidade compatível com aquela trazida pela mãe. Ao contrário, Marta havia dito que João não suportava perder e os fatos de ter poucos amigos e a grande dificuldade de mantê-los estavam relacionados a isso.

Eram duas as hipóteses para o assunto que eu compartilharia com a mãe, assim que possível: a primeira era que talvez João tivesse agido desse modo por não me conhecer bem, talvez tudo fosse diferente quando me conhecesse melhor. A segunda era o fato de que a competição, com garotos da mesma idade, pudesse trazer mais ameaça do que a competição com uma pessoa mais velha, como era meu caso. De qualquer maneira, o episódio mostrava que João era conhecedor de regras e capaz de se controlar e que, se não o fazia em algumas ocasiões, isso deveria estar relacionado ao ambiente em que vivia. A seguir, João pediu-me para jogar novamente, mas como isso não era possível por falta de tempo, sugeri a ele uma inversão no atendimento: se sua mãe estivesse de acordo, eu o atenderia na semana seguinte e postergaria o atendimento a ela.

João concordou e nos despedimos.

2.6. Segunda sessão com João

João entrou na sala de atendimento e nos cumprimentamos. Em seguida, sem que nada lhe fosse perguntado, João informou-me que havia evacuado na roupa durante a semana. Eu repeti para ele o que havia dito.

Tive a impressão de que João estava ansioso e angustiado com o fato. Não sei se temia que eu me aborrecesse com ele em virtude do ocorrido, se temia decepcionar-me, se me pedia ajuda ou se todas essas alternativas se acumulavam.

Optei pela objetividade, ou seja, que não havia nada de orgânico que justificasse sua falta de controle, mas, ao mesmo tempo, quis mostrar que estava ao lado dele, acontecesse o que acontecesse. Enfatizei que esse não era mais um problema só dele, agora, tratava-se de um problema nosso, portanto, deveríamos fazer esforços para resolvê-lo. Quis também aliviá-lo de qualquer peso, culpa ou da obrigação de obter uma resposta positiva para dar-me.

Marizilda: “Tem alguma coisa que você queira me falar?”

João: “Só que eu não consegui perceber nada e aconteceu de novo.”

Marizilda: “Você está me contando que não conseguiu perceber quando estava com vontade de fazer cocô e que fez de novo durante essa semana?”

João: “É.”

Marizilda: “João, sua mãe me falou que levou você a vários médicos, foram feitos vários exames e que nada foi encontrado. Então, nós dois precisamos juntos compreender o que está acontecendo. Se nessa semana você não conseguiu perceber nada, não faz mal. Nós vamos tentar novamente. Fique tranquilo, em algum momento você vai perceber alguma coisa.”

João: “Tá bom.”

Essas pontuações pareceram surtir efeito.

O assunto abordado a seguir foi à escola, sendo que João disse achar a escola “chata”, acrescentando que trabalhava e que gostava do seu trabalho, já que ganhava dinheiro, fato que lhe possibilitava a aquisição de objetos que lhe davam grande satisfação.

Após esse início de sessão, ofereci a caixa para João que novamente pegou o jogo de varetas e pediu-me que jogasse com ele.

João quis jogar varetas novamente e eu entendi que isso ocorreu em função da busca de uma situação conhecida, à qual ele atribuíra um sentido positivo, portanto, revivê-la seria algo agradável. Além disso, situações que envolviam disputa pareciam mobilizá-lo.

Começamos a jogar e a partida transcorreu do mesmo modo que na semana anterior. No decorrer dela, João falou-me sobre seu irmão e sua desconfiança de que esse não gostava dele, relatando que também sentia o mesmo por ele.

João fez essa afirmação denotando certo pesar, como se tivesse clareza a respeito da situação, mas desejasse algo diferente.

João: “Minha irmã é legal, mas meu irmão, não. Ele só briga comigo, ele passa perto de mim e já me bate, ele parece que não gosta de mim.”

Marizilda: “Você acha isso?”

João:” Acho.”

Marizilda: “E você?”

João: “O quê?”

Marizilda: “Como você se sente em relação a seu irmão?”

João: “Eu também não gosto muito dele. Você errou.”

O jogo prosseguiu e, no momento da contagem dos pontos, revelou-se a mesma dificuldade para fazer cálculos. Entretanto, percebi que João imitou o modo como contei as varetas, separando-as por cores primeiro. Entendi esse fato como uma forma de João mostrar que havia feito vínculo comigo e, mais, parecia-me que essa era uma forma de dizer que confiava em mim e que considerava que aquilo que eu dizia ou fazia era algo digno de credibilidade.

Demos continuidade ao jogo e João, durante todo o tempo, queria saber quantas varetas eu tinha, comparando-as às suas.

João: “Você já tem um monte...”

Marizilda: “Você também tem bastante.”

João: “Você tem mais.”

Marizilda: “Você fica o tempo todo controlando o jogo, quantas varetas eu tenho...”

João: “É lógico, é um jogo, um vai ter que ganhar e outro que perder. Mexi.”

Percebi que o menino queria ter o controle do jogo e que estava sempre tentando verificar se estava ganhando. Apesar disso, em nenhum momento mostrou-se irritadiço ou intolerante e, ganhando ou perdendo, manteve sempre o bom humor e a atitude cordial.

As partidas se sucederam sempre do mesmo modo, sem que houvesse alterações na atitude de João. Sua ansiedade e frustração perante situações de perda não haviam aparecido naquela situação. Por quê? Decidi que compartilharia essas impressões com Marta, para que pudéssemos juntas encontrar alguma explicação para o ocorrido.

Finalizando a sessão, avisei João de que faria uma visita a sua casa, ou melhor, disse que combinaria um horário adequado para toda a família e que depois o informaria. Pedi sua opinião ou se queria dizer algo a respeito. João me disse que não queria fazer nenhum comentário.

João: “Tudo.”

Marizilda: “João, eu vou marcar com sua mãe uma visita a sua casa. Vou lá visitar vocês. O que você acha disso?”

João: “Nada.”

Marizilda: “Você não tem nenhum comentário a fazer sobre isso?”

João: “Não.”

Marizilda: *“Então, eu vou marcar uma data com sua mãe e depois te aviso.”*

João: *“Tá.”*

Marizilda: *“A gente se encontra de novo daqui a quinze dias.”*

João: *“Tá.”*

Marizilda: *“Tchau.”*

João: *“Tchau.”*

A leitura desse final de sessão poderá dar a impressão de que a atitude de João foi de oposição ou defesa à visita domiciliar, entretanto esse não foi meu sentimento. Entendi que João não questionava a visita, aceitava-a.

Assim, a sessão foi encerrada.

2.7.Quinta sessão com a mãe

Iniciei a sessão, combinando com Marta data e horário da visita domiciliar. Perguntei-lhe sobre a escola, ou melhor, sobre um possível contato para que pudesse marcar a visita escolar. Como Marta não tivesse o número do telefone naquele momento, combinamos que ela me daria essa informação naquela mesma semana, por contato telefônico.

Em seguida, estimei o tempo que levaria para terminar o psicodiagnóstico e comecei a trabalhar com Marta um possível encaminhamento de João, fora do CPA.

Eu acreditava que a dificuldade de João estava relacionada com sua mãe. Presumia que havia algo nessa relação que mantinha João regredido para que sua mãe pudesse levar a vida da maneira como vinha fazendo nos últimos oito anos, após sua conversão religiosa. Desde que havia feito a entrevista sobre a religiosidade, sabia que a história de vida de Marta e sua conversão religiosa relacionavam-se com a encoprese de João. Eu ainda não havia completado meu quebra-cabeça, mas aquelas peças estavam ali, só precisavam ser corretamente justapostas.

Desse modo, era claro para mim, que João e sua mãe precisavam de um acompanhamento psicológico mais longo e João necessitava de um vínculo duradouro, de uma pessoa em quem pudesse confiar e que continuasse com ele por certo período de tempo, sem interrupções. Por essa razão, acreditava que o CPA não seria uma boa escolha para dar continuidade ao atendimento, já que esse ficava sujeito ao calendário escolar e à mudança de terapeuta. Achei que deveria trabalhar esse fato com Marta e com João, já que ambos estavam vinculados a mim e ao atendimento na clínica de modo geral.

Perguntei a Marta se havia algo que quisesse me contar, e ela discorreu sobre a irritabilidade de João, seu nervosismo e sua dificuldade para perder quando jogava com amigos ou com seu irmão. Perguntei-lhe se havia acontecido algo que justificasse a exacerbação desses comportamentos. Marta então me contou que João havia sido demitido do emprego.

Marta: *“Eu acho que foi porque ele perdeu o emprego, foi mandado embora. Sabe o que é, ele brinca muito, não leva nada a sério, é muito criança e acho que o dono não gostou do comportamento dele e mandou embora. Quer dizer, não foi bem assim. O João tinha me falado que toda vez que ele ia atender alguém, o dono passava na frente e atendia ele primeiro e eu comecei a achar que ele não estava contente com o João lá. Eu te falei que o dono é o mesmo dono do salão lá que eu trabalho. Daí, eu conversei com ele e falei que se ele não estava contente com o João ele podia mandar ele embora que eu não ia ficar brava, nem ia mudar nada no meu trabalho de manicure no salão. Aí ele me falou que era isso, que João não estava atendendo direito os clientes, que só queria saber de ficar brincando e jogando videogame e que era melhor ele ir embora. Aí nem foi ele que falou com o João, fui eu. O João ficou muito triste, acho que ele se sentiu inferior. Também ele tinha comprado videogame, celular e não tinha mais o dinheiro para pagar. Ele ficou chateado. Acho que isso fez ele ficar pior.”*

Marizilda: *“E com relação ao cocô? Também piorou?”*

Marta: *“Acho que está igual. Quer dizer, na outra semana ele fez três vezes, na semana passada acho que fez uma vez só. Não sei, acho que isso não piorou não.”*

Foi possível perceber que Marta se antecipou aos acontecimentos. Ela foi conversar com seu patrão, ela conversou com João, foi praticamente Marta quem “mandou João embora de seu trabalho”. Não houve oportunidade para que o dono do salão conversasse com João ou para que esse se defrontasse com os próprios erros e, eventualmente, tivesse a possibilidade de revertê-los. Ao mesmo tempo em que havia algo de protetor naquela mãe, havia também uma rigidez, um radicalismo

que era paralisante. Eu ainda não sabia exatamente o que era, mas sentia que estava chegando perto, muito perto.

Em seguida, Marta voltou a falar sobre a desconfiança que tem em relação ao comportamento de seu filho, sobre como imagina que ele é capaz de cometer falhas que julga graves, tais como usar drogas, e mostrou também como está disposta a interferir na vida do garoto para que isso não ocorra.

Marizilda: *“Além disso, tem alguma outra coisa que você queira me falar?”*

Marta: *“O resto é tudo igual mesmo. Agora mesmo, eu queria que ele viesse comigo pro salão de manhã, ficava lá e depois ia de lá para a escola. Mas ele não quer, disse que não quer ficar no salão sem fazer nada até a hora de ir pra escola. Ele que ir pra escola só na hora da escola. Mas eu não queria, tenho medo, tenho medo do jeito dele.”*

Marizilda: *“Como assim, do jeito dele?”*

Marta: *“Eu não confio nele, ele conversa com todo mundo, outro dia ele quis ir embora do salão sozinho, antes de mim. Eu não queria, mas acabei deixando. Olha, eu fui embora do salão, cheguei em casa e ele ainda não tinha chegado. Saí pra rua, pra procurar e aí ele vinha chegando. Eu perguntei onde ele tava e disse que tava conversando com um homem ali perto. Eu fico com medo do jeito dele. Às vezes eu acho que vou tirar ele da escola antes da hora.”*

Marizilda: *“Você não confia nele, acha que ele pode ter algum comportamento inadequado, que vai contra aquilo em que você acredita. O que seria exatamente?”*

Marta: *“Eu tenho medo que ele possa se envolver com drogas, ele parece que não se percebe, não percebe os outros, não sei.”*

Marizilda: *“Você acha que ele é muito infantil?”*

Marta: *“Não, infantil, acho que não. Porque você vê, pra umas coisas ele pode ser infantil, mas outras ele tem pensamento de adulto, que ganhar seu próprio dinheiro, compra celular, é tudo coisa de adulto.”*

Era a segunda vez que Marta me descrevia o comportamento de seu filho, que eu entendia como um comportamento infantilizado, devolvia a ela essa percepção, com a qual ela não concordava. O fato é que desconfiava do filho, mas não porque fosse infantil ou ingênuo e pudesse ser levado por outras pessoas a ter atitudes com as quais ela não concordava. Marta me deixava claro que suas razões não eram essas, mas, ao mesmo tempo, parecia relutar em me dizer o que pensava.

Eu prossegui na tentativa de entender o significado que ela atribuíra a seus temores, e a que estavam associados. Perguntei-lhe sua opinião sobre João, por que desconfiava tanto dele.

Marizilda: *“Então, o que é?”*

Marta: *“Não sei, é que quando começa a crescer a gente começa a ficar preocupada. Quem cresce peca, é pecador.”*

Marizilda: *“Como é isso?”*

Marta: *“Não sei direito, é uma coisa que eu acho, preciso pensa melhor e depois eu te falo, tá?”*

Marizilda: *“De algum modo, parece que tudo isso tem a ver com a sua religião, suas crenças; eu fiquei com essa impressão desde que eu te perguntei sobre sua religião e você me contou a história de sua vida.”*

Marta: *“Eu acho que tem, mas eu preciso pensar, filhos que crescem...”*

Marizilda: *“Tá bom, mas seus outros filhos também estão crescidos...”*

Marta: *“E também me dão trabalho e preocupação. Você vê, minha filha tem 19 anos e fica parada lá naquele salão, ela podia fazer coisa melhor do que se*

manicure. Todo mundo fala que ela é bonita, e não é porque é minha filha, ela é muito bonitinha mesmo. Mas é insegura, não sai de lá, não faz nada. Eu falo pra ela, vai estudar, ela terminou o terceiro colegial, mas não sabe o que fazer, não sabe o que estudar, não sabe procurar outro trabalho. Ela que precisava estar aqui, eu já falei pra ela que ela precisa de psicólogo.”

Marizilda: “Se você quiser, se ela quiser, pode inscrevê-la aqui. É só dar o nome, telefone e endereço na recepção que depois ela será chamada pra triagem. Mas é melhor você falar com ela antes, o atendimento só funciona se a pessoa quiser, não adianta só você querer, ela também tem que querer. Você falou da sua filha; e o seu filho?”

Marta: “Ele também já deu trabalho, com quinze anos eu dei uma surra nele. Mas depois melhorou. Hoje na escola não dá trabalho. Ele tem 17 anos. No salão, ele também trabalha no salão, é cabeleireiro. Só que tem dia que não quer ir trabalhar, eu tenho que ficar brigando.”

Marizilda: “Você trouxe os três pra trabalharem junto de você...”

Marta: “É.”

Marizilda: “Você acha que, estando por perto, pode vigiar melhor o comportamento deles?”

Marta: “Não sei, eu nunca pensei assim...”

Marizilda: “Veja, Marta, não adianta você tirar o João da escola, porque você não vai conseguir controlar todos os lugares que ele vai. Nós temos é que pensar de que modo podemos ajudá-lo a amadurecer e se responsabilizar pelas coisas que faz. Ganhar mais maturidade.”

Marta: “É...”

Marizilda: “Você parece meio insegura em relação ao que eu disse... Você não concorda com isso?”

Marta: “Não é isso, é que é difícil ver os filhos crescerem... A gente não sabe direito o que fazer... Mas, no fundo, eu sei que você tem razão, acho que é uma coisa minha, acho que é por tudo que eu passei na vida...”

Marizilda: “Você quer falar um pouco sobre isso?”

Marta: “Eu sofri muito, eu já te falei, quando eu era pequena minha mãe sempre me falava que eu era feia e eu sempre me achei feia, ela dizia que a única coisa que eu tinha de bonito era o cabelo e eu vejo minha filha que é bonita, não é por ser minha filha, mas todas as freguesas falam que ela é bonita e não aproveita isso, não vai à luta, não consegue fazer nada e eu fico falando com ela, mas não adianta nada. O João é a mesma coisa, eu fico falando com ele, sobre fazer cocô, sobre esse jeito dele falar com todo mundo, e também não adianta nada...”

Marizilda: “Você parece estar sem esperança, desanimada...”

Marta: “Não, eu tenho esperança porque eu tenho fé em Deus e sei que quando a gente tem ele no coração a gente não fica desamparada. Mas é que tem vezes na vida que tudo fica difícil. Você vê, meu marido não ajuda em nada, ele está surdo e não consegue ouvir e participar, nem me ajudar...”

Marizilda: “Você parece estar se sentindo pressionada, com um peso grande sobre os ombros, sozinha para resolver as coisas...”

Marta: “Você sabe que, desde que eu venho aqui e posso falar de tudo isso, eu me sinto mais aliviada, eu sei que o atendimento não é meu só, que é para o João principalmente, mas mesmo assim eu me sinto bem melhor.”

Marta havia sinalizado o que estava acontecendo, ou melhor, ela confirmou e completou o que eu já havia percebido anteriormente. Ela cresceu com um autoconceito negativo. Inicialmente, achava-se feia e o mundo lhe confirmava isso. Cresceu revoltada, sentindo-se impura, incapaz. Viveu durante muito tempo se sentido culpada. Sua revolta perante as desigualdades da vida foi crescendo e Marta passou a cometer pequenos delitos, que nada mais eram do que “arrancar com as próprias mãos” o que a vida havia lhe negado. Entretanto, Marta era proveniente de uma família católica, que julgava as pessoas a partir de rigorosos preceitos. Sentia-se pecadora, incapaz de ser amada ou perdoada. Foi assim que Marta cresceu, se tornou mulher e depois mãe. Mas, ainda assim, não se sentia digna de nada disso. Foi à religião, foi sua conversão que a fez sentir-se novamente em paz, a religião foi sua libertação, foi à possibilidade de ressignificar sua existência, de poder, de fato, ser esposa e exercer a maternidade. De algum modo, Marta havia associado o crescimento ao pecado. Em sua história, quanto mais crescia, mais pecava. Era isso! Marta não queria que seus filhos crescessem, nenhum deles. Trouxe todos para trabalhar com ela. Não permitia que se afastassem dela, não confiava neles. Reconhecia neles aquele seu lado “fraco”, que somente a religião tinha sido capaz de conter. Particularmente em João, talvez por ser o caçula. Com ele, isso acontecia com mais força e João expressava seu lado “fraco” mediante seu cocô. Essa situação tinha dois lados. Um deles era que, por mais que sua mãe o vigiasse, ele lhe escapava e escapava exatamente porque denunciava que havia algo que, por muito que quisesse e tentasse, ela não conseguia controlar. O outro lado era que, ao defecar na roupa João se mantinha criança e isso era o que agradava à mãe e supostamente fazia com que lhe desse seu amor.

Apesar de ter tido essa compreensão consegui compartilhá-la com Marta naquele momento. Ela pareceu-me relutante, como se precisasse de mais tempo para que o assunto fosse abordado. Talvez eu também precisasse de mais tempo para conversar sobre isso. Optei então por dar a devolutiva sobre as duas sessões que tinha feito com João.

Abordei dois temas: a timidez inicial de João e o fato de suportar perdas, o que contrariava o relato da mãe. Marta explicou-me que ele estava com medo de vir ao atendimento psicológico, o que talvez pudesse justificar sua timidez. Ao mesmo tempo, disse-me que ele não se irritou comigo pelo fato de ter ganhado, porque me

conhecia há pouco tempo. Observei a Marta que, mesmo assim, isso significava que ele era capaz de controlar-se e que também conhecia as regras de convivência social.

Marizilda: *“Eu queria agora contar pra você como eu vi o João nos dois encontros que eu tive com ele. João me pareceu um menino um pouco cauteloso para iniciar um novo relacionamento, ou seja, eu achei que no início ficou um pouco tímido, mas isso não combina com o que você me contou sobre ele. O que você acha?”*

Marta: *“Eu acho que é porque ele estava com medo de vir aqui e com medo de você e também porque ele sabia que estava aqui por causa de fazer cocô e ficava com vergonha. Porque isso que você falou deve ter acontecido só no primeiro dia, não foi? Depois não aconteceu mais, não é? É porque antes de vir aqui, ele não queria vim, ele falava: ‘mãe, porque eu preciso de psicólogo, eu não sou louco’, e a minha filha também quando eu falo pra ela procurar psicólogo ela diz que não é louca e aí eu digo que psicólogo não trata de louco, que eu mesmo me sinto muito bem quando venho aqui. Acho que foi por isso.”*

Marizilda: *“Acho que você deve ter razão, porque isso aconteceu só inicialmente, depois ele se mostrou um garoto que consegue estabelecer relacionamentos. Uma outra coisa me chamou a atenção, você sempre diz que ele não suporta situações que envolvam perdas, sejam elas uma perda de emprego, uma perda no jogo etc... Aqui, comigo, isso não apareceu, ele se mostrou capaz de aceitar perder e também de aceitar a vitória do outro. Você sabe o que pode ter acontecido para ele se mostrar assim?”*

Marta: *Eu acho que é porque ele ainda não conhece você direito, então ele não ia ficar bravo e gritar com você, logo de cara assim...*

Marizilda: *“Pode ser...”*

Marta: *“Se bem que, quando ele sai daqui, ele não sai bravo, pelo contrário, ele sai contente, porque eu não te falei né? Ele está gostando de vir aqui, parece que sai daqui até mais animado. Agora, não sei por que ele não fica bravo aqui.”*

Marizilda: *“De qualquer modo, isso nos faz ver que ele é um menino que conhece as regras, os limites. Pode ser que, às vezes, ele não obedeça às regras, como acontece às vezes na sua casa, mas ele conhece as regras e é capaz de cumpri-las, de obedecer de acordo com o ambiente em que ele está.”*

Marta: *“É, acho que sim.”*

Marizilda: *“Então, Marta, nós precisamos entender também o que acontece ao redor dele quando ele fica nervoso, briga etc.”*

Marta: *“Como assim?”*

Marizilda: *“Por exemplo, quando ele irrita a irmã até ela não agüentar mais e ela tem de chamar você, o que será que ele está querendo com isso?”*

Marta: *“Acho que ele quer irritar ela mesmo, mas também ele quer chamar minha atenção, de qualquer jeito. Ele é muito grudado comigo e eu, que sei disso, quando eu quero dar um castigo pra ele, eu dou desprezo pra ele, porque sei que assim ele sente, é o castigo que mais dói pra ele.”*

Marizilda: *“Como é dar desprezo pra ele?”*

Marta: “É assim, eu não falo com ele, não olho pra ele, ignoro. Às vezes dá até pena, ele até chora, mas é o único jeito dele sossegar, senão ninguém agüenta.”

Marizilda: “De algum jeito, você está me dizendo que seu filho precisa chamar sua atenção a qualquer preço, mesmo que o preço seja seu desprezo.”

Marta: “Eu acho que sim.”

Marizilda: “Você pode pensar em alguma coisa pra mudar isso? Esse tipo de relacionamento entre vocês dois, parece que não está ajudando nem você nem ele.”

Marta: “Não sei. Só se eu não for lá e deixar que os dois se resolvam?...”

Marta: “Acho que sim. É como se ele quisesse minha atenção pelas coisas erradas que ele faz, é como na escola, se não faz a lição ou faz de qualquer jeito, eu tenho que ir lá, apagar ou rasgar a página e mandar ele fazer de novo. De um jeito ou de outro ele tem minha atenção, meu tempo, meu nervoso, mas tem ele.”

Prossegui, fazendo observações em relação à adequada coordenação viso-motora fina de João e à dificuldade para realizar cálculos.

Marizilda: “Já que você tocou na escola, tem duas observações que eu gostaria de fazer. Uma é que ele tem uma boa coordenação viso-motora fina. Sabe o que é?”

Marta: “É das mãos?”

Marizilda: “É. Ele tem habilidade com as mãos, é capaz de fazer movimentos finos e delicados, o que ajuda bastante na escola.”

Marta: “Mas na escola também ele está indo muito mal. Outro dia veio o boletim dele e estava tudo ruim e ele tinha dito que só estava mal em matemática porque ele não gosta e porque as professoras não sabem ensinar direito. Mas, que nada, ele está ruim em tudo. Veio uma prova de matemática que ele respondeu todas as questões, não deixou nada em branco, só que respondeu tudo zero, zero, zero, zero, zero, é assim. Aí eu dei castigo pra ele, fiquei sem falar com ele, ele até chorou...”

A mãe insistia no fato de que o aproveitamento escolar de João era melhor anteriormente. Ela dizia que antes, João sabia fazer contas e que também nesse aspecto havia regredido. Tudo isso me fazia supor que João estivesse atuando como uma criança de menor idade, tanto do ponto de vista afetivo-emocional como do ponto de vista intelectual.

Retomei com Marta questões referentes às consultas médicas que João fizera e ela informou-me que João havia consultado um neurologista e um médico de outra especialidade, que, pela descrição, era um proctologista que foi quem encaminhou João ao serviço psicológico. Acrescentou ainda que João vai regularmente ao oftalmologista.

Por fim, disse a ela que João não havia se mostrado um garoto curioso durante nossos encontros, ao que respondeu que ele era sim, um menino curioso, e mais uma vez, atribuiu sua atitude ao fato de não me conhecer bem e de precisar mostrar um comportamento que considerasse socialmente aceito.

Como o tempo estivesse esgotado, encerrei a sessão.

Essa sessão, aliada à avaliação da religiosidade, possibilitou-me alinhar os dados obtidos sobre o caso. Foi exatamente nela que tudo se juntou, e as

informações obtidas durante a avaliação da religiosidade tiveram grande mérito nisso.

Ao me debruçar sobre esse caso para a elaboração deste estudo, remeti-me a outros casos atendidos, em que a compreensão da religiosidade do cliente teve função igualmente importante.

Um deles refere-se a um garoto de dez anos, cuja queixa era de nervosismo e agressividade. A mãe relatou que o menino havia sido adotado aos cinco meses. Contou que tentou engravidar, sem sucesso, e que uma prima a avisou de que havia uma criança, em Minas Gerais, que carecia de cuidados maternos e de uma família, e desse modo foi feita à adoção. O menino cresceu e teve um desenvolvimento dentro do esperado para sua idade. Ao chegar à idade escolar, por volta dos sete anos, segundo o relato da mãe, tornou-se nervoso e agressivo, tanto na escola quanto em casa, embora não tivesse nenhuma dificuldade de aprendizagem. A mãe relatou ainda, que o garoto não gostava de ficar em casa; ao contrário, preferia ficar na casa de sua avó materna. Ao obter essa informação, procurei pesquisar como eram as relações da criança com as figuras parentais. A mãe retratava relacionamento familiar um pouco tenso em alguns momentos, mostrava-se compreensiva em relação ao menino, embora admitisse que anteriormente havia perdido a paciência com ele, devido a seu comportamento. Quanto ao pai, apresentava-o como uma pessoa severa, cujo relacionamento com o garoto era mais conturbado. Ao ouvir isso, minha tendência foi de atribuir o nervosismo e a agressividade do garoto ao relacionamento familiar. Tentei trabalhar, com a mãe, uma maior flexibilização e diálogo no trato com a criança. Contudo, a entrevista sobre a religiosidade permitiu compreender que a família era de

religião evangélica e que as crenças decorrentes dessa adesão religiosa não permitiam o uso da televisão, de jogos, de músicas que não fossem evangélicas. A mãe relatou também que o garoto pedia para ter televisão e que sua insistência a esse respeito gerava conflitos que muitas vezes culminavam em punição por parte do pai. Alegou, quando indagada a respeito, que na casa de sua mãe havia TV. Segundo ela, seu marido era uma pessoa que levava os “ensinamentos bíblicos ao pé da letra”, e por isso trazia sempre uma vara a seu lado, pois havia uma escritura que dizia que os filhos tinham de ser corrigidos, punidos com ela. Quando o menino foi consultado a respeito do aspecto religioso, mostrou que se sentia excluído na escola por não possuir determinados objetos, nem de participar de conversas e atividades, porque elas eram proibidas pelos pais por conta de sua religião, fato que desencadeava grande revolta nele. Essa criança escreveu, em certo momento do atendimento que as “únicas coisas que não faria quando crescesse eram ser evangélico e ir à igreja”.

Também nesse atendimento, a entrevista sobre a religiosidade me fez compreender que o aspecto religioso estava intrinsecamente ligado às dificuldades nas relações familiares.

Voltemos

ao

caso

João.

2.8. Terceira sessão com João

João entrou na sala e cumprimentamo-nos. Perguntei-lhe como havia passado aqueles dias e o garoto imediatamente falou-me que tinha evacuado na roupa.

Minha atitude foi de ouvi-lo, de indagar sobre a frequência com que isto havia acontecido, sem dar demasiado valor ao assunto. Informei-o sobre a visita domiciliar e ele me disse que achava “legal” (sic) eu ir até sua casa.

Naquele dia eu havia pensado em fazer uma atividade mais estruturada, ou seja, o teste desenho-história de Walter Trinca. Desse modo, propus a João que fizesse um desenho, apresentando-lhe folha de papel sulfite, lápis preto e lápis de cor.

João desenhou uma casa sobre montanhas, sendo que esta só tinha uma janela e não havia porta. De cada lado da casa havia uma árvore, à esquerda da qual havia uma flor e à direita havia duas flores.

Após a realização do desenho, pedi-lhe que contasse uma história, pedido ao qual João se recusou, alegando que não saber contar histórias. Mesmo sendo estimulado, o garoto não contou nenhuma história, limitando-se a descrever o desenho.

Aceitei sua recusa e perguntei-lhe se era possível fazer outro desenho. João respondeu afirmativamente, fez algumas perguntas a respeito e iniciou o desenho.

João: “Precisa ser grande?”

Marizilda: “Não, pode ser do jeito que você quiser.”

João: “Eu preciso pensar pra contar uma história, eu preciso pensar antes, pensar no que vou desenhar.”

(Inicia e vira a folha. Permanece em silêncio enquanto desenha.)

João: “Pode ser uma história que já existe?”

Marizilda: “Seria melhor uma história sua.”

João: “Mas não pode ser uma história que já existe?”

Marizilda: “Você é quem sabe.”

(Desenha.)

O desenho consistia em uma árvore, que tomava a folha toda, da base até o alto, chegando a encostar-se a uma das sete nuvens ali desenhadas. A árvore não tinha copa e galhos saiam de suas laterais. Ao lado direito da árvore, na parte inferior, a figura de um menino de pequeno tamanho.

Notei que havia alguma resistência de João em executar o desenho. Entretanto, havia disciplina, uma necessidade de fazer um bom desenho, de fazer tudo corretamente.

Foi possível notar que a produção gráfica de João era bastante infantilizada e incompatível com sua idade cronológica. Os desenhos tinham poucos detalhes, o que parecia sugerir pobreza de conteúdos, referências e capacidade de elaboração.

João: “O nome da história é João pé de feijão.”

Marizilda: “Então me conta.”

João: “Era uma vez que um menininho e a mãe dele não tinha comida em casa, eu acho. Aí a mãe dele falou pra ele vender a vaca pra comprar alguma coisa de comida. Ele comprou feijão e a mãe dele jogou no chão e cresceu

um pé de feijão até as nuvem. Ele subiu na árvore e achou um castelo que tinha um gigante. Ele entrou no castelo e achou muito ouro, mas o gigante não deixou ele levar. Ele teve que fugir. Ele fugiu com o ouro e chegou na casa dele.”

Marizilda: “E depois?”

João: “Depois ele viveu com a mãe dele, rico e feliz pra sempre.”

Marizilda: “Tem mais alguma coisa sobre o João que você possa me contar? Como ele era, por exemplo?”

João: “Ele era legal, gostava da mãe dele e queria dar tudo de bom pra ela.”

Marizilda: “Mais alguma coisa?”

João: “Não.”

João reproduziu uma história já existente, o que me fez, em princípio, pensar que o garoto não queria se expor, que tinha dificuldade em se apresentar e em se relacionar com os outros de forma mais profunda. Entretanto, apesar de ser uma reprodução, era possível notar que havia identificação de João com o personagem da história, que ele vibrava com o fato de a história ter um final satisfatório e de o bem vencer o mal. Isso vinha corroborar o que eu já havia percebido anteriormente a respeito do comportamento regredido do garoto, ou melhor, de como ele vive suas experiências de forma regredida. João parecia perceber a vida de forma fantasiosa, evidenciava pensamentos mágicos em relação à solução de problemas. Nesse sentido, distanciava-se da realidade, criando um mundo mítico e infantil, no qual tudo dá certo.

Outro aspecto que saltou aos olhos foi à relação forte entre João e a mãe e sua necessidade de agradar-lhe, fazer coisas boas para ela, de satisfazê-la de maneira plena e total.

Em seguida, sugeri ao menino que fizesse novo desenho. Comentou sobre os desenhos e histórias que pensava fazer e entre os citados, optou por desenhar os três porquinhos e relatar a história correspondente.

O desenho consistia em três porquinhos que pareciam pessoas com um nariz grande. Estavam localizados no canto inferior esquerdo da folha.

João: *“Um porquinho era muito preguiçoso, o outro só gostava de tocar a flauta dele. O outro era bem esperto e gostava de trabalhar e depois tocar flauta. A mãe dele estava quase morrendo e mandou cada um fazer uma casa. O mais preguiçoso fez uma casa de palha. Depois ele chamou o outro pra brincar. Os dois foram chamar o mais esperto pra brincar. Aí ele falou que depois quando terminasse ele ia. O lobo mau e cada um foi pra casa dele. Primeiro o lobo mau foi pra casa do preguiçoso e disse: ‘Se você não abrir essa porta eu vou soprar até derrubar’ e assoprou e derrubou. Aí ele foi pra casa de madeira e berrou: ‘Se você não abrir esta porta eu vou assoprar até derrubar’. Assoprou e derrubou. Aí ele foi pra de tijolo, a do esperto. Assoprou, assoprou e não derrubou. Tentou entrar pela chaminé e o porquinho pôs um balde de água quente e o lobo caiu em cima, foi embora e eles brincaram”.*

Marizilda: *“Qual dos três você acha mais legal?”*

João: *“O esperto.”*

Marizilda: *“Porque?”*

João: *“Porque ele sabe a hora de trabalhar e de brincar.”*

Marizilda: *“E você Também sabe a hora de trabalhar e brincar?”*

João: *“Às vezes eu sou que nem aquele que só quer tocar flauta...”*

Marizilda: *“E isso te atrapalha?”*

João: *“Claro, né?”*

Marizilda: *“Porque?”*

João: *“Porque sim.”*

Novamente o mesmo caráter regredido e fantasioso. Havia naquela história como na anterior, uma visão maniqueísta do mundo, pela qual as pessoas, ou eram totalmente boas, ou eram totalmente más. As histórias escolhidas por ele eram moralistas, cuja mensagem principal era que o bem vencia o mal e que, se o indivíduo fosse “bom”, dirigisse sua vida a partir de atributos como esforço, determinação, retidão de conduta, ele seria recompensado e viveria feliz. Os que não trilhassem esse caminho seriam punidos, receberiam um castigo por terem se desviado do “caminho certo”. A idéia de recompensa e punição estava muito presente nessa história e, articulando-a ao meu conhecimento anterior sobre a mãe de João, particularmente aquele obtido a pela entrevista sobre a religiosidade, entendi que o comportamento de João, de modo geral, estava impregnado de conceitos religiosos como o de ser bom para ser premiado e ganhar o reino dos céus, evitar o mal, o pecado, para não ser punido.

Essa visão do mundo e da vida parecia gerar um conflito, pois João nem sempre conseguia ser “bom, esforçado”; ao contrário, muitas vezes buscava o prazer, o que produzia nele um sentimento de inadequação, de ser impuro e temia

o castigo, a punição que pudesse advir disso. Nesse sentido parecia revelar sentimentos semelhantes aos da mãe quando esta era pequena. Talvez fosse exatamente isso que ela reconhecia nele e que tanto parecia temer. Era possível que, ao ver João, visse seu próprio reflexo.

Solicitei que João fizesse um novo desenho. Ele disse que estava com dificuldade para pensar em algo, porém, não era o desenho que o afligia, era pensar em uma história que fosse compatível com o desenho. Sugeri que, ao contar a história, o fizesse como se estivesse fazendo uma redação na escola, e que poderia pensar em uma história qualquer. João fez o desenho e depois contou a história. O desenho consistia num castelo localizado no canto esquerdo inferior da folha e quatro árvores distribuídas no restante da parte inferior da folha.

João: “Aqui é um castelo, conta à história. O rei falou que ele ia sair e ia deixar um dos filhos no trono. Ele falou assim: ‘Vai ficar no trono quem casar com a mulher mais bonita e me der o presente mais bonito’. O primeiro casou com uma mulher bem bonita, o segundo casou com uma mulher bem feia. Aí o primeiro beijou a mulher bonita e o segundo beijou a mulher feia e quando ele beijou, ela virou princesa. Depois foi para os presentes. A primeira deu um colar de ouro e a outra deu um pano de ouro. Aí o rei falou que não tinha como escolher porque as duas eram bonitas e ele colocou os dois no trono e as duas eram princesas.”

Marizilda: “Nessa história tudo deu certo...”

João: “É.”

Marizilda: “Você pensa assim também, que tudo vai dar certo e as coisas vão se resolver?”

João: “Eu penso.”

A característica marcante em todas as histórias, inclusive nessa, era a ingenuidade, a infantilidade presentes nelas. Nessa, especificamente, até o conflito foi abolido, o que me fez pensar na dificuldade de João para lidar com situações dúbias ou conflituosas, ou situações que envolvem perdas. Fiquei pensando se João entendia a perda como uma punição e, por isso, tendia a evitar situações nas quais tivesse contato com elas.

Um novo desenho foi solicitado a João, que relutou um pouco. Era perceptível que o que o afligia não era desenhar, era contar a história. Por isso, informei-o de que poderia fazer a história como se estivesse construindo uma redação. Contudo essa observação não modificou a situação.

João resolveu desenhar a Chapeuzinho Vermelho. Anteriormente já manifestara o desejo de fazer tal desenho, do que havia desistido.

A Chapeuzinho Vermelho que surgiu não parecia uma mulher, suas características eram masculinas. Estava localizada no canto inferior esquerdo da folha.

João: “Já. Parece o saci pererê, mas é a Chapeuzinho.”

Marizilda: “Ta, me conta.”

João: “Era uma vez uma menininha. A mãe dela mandou levar a cesta de comida pra vó dela. Aí ela foi pelo caminho, o mais difícil. Aí o lobo mau foi atrás dela e foi pelo caminho mais curto. Escondeu a vó dela dentro do armário e se fingiu que era a avó dela. Aí a menininha chegou lá e falou:’ por

que esse nariz tão grande?’ A vó respondeu: ‘Pra te cheirar melhor’. ‘Por que essa boca tão grande?’ e o lobo respondeu ‘Pra te comer’. Saiu correndo e viu a vó gritando dentro do armário. Tirou a vó de lá. As duas saíram correndo, chegou o caçador e matou o lobo.”

Marizilda: “De novo dá tudo certo na história. O bem vence o mal.”

João: “O bem é de Deus e o mal é do diabo.”

Marizilda: “Mas, às vezes, as pessoas são legais e em determinados momentos fazem coisas que não são legais. Às vezes as pessoas erram.”

João: “Quem faz coisa errada não é de Deus.”

Marizilda: “Quem é que você conhece que faz coisa errada?”

João: “Não sei, só sei que criança não faz coisa errada.”

Marizilda: “A criança é de Deus, então.”

João: “É.”

Eu tinha juntado quase todas as minhas peças, meu quebra-cabeça estava praticamente pronto.

Como as histórias se repetiam e tinham praticamente a mesma matriz, resolvi compartilhar com João o que estava pensando. Apesar disso, fiquei muito surpresa com sua resposta, pois não esperava que essas coisas estivessem tão claras para ele e que tivesse a possibilidade de falar tão abertamente sobre elas. Disse a João que ele parecia viver num mundo em que tudo dava certo, num conto de fadas onde o bem sempre vencia o mal. João me respondeu que o bem era de Deus e o mal, do diabo. Apontei a ele que as pessoas erram, mesmo sendo boas pessoas. O garoto, visivelmente perturbado, me disse que quem “erra não é de Deus”. Sua fala me afetou e tentei aprofundar-me um pouco mais no tema, indagando quem ele conhecia que costumava “errar”. João, com o semblante tenso e fechado, disse-me que não sabia, só o que tinha certeza era que as crianças não cometiam faltas e eram, portanto, de Deus.

Então era isso! João não queria, ou não podia, crescer, queria ser bom, não queria pecar, e os adultos pecam. “As crianças são de Deus e não fazem coisa errada”, tudo que uma criança fizer será perdoado. Isso agradaria à mãe, e eu já percebera que ele queria “dar tudo a ela”, dar o que havia de melhor nele e seu melhor era continuar pequeno, pois desse modo, não correria risco de cometer atos que pudessem ser reprovados pela mãe e por Deus.

Outra vez reminiscências! Um outro caso me vem à mente.

Tratava-se de uma menina de seis anos. Os pais haviam se separado e construído novas famílias. Desse modo, a garota passava a semana com a mãe e os finais de semana com o pai. Quando da visita ao pai, ficava grande parte do tempo com as avó e tia paternas.

A queixa era de que a menina estava bastante tensa após a separação dos pais e que havia provocado desavenças com o filho de seu padrasto, fato que fez com que esse, juntamente com sua mãe, decidissem de que as duas crianças não deveriam mais se encontrar. Segundo a mãe, a menina sentiu-se culpada e responsável por tal situação, e seu nervosismo e irritabilidade se intensificaram. Durante os encontros com a criança, ela fez um desenho, que consistia em um céu azul, do qual saía uma mão bastante grande. Sobre este desenho disse que sua mãe a havia deixado no teatro sozinha e que estava com muito medo e adormeceu. Sonhou que “uma mão” saía do céu e dizia que ia levá-la. Relatou que ficou com muito medo, mas que depois identificou que a mão era de Jesus Cristo, que ele queria ajudá-la. Mesmo assim, comentou que havia ficado com muito medo, pois ele queria levá-la e, apesar de saber que ele é bom ela não queria ir com ele.

A entrevista sobre religiosidade ajudou a elucidar o caso. Por ela pude constatar que a criança freqüentava três cultos: Católico, Nazareno e Evangélico, com o pai, com a mãe e com a tia, respectivamente. Segundo a mãe, no culto evangélico, ficava na recreação para crianças e fazia as atividades propostas. Uma delas era circular a figura do “bem” dentre as apresentadas: uma fada, uma bruxa e Jesus Cristo. Após essa atividade, ao voltar para casa, a menina fazia muitas perguntas tais como se era verdade que a fada era do “mal”, como lhe haviam dito, pois havia aprendido com a mãe, com a literatura infantil e por filmes que as fadas são “pessoas boas”. Durante a avaliação da religiosidade foi se tornando claro o modo como as crenças e explicações decorrentes das várias religiões professadas

estavam confundindo a menina e contribuindo para seus temores, ansiedades e angústias. A noção de pecado era bastante enfatizada e a menina sentia-se “pecadora” e a cada travessura, pedia perdão, dizia que ia melhorar, que se esforçava para ter um comportamento melhor, mas que não conseguia. Seu comportamento estava impregnado por conceitos religiosos que pais, tia e avó lhe transmitiam, os quais ela não conseguia compreender. Até o fato de sua mãe dizer que Jesus Cristo cuidaria dela era causa de temor, tal era sua dificuldade em entender as diferentes demandas religiosas.

Novamente pensando no caso João...

2.9. Visita domiciliar

Quando cheguei à casa de João, ele e sua mãe me esperavam no portão. Assim que me viram, vieram em minha direção e cumprimentamo-nos. A casa é um sobrado com grades altas e com cadeado no portão. No mesmo terreno há mais três casas, de estilos diferentes.

João e a mãe me conduziram para dentro da casa, onde estava a irmã de João, Margarida. Seu pai e seu irmão não estavam presentes.

Marta, logo de início, apresentou-me a filha *“essa é a minha filha que eu te falei”*. Sentamo-nos na sala, composta por um sofá de três lugares e por uma poltrona de um lugar, uma mesinha lateral sobre cujo tampo havia um porta-retrato com uma foto de João, ainda bebê, no colo de Marta, além de vários papéis. Encostado à outra parede havia um móvel que parecia ser uma camiseira com várias gavetas, sobre a qual havia uma televisão, um vídeocassete, uma gravura de um santo, um quadrinho de Jesus iluminado por uma vela, caderno e outros objetos, que davam um aspecto desarrumado àquele ambiente. O chão era de taco de madeira, sem brilho, e as paredes careciam de pintura. Em uma delas havia um quadro da Santa Ceia. Começamos a conversar e Marta me perguntou se havia sido difícil encontrar sua casa. Respondi-lhe que não, que as indicações dadas por ela ao telefone haviam sido bastante precisas. João e Margarida permaneciam quietos. Marta perguntou-me então se eu tinha conseguido falar com a escola, a que respondi negativamente, que já havia tentado por três vezes esse contato e que em nenhuma delas a coordenadora pudera me atender. Nesse momento, João nos interrompeu e disse que aquela escola era assim, que ninguém queria trabalhar, e disse que isso também acontecia com as professoras, que faltavam muito e não davam atenção aos alunos. Marta, interferindo afirmou que João poderia ter razão, mas ele também não se interessava por aprender, pois não fazia os deveres escolares. João tentou se defender das críticas da mãe, visivelmente abalado e com

o tom de voz um pouco alterado. Estabeleceu-se um diálogo um tanto duro entre mãe e filho, até o momento em que Marta, percebendo a situação constrangedora que havia sido criada, disse que ia fazer um café.

Foi para a cozinha, enquanto permaneci na sala com João e sua irmã. Perguntei a ele o que havia feito naquele dia ao que me respondeu que andara de carrinho de rolimã. Perguntei-lhe se tinha um e ele me disse que sim. Perguntei-lhe ainda, se podia mostrá-lo a mim, ao que comentou que o carrinho estava em seu quarto e que me levaria até lá se eu assim o quisesse.

João levou-me até seu quarto, o qual dividia com seus dois irmãos. Havia no local três camas e um armário. O quarto estava bastante desarrumado. Havia muita roupa sobre as camas e, espalhados pelo chão, vários objetos e material escolar.

João agachou-se e retirou, de baixo de uma das camas, seu carrinho de rolimã e mostrou-o a mim. Conversamos um pouco a respeito dele, de como era feito e depois como Marta nos chamasse, voltamos à sala, onde, sobre a mesa, havia uma bandeja com uma toalhinha, um bule de café e duas xícaras, uma travessa com biscoitos, um bolo de chocolate, pratinhos e garfos.

Marta perguntou-me se queria bolo e café, a que respondi afirmativamente, porém disse que o pedaço do bolo deveria ser bem pequeno. Serviu-nos, a mim e a João, serviu a si mesma e pediu que sua filha se servisse.

Enquanto comíamos, Margarida permaneceu calada e sua mãe então, referiu-se ao fato explicando que ela era muito quieta, que não falava nada e que era uma garota muito insegura. Isso criou nova situação constrangedora, Margarida ficou vermelha, e tive a sensação de que ia desabar em lágrimas a qualquer momento.

Tentando minimizar a situação, esclareci que algumas pessoas eram mais tímidas que outras, que algumas tinham mais facilidade para falar que outras.

Nesse momento, Marta interrompeu dizendo que rezava a Deus para que Ele pudesse dar um jeito em seus filhos. Perguntei-lhe se ela sempre acendia uma vela em frente à imagem de Cristo, ao que confirmou, dizendo que se Deus é o “*cabeça da família*”, ele tem de ter seu lugar nela. Perguntei-lhe ainda qual era o nome do outro santo, ao que me respondeu ser Santo Antônio.

A seguir, Marta informou que seu marido não estava em casa, pois havia aparecido um “*bico*” e, como ele está sem trabalho por conta de seu problema de saúde, ele aceita qualquer serviço que apareça. Quanto ao filho mais velho, comentou que ele havia saído com amigos.

João declarou então que era bom que seu irmão não estivesse em casa, pois caso contrário, os dois já teriam brigado, visto seu irmão não gostar dele.

Marta, retrucando a isso, disse que não se tratava do fato de o irmão não gostar dele, que ela acreditava que o irmão, talvez tivesse ciúme e, que, por isso, acabava brigando com ele. Perguntei a João se algum dia já havia conversado com o irmão sobre as brigas entre os dois. Ele me respondeu que isso não era possível porque seu irmão já chegava perto dele esbarrando e batendo. Insisti, dizendo-lhe tentasse conversar com seu irmão.

Nesse momento, Marta perguntou-me se eu gostaria de tomar mais café ou comer mais um pedaço de bolo. Dando-lhe uma resposta negativa, concluí que era hora de ir-me embora.

Desse modo, agradei-lhe a hospitalidade e despedi-me.

Percebi que a família preparara-se para receber-me. Marta não apenas fez um bolo para que pudesse servir-me, como também arrumou a sala, com esse mesmo fim. Apesar de a sala e a casa de modo geral aparentarem um certo ar de

descuido e desleixo, havia uma diferença entre o modo como a primeira estava arrumada e a total desordem que reinava no quarto. A minha impressão é que a sala fora arrumada e que Marta não esperava que eu fosse ao quarto. Isso me fez pensar ser esta uma família que não dá grande importância à organização, mas que, entretanto, precisem aparentar para estranhos algo que não ocorre cotidianamente. Quanto a João, não demonstrou nenhum constrangimento em relação à desordem.

A presença do aspecto religioso é marcante, não apenas pela vela acesa em frente à imagem, mas também pelo discurso recorrente de que Deus é o “*cabeça da família*” e por esta razão precisa estar ali presente.

Quanto às relações familiares, pareceu-me que, tanto Marta quanto João têm uma forma similar de funcionamento e de relacionamento. Ambos denunciam o que acreditam estar errado, e com o que não concordam. Em diferentes momentos Marta criticou seus dois filhos, insensível a seus sentimentos. Ou seja, de alguma forma, denegriu os filhos em minha presença, sem considerar o que poderiam estar sentindo diante disso. Do mesmo modo, João denigre a escola, generalizando a todos professores, coordenadores etc... um padrão de comportamento profissional pouco recomendável, sem nenhuma preocupação com as consequências de suas acusações. De qualquer modo, é perceptível a relação forte estabelecida entre João e a mãe, tanto assim que o único retrato existente na sala contém uma foto de ambos, do tempo em que João ainda era um bebê. Além disso, Marta serviu o bolo a João e não fez a mesma coisa com a filha. Esses dois episódios me fazem ainda pensar que Marta incentiva o caráter regredido de João. Eu já tinha conhecimento de tais fatos e a visita veio confirmá-los.

Quanto à Margarida, pareceu-me tímida, insegura e de pouca expressão no âmbito familiar.

2.10. Contato com a escola

Não foi possível visitar a escola. A coordenadora informou-me, que até o mês de junho, não poderia receber-me na escola, mas que seria possível uma conversa telefônica sobre João.

Relatou-me que João tem dificuldades de aprendizagem, particularmente da matemática. Entretanto, acredita que essas dificuldades existem, muito mais em virtude do comportamento de João do que em razão de algum déficit de qualquer ordem. Informou-me que João conversa o tempo todo, faz “piadinhas” durante as aulas, perturba os colegas e o andamento da classe. Contudo, ressaltou que João não é o único aluno com essas condições na sala de aula, ou seja, tem várias crianças com tal comportamento, o que dificulta a aprendizagem de todas elas. Comentou que o assunto é grave, pois existem nessa sala alunos que chegam a trocar socos e pontapés, sem que se consiga contê-los. Perguntei-lhe se esse era o caso de João e ao que respondeu negativamente e que havia crianças, com atitudes ainda mais inadequadas que as de João.

A coordenadora pediu minha colaboração para o atendimento das várias crianças por ela citadas. Propus a ela que viesse até o CPA para conversarmos pessoalmente a esse respeito e decidirmos qual atendimento seria adequado nesses casos. Ela aceitou minha proposta, embora isso somente fosse possível mais tarde, em virtude do atual acúmulo de trabalho. Coloquei-me à disposição e encerramos a conversa.

A coordenadora pareceu-me bastante preocupada com a situação da escola.

Foi possível entender que João tem um comportamento inadequado tanto do ponto de vista da aprendizagem como do comportamento, mas tal peculiaridade não é apenas sua, é um padrão dentro da escola. Por seu relato entendi que o caso de João não é dos piores, que existem outros muito mais graves. Ela deixou claro que não há professores que consigam conter a turma, sendo essa a principal dificuldade para uma aprendizagem eficiente.

Pareceu-me que as dificuldades escolares de João estão muito mais vinculadas às questões sociais, ao sistema educacional vigente em nosso país, do que às questões pessoais de João.

A partir daí tracei meus próximos passos: decidi compartilhar com a mãe e com o garoto minhas percepções e decidi aplicar um teste de nível intelectual em João para visualizar com mais precisão sua maneira de raciocinar, de resolver problemas do cotidiano.

2.11. Sexta sessão co a mãe

Marta chegou com vinte e cinco minutos de atraso. Ao entrar na sala desculpou-se. Agradei-lhe a recepção que havia tido em sua casa e expus-lhe o objetivo daquela sessão. Iniciei relatando que João agia como um menino de idade inferior a sua idade real e que, em muitas situações, utilizava-se de um pensamento mágico, no qual tudo dava certo. Disse-lhe que o garoto parecia imaginar que os problemas que aparecessem em sua vida seriam solucionados sem que precisasse fazer esforço. Comentei que esse tipo de raciocínio não era compatível com sua idade.

Marta não demonstrou surpresa e declarou que eu já havia assinalado algo nesse sentido, o que a fez pensar. Contou-me que, freqüentemente, diz ao garoto que não quer que ele cresça e que deixaria de gostar dele caso não fosse mais o seu bebê.

Em seguida associei seu desejo de que o filho não cresça com sua religião.

Marta: “Nossa, você já tinha falado um pouco isso. E eu fiquei pensando que eu falo pra ele que eu não quero que ele cresça, que eu quero que ele fique sempre bebê, que eu vou gostar mais dele se ele for sempre o bebê da mamãe. Acho que é por isso, então.”

Marizilda: “Acho que pode ser por isso, inclusive, na sua casa, o único porta retrato que tem é você com ele e ele bebê, mas gostaria de conversar com você sobre isso, sobre esse seu desejo de que ele fique pequeno. Desde que nós conversamos sobre a sua religião, eu fiquei com a impressão de que tem

a ver com ela, não sei se deu pra entender, quero dizer que seu desejo de que ele fique pequeno tem a ver com sua religião.”

Marta: “Como assim?”

Marizilda: “Não sei, acho que é você que tem que me falar...”

Marta: “Olha, só se for porque eu adoro criança, as crianças são puras e inocentes, não têm pecado. Eu mesmo, quando era pequena, não tinha pecado e depois que cresci...”

Marizilda: “Eu acho que é isso, de algum modo você passa pra ele a mensagem de que crescer não é bom, que a gente fica pior quando cresce, que a gente fica mais pecadora, que Deus não vai gostar, nem a mãe. A gente percebe, ao entrar na sua casa, exatamente o que você falou, que Deus é o centro de tudo e se é assim, pode ser que também tenha a ver com as dificuldades.”

Marta: “Você sabe que eu faço isso mesmo? Você sabe, eu já te contei a minha vida toda e você viu como eu era. Antes de eu ir na religião eu era assim como eu te contei. Eu te falei que eu quando encontrei meu marido, eu nem gostava dele, eu fiquei grávida por ficar , eu era totalmente sem cabeça...”

Marizilda: “Totalmente pecadora?”

Marta: “Era. Olha, eu casei, mas mesmo depois que eu casei, não queria saber de nada, ficava o dia inteiro assistindo televisão , tomando sorvete, ou na casa da vizinha. Mesmo depois que eu tive filho, eu não cuidava deles, nem da casa. Se eu estivesse tomando sorvete eu escondia deles, pra não dar pra eles. Se eu ganhasse uma caixa de bombom eu dava um pra cada um e o resto eu escondia pra comer sozinha. Mesmo depois, eu te contei, eu fui

com a minha amiga na missa e lá eu vi o padre e eu me interessei pelo padre, eu achei ele bonito e fui no dia seguinte pra igreja onde eu tinha entendido que ele ia rezar a missa. Chegou lá, não tinha missa nenhuma, só encontrei a mulher que me levou pra outra igreja onde o padre realmente estava rezando a missa. Mas até aí eu não estava interessada na missa ou na religião, estava interessada no padre e estava com uma raiva louca daquela mulher que ficava falando que daquele dia pra frente minha vida ia mudar, que Cristo ia entrar na minha vida, que eu seria mais feliz. Eu contei também que quando eu entrei naquela igreja eu só via pênis, na verdade era o desenho do chão da igreja que me confundia e parecia que eu só via pênis. E essa visão não foi só naquele dia, demorou uns quatro, cinco meses pra eu deixar de ver aquilo. E mesmo antes, quando eu era pequena, tudo bem, eu só me sentia mal porque minha mãe falava que eu era feia, só tinha o cabelo bonito, mas a cara era feia. Depois, quando eu fui crescendo, eu tive muito sofrimento na vida. As casas onde eu trabalhei e fui maltratada, as coisas também que eu fiz nessas casas. Mesmo com meus sobrinhos, os filhos da minha irmã, ela me batia e me judiava de noite e eu judiava dos filhos dela durante o dia. Olha, eu sofri muito, enquanto eu não tinha Jesus no coração.

Marizilda: “Talvez seja por isso que você não queira que seu filho cresça, porque crescer significa pecar e sofrer?”

Marta: “Eu acho que é. Uma vida como a que eu tive deixa a gente marcada por muito tempo.”

Marta havia legitimado minhas percepções. Eu estava certa. Marta, por se sentir pecadora ao crescer, temia que seu filho crescesse.

O fato de ter abordado temas ligados à religião daquela mãe me possibilitou uma visão mais ampla do contexto familiar, das crenças e dos valores que estavam implícita ou explicitamente sendo transmitidos a João. Seu universo estava permeado por tal modo de ver a vida, o crescimento, as falhas humanas. Eu entrara em contato com um conteúdo que raramente é acessado no psicodiagnóstico. Caso a entrevista sobre a religiosidade não tivesse sido realizada, teria sido possível perceber que João estava regredido, que sua mãe tinha participação nisso, mas, dificilmente, conseguiria conhecer esse sistema de crenças, diretamente relacionado à questão do garoto. Ficaria claro também que Marta precisava de um atendimento psicológico para tratar das questões ligadas a sua infância e a forma como tinha atribuído significados a ela. Contudo, o aprofundamento das questões religiosas permitiu compreender que Marta precisava também de um padre, de alguém que compartilhasse sua religião e tivesse autoridade para ajudá-la a desfazer eventuais equívocos nesse domínio. Enfim, entendi que, se Marta conseguisse elaborar de forma satisfatória seus conflitos e se pudesse reformular seu sistema de crenças, estaria definitivamente auxiliando seu filho a superar as atuais dificuldades.

O passo seguinte foi trabalhar com Marta sobre o que poderia fazer para ajudar o filho, para libertá-lo da tarefa de permanecer pequeno. Para alcançar meus objetivos, associei os dados relatados pela mãe, a forma como lidou com a encoprese do filho, suas crenças religiosas e aspectos observados durante a visita domiciliar. Tentei mostrar-lhe que nem sempre a

criança se constitui enquanto subjetividade apenas a partir daquilo que nós, adultos, dizemos a elas, que nossos atos, a maneira como nos comportamos dizem muito a nosso respeito e ao que esperamos dela.

Marizilda: *“Eu entendo as suas dificuldades, mas queria te perguntar se você pode fazer alguma coisa em relação a isso. Em relação ao João, mais ou menos a idéia é, se você pode fazer alguma coisa pra liberá-lo da tarefa de ficar pequeno, de não poder crescer e se transformar num pecador.”*

Marta: *“Acho que eu posso conversar com ele, quando você fala fica claro como água, mas eu não tinha visto que estava fazendo assim. Não, eu sabia que falava pra ele ficar pequeno, que queria isso, mas não relacionava uma coisa com a outra.”*

Marizilda: *“Na verdade, Marta, acho que você também se confundia nas coisas que queria, que esperava dele. Por um lado, queria que ele ficasse sempre pequeno, que não pecasse, que se mantivesse puro e inocente. Por outro lado, gostava que ele trabalhasse, que tivesse seu próprio dinheiro, que fosse bem na escola. Ele respondia a isso do mesmo modo, por um lado fazia cocô na roupa, não cumpria as tarefas escolares e, nesse sentido era pequeno. Do outro lado trabalhava, comprava celular e era grande. Mas é difícil sustentar esses dois lados tão diferentes, por isso, às vezes também ficava pequeno no trabalho, o que acabou fazendo com que ele fosse mandado embora.”*

Marta: *“Eu entendi e acho que você tem razão. Eu vou conversar com ele.”*

Marizilda: *“Tente valorizar o crescimento, de algum modo mostre que crescer não traz só pecado e coisas ruins, mostre que crescer também é bom. Agora,*

Marta, eu sinto que dentro de você isso não é tão claro assim. Eu, como psicóloga, posso te dizer que é inevitável, é uma lei da vida e que crescer vale a pena, que também traz coisas boas, e que os adultos pecam, cometem erros, mas também fazem coisas boas em relação a eles mesmos e a seu próximo. Acho que as coisas e as pessoas não são só boas ou só ruins. Elas são boas e ruins também. Mas eu não sei se essas minhas palavras causam realmente um efeito sobre você. Você tem um padre conhecido, da sua confiança?”

Marta: “Tenho, da minha paróquia, ele é um padre que é também psicólogo.”

Marizilda: “Por que você não tenta conversar com ele sobre isso? Sobre o fato de que, pela sua experiência de vida, você acha que crescer é sinônimo de pecar, talvez você possa ouvir o que ele tem a dizer a esse respeito. Conte essa situação toda. O que você acha?”

Marta: “Sabe, eu já tinha contado pra ele, já faz tempo, sobre o problema do João e naquela época ele falou que o João fazia isso por causa de mim. Ele não explicou direito, mas falou isso. Agora que você me explicou, eu entendi o que ele quis dizer. Eu posso conversar com ele sim, acho que vai ser bom.”

Marizilda: “Aproveitando isso, eu queria te dizer mais uma coisa. Sabe quando eu falei que o João imagina na cabeça que tudo vai dar certo, uma mágica, um milagre? Acho que isso também tem a ver com a questão religiosa.”

Marta: “Como assim?”

Marizilda: “Lembra quando eu te perguntei o que era Deus pra você e você me disse que Deus é tudo, que tudo que acontece passa pelas mãos Dele,

que nada acontece sem que Ele queira? Eu acho que o João fica também esperando isso, que tudo é Deus que pode fazer.”

Marta: “Mas eu não acho isso. Deus disse: faça a sua parte que eu farei a minha.”

Marizilda: “Só que eu não sei se ele entende desse jeito. Eu fico com a impressão de que ele coloca muito na mão de Deus o que pode acontecer com sua vida. Mesmo com o cocô, você mesma me contou que ele ajoelhava no chão da sala pedindo a Deus que o ajudasse a não fazer mais, como se isso dependesse de Deus e não dele.”

Marta: “Eu tento passar pra eles que tem a nossa parte, que nós temos que fazer a nossa parte, mas, não sei, agora que você está falando, tem a minha filha também, eu não te falei ela fica lá parada, não é capaz de fazer alguma coisa pra ela, estudar, ou trabalhar num salão que ganhe mais dinheiro. Só fica falando que vai, que vai e não faz nada. Será que ela fica esperando que Deus faça? Eu não penso isso, eu penso que a gente tem que fazer a nossa parte.”

Marizilda: “Marta, você me diz que pensa isso, mas será que, nas suas atitudes, você passa isso pra eles?

Marta: “Como assim?”

Marizilda: “Não sei, nas coisas que você faz, por exemplo, você me contou que o João começou a fazer cocô quando tinha quatro anos e você só trouxe ele aqui com 11anos. Por quê?”

Marta: “Quando eu era mais nova, era mais ignorante, não sabia nada de psicólogo, mas eu podia ter levado no médico, como levei depois e o médico mandou no psicólogo e eu não fiz isso.”

Marizilda: *“Talvez seja isso. Talvez em algumas atitudes suas você mostre que só Deus pode solucionar o problema e eles esperem por isso.”*

Marta: *“Pode ser que seja isso. Eu vou passar a prestar atenção nessas coisas. Sabe, quando eu venho aqui eu me sinto muito aliviada, parece que eu deixo todo o meu peso aqui. É isso que eu falo pra minha filha, se esse atendimento, que é mais pro João, faz eu me sentir tão bem, imagine ela.”*

Marizilda: *“Uma outra coisa que eu percebi é a ligação forte que ele tem com você. Pra ele, você é a pessoa mais forte e mais importante da casa. Então, ele sempre quer sua aprovação nas coisas que faz e, quando isso não acontece, fica muito triste.”*

O tempo estava esgotado e a sessão foi encerrada.

Esta sessão faz-me lembrar outro caso.

Uma menina de seis anos, cuja mãe trazia a queixa de que, após o trágico falecimento do marido, a garota chorava freqüentemente e não queria ir à escola. Dormia, em momentos de grande irritação, independentemente de a hora ser ou não oportuna ou de ter alguma tarefa para fazer. Durante o atendimento, a mãe narrou que seu relacionamento com a garota estava ficando a cada dia mais difícil, pois “perdia a paciência” com suas atitudes. Comentou que a menina espalhava as fotografias do pai pela casa, fato que a incomodava e a fazia sofrer. Nessas ocasiões ficava nervosa, pedia que a criança guardasse as fotos e como essa não lhe obedecia, acabava por recolhê-las e escondê-las, com bastante irritação e violência. Eu percebia que, tanto mãe como filha, não haviam elaborado o luto pela morte do marido e pai. Revelavam todas as características das pessoas enlutadas, como culpa, irritação, depressão, tristeza, cansaço, falta de energia. E o que era pior, mãe e filha estavam unidas numa cumplicidade mórbida que não

permitia que o ente querido morresse de fato. Ou seja, de formas diversas nenhuma delas deixava a outra esquecer e, ao mesmo tempo, ambas ficavam irritadas ao ver refletido na outra seu próprio sofrimento.

Entretanto, a partir da exploração do aspecto religioso, percebi que as duas, apesar de não serem assíduas freqüentadoras de cultos religiosos, costumavam ler a Bíblia, ou melhor, à mãe a lia e a garota escutava. Esses eram momentos em que se mantinham unidas, em que compartilhavam uma mesma crença: a de que, um dia, em algum lugar, reencontrariam a pessoa querida que havia partido. Essa crença dava-lhes força para suportar a dor que enfrentavam. Percebi que esse era um canal de comunicação entre elas, talvez o único canal aberto naquele momento, que tal “hábito as nutria” e que isso deveria ser assinalado para elas como uma possibilidade de aproximação e de melhora no relacionamento.

Nesse caso, pareceu-me que as crenças religiosas tinham uma função benéfica e que deveriam ser incentivadas.

2.12. Quarta sessão com João

Ao buscar João na recepção, notei que o garoto estava mais arrumado, parecia estar vestido de forma mais cuidadosa do que acontecia usualmente, tinha uma aparência mais limpa. Acompanhei o menino até a sala de atendimento. Ao chegarmos, perguntei-lhe sobre sua dificuldade de controlar as fezes e João contou-me que não havia evacuado na roupa e que havia percebido quando queria ir ao banheiro. Indaguei a respeito do que achava que tinha mudado e ele não soube responder. Disse-lhe que talvez estivesse percebendo melhor seu corpo e seu crescimento.

Marizilda: “Tá bom. E o cocô?”

João: “Melhorei, esses dias eu só fiz uma vez, eu consegui ver quando queria...”

Marizilda: “O que você acha que mudou?”

João: “Não sei, acho que prestei mais atenção.”

Marizilda: “Acho que você está mais atento a você mesmo, conseguindo perceber melhor seu corpo e seu crescimento.”

João ouviu atentamente minha observação, mas nada comentou. Entretanto, percebi que estava bastante satisfeito com seu desempenho, bem como manifestara um ar de felicidade ao dar-me aquela notícia.

Após essa conversa inicial, expliquei a João sobre a atividade a ser efetuada naquele dia. Minha proposta era aplicar o teste WISC. Não pretendia, com isso, obter o QI de João, mas, sim, entender seu modo de raciocinar, sua

forma de dar soluções aos problemas, enfim, suas capacidades e eventuais dificuldades intelectivas.

Durante todo o teste João mostrou-se cooperativo e motivado. Manteve-se atento e concentrado, tentando realizar a tarefa da melhor forma possível.

A primeira prova aplicada foi completar figuras. Trata-se de uma série de cartões que contêm figuras, nas quais falta um elemento. Pede-se que a criança ou adolescente identifique, aponte e nomeie aquilo que falta. Nessa prova, o desempenho de João foi razoável. Ele pareceu perceber com relativa precisão os detalhes e minúcias que compõem um todo organizado. Em algumas situações, conseguiu perceber o que faltava, mas não conseguia dar nome. Quando as lacunas foram se tornando mais sutis, João não mais as percebia. Isso mostrou que sua capacidade de percepção deve ser trabalhada para que consiga não apenas se ater ao todo, como também, possa registrar com maior exatidão as minúcias.

O segundo subteste realizado foi o de informação. São feitas perguntas sobre diferentes temas, às quais a criança ou adolescente deve responder.

João pareceu ter um adequado conhecimento do mundo e da realidade. Mostrou-se capaz de reter as informações que o ambiente lhe fornece.

Marizilda: “Quem foi Pedro Álvares Cabral?”

João: “Descobriu o Brasil.”

Marizilda: “Quem foi Camões?”

João: “Escrevia livro.”

Marizilda: “O que o estomago faz?”

João: “Guarda a comida.”

A seguir, apliquei a prova de código. Esse item consiste em numerais de um a nove e a cada um deles corresponde um símbolo. É solicitado à criança ou adolescente que faça a correspondência entre símbolos e numerais, o mais rápido que puder. O tempo é medido por cronômetro.

Essa prova visa a verificar a coordenação viso-motora fina aliada à rapidez e precisão. Nesse domínio, o desempenho de João mostrou-se prejudicado, embora não se trate de um déficit na coordenação viso-motora fina, mas, sim, de certa lentidão em seus movimentos. Foi possível relacionar isso com a queixa que a mãe trouxe em certo momento do psicodiagnóstico, a respeito do fato de João não copiar a matéria ou a lição de casa da lousa. Minha impressão é que João é lento e não consegue acompanhar o ritmo das professoras, o que o faz sentir-se desmotivado e ter um comportamento inadequado dentro da sala de aula.

O subteste seguinte foi de semelhanças. Nele, o psicólogo verbaliza duas coisas e é solicitado à criança que diga o que essas coisas têm em comum, em que se parecem. Essa prova pretende verificar a capacidade de abstração e de generalização de conceitos.

Nesse item, João revelou um bom desempenho, evidenciando que é capaz de classificar objetos e animais e identificar a categoria à qual pertencem. Essa prova mostrou que João é um garoto inteligente e que, talvez, não esteja utilizando sua capacidade de modo produtivo. É possível que João, em virtude de seus conflitos afetivo-emocionais, particularmente de sua dificuldade em crescer, não esteja desenvolvendo suas potencialidades como poderia.

João: “Os dois é cor.”

Marizilda: “Isso, isso mesmo. Vamos lá, então. A vela e a lâmpada?”

João: “As duas fazem luz.”

Marizilda: “Piano e Violão?”

João: “Os dois faz som.”

Marizilda: “Camisa e sapato?”

João: “Os dois se vestem.”

Marizilda: “Leite e água?”

O próximo passo foi à prova de arranjo de figuras. Essa tem início apresentando-se à criança partes de uma história que não obedecem a uma seqüência. Pede-se que o examinando a organize, de modo que tenha começo, meio e fim. São várias histórias e o tempo é cronometrado.

João mostrou certa dificuldade para organizar o todo a partir das partes, estabelecendo seqüência entre elas. Minha impressão é que, em determinados momentos, falta-lhe paciência para pensar com atenção numa forma plausível que dê coerência e significado àquelas situações. Desse modo, dá uma resposta apressada e pouco reflexiva.

Nesse ponto, observei que o menino estava cansado e sugeri que parássemos o teste. João, entretanto, negou o fato e decidimos realizar mais uma prova neste dia.

Fizemos a prova de vocabulário. Nessa, são ditas palavras para o examinando, que deve defini-las, apresentando um significado ou uma função para as mesmas.

João obteve uma boa produção nessa modalidade. Mostrou que conhece os objetos e sua função. Foi possível perceber que tem um raciocínio verbal desenvolvido e consegue articular conceitos com certa facilidade. Mesmo quando

não sabia definir com precisão o conceito, notava-se que João tinha noção do que estava sendo pedido.

Marizilda: *“Chapéu?”*

João: *“Uma coisa que coloca na cabeça.”*

Marizilda: *“Relógio?”*

João: *“De ver hora.”*

Marizilda: *“Ladrão?”*

João: *“Quem rouba.”*

O tempo estava esgotado e, antes de encerrar a sessão, combinei com João que ele voltaria na semana seguinte para que terminássemos essa atividade. João concordou e nos despedimos.

2.13. Quinta sessão com João

Ao entrarmos na sala, informei a João que nosso atendimento estava finalizando, que teríamos apenas mais uma sessão, além desta. O garoto manifestou pesar com o término do atendimento. Disse-lhe que nosso objetivo era tentar identificar o que estava acontecendo com ele, bem como buscar uma forma de diminuir ou acabar com os episódios de encoprese. João se apressou em dizer que já não evacuava na roupa, mas que gostava do atendimento e lamentava perdê-lo. Tentei valorizar sua melhora e o garoto disse que se sentia bem com a mudança ocorrida.

Marizilda: *“João, nós vamos ter a sessão de hoje e mais uma, daqui a 15 dias e depois a gente pára com este atendimento.”*

João: *“Pena...”*

Marizilda: *“Você parece ter ficado triste com essa idéia...”*

João: *“Eu gosto de vim aqui.”*

Marizilda: *“A idéia deste trabalho, João, é que a gente pudesse tentar compreender por que você fazia o cocô e, se possível, tentar diminuir isso ou acabar com isso. Para isso eu tinha que conhecer você, conversar com você, e fazer estas atividades que nós estamos fazendo...”*

João: *“Eu já não estou mais fazendo cocô...”*

Marizilda: *“É mesmo, João? Parou completamente?”*

João: *“Já faz duas semanas que não faço nada.”*

Marizilda: *“Acho que isso é muito importante, é a prova de que você pode perceber quando quer ir ao banheiro, pode se controlar.”*

João: “É.”

Marizilda: “*E como você está se sentindo com isso.*”

João: “*Bem, né?*”

Propus a João que déssemos continuidade ao teste realizado na semana anterior. A prova era de aritmética. Ela consiste em propor para a criança ou adolescente, problemas inicialmente muito simples, que depois crescem em grau de dificuldade e cujo princípio fundamental são as quatro operações.

Confirmando minhas observações anteriores, João revelou grande dificuldade para utilizar raciocínio lógico-matemático, trabalhar com números e cálculos. Obteve nesse item seu pior desempenho. Observei que João percebe sua dificuldade nessa área, o que o torna ansioso. Notei também que procura disfarçar sua dificuldade, parece envergonhar-se dela perante os outros. Relacionando tal dificuldade com a escolar e, particularmente, com seu comportamento na escola, compreendi que chamar a atenção dos colegas e da professora com comportamentos inadequados e piadas é uma forma de disfarçar e minimizar sua dificuldade. Enfim, talvez seja melhor ser reconhecido como “o bagunceiro”, do que como “aquele que não consegue aprender.”

A prova seguinte era de cubos. São utilizados cubos cujas faces são coloridas nos tons de branco e vermelho. Inicialmente, o psicólogo faz um desenho com os cubos, coloca-os à frente da criança, dá-lhe outros quatro cubos e pede que reproduza o desenho feito por ele. Após três realizações desse tipo, o psicólogo deixa de fazer os desenhos e passa a apresentar cartões com os mesmos, de tal forma que o examinando possa, a partir do modelo apresentado, elaborar seu desenho. O tempo é computado.

João denotou dificuldade para realizar a prova. Apresentou um déficit na capacidade de análise e síntese. Não conseguiu decompor o todo para depois recompô-lo. O garoto novamente percebeu sua dificuldade e tornou-se ansioso diante do insucesso. Ao perceber o que estava acontecendo, propus-lhe ajuda. Ele aceitou. Passei a ajudá-lo a fazer o desenho com os cubos. Tinha dois objetivos ao agir assim. O primeiro era diminuir sua ansiedade, de tal forma que tivesse um alívio, se sentisse melhor e, em última análise, pudesse prosseguir o teste com tranquilidade. Um segundo propósito era mostrar a João, por meio da experiência vivida, que essa atitude pode nos levar a aprender e aliviar nossa angústia. Pensei que isso pudesse ajudá-lo em outros momentos de sua vida. Evidentemente, os acertos de João, após minha interferência não foram computados.

Conforme citei anteriormente, esse modo de trabalhar com os testes foi relatado inicialmente por Fisher na década de 70, posteriormente por Ancona-Lopez M., na década de 80 e mais recentemente, em 2004, por Ancona-Lopez S. e Corrêa.

Marizilda: “Agora este.”

João: “Já.”

Marizilda: “Este.”

João: “Nossa! esse não encaixa, ah! Não! É assim , pronto.”

Marizilda: Este.

(João ultrapassa do tempo permitido).

João: “Eu não consigo, não dá certo.”

(Percebo que João está ansioso com o fato de não conseguir, eu o ajudo a fazer, sinto-o mais aliviado)

Marizilda: “Você quer que eu ajude você?”

João: “Ah! Tinha que pôr desse lado, por isso que eu não conseguia.”

Marizilda: “Agora esse.”

João: “Nossa! Esse é mais difícil que o outro.”

Marizilda: “Tente fazer.”

(Novamente, João ultrapassa o tempo e o ajudo a reproduzir o modelo)

João: “Agora deu certo.”

Em seguida foi realizada a prova de armar objetos. Consiste em cinco quebra-cabeças: rosto, bola, manequim, cavalo e carro. As partes do quebra-cabeça são dispostas em uma posição previamente estabelecida. A instrução dada é que a criança ou adolescente junte as partes para formar o objeto, que é especificado. O tempo é medido por cronômetro.

Nesse item, João teve uma produção razoável. Ele conseguiu montar o todo a partir das partes, em virtude de um modelo interiorizado. Entretanto, se esse modelo era composto por muitos detalhes e minúcias, sua produção caia, talvez por não ter as capacidades de percepção e de observação muito desenvolvidas.

Ocorreu nesse item o mesmo que no anterior, ou seja, João sentiu-se frustrado diante do fato de não conseguir executar alguns modelos. Novamente ajudei-o, com os mesmos objetivos anteriormente referidos.

Marizilda: ‘Agora um carro.’

João: “Já.”

Marizilda: “Agora um cavalo.”

João: “Não consigo, não sei onde vai esta parte, não dá certo.”

(Depois de ultrapassado o tempo.)

Marizilda: *“Você quer que eu ajude?”*

João: *“Quero.”*

(Ajudo João a formar o cavalo).

João: *“É porque essa parte eu estava pondo ao contrário.”*

Marizilda: *“Outro, agora é um rosto.”*

João: *“Nossa essa parte não dá certo. Não encaixa.”*

(Depois de ultrapassado o tempo)

Marizilda: *“Vamos tentar fazer esta parte juntos?”*

João: *“Vamos.”*

Marizilda: *“Olha, esta parte é aqui perto do nariz.”*

João: *“Ah! É por isso, eu tava pondo do outro lado. Já vi.”*

Marizilda: *“O último deste é a bola.”*

(Após ultrapassado o tempo)

João: *“Não dá.”*

Marizilda: *“Você quer ajuda?”*

João: *“Quero.”*

Marizilda: *“É este aqui que tá invertido, se você fizer assim, dá.”*

João: *“Ah! Tá.”*

No subteste de compreensão, o examinador faz perguntas e a criança deve respondê-las. Elas têm por objetivo verificar como o examinando resolve problemas do cotidiano.

João revelou certa dificuldade de julgamento diante de situações práticas do dia-a-dia. Na verdade, algumas respostas denotaram imaturidade e dependência, enquanto outras mostraram desenvoltura e maturidade. O mesmo conflito que

havia sido observado anteriormente delineou-se aqui. Por um lado, mostrou-se um garoto infantilizado e regredido, por outro lado notava-se energia e impulso para o crescimento.

Marizilda: *“O que você faria se machucasse o dedo?”*

João: *“Ia no médico.”*

Marizilda: *“O que você faria se perdesse um brinquedo de um amigo seu?”*

João: *“Deixava quieto.”*

Marizilda: *“Por que se usa cinto de segurança quando se anda de carro?”*

João: *“Para quando bater não se machucar.”*

Marizilda: *“Por que os carros possuem placas?”*

João: *“Para identificar.”*

Na última prova, procurar símbolos, mostram-se alguns símbolos que devem ser identificados, ou não, dentro de um outro grupo de símbolos. A criança é solicitada a assinalar “sim” quando identificar aqueles símbolos dentro do outro grupo e “não”, caso ocorra o contrário.

João obteve seu melhor resultado nessa prova, mostrando que é capaz de se manter atento e concentrado ao executar uma atividade pela qual tenha interesse.

Em resumo, João mostrou-se cooperativo e participativo durante a aplicação do teste. Permaneceu motivado durante todo o tempo e, em nenhum momento, demonstrou cansaço ou insatisfação para com a atividade proposta.

Do ponto de vista quantitativo, João obteve no teste um QI total pouco abaixo do esperado para a idade, ocorrendo o mesmo com os QIs verbal e execução, embora houvesse uma discrepância entre ambos, ou seja, teve seu melhor desempenho nas provas que exigem raciocínio verbal. Esse fato foi confirmado pelo QI obtido em comp. Verbal, que se encontra dentro da faixa de normalidade. Do ponto de vista da organização perceptiva, apresentou um ligeiro déficit, embora revelasse boa atuação quando deve executar atividades que exijam atenção/concentração.

Os resultados obtidos nos subtestes são heterogêneos.

Ainda nessa sessão, após o término do teste, passei a dar uma devolutiva para João sobre as características que havia percebido durante os atendimentos. Falei de sua timidez inicial, da dificuldade em crescer e como essa se relacionava com a encoprese, sobre a relação com a mãe e os pensamentos mágicos que utilizava para solucionar os problemas. O garoto concordou com o que eu dizia e completou minha fala esclarecendo aspectos relacionados à mãe, à religião e a suas fantasias.

Marizilda: “João, nós fizemos várias coisas juntos e eu percebi algumas coisas e queria conversar com você sobre elas. Você é um menino que faz amizades fácil, mas dependendo das pessoas, você, no início fica meio quieto, meio tímido, como aconteceu aqui comigo. Quando você veio aqui a primeira vez, você ficou meio desconfiado.”

João: “É que eu não sabia como ia ser. Depois achei legal.”

Marizilda: “Uma outra coisa que eu vi, é que, lembra quando você contou as histórias pra mim? Eu fiquei pensando que, apesar de você estar crescendo,

por outro lado, você quer ficar pequeno. É como assim, você me contou que trabalhava e comprou celular, mas, por outro lado, não conseguia perceber quando queria fazer cocô e fazia na roupa e isso é coisa de gente pequena. Eu fiquei achando que isso tinha a ver com sua mãe, imagino que você acha que sua mãe vai gostar mais de você se você for pequeno.”

João: “A minha mãe sempre falou que era pra mim ficar pequeno, pra ser o nenê dela. Ela fala que quem cresce fica pecador, que criança não peca e Nosso Senhor gosta. Outro dia ela falou que eu estava moço, que meu pé tinha crescido e eu chorei.”

Marizilda: “Sua mãe é uma pessoa muito importante pra você e você quer que ela sempre goste de você. Eu entendo como você se sente, mas eu acho que Nosso Senhor gosta também de quem cresce, senão ele não tinha feito as crianças crescerem e se tornarem adultos e a sua mãe também já está entendendo que, pra gente ser legal, a gente não precisa ser criança.”

(Permanecemos em silêncio por algum tempo)

Marizilda: “Eu vi também que, na sua cabeça, na sua imaginação, você fica sempre pensando que tudo vai dar certo, como se fosse uma mágica, igual nas histórias que você me contou, igual no João, pé de feijão.”

João: “É.”

Marizilda: “Explica melhor isso.”

João: “Eu fico pensando que vou achar uma mala de dinheiro, vou ficar rico, milionário, vou ter tudo que eu quero, não vou precisar trabalhar, nem estudar, assim...”

Marizilda: “Eu entendi, acho que isso é também um jeito de ficar pequeno, de não ter responsabilidade com as coisas, com a escola, por exemplo.”

A sessão foi encerrada e marcamos nosso último encontro.

2.14. Sétima sessão com a mãe

Os assuntos abordados no início da sessão foram o término do atendimento e o encaminhamento de João para uma ex-aluna que estava disposta a atendê-lo gratuitamente. A mãe manifestou preocupação quanto ao fato de o atendimento vir a ser pago, sendo tranquilizada por mim, sobre esse aspecto.

Comentou que João não evacuava na roupa há cerca de três semanas. Entendi essa observação como uma indagação a respeito da real necessidade de João em dar continuidade ao atendimento, reforcei a idéia de que tal melhora poderia ser temporária e, que, por esta razão, o menino deveria continuar a ter acompanhamento. Marta concordou e fez alusão à ida de sua filha ao CPA e ao atendimento recebido.

Em seguida, conversei com Marta sobre meu contato com a escola. Informei-a de que a coordenadora relatou que João brinca na sala de aula, mas que essa é uma característica de vários alunos daquela sala. Marta respondeu que sabia disso e, novamente, referiu-se ao fato de ter visto dois garotos brigarem na sala de aula perante a professora, bem como ao sistema de aprovação automática que, segundo ela, prejudica o desempenho dos alunos. Senti que Marta, ao fazer esses comentários, adotava mais uma vez uma atitude conformista, como se não existisse nada que pudesse tentar fazer, tendo em vista essa circunstância. Era como se ficasse na expectativa de que algo fosse acontecer, de que se operasse um milagre que reverteresse essa situação. Relacionei essa fala ao sistema de crenças religiosas que já havia identificado naquela mãe e em seu ambiente familiar. Afinal, todos agiam assim. O pai, devido ao problema de surdez, procurou o Hospital das

Clínicas. A atendente que deveria entrar em contato telefônico com ele, a fim de informar a data da consulta, deixou de fazer isso. A espera passiva pelo telefonema fê-lo perder a consulta, e isso ocorrera há mais de um ano. O garoto evacuava na roupa e viveu oito anos à espera de que um milagre resolvesse o problema; os filhos trabalhavam com a mãe, estavam insatisfeitos com o trabalho, entretanto, não eram capazes de tomar uma atitude no sentido de buscar novas possibilidades; e mais uma vez, era dada uma interpretação semelhante à questão da escola. Tentei trabalhar com Marta o fato de que ela poderia fazer algo em relação a isso, procurar outra escola, por exemplo.

Entretanto, ela recusou essa observação, alegando que todas são iguais. Perguntei a Marta o que ela esperava que acontecesse para que a situação mudasse, ela me disse que só Deus poderia fazer um milagre. Contudo, minha tentativa de trabalhar com Marta o fato de que, novamente, punha em Deus a responsabilidade de resolver seus problemas e os de seu filho, não foi bem aceita e ela mudou de assunto.

Marizilda: “Tenta ver com sua filha o que aconteceu. Marta, eu conversei com a escola, com a coordenadora, pelo telefone, e ela me disse aquilo mesmo que você já tinha falado, que ele brinca na aula, que tem dificuldade para aprender algumas coisas. Mas ela disse que não é só ele, que a turma toda é assim e que os professores não conseguem segurar.”

Marta: “Eu sei. Eu já fui na escola, na sala de aula, e vi dois brigarem na frente da professora e ela não fazer nada. É tudo por causa dessa aprovação, que todo mundo passa, então eles já sabem que não precisa fazer nada, pode

tirar nota ruim o ano inteiro que no final do ano dá um trabalho e passa. É isso?”

Marizilda: “E não existem outras escolas, você já viu outra?”

Marta: “É tudo igual ou pior. Ele ainda estuda pro lado de cá, que é melhor, se for pra lá onde eu moro, então nem se fala. Não tem solução.”

Marizilda: ‘O que você espera que aconteça?’

Marta: “Só Deus pode fazer um milagre.”

Marizilda: “Marta, lembra quando eu te falei que João fica sempre esperando que algo aconteça e resolva todos os seus problemas? Eu acho que é um pouco parecido com você, você também fica esperando que Deus resolva seus problemas e, nesse sentido, fica paralisada.”

Marta: “Sabe, eu queria te contar que eu conversei com o João. Eu aproveitei um dia que eu estava olhando ele e vi como o pé dele cresceu.”

Eu não tinha certeza se Marta não desejava que eu tocasse nesse assunto ou se estava ansiosa para falar de outra coisa. Decidi não insistir, seguiria neste momento os rumos propostos por minha cliente.

A mãe contou-me que havia conversado com João sobre o fato de ele estar crescendo. Disse que a reação de João foi de choro e de negar esse crescimento. Marta parecia aflita, afinal tinha consciência da situação, mas não sabia como mudar esse estado de coisas. Tentei acalmá-la, dizendo que suas atitudes para dar um significado positivo ao crescimento ajudariam a enfatizar suas palavras. A seguir, Marta contou que havia conversado com o padre. Aproveitei a oportunidade e compartilhei com ela a compreensão que tinha sobre sua relação com a religião e como isso estava interferindo em sua vida, na dinâmica familiar e, em especial,

na formação de João e no sintoma que ele havia desenvolvido. Marta me fez perceber que se sentia confortada por ter sido possível contar toda sua vida, “seus pecados”, e não ter sido censurada ou julgada. Achava que esse era o primeiro passo para que pudesse reeditar sua história, reelaborar suas crenças religiosas de forma menos rígida e mais saudável. Explicando melhor, creio que a religião em si não é patológica, a patologia pode estar na função que a pessoa delega a ela em sua vida.

A compreensão da religiosidade, no caso de Marta, fez-me perceber que esta era doentia, ocupava o lugar de um sintoma e, nesse sentido, teria de ser “tratada” também. Em meio a tudo isso, estava João, que igualmente trazia em si essa parte “doente”, cuja expressão era a encoprese.

Marta: *“Sabe, eu queria te contar que eu conversei com o João. Eu aproveitei um dia que eu estava olhando ele e vi como o pé dele cresceu. Eu aproveitei isso e falei pra ele ‘como seu pé cresceu, como você cresceu, você está ficando moço, bonito, a mamãe gosta de te ver assim’. A reação dele foi incrível, ele ficou bravo e disse que não estava crescendo e gritou. Eu insisti e disse que ele não estava se percebendo, que o pé dele estava enorme, que já estava calçando 41 e que esse já é pé de gente grande, que ele já estava calçando como o pai dele e como o irmão dele. Ele começou a chorar, dizendo que não estava crescendo e demorou um tempão chorando. Foi para o banheiro, se trancou no banheiro e continuou chorando. Eu quis mostrar pra ele que ele crescer me agradava, mas não sei, não.”*

Marizilda: *“Acho, Marta, que não é só você falar com ele num dia, é mais que isso, é você mostrar pra ele, nas suas atitudes, que está ao lado dele nesse*

crescimento e, mais, que continua gostando dele, apesar dele crescido e que não o considera um pecador só porque cresceu.”

Marta: “Eu sei que tem que ser assim. Eu fui conversar com o padre. Eu nem fui só por causa da nossa conversa. Eu fui também porque estava cheia, por causa do meu marido. Ele está surdo, fica completamente fora do ar e eu tenho que dar conta de tudo, fico sobrecarregada e ele não sabe de nada. Eu estava cheia a ponto de explodir e fui conversar com o padre, aquele mesmo que eu te falei que era padre e psicólogo. Conversei com ele e ele me disse isso que você falou, que não adianta só eu falar, que eu tenho que mostrar pra ele. Ele falou, ele já tinha falado, que a culpa do menino ser assim é toda minha.”

Marizilda: “Você conversou com ele sobre aquela sua idéia de que todo mundo que cresce é pecador?”

Marta: “Conversei. Ele me disse que eu tenho um jeito errado de ver o pecado, porque até Maria Madalena, que pecou, foi perdoada por Deus.”

Marizilda: “E o que você achou disso?”

Marta: “Não sei, eu acho que ele tá certo. Eu sou muito rígida, não quero nada errado, quero tudo certo.”

Marizilda: “Talvez, Marta, você tenha a idéia de que quando você cresceu, você pecou. Talvez você mesma não consiga perdoar os pecados que você julga ter cometido.”

(Silêncio)

Marta: “Agora acho que você falou o que é. A primeira vez que eu contei a minha vida inteira, com todas as coisas que fiz, foi aqui, e eu me senti tão bem, tão aliviada! Você não ficou assustada comigo, nem me tratou diferente

por causa do que eu contei. Você sabe, eu nunca me senti mãe naquele tempo, eu só pensava em mim, comia as coisas e escondia dos meus filhos e até hoje, de vez em quando, quando eles me chamam mãe, eu nem acredito que sou eu, às vezes ainda acho inacreditável.”

Marizilda: “Então, Marta, você ainda tem muita coisa pra falar e pra rever da sua vida. Quanto mais você se sentir bem, mais vai poder ajudar seu filho. Portanto, pense num atendimento psicológico pra você também.”

Marta: “Eu vou pensar.”

Eu tinha por objetivo naquela sessão falar sobre o resultado do teste WISC e assim fiz. Procurei usar termos do senso comum, de maneira que a mãe pudesse entender e relacionar o que eu estava dizendo ao cotidiano do menino. Meu propósito foi alcançado e a mãe acrescentou informações. Iniciei dizendo que João era inteligente e tinha mais habilidade para executar atividades que exigissem raciocínio com palavras. Prossegui, fazendo referência à prova de completar figuras, na qual João teve razoável desempenho. Citei à prova de informação, observando que o garoto é capaz de aprender e de guardar aquilo que lhe ensinam, que também consegue perceber a diferença existente entre os objetos e consegue juntá-los em categorias.

Marizilda: “Bom, eu quero falar um pouco sobre o João. Lembra, eu te falei que o João era muito infantil e que eu queria olhar melhor isso. Eu fiz então uma atividade para ver a inteligência dele, para ver como que ele lida com situações do dia-a-dia, como ele resolve problemas do cotidiano. E agora vou contar pra você. A primeira coisa a falar é que o João é um menino

inteligente e tem uma habilidade maior para fazer coisas que exijam fala, linguagem, do que para fazer coisas que exijam habilidade manual.”

Marta: “Não te falei que, no trem, na rua, ele fala com todo mundo e eu fico preocupada porque ele pode falar com pessoas que não prestam, pode se envolver com drogas ou coisas assim? E com as mãos, como você falou, ele não é muito bom. Quando ele era pequeno, ganhava um brinquedo e queria desmontar pra ver como era feito. Desmontava e depois não sabia mais montar.”

Marizilda: “Então, nossa primeira observação coincide. Em qualquer ambiente que ele vá, ele é capaz de perceber os detalhes que tem ali, as minúcias. Ele percebe, mas nem sempre consegue nomear as coisas.”

Marta: “Como assim?”

Marizilda: “Eu vou te dar um exemplo, você usa tiara, todas as vezes que você veio aqui estava de tiara, se um dia você estiver sem ela, ele vai perceber, mas é possível que não consiga dizer o nome do que está faltando. É possível que diga ‘Mãe, hoje você não pôs aquele negócio na cabeça’. Entendeu agora? Ele percebe, mas nem sempre dá nome para as coisas.”

(Marta acena afirmativamente com a cabeça)

Marizilda: “Uma coisa que poderia ser feita para estimulá-lo nesse sentido é quando você estiver com ele, dentro de casa mesmo, e estiver pegando um objeto, fale o nome do objeto. Por exemplo, vamos supor que você esteja lavando louça e pegue um amassador de alho para lavar e ele esteja junto, peça pra ele enxugar o amassador de alho, ou seja, diga o nome do objeto para que ele guarde na memória. Melhorando isso, ele pode também

melhorar na escola. Ele consegue reter as informações que dão a ele. Enfim aquilo que é ensinado a ele, ele consegue aprender.”

Marta: “Isso eu sempre falei, desde que ele era pequenininho. Eu já te contei que ele andou muito cedo e que aprendeu a andar sozinho. Era super levado, não parava quieto um só instante. Ele sempre aprendeu as coisas com muita facilidade.”

Marizilda: “Como eu já te disse, ele é um menino inteligente, tem uma boa inteligência verbal. Ele é capaz de reconhecer o que os objetos têm em comum, estabelecendo categorias para eles. Assim, ele tem um raciocínio abstrato, a coisa não precisa estar ali, pra ele poder pensar sobre elas, ver suas qualidades. Ele pode pensar na coisa sem que ela tenha de estar presente ali. Se eu pudesse dar um exemplo grosseiro pra você, eu diria o seguinte: Ele sabe o que é um cachorro, mesmo sem ter um cachorro na frente dele. Ele sabe que o cachorro é um animal, ele aprendeu as características que uma coisa tem de ter pra ser considerado um animal. Assim, quando ele vir um outro animal, mesmo que ele não saiba o nome, ele vai saber que é um animal. Não sei se deu pra entender.”

Marta: “Deu sim.”

Marizilda: “Isso quer dizer que, se o João não vai bem na escola, não é por que ele não tem inteligência ou capacidade pra aprender. Isso ele tem.”

Marta: “Acho que a escola que é ruim. Depois que teve esse negócio de não repetir mais de ano, as crianças passam de ano e não sabem nada. Vão de um ano pro outro e não aprendem nada. As professoras faltam, é uma porcaria. E também eles sabem que vão passar de qualquer jeito e também

não faz o mínimo esforço pra estudar, pra aprender. Isso não é só o meu filho, são todos os alunos.”

Marizilda: “Essa é uma reclamação geral. Quase todas as mães que eu atendo aqui têm esse mesmo ponto de vista. Talvez as mães deveriam se unir e buscar junto aos órgãos competentes uma solução para o caso. No fundo, o grande prejuízo é das crianças, que deviam estar aprendendo e na realidade não estão.”

Marta: “Eu já pensei nisso. Mas tem mãe também que não tá nem aí.”

Expliquei à Marta que João tem uma boa coordenação viso-motora, mas que é lento, fato que o prejudica na escola. Retomei a questão da dificuldade em relação ao raciocínio lógico-aritmético e propus que o menino freqüentasse o reforço escolar. Referi-me às noções de tempo e espaço, afirmando que ele deveria ser melhor estimulado nesse sentido.

Marizilda: “Uma outra coisa que eu vi, é com relação à coordenação viso-motora fina. Lembra que, logo no início, eu falei pra você que ele tinha uma boa coordenação e você me disse que nem parecia, porque ele ia mal na escola? “

Marta: “Lembro, sim.”

Marizilda: “Então, eu falei que ia olhar isso melhor e olhei. Ele tem uma boa coordenação, sim. O que acontece é que ele é lento, ele tem um ritmo lento. Então, pra ele fazer uma lição, por exemplo, corretamente, ele demora. E eu acho que é isso que acontece na escola pra ele fazer uma tarefa corretamente, ele demora, ele se cansa, os outros acabam antes e ele não.”

Marta: “Sabe que antes ele reclamava que a professora punha a lição na lousa e apagava e não dava tempo dele copiar? Agora ele não reclama mais porque nem copia mais a lição. Você olha o caderno dele, está meio vazio.”

Marizilda: “Acho que ele, fazendo a psicoterapia, o atendimento que eu vou encaminhar e também o reforço do que eu, já, já, vou falar com você, vai ajudar nesse sentido.”

Marizilda: “Eu notei que ele tem dificuldade no que diz respeito a raciocínio aritmético, na verdade, ele tem dificuldade para fazer contas, cálculos de modo geral. Nós já tínhamos falado nisso. Eu acho isso um problema. Tem aí uma diferença de que o atendimento psicológico não vai dar conta. Ele está aprendendo expressões e não sabe fazer corretamente as quatro operações. Essa diferença, não tem atendimento psicológico que possa melhorar.”

Marta: “O que eu não entendo é que ele sabia fazer isso antes.”

Marizilda: “Marta, eu não sei o que aconteceu. Só sei que, hoje, ele não consegue fazer de cabeça nem soma, nem subtração de dois algarismos e divisão de cabeça nem de um algarismo. Também acredito que há uma deficiência no raciocínio. Por exemplo, se você der um problema de matemática simples, pra ele, ele não sabe fazer, ou pelo menos tem grande dificuldade pra fazer. Eu acho que uma possibilidade pra resolver isso é colocá-lo num reforço. Na escola aonde ele vai tem reforço?”

Marta: “Não sei com certeza, mas acho que tem.”

Marizilda: “O que você acha disso?”

Marta: “Não sei. Acho que ele não vai gostar nada disso.”

Marizilda: “É possível que ele não goste, mas eu não vejo outra saída para essa questão. Você tem alguma outra idéia?”

Marta: *“Não tenho não. Acho que é isso mesmo que você falou.”*

Marizilda: *“Minha sugestão, então, é que você se informe sobre isso e também converse com ele sobre isso. Eu também vou conversar. Uma outra coisa é a noção de tempo e de espaço. Ele parece ter uma pequena dificuldade quanto a essas noções. Nem sempre os pensamentos dele ou uma redação que ele faz têm uma seqüência correta. Às vezes, ele pode se atrapalhar um pouco nesse sentido, o que acaba também atrapalhando sua produção escolar. Você nota isso?”*

Marta: *“Bom, às vezes ele fala e fica tão ansioso pra contar, que fala atrapalhado e fica difícil de entender a história. Agora, a redação, eu não vejo o que ele faz. É difícil eu pegar um caderno dele pra ler. Eu chego tarde, cansada, ainda vou fazer comida, não dá pra fazer outra coisa. Isso eu não sei.”*

Apontei também a dificuldade quanto à capacidade de análise e síntese e observei que conhece as regras, tem valores, mas que apresenta imaturidade, falta de iniciativa para lidar com a vida. Comentei que o garoto tem bom vocabulário e que a reprodução de modelos no plano percepto-motor está um pouco prejudicada.

Marizilda: *“Também com relação ao plano do papel, quando alguma coisa está no papel, ele tem mais dificuldade para fazer uma análise e depois uma síntese. Acho que eu não expliquei direito. Sabe aquilo que você me contou, que quando ele era pequeno, ele desmontava o brinquedo para ver como era feito e depois não sabia remontar?”*

É isso, ele não consegue, só de olhar, saber como a coisa é feita, embora ele tenha vontade de saber.”

Marta: “Isso eu sempre percebi. Tanto que, no começo, eu brigava com ele e batia nele. Depois, eu já não batia mais, porque eu percebia que ele não fazia por mal, ele não queria quebrar o brinquedo.”

Marizilda: “Além de não querer quebrar, eu penso que ele ainda fica muito frustrado por perceber que não consegue. Ele consegue ter um bom raciocínio verbal, conhece a função dos objetos, sabe pra que serve as coisas, e entende o sentido atribuído às palavras. Tem um bom nível de compreensão do mundo em que vive.”

Marta: “Como assim?”

Marizilda: “Como a gente já falou antes, embora ele tenha um lado bastante infantil, um pouco regredido, ele não é uma criancinha inocente que não tem noção de nada. Ele tem noção das coisas que o cercam, ele consegue decifrar emoções mesmo que elas não sejam ditas. Por exemplo, ele tem noção de valores tipo honestidade desonestidade, ele sabe o que é esperado dele, enfim, ele reconhece o mundo em que vive.”

Marta: “Bom, isso eu já falei pra você, se eu ficar brava com ele, eu não preciso falar nada, ele sabe pela minha cara. Sabe e fica supertriste, é o único jeito de castigá-lo.”

Marizilda: “Então, acho que é isso. Tem mais uma coisa, ele tem um pouco de dificuldade para reproduzir um objeto. Por exemplo: ele tem dificuldade para fazer quebra-cabeça. Sabe como, pra montar uma coisa a partir das partes. Não sei se você já observou isso?”

Marta: “Quando ele era menor e a gente dava quebra-cabeça pra ele, a gente ajudava a fazer. Acho que, sozinho, ele não fazia mesmo, pelo menos no começo, depois ele já decorava, aí fazia.”

Marizilda: “Ele também me pareceu que não tem uma boa noção do seu corpo e isso você já tinha me dito.”

Marta: “É, eu não te falei? Ele não se percebe.”

Marizilda: “A pessoa para quem eu vou encaminhá-lo vai trabalhar um pouco essa parte motora, corporal, com ele. Acho que vai ser bom, acho que vai ajudar.”

Marta: “Tomara que sim.”

Marizilda: “Por outro lado, ele tem alguma dificuldade para resolver problemas do dia-a-dia. Ele, muitas coisas não resolve sozinho, preferindo recorrer a outras pessoas, em especial a você. Isso mostra dificuldade para decidir as coisas imaturidade etc...”

Marta: “Isso ele tem. Tudo é mãe. Mãe daqui, mãe dali. Eu falo pra eles, se eu morrer, que vocês fazem sem mim?”

Marizilda: Então, nesse sentido Marta, é preciso refletir. Tem coisas que ele pode fazer sozinho e você deve deixar. Tem outras coisas que ele não pode fazer sozinho e você não pode deixar. Por exemplo, a escola é algo que você deve incentivar como sendo uma responsabilidade dele e não sua.”

Marta: “Eu tento fazer isso, mas ele não entende. Se eu não ficar em cima, ele não faz nada.”

Marizilda: “Eu sei que é difícil, mas nós precisamos mudar esse quadro. você entendeu tudo que eu falei?”

Marta: “Eu entendi e foi ótimo. Cada coisinha que você falava parecia que eu via meu filho. Foi bom. Você parecia conhecer ele mais até que eu. Como é que você faz isso?”

Marta parecia encantada com o que tinha ouvido. Era como se estivesse admirada e curiosa, ao mesmo tempo. Sua reação incomodou-me um pouco, pois parecia estar me vendo de forma idealizada. Tentei minimizar esse efeito, valorizando o conhecimento que ela, mãe, tinha do próprio filho. A mãe agradeceu-me como se aquele fosse nosso último encontro. Sinalizei que teríamos mais um atendimento e que nesse dia, daria o nome da pessoa que atenderia João. Despedimo-nos.

Refletindo sobre meu incômodo, percebi que este estava relacionado ao fato de que Marta manifestava a tendência de considerar que muitas situações se resolvem por milagre, demonstrava a crença de que Deus poderia resolver suas dificuldades independentemente de qualquer movimento seu. Aliás, essa também era a visão de João, como já me referi anteriormente. O que me incomodou de fato, foi pensar que Marta poderia estar me pondo nesse lugar também, não no lugar de Deus, mas no lugar de quem vai resolver todos os seus problemas. Contudo, a clareza sobre meus sentimentos só ocorreu depois do término do atendimento, exatamente ao fazer este estudo de caso. Mais uma vez, via reforçada minha tese de que a compreensão da religiosidade é um instrumento que permite perceber como a pessoa se relaciona com a religião, quer de uma forma que ative seu crescimento e desenvolvimento, quer de maneira oposta, como era o caso de meus clientes.

Assim, foi possível pensar em outro caso atendido, no qual a paciente utilizou seu sistema de crenças religiosas como algo que dá suporte, que ajuda a prosseguir, apesar das dificuldades.

O caso em questão era o de um garoto de sete anos, que já havia sido examinado por vários neurologistas, sem que, fosse obtido um diagnóstico claro a respeito de seu problema. Segundo sua mãe, desde pequeno era muito agitado, não conseguia ficar parado para executar uma tarefa. Quando ingressou na escola seu comportamento chamou a atenção de professores e diretores, sendo então encaminhado ao neurologista, com suspeita de hiperatividade. Entretanto, esse diagnóstico não foi confirmado nem pelo médico, nem pelos especialistas que foram posteriormente consultados, permanecendo a dúvida. Já havia sido atendido por uma psicóloga, que também não dera informações muito conclusivas. A mãe encontrava-se muito angustiada e, ao mesmo tempo em que queria saber o que acontecia com seu filho, temia que suas suspeitas fossem confirmadas. Na verdade, essa mãe veladamente pensava que o garoto poderia ser hiperativo, mas que, além disso, existia outra dificuldade, ou seja, acreditava que o menino não se comportava de forma compatível com sua idade cronológica. Suas suspeitas se confirmaram.

Durante a entrevista sobre a religiosidade, a mãe disse ser evangélica e relatou que acreditava que as pessoas na terra “deveriam estar vigilantes, pois ninguém sabe qual a hora do juízo final”. Após a exploração do aspecto religioso, percebi que sua fé podia ser uma possibilidade de elaborar a tão temida e sofrida notícia, ou seja, seu filho tivesse realmente um atraso no desenvolvimento cognitivo, emocional e motor. A partir das próprias concepções da cliente a respeito da criança com necessidades especiais e daquilo que sua religião pregava

em relação a essas crianças, foi possível trabalhar a aceitação da dificuldade e a ajuda e a força que a mãe poderia dar ao filho para que ele se desenvolvesse a partir de suas possibilidades.

2.15. Sexta sessão com João

Meu objetivo nessa sessão, era alinhar todas as conversas mantidas anteriormente com João. Optei por fazer isso por meio de diálogo de diálogo e não mediante o livro de história, na medida em que João era um garoto infantilizado e regredido e eu não queria reforçar tais comportamentos.

Iniciei a sessão recapitulando a queixa e as atividades que fizéramos juntos. Abordei o fato de João ser um garoto inteligente, embora sua produção fosse inferior a seu potencial. Percebi que João não estava entendendo o que eu queria comunicar e passei a dar exemplos mais concretos. Referi-me a seu desempenho na escola ao que retrucou que as professoras não sabiam ensinar e que ele não queria mais freqüentar a escola. Trabalhei com ele suas idéias a respeito, bem como a necessidade que eu via de buscar reforço escolar, para resgatar conteúdos que ele não havia aprendido.

João punha toda a responsabilidade de sua dificuldade escolar fora dele, nos outros. Notei que o garoto não conseguia entrar em contato com suas limitações, que estas eliciavam sentimentos de insegurança e incapacidade, contudo, envergonhava-se delas e manifestava uma agressividade reativa dirigida a coisas e pessoas que haviam mobilizado nele aqueles sentimentos.

Marizilda: “Então, o que eu quero dizer é que você tem inteligência pra ir melhor na escola do que vem fazendo.”

João: “Eu sei. Mas são as professoras que não sabe ensinar, falta, não dá aula. Eu não quero mais ir na escola.”

Marizilda: “A escola é importante pra você. Talvez hoje você não perceba isso. Mas com o tempo, você vai perceber.”

João: “É muito chato.”

Marizilda: “Eu entendo você, mas você tem de insistir. Mas, enfim, você conhece um monte de coisas, sabe o que elas significam, sabe pra que os objetos servem, sabe conversar com as pessoas. Tem um pouco de dificuldade pra montar as coisas, pra reconhecer e usar as formas geométricas e pra fazer contas. Eu fiquei pensando nisso e, principalmente, na dificuldade de fazer conta. Você acha que você tem?”

João: “Eu acho, eu detesto matemática e ainda a professora não sabe ensina. Eu acho difícil mesmo.”

Marizilda: “Então, e o que você acha que a gente pode fazer para melhorar isso?”

João: “Eu já sei o que você vai falar, é do reforço, minha mãe já falou comigo. Mas eu não queria não.”

Marizilda: “João, você pode não gostar dessa idéia e, se for assim, se você fizer isso de má vontade, não vai adiantar. Vamos pensar juntos. Você não sabe fazer conta direito, a professora passa uma matéria mais adiantada, você não sabe fazer, alguns sabem, você gostaria de saber fazer, mas não sabe. Aí você fica com raiva, com vergonha e cada vez aprende menos e cada vez acha mais chato a escola e a aula. Não é assim que acontece?”

João: “É.”

Marizilda: “Então, é isso que eu gostaria que mudasse, eu gostaria que você se sentisse melhor em relação à matemática e à escola.”

João: “Tá.”

Marizilda: *“Você acha que pode fazer um esforço e ir pelo menos um pouco no reforço?”*

João: *“Acho que sim.”*

Marizilda: *“Eu percebi que você ficou triste quando eu falei sobre isso.”*

João: *“É que eu fico com vergonha quando eu não sei.”*

Marizilda: *“É por isso que nós temos que encontrar uma solução. Tudo bem?”*

João: *“Tudo.”*

Outro assunto abordado foi à relação entre a encoprese e a dificuldade de crescer, de amadurecer, e na necessidade da aprovação e do afeto da mãe. Ao fazer tal associação, o menino imediatamente disse que crescer não era algo bom, pois quem cresce tende a cometer erros e que, segundo sua mãe, isso estava escrito na Bíblia.

Afirmar a João que crescer também trazia coisas boas e o menino logo relacionou isso ao fato de que, quando se cresce, pode-se ficar rico. Seu conflito havia se delineado ali: ficar pequeno para agradar sua mãe, fugindo da realidade ou crescer e fazer escolhas diante do leque de possibilidades que o mundo propõe, desagradando sua genitora.

Marizilda: *“Tem mais uma coisa que eu já te falei e queria retomar. O cocô...”*

João: *“Eu não fiz mais, já faz tempo.”*

Marizilda: *“Que ótimo, você parece feliz com isso.”*

João: *“É.”*

Marizilda: *“Então, eu achei também que você não queria muito ficar grande crescer, porque você achava que, se crescesse, sua mãe podia não gostar*

tanto de você. Ela gostava de ter um filho pequeno, isso é o que você achava.”

João: “É chato crescer.”

Marizilda: “Por quê?”

João: “Quem cresce faz coisa errada.”

Marizilda: “Quem cresce faz coisa legal também, trabalha, ganha seu dinheiro, compra celular, ajuda as pessoas e muitas outras coisas...”

João: “Mas ta escrito na Bíblia.”

Marizilda: “O que está escrito na Bíblia?”

João: “Não sei, minha mãe que fala.”

Marizilda: “O que sua mãe fala?”

João: “Não lembro.”

Marizilda: “É melhor você perguntar pra sua mãe sobre isso que ela fala e você não sabe direito o que é. De qualquer modo, João, crescer também traz coisas boas.”

João: “Pode ficar rico e ter tudo que quer, né?”

Prosseguindo, falei-lhe sobre o encaminhamento que faria para ele. Ficou claro que o menino relutava diante desse encaminhamento, que havia criado um vínculo comigo e que se ressentia pelo término do atendimento. Pareceu-me que nada do que pudesse dizer poderia amenizar o que estava sentindo. Entretanto, pensei que poderíamos vivenciar ainda naquela sessão, algo cujo significado fosse prazeroso e que servisse como uma referência, um registro que pudesse ser ampliado e levado para outras situações. Assim, iniciamos o jogo.

Marizilda: *“Pode ser. Bom, enfim é isso. Nosso atendimento está terminando...”*

João: *“Você não falou que a gente ia jogar?”*

Marizilda: *“Calma, tá terminando hoje, mas não agora. Nós vamos jogar, sim. Eu só queria te falar que você vai continuar o atendimento em outro consultório, não aqui, e com outra pessoa que não sou eu.”*

João: *“Onde?”*

Marizilda: *“É aqui perto. O que você acha?”*

João: *“Nada.”*

Marizilda: *“Como, nada?”*

João: *“Não acho nada, eu nem sei, nem conheço.”*

Marizilda: *“Entendi, você só pode achar alguma coisa na hora em que conhecer.”*

João: *“É.”*

Marizilda: *“Então, tá. O que você quer fazer?”*

João: *“(Enquanto abre a caixa) Varetas. Eu vou jogar. Ih! Saiu fácil. Par.”*

O jogo foi muito parecido com os outros que já havíamos jogado, porém João estava mais excitado, mais eufórico. Acredito que isso estivesse relacionado ao fato de ser o último atendimento; o menino depositaria toda a energia naqueles momentos. Apesar disso, em nenhuma ocasião manifestou agressividade pela situação de perda, ao contrário, em alguns momentos ajudou-me, como se isso fosse uma espécie de retribuição, de gratidão. No final, acabou ganhando a partida, expressando seu contentamento em virtude disso.

Marizilda: “Ímpar.”

João: “Cinco, você ganhou. Começa.”

Marizilda: “Tá difícil.”

João: “Tira esse aqui.”

Marizilda: “Você tá me ajudando?”

João: “Tô.”

Marizilda: “Sua vez, você vai ganhar de longe.”

João: “Pronto.”

Marizilda: “Com certeza você ganhou.”

João: “Acho que não precisa nem contar.”

Informei a João que o tempo havia acabado e pedi que me ajudasse a guardar o jogo de varetas. O garoto mostrou-se solícito, a seguir despedimo-nos e a sessão foi encerrada.

Marizilda : “É, acho que não. Vamos juntar para guardar.”

João: “Tó.”

Marizilda: “Cadê o elástico?”

João: “Sumiu.”

Marizilda: “Tá aqui debaixo da tampa da caixa.”

João: “Ah!”

Marizilda: “João, nós vamos encerrar agora, eu espero que dê tudo certo pra você. A semana que vem sua mãe vem só pra eu dar o endereço da psicóloga pra ela. Tchau.”

João: “Tchau.”

2.16. ÚLTIMA SESSÃO COM A MÃE

Iniciei o atendimento dizendo à mãe que esse era nosso último encontro e perguntei-lhe se havia algo que quisesse me dizer, antes da leitura do relatório final. Marta comunicou-me que João estava muito indisciplinado e irritadiço e que havia evacuado na roupa novamente. Observei a Marta que esse comportamento era esperado e que ela podia acalmar-se, pois eu acreditava que, com a continuidade do atendimento de João e com o atendimento para ela, o menino conseguiria superar suas questões. Aproveitei a oportunidade e fiz a indicação da psicóloga que os atenderia. A mãe quis certificar-se de que o atendimento seria gratuito, e garanti a ela que, se tivesse algum poderia telefonar-me. Marta pareceu tranquilizar-se.

Em seguida procedi à leitura do relatório final, que reproduzo na íntegra.

Marizilda: “Marta compareceu CPA em 08 de setembro de 2003 para triagem. Nesta ocasião contou que seu filho tem encoprese. Acrescentou que, até os quatro anos, o menino conseguia controlar os esfíncteres anais e vesicais e que a partir dessa data, época em que passou a tomar conta de seu sobrinho, deixou de fazê-lo. Relatou ainda que, atualmente, esses episódios ocorrem com mais frequência aos finais de semana, embora antes ocorressem também na escola. Disse que o menino foi submetido a exames médicos, sem que nada fosse constatado. Comentou que o garoto se aborrece muito com isso e que certa vez, ao assistir pela TV a uma missa rezada pelo Padre Marcelo, ajoelhou-se no chão e pediu a Deus para ficar livre “daquilo” (sic). A

esse respeito, esclareceu que a família é católica carismática e que a religião representa parte significativa da vida familiar.

Relatou também que a família é constituída por ela, seu marido e três filhos respectivamente 19, 17 e 12 anos. O marido tem um problema auditivo que tem dificultado o relacionamento familiar, já que está totalmente surdo e aguarda consulta médica. Com base na queixa apresentada, Marta e seu filho foram encaminhados para Psicodiagnóstico Interventivo.

Em 15 de março de 2004 teve início o referido processo e Marta confirmou a queixa anteriormente trazida, acrescentando que João e seu irmão brigam freqüentemente e que, em sua opinião o irmão tem ciúme de João e por essa razão o maltrata.

Na entrevista de anamnese, contou que João é o terceiro de três filhos e que não foi uma criança planejada pelo casal, uma vez que estavam construindo uma casa e a situação financeira era difícil. Contudo, foi a melhor gravidez que teve, não se lembrando de nenhum pensamento adverso em relação ao parto ou à criança.

João nasceu de parto cesariano, sem nenhuma intercorrência. A mãe desejava, durante a gravidez, que fosse uma menina e, mesmo fazendo duas ultra-sonografias, que não confirmaram seu desejo, só acreditou que era um menino após o nascimento. Quanto ao marido, não esboçou nenhuma reação inicial em relação à criança, embora hoje seja bastante apegado ao filho.

O garoto dormiu no quarto dos pais até os oito anos, e segundo a mãe, atrapalhava a relação do casal, mas ambos sabiam lidar com isso.

Foi amamentado por um mês, data a partir da qual foi introduzida a mamadeira, mantida até os nove meses. Aos quatro meses iniciou outro tipo

de alimentação e, aos nove meses já comia de tudo, tendo sempre se alimentado bem. Atualmente exagera na alimentação e é repreendido pela mãe, que não consegue contê-lo.

Tem sono agitado até hoje, falando bastante durante a noite.

De acordo com Marta, seu desenvolvimento psicomotor foi bastante precoce, andando por volta dos sete ou oito meses e falando na mesma época. Quando começou a falar trocava algumas letras, mas hoje fala corretamente.

O controle esfinteriano anal e vesical foi feito aos nove meses, segundo a mãe. Usou chupeta até um ano, sendo que, nessa época, Marta jogou-a fora, na frente do menino, que nunca mais a solicitou. Não refere tiques.

Disse que João faz amizades com facilidade, mas não as mantém. Gosta de liderar nas brincadeiras e não suporta quando outros assumem esta posição.

A mãe nega curiosidade sexual.

Quanto à escolaridade, João cursa a sexta série do ensino fundamental e a mãe não refere problemas escolares atuais, apenas certa dificuldade em matemática. Atribui essa dificuldade ao fato de ser preguiçoso, porém enfatiza sua inteligência e capacidade para aprender. Nega doenças anteriores, apesar de relatar vários acidentes: um, no qual cai de uma laje alta e bate a cabeça, outro, em que bate o rosto no guarda-chuva e perde quase totalmente a visão de um olho e um terceiro, em que é mordido por um cachorro. Nos três casos, a mãe considera que o garoto era muito agitado e que não se podia descuidar dele por nem um segundo, pois isso geralmente implicava um acidente.

Durante a entrevista sobre a religiosidade, Marta deixou claro que tivera uma infância difícil, no interior do Nordeste, com poucos recursos e pouco afeto. Foi possível notar que, mediante a isso ela cresceu com ressentimentos e foi adotando, ao longo da vida, atitudes censuráveis, segundo suas atuais crenças e conceitos. Até certo período de vida definiu-se como uma pessoa de pouca responsabilidade, que não se mostrava capaz de sensibilizar-se com o outro. Ao contrário, traçou um perfil de si própria como uma pessoa que busca a satisfação imediata de seus desejos, sem dar muita importância para os sentimentos dos outros ou para a dor que pode lhes causar. Entretanto, a partir do momento em que adotou a religião católica carismática, sua vida se modificou e ela passou a ser outra pessoa. Modificou seu comportamento, passou a se importar mais com os outros, a cuidar dos filhos e da própria família e adquiriu conceitos muito mais rígidos sobre o que é certo e o que é errado, sobre o que é pecado e o que não é pecado. Nessa época, João tinha quatro anos e foi quando se iniciaram os sintomas que persistem até hoje.

Durante o processo de Psicodiagnóstico, Marta percebeu que, por seus comportamentos contribuía para que João se mantivesse infantilizado e regredido. Ficou claro, para ela, que tinha o desejo de que o menino continuasse criança, em virtude de suas crenças religiosas, atreladas a sua própria história de vida. Marta acredita que as crianças não pecam, não sofrem e são sempre abençoadas, ao passo que, com os adultos, ocorre o oposto.

Quando da visita domiciliar, foi possível perceber que João tem um funcionamento muito parecido ao de sua mãe, que procura denunciar aquilo

que não considera correto, independente do fato de que isso possa magoar as pessoas. A influência da religião, ou melhor, dos conceitos religiosos, na vida familiar, tornou-se algo concreto, manifesto por imagens e vela acesa diante delas, na sala da casa, local onde fui recebida. Também se delinearam com maior clareza o tratamento infantilizado dado por Marta a seu filho João e o desejo do filho de agradar-lhe, obter sua aprovação e, em consequência, seu amor.

Em contato com a escola, percebi que João apresenta dificuldades de aprendizagem e comportamento inadequado em sala de aula. Contudo, essa parece ser a realidade da escola e não uma questão exclusiva de João. Problemas sociais e o próprio sistema educacional do país parecem limitar as possibilidades de João e agravar suas dificuldades.

Nas sessões com João notei que, inicialmente, ele adotou um comportamento reservado que posteriormente é substituído por atitudes cordiais e cooperativas. Comunicou-se com facilidade, conhecia as regras de convívio social e, no contato comigo, mostrou-se capaz de tolerar a frustração, fato que, segundo sua mãe, não é freqüente em sua vida cotidiana.

João mostrou bom raciocínio verbal, e suas histórias foram sempre finalizadas de maneira satisfatória. Utilizou-se de um vocabulário razoavelmente amplo e foi bastante rápido na produção verbal.

Apesar disso, João parecia vivenciar suas experiências de forma bastante regredida, e o conteúdo de suas histórias não é o esperado para sua faixa etária. Parecia perceber a vida de forma fantasiosa, evidenciando pensamentos mágicos em relação à solução de problemas. Nesse sentido,

acaba se distanciando da realidade e criando um mundo fantasioso e não compartilhado, no qual se refugia em momentos de aflição, onde tudo dá certo.

Apresentou uma visão maniqueísta do mundo e das pessoas, ou seja, elas são ou totalmente boas ou totalmente ruins. Essas idéias pareciam estar vinculadas a conceitos religiosos rígidos e arraigados.

Esse modo de conceber a vida parecia impedi-lo de crescer, mantendo-o por um lado, paralisado e impossibilitado de acompanhar as atividades adequadas a sua idade, mas por outro, lado livre de qualquer culpa ou de qualquer possibilidade de cometer erros.

Demonstrou rivalizar com o irmão, tentando distanciá-lo da mãe, por sentir ciúme dessa relação.

Denotou forte ligação com a figura materna, sendo bastante dependente dela. Desse modo, é possível pensar que João manifeste dificuldade em crescer, já que crescer implica cometer erros e esses podem fazê-lo perder o amor de Deus e da figura materna, condenando-o a um triste destino.

A figura paterna é percebida como pouco atuante e submissa.

João obteve no teste de WISC um QI total pouco abaixo do esperado para a idade, ocorrendo o mesmo com os QIs verbal e execução, embora houvesse uma discrepância entre ambos, ou seja, teve seu melhor desempenho nas provas que exigem raciocínio verbal. Esse fato foi confirmado pelo QI obtido em comp. verbal, que se encontra dentro da faixa de normalidade. Do ponto de vista da organização perceptiva, apresentou um ligeiro déficit, embora revelasse boa atuação quando deve executar atividades que exijam atenção/concentração.

Os resultados obtidos nos subtestes foram heterogêneos.

No que se refere a provas verbais, João revelou capacidade para reter informações provenientes do meio ambiente, sendo capaz de abstrair e generalizar conceitos. Mostrou grande dificuldade para utilização de raciocínio lógico-numérico e apresentou também certa dificuldade de julgamento diante de situações práticas do cotidiano, sendo isso indicativo de comportamento dependente e imaturo. Apresentou boa capacidade de raciocínio verbal, conhecia a função dos objetos e possui vocabulário adequado.

Quanto a provas de execução, o garoto revelou relativa capacidade para perceber minúcias e detalhes essenciais num todo organizado, bem como para organizar o todo a partir das partes, mediante um modelo anteriormente organizado e interiorizado. Conseguiu um excelente desempenho ao exercer atividades que exijam atenção e concentração. Apresentou certa dificuldade quando deve formar o todo a partir das partes estabelecendo seqüência entre as mesmas. Seu desempenho foi insatisfatório para a idade, no que diz respeito à capacidade de análise e síntese e à coordenação viso-motora-fina, quando aliada à rapidez e à precisão. Apesar disso, conseguiu um excelente desempenho ao exercer atividades que exijam atenção/concentração.

Parece tratar-se de criança com bom potencial intelectual, mas com dificuldades afetivo-emocionais ligadas à relação com a figura materna, impedem seu pleno desenvolvimento.

Pelo exposto João será encaminhado para Processo de Psicoterapia. Acredito que o processo lhe será benéfico, fazendo com que amadureça e amplie sua capacidade no plano percepto-motor. Marta

também foi encaminhada a Psicoterapia para que possa trabalhar melhor suas experiências de vida e possa viver sua religiosidade de forma mais saudável, sem que essa precise ocupar o lugar de repressora de impulsos e desejos.

Marta não fez nenhuma interrupção enquanto eu lia o relatório, parecia atenta e balançava a cabeça com frequência, em sinal de concordância. Após a leitura, perguntei-lhe se ela concordava com o que havia escrito ao que me respondeu afirmativamente, que estava “claro feito água”, e quis saber como eu tinha feito aquilo, como podia lembrar-me de tudo. Informei-a de que prestava atenção ao que ela falava e lembrei-a, de que, além disso, eu havia gravado as sessões.

Minha sensação era que Marta queria me dizer que nunca houvera alguém que a tivesse ouvido com tanta atenção e ela se mostrava surpresa por essa razão.

A sessão foi finalizada, desejei-lhe sorte e reforcei a idéia de que poderia telefonar-me, caso tivesse alguma dúvida em relação ao encaminhamento.

CAPÍTULO VI

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei este trabalho refletindo sobre a importância da exploração do aspecto religioso no Psicodiagnóstico Interventivo Fenomenológico-Existencial.

O mundo, ao longo dos séculos, passou por várias transformações, que se manifestaram em diferentes dimensões da vida humana, sendo uma delas a religiosidade. A religião, e particularmente as crenças dela decorrentes tiveram seu papel de destaque como centro do mundo, como determinantes dos destinos e das histórias pessoais. Posteriormente, deixaram de ocupar esse lugar e foram negadas. Construiu-se um mundo no qual habitava um homem racional e auto-suficiente e nesse projeto não havia espaço para a religiosidade. Na sociedade atual, sociedade altamente tecnológica e globalizada, constata-se um paradoxo: o reaparecimento da religiosidade, o surgimento de um grande número de religiões com uma enormidade de adeptos.

Ancona-Lopez (1995) referindo-se às pesquisas realizadas sobre o fenômeno religioso relata que essas mostram que na clínica psicológica a maioria dos clientes é religiosa e diz, citando-as: *“Aproximadamente 90% dos clientes identifica-se com uma religião, 86% acreditam em Deus, 70% acreditam que há um Deus que responde às suas orações, 49% freqüentam alguma igreja, 47% consideram a fé uma coisa importante em sua vida”*... (p. 74). Esses dados não podem ser ignorados, particularmente quando o psicólogo trabalha com crianças e seus pais.

A criança se constitui enquanto subjetividade a partir de uma multiplicidade de experiências às quais vai atribuindo sentido. Cada família possui uma cultura própria que se manifesta em cuidados parentais, na forma de educar os filhos, nas expectativas e projetos que têm para si, suas crianças e outros. A essa cultura familiar subjaz um sistema de crenças, sendo o aspecto religioso parte disso.

Embora essas afirmações pareçam evidentes, diferentes autores mostram a dificuldade dos psicólogos em lidar com esses aspectos e atribuem o fato, em parte, à ausência de um conhecimento sistematizado que dê suporte à exploração dessa dimensão. Ao indagar sobre a adesão religiosa da pessoa estamos nos referindo a religião explícita, mas isso só não é suficiente para dar conta de uma investigação mais profunda. Identificar que o indivíduo é católico, evangélico, espírita etc., por si só

não quer dizer muita coisa. É necessário pesquisar “como” ele é católico, espírita ou evangélico. É preciso saber de que modo àquela pessoa ou aquela família vive a sua religião. Ao fazer isso, podemos entender suas referências, seus apoios e a forma pela qual encontram “solo firme” para assentar suas existências. E, mesmo pessoas ou famílias que não têm uma adesão religiosa explícita, possuem determinadas concepções e crenças religiosas e essas são atuantes em suas vidas. Desse modo, conhecê-las é entender a maneira como a pessoa vê a vida, as dificuldades e como as enfrenta.

Assim, ao propor temas a serem explorados com esse fim, pretendi contribuir para o aprofundamento do processo de Psicodiagnóstico Interventivo.

No caso estudado o aprofundamento do conhecimento a respeito da relação com a religião presente no ambiente familiar, particularmente no que se refere à mãe e à criança, permitiu uma ampliação da compreensão diagnóstica, fato que possibilitou intervenções pontuais no tema.

Por intermédio da investigação da religiosidade foi possível resgatar a história de vida daquela mãe e a possibilidade de compartilhar seu universo psíquico. Essa foi uma parte fundamental para o entendimento dela e da criança. A posição religiosa da mãe deu início ao desenho de uma realidade na qual o garoto foi inserido logo ao nascer. Essa realidade foi construída pela trama de relações que o cercavam, o afetavam e o constituíam, na qual a religião desempenhava um papel importante.

Uma outra contribuição dada pela compreensão da religiosidade foi a de permitir entender a função que a religião ocupa na vida da mãe, ou seja, esta tem uma função de contenção, serve como mecanismo de controle, evitando que ela cometa atos impulsivos que não consegue incorporar à consciência. Entretanto, esse controle é repassado para os filhos e, no caso de João, ao mesmo tempo em que se deixa controlar, escapa de seu controle por meio de um sintoma: encoprese.

Evidenciou-se também a maneira pela qual o sistema de crenças de ambos, mãe e criança, constituiu-se ao longo de suas vidas, pela desconstrução e reconstrução das vivências relatadas na exploração dos aspectos religiosos. Ou seja, a mãe teve uma vida difícil, carente de estímulos e de afeto, cresceu acreditando não ser digna de ser amada, com um autoconceito ruim. Ao aderir à religião católica buscou encontrar todo o amor e aconchego que não havia

experimentado com seus pais. Entretanto, fez determinadas associações que acabaram por distorcer os ensinamentos religiosos.

Quanto ao garoto, precocemente mergulhou nessa cultura, que envolvia um sistema de crenças bastante distorcido, sendo esse um dos determinantes de sua subjetividade.

A forma como viviam essa religiosidade em seus relacionamentos ganhou visibilidade, bem como se descortinaram a dimensão e os significados atribuídos a Deus, vida e morte. A vida era entendida como algo mágico. Tanto a mãe quanto a criança tinham fantasias em relação à solução e ao enfrentamento dos problemas, o que acabavam por distanciá-los da realidade. Deus funcionava como o grande depositário de todas as resoluções e a morte refletia algum conforto, na medida em que era o encontro total com o divino, ou seja, a proteção irrestrita.

Enfim, o entendimento da influência da religião no grupo familiar delimitou a configuração do mundo interno daquelas pessoas, possibilitou perceber que o modo com que mãe e criança se posicionavam diante da vida estava impregnado por crenças e valores religiosos, vividos nos relacionamentos de modo geral. Acreditavam que Deus protegesse sempre as crianças, consideradas puras e, ao mesmo tempo os adultos eram vistos como pecadores. Além disso, ser bom para ser recompensado e não ser mau para não ser punido foram valores que permearam as subjetividades tanto de João quanto de sua mãe.

Talvez alguns desses elementos pudessem ser vistos por meio de um diagnóstico que não incluísse a avaliação da relação religiosa, entretanto, dificilmente haveria uma articulação do sintoma com o sistema de crenças. Esse procedimento contribuiu para o conhecimento do funcionamento interno dos clientes, permitiu construir uma estrutura inteligível dos fatos psicológicos. Esse trabalho de elucidação permitido pela compreensão da religiosidade possibilitou a descrição e o alinhamento dos modos de funcionamento, tanto da mãe quanto da criança, extraíndo os correspondentes significados. Possibilitou também, o recolhimento de fatos e vivências e sua organização como se estivesse sendo escrita uma biografia. Biografia, no sentido de determinar a lógica da história de vida daquelas pessoas, lógica complexa que foi, ao longo do processo diagnóstico, orientando meu raciocínio clínico. Esse raciocínio se configurou na medida em que a compreensão da religiosidade permitiu uma coleta de fatos, que foram selecionados, pensados, repensados e associados com outros elementos e também com a queixa

apresentada. O raciocínio clínico eliciado a partir da compreensão da religiosidade foi condição de possibilidade para a reconstituição das vivências relatadas, vivências da mãe e da criança, vistas por mim, e as correspondentes apreensões de signos e de significados que posteriormente foram organizados em um quadro inteligível e comunicável. Essa articulação foi fundamental para entender o caso, perceber que não se tratava somente da necessidade de atendimento psicológico, mas mostrar que as crenças podiam ser revistas e ressignificadas também do ponto de vista religioso. Contudo, a mãe só poderá fazê-lo, se de algum modo, estiver instrumentalizada para lidar com seus conflitos.

A dificuldade de João está diretamente ligada às crenças maternas e qualquer mudança definitiva em seu comportamento pede, necessariamente, uma revisão desse sistema de crenças.

A análise do caso de João mostrou que a exploração da religiosidade familiar é de suma relevância para a compreensão global do ser humano. Seu sistema de crenças mostra, ilumina seu modo de estar no mundo e esclarece muitas de suas ações e reações. A investigação da religiosidade permite um processo de desconstrução de determinados comportamentos e atitudes chegando a aspectos fundantes de suas funções e significados.

Por fim, a avaliação da religiosidade mostrou ser um procedimento que se integrou tranqüilamente no modo de trabalho do Psicodiagnóstico Interventivo Fenomenológico-Existencial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N. (1993) *A história da filosofia*. Lisboa: Editorial Presença.
- ABERASTURY, A. (1982) *A psicanálise da criança: teoria e técnica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- ABREU, A. P. F. (1999) *Psicologia e religiosidade: um estudo sobre a representação social de alguns aspectos da religião católica e sua expressão no contexto psicoterápico*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ.
- ANCONA-LOPEZ, Marília (1984) O contexto geral do diagnóstico psicológico. In: Trinca, W.(org.) *Diagnóstico psicológico: a prática clínica*. São Paulo: EPU.
- _____ (1987) *Atendimento a pais no processo de psicodiagnóstico infantil: uma abordagem fenomenológica*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUCSP.
- _____ (1987) O uso dos testes de inteligência In: Ancona-Lopez, Marília. (org) *Avaliação da inteligência vol I*. São Paulo: EPU.
- _____ (1987) O uso dos testes de inteligência In: Ancona-Lopez, Marília. (org) *Avaliação da inteligência vol II*. São Paulo: EPU.
- _____ (1995) Introduzindo o psicodiagnóstico grupal interventivo: uma história de negociações. In: Ancona-Lopez, Marília. *Psicodiagnóstico: processo de intervenção*. São Paulo: Cortez Editora.
- _____ (1999) Religião e psicologia clínica: quatro atitudes básicas. In Massimi, M. E Mahfoud, M. (ORG). *Diante do mistério*. São Paulo: Edições Loyola.
- _____ (1995) Psicodiagnóstico: Processo de intervenção? In: Ancona-Lopez, Marília. *Psicodiagnóstico: processo de intervenção*. São Paulo: Cortez Editora.
- ANCONA-LOPEZ, Silvia (1996) *A porta de entrada: da entrevista de triagem à consulta psicológica*. Tese De Doutorado. São Paulo: PUCSP.
- AMATUZZI, M. M. (1995) *A experiência religiosa: busca de uma definição*. Estudos de Psicologia, 15 (1), p.4M5.
- _____ (1999) Desenvolvimento psicológico e desenvolvimento religioso. In: Massimi, M. e Mahfoud, M. (org) *Diante do mistério*. São Paulo: Edições Loyola.
- APONTE, H (1992) *The cornerstone of therapy: the person of therapis*. The family therapy networker. 6 (2): 19-21.
- AUBERT, M. I. (2003) *Religiosidade humana: velamento e desvelamento – uma visão a partir da clínica winnicottiana*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUCSP.

- AUGRAS, M. (2000) *O ser da compreensão*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- BALDWIN, N. E. (1995) *Inventing the century*. Nova York: Hyperion.
- BARBOSA, P. C. R. (1996) *Psiquiatria Cultural do uso ritualizado de um alucinógeno no contexto urbano: uma investigação dos estados da consciência induzidos em moradores de São Paulo pela iniciação ao consumo da ayahuasca no Santo Daime e União Vegetal*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: UNICAMP.
- BECARINI, C. (1999) *Contos de fadas e mitos e sua conexão com o religioso – leitura crítica de uma experiência clínica*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUCSP.
- BECKER, E. (2002) *Os bastidores de uma história: A expressão criativa de estagiários na prática do Psicodiagnóstico Interventivo*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP.
- BIEITES, A.R. (2000) *O sentimento religioso no templo da humanidade*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- BINET, A. (1990) *Les idées modernes sur les enfants*. Paris: Flammarion.
- BOEHNLEIN, J. (2000) *Psychiatry and religion. The convergence of mind and spirit*. Washington: American Psychiatric Press.
- BONFATTI, P. F. (1998) *Xô Satanás: uma análise psico- antropológica da Igreja Universal do Reino de Deus*. Dissertação de Mestrado. Minas Gerais: Universidade de Juiz de Fora.
- BRUNS, M. A.T. & HOLANDA A. F. (2001) *Psicologia e pesquisa fenomenológica reflexões e perspectivas*. São Paulo: Ômega Editora e Distribuidora Ltda.
- CANHADAS, C. M. (1999) *Cura espiritual, uma visão integradora corpo-mente-espírito*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUCSP.
- CARVALHO, A. (1999) Sexualidade e religiosidade entre os adolescentes: um estudo comparativo. In: Massimi, M. e Mahfoud, M. *Diante do mistério*. São Paulo: Edições Loyola.
- CARMOLLINGA, R. A. (2001) *Religião e ficção na narrativa de Juan Rulfo*. Dissertação de Mestrado. Santa Catarina: UFSC.
- CHAIN, I. G.C. (1998) *O diabo nos porões das caravelas: mentalidade religiosa brasileira nos séculos XVI e XVII*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora, M. G.: Universidade de Juiz de Fora.
- CORRÊA, L.C.C. (1996) *Grupo de orientação a pais: um estudo fenomenológico-existencial*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-Campinas.

- _____(2004) *Visita domiciliar: recurso para a compreensão do cliente no Psicodiagnóstico Interventivo*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUCSP.
- CORRÊA, L.C. C. E ANCONA-LOPEZ, S. (2004) *Usos de desenhos livres como técnica interventiva no psicodiagnóstico*. Programas e resumos da X Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: formas e contextos. Portugal: Universidade do Minho.
- COSTA, A. R. (1995) *Prática de cura nas religiões e tratamento psíquico em saúde coletiva*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP.
- CUNHA, J. A. (1993) *Psicodiagnóstico-V*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- d'ALLONNES, C. R. (1989) *La démarche clinique en sciences humaines: documents, méthodes, problèmes*. Paris: Bordas.
- DONATELLI, M. F. (2001) *Devolutiva através de livro de história: possibilidade de encontro*. Programas e resumos do I Congresso de Psicologia Clínica. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- DONATELLI, M. F. e COL (2004) *Psicodiagnóstico e livro de história: possibilidade de uma experiência integradora na devolutiva para crianças*. Programas e resumos da X Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: formas e contextos. Portugal: Universidade do Minho.
- EJBZENBAUM, D. (2003) *Os laços sagrados da procriação: ressonâncias no desenvolvimento da feminilidade. Um estudo sobre a vivência da infertilidade em mulheres judias*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2003.
- ELKINS, D. (1999) *"Spirituality: it's what's missing in mental health."* Psychology Today, setembro - outubro.
- ELLIS, A. (1971) *The case against religion: a psychotherapist's view*. USA: Institute for Rational Living.
- EMMONS, R. (1999) *The psychology of ultimate concerns: motivation and spirituality in personality*. Nova York: Guilford Publications.
- ESPÍNDULA, J. A. (2001) *Vivências de mães em situação de recidiva de câncer*. Dissertação de Mestrado. Ribeirão Preto, S.P.: USP.
- FERRAZ, M. G. C. (1994) *Religare, uma cartografia da fé*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUCSP.
- FIGUEIREDO, L. C. (1991) *Matrizes do pensamento psicológico*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- _____(1994) *A invenção do psicológico*. São Paulo: Educ - Editora.

- FITCHETT, G. (1993) *Assessing spiritual need- Guide to Pastoral Care*. G pc. USA. 1993.
- FISCHER, C. (1970) *The testee as co-evaluator*. Journal of counseling psychology.v.77, pp70-6.
- _____ (1989) *A life-centered approach to psychodiagnostics: attending a lifeworld, ambiguity and possibility*. Person-Centered Review. 4,2, p. 163-70.
- _____ (1994) *Individualizing psychological assessement*. Mahwah: N. J. Erlbaum.
- FORGHIERI, Y. C. (1993) *Psicologia Fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisa*. São Paulo: Ed. Pioneira.
- FRANKL, V. E. (1994) *Em Busca de Sentido*. Petrópolis: Editora Vozes.
- _____ (1995) *La presencia ignorada de Dios*. Barcelona: Editorial Herder.
- FREITAS, L. V. (1987) *A psicoterapia como rito de iniciação – estudo sobre o campo simbólico através de sonhos relatados no self terapêutico*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP.
- FUCHS-KREIMER, N. (1996) *Parenting as a spiritual Journey*. Woodstock, Vermont: Jewish Lights Publishing.
- GALLUP, G. JR. (2000) *The next american spirituality: Finding God in the twenty-first century*. Nova York: Chariot Victor.
- GALLUP, G., JR. E LINDSAY, D. M. (2000) *Surveying the religious landscape: trends in us beliefs*. Nova York: Morehouse Publishing Co.
- GIOVANETTI, J. P. (1999) O Sagrado e a experiência religiosa. In: Massimi, M. e Mahfoud, M. (org) *Diante do mistério*. São Paulo: Edições Loyola.
- GLAZER, S. (1999) *The heart of learning: spirituality in education*. Nova York: Penguin Putnam.
- GLEICK, J. (1987) *Chaos: making a new science*. Nova York: Vicking Penguin.
- CONTIJO, E. D. (1999) Limites e alcances da leitura freudiana da religião. In: Massimi, M. e Mahfoud, M. *Diante Do Mistério*. São Paulo: Edições Loyola.
- GOMES, D. M. (2003) *O itinerário de crenças no tecer de redes sociais familiares: relações entre mitos religiosos e mitos familiares em famílias Adventistas do Sétimo Dia*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP.
- GONÇALVES, M. A. R. (1990) *A brincadeira no terreiro de Oxossi: um estudo sobre vida lúdica de uma comunidade de Candomblé no Grande Rio*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ.

- GOTTLIEB, R. (1999) *Spirituality and resistance: finding a peaceful heart and protecting the earth*. Nova York: Crossroad Press.
- GOULD, S. J. E LEWONTIN, R. C. (1979) "The spandrels of San Marco and the panglossian paradigm"_Proceedings of the Royal Society of London.
- HEIDEGGER, M. (1971) *Sobre a essência do fundamento. A determinação do ser do ente segundo Leibniz. Hegel e os gregos*. São Paulo: Editora Duas Cidades.
- _____ (1927) *Ser e Tempo*. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis, R J: Editora Vozes. Rio de Janeiro. 1986.
- HOLANDA, A. F. (2001) Pesquisa fenomenológica e Psicologia Eidética: elementos para um entendimento metodológico. In Holanda, A. F. e Bruns, M. A. T. *Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas*. São Paulo: Ômega Editora e Distribuidora Ltda.
- HUSSERL, E. (1911) *A Filosofia como Ciência do Rigor*. Coimbra: Atlântida, 1965.
- JAMES, W. (1994) *The varieties of religious experience: being the gifford lectures on natural religion delivered at Edinburgh in 1901-1902*. Nova York: Randon House Modern Library.
- KAMEL, N. M. (1990) *Islã: uma Psicologia Religiosa das relações interpessoais entre Deus e o homem e das relações sociais dos homens entre si*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP.
- KOENIG, H. G. (1993) *Religion and mental health*. USA: Academic Press.
- _____ (1998) *Handbook of Religion and mental health*. San Diego: Academic Press.
- KOENIG, H. G., BEARON, L., & DAYRINGER, R. (1988) *Physician perspectives on the Role of Religion in the physician-older patient relationship*. Journal of Family Practice. 28, 441-448.
- KOHLBERG, L. (1981) *Essays on moral development, vol 1*. San Francisco: Harper and Row.
- KRELL, O. J. G. (1999) *Fatores sociais para aceitação da união estável como entidade familiar na sociedade brasileira*. Dissertação de Mestrado. Paraná: U F P.
- LABURRE, S. A. L. (1982) *Grupos de espera: contribuição para atendimento psicológico em instituição*. Dissertação De Mestrado. São Paulo: PUCSP.
- LERNER, M. (1998) "Spirituality in América" Tikkun 6, nº13 (novembro) :33
- LESSER, E. (1999) *The new american spirituality*. Nova York: Randon House.

- LOTUFO, NETO, F. (1997) *Psiquiatria e religião: a prevalência de transtornos mentais entre ministros religiosos*. Tese de Livre Docência. São Paulo; FM-USP.
- MACEDO, R. M. (1984) *Psicologia e instituição: novas formas de atendimento*. São Paulo: Editora Cortez.
- MAHFOUD, M. (1996) *Folia de Reis: festa de raiz ou experiência religiosa em comunidade da estação ecológica Juréia-Itatins na perspectiva da Psicologia Social Fenomenológica*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP.
- _____ (1999) Encomendação das almas: mistério e mundo da vida em uma tradicional comunidade rural mineira. In Massimi, M. E Mahfoud, M. (org) *Diante do mistério*. São Paulo: Edições Loyola.
- MALONY, H. N. (1996) *The clinical assesement of optimal religious functioning: review of religious research*. 30 (1), 3-7.1988. USA: Bacon.
- MANTOVANI, M. V. (1994) *Religão: criatividade ou defesa da psique?* Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUCSP.
- MASSIMI, M. (1999) Conhecimentos psicológicos e experiência religiosa na história da Cultura Luso-Brasileira: um sermão de Antônio Vieira In: Massimi, M. e Mahfoud, M. (org.) *Diante Do Mistério*. São Paulo: Edições Loyola.
- MATOS, B. T. P. (2004) *Uma sagarana para o lugar do fenômeno religioso na modernidade contemporânea: alguns horizontes de religiosidade em Florianópolis*. Tese de Doutorado. Florianópolis, SC: UFSC.
- MEDEIROS, M. (1999) *Em busca do sentido do êxtase: do Movimento Transpessoal à Análise Existencial*. Dissertação de Mestrado. Distrito Federal: Universidade de Brasília.
- MERLEAU-PONTY, M. (1952) *Ciências do homem e Fenomenologia*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Ed. Saraiva, 1973.
- MIGLIORINI, W. J.M. (1993) *Função transcendente na obra de Jung: definição e papel da interpretação*. Dissertação de Mestrado. São Carlos, S.P.: UFSC.
- MIRANDA, R. A. (1987) *Adolescência final e Religião*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1987.
- NAVARRO, R. R. O. (2000) *“Experiência de Deus”: uma vivência e um estudo com o questionário Pratt sobre a crença religiosa*. Dissertação de Mestrado. Distrito Federal: Universidade de Brasília.

- NUNES JUNIOR, A. B. (2001) *Do recato da clausura ao turbilhão do êxtase*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP.
- OCAMPO, M. L. S., ARZENO, M.E.G. e COL. (1981) *O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas*. São Paulo: Martins Fontes.
- OROZCO, Y. C. P. (2000) *Mulheres, aids e religião: uma análise da experiência religiosa de mulheres portadoras do vírus hiv e aids*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUCSP.
- PAIVA, G. J. (1993) *Itinerários religiosos de acadêmicos: um enfoque psicológico*. Trabalho de Livre Docência. São Paulo: USP.
- _____ (1999) *Religião, Literatura e Psicologia: o conhecimento pela metáfora*. In Massimi, M. e Mahfoud, M. (org.) *Diante do mistério*. São Paulo: Edições Loyola.
- _____ (2000) *A Religião dos cientistas*. São Paulo: Editora Loyola.
- PARGAMENT, K.I. & MAHONY, A. (2002) *Spirituality: the discovery and conservation of the sacred*. C.R. Snyder & S.J. LOPEZ Eds. *Handbook of Positive Psychology* pp.646-659. New York: Oxford University Press.
- PESSÔA, E. S. (2003) *O discurso evangélico como expressão da cidadania*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUCSP.
- PRADO, A. (1999) *A arte como experiência religiosa*. In: Massimi, M. e Mahfoud, M. (org) *Diante Do Mistério*. São Paulo: Edições Loyola.
- PROPST, L. S. (1987) *Psychotherapy within a religious framework: spirituality in the emotional healing process*. USA: Human Sciences Press.
- RIBAS, J. T. P. (2001) *A experiência religiosa em uma casa brasileira de raiz africana loruba*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP.
- RIBEIRO, R. (1990) *Mãe negra: o significado loruba da maternidade*. São Paulo: USP.
- RICHARDS, P S. & BERGIN, A. E. (1998) *A spiritual strategy for counseling and psychotrerapy*. USA: APA.
- SAFRA, G. (1999) *Sacralidade e fenômenos transicionais: visão winnicottiana*. In: Massimi, M. e Mahfoud (org) *Diante do mistério*. São Paulo: Edições Loyola.
- SAMPAIO, J. R. (1999) *Experiência numinosa e "confissões de fé"*. In: Massimi, M. e Mahfoud, M. *Diante Do Mistério*. São Paulo: Edições Loyola.
- SANTIAGO, M. D. E. (1995) *Psicodiagnóstico: uma prática em crise ou uma prática na crise* In: Ancona-Lopez, M. *Psicodiagnóstico: processo de intervenção*. São Paulo: Cortez Editora.

- _____ (2001) *Fundamentos e questões implicadas na devolução psicodiagnóstica às crianças*. Programas e Resumos do I Congresso de Psicologia Clínica. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- SANTOS, L. C. N. (1999) *Psicologia e religião: corpo e crescimento espiritual na concepção dos Bispos Metodistas*. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo, S.P.: Universidade Metodista.
- SANTOS, ALESSANDRO DE OLIVEIRA (1999) *Representações sociais de saúde e doença no Candomblé Jeje-Nagô do Brasil*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP.
- SCHUNEMAM, H. E. S. (1995) *Noção de providência em Adventistas do Sétimo Dia*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP.
- SERRANO, A. I. (1998) *Onze estações e um devoto de São Jorge: discursos psicológicos num serviço de saúde mental*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, SC: UFSC.
- SHAFRANSKE, E. P. (1996) *Religion and the clinical practice of Psychology*. USA: APA.
- TAYLOR, S. et al. (2000) "Psychological resources, positive illusions, and health" *American Psychologist* 55, nº1 (Janeiro): 99-109
- SOUZA, L. Q. (2002) *A abordagem centrada na pessoa e a experiência religiosa*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC.SP.
- TILLICH, P. (1992) *A coragem de ser*. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- TRINCA, W. (1983) *Pensamento clínico em diagnóstico da personalidade*. Petrópolis, R.J.: Ed. Vozes.
- _____. (1984) *O diagnóstico psicológico: a prática clínica*. São Paulo: EPU.
- VERISSIMO, J. L. (1997) *A experiência religiosa como expressão do si-mesmo. um estudo do pensamento de C. G. JUNG*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ.
- WESTEN, D. (1995) "A clinical-empirical model of personality: life after the Mischel Ice Age and the Neolithic Era" *Journal of Personality* 63, nº3 (setembro) : 495-524.
- WICHERT, C. L (1997) *Paul Tournier e a educação adventista: concordâncias e diferenças*. São Paulo: USP.
- WILBER, K. (2000) *Una vision integral de la Psicología*. México: Alamah.
- WOLMAN, R. N. (2001) *Inteligência Espiritual*. Rio de Janeiro: Ediouro.

YEHIA, G.Y. (1994) *Psicodiagnóstico fenomenológico existencial: espaço de participação e mudança*. Tese de Doutorado, São Paulo: PUCSP.

_____ (1995) Reformulação do papel do psicólogo no psicodiagnóstico fenomenológico-existencial e sua repercussão sobre os pais. In: Ancona-Lopez, Marília. *Psicodiagnóstico: processo de intervenção*. São Paulo: Editora Cortez.

YEHIA, G. Y. E COLS. (2002) Interventive assesement with children and parents in group meetings: professional training and storybook feedback. In: Fischer, C. *The Humanist Psychologist*. Vol.30, n 1-2 Spring & Summer, pp 14-124.

ZOHAR, D. E M. (2000) *Connecting with our Spiritual Intelligence*. Nova York e Londres: Bloomsbury Publishing.

ANEXO

CASO I

Paulo compareceu para triagem e apresentou, como queixa, a dificuldade escolar do filho, Mário, de 10 anos. Ao ser indagado a respeito, o pai não soube responder exatamente qual a série cursada pelo garoto, confundindo-se quanto ao fato do garoto estar na segunda, terceira ou quarta série. Tampouco soube explicar de que tipo era a dificuldade apresentada pelo filho. Afirmou também que Mário repetiu o ano uma vez, sem, contudo, demonstrar convicção quanto a isso.

Com ele moravam a mulher, Mário e o filho mais novo.

Comentou que sua mulher está hospitalizada já há algum tempo e encontrava-se em um estado terminal.

Referiu que trabalha fora durante o dia e que Mário fica sozinho em casa e que, por essa razão, sabe pouco a respeito das atividades diárias do menino.

Um outro fato relatado foi que Mário tem enurese noturna, mas o pai não soube informar com que frequência isso ocorre. Dados sobre a sociabilidade e amizades não foram informados pelo pai.

Indagado sobre sua religião, disse ser católico não praticante. Foi vago ao responder se acreditava em Deus ou em alguma entidade superior, e declarou não saber o significado de Deus em sua vida.

Paulo pareceu-me extremamente vago e distante durante a entrevista de triagem. Não possuía informações a respeito do filho, não manifestava sentimento de dor ou sofrimento diante das dificuldades do menino e também não conseguia mostrar como lidava com elas. Ao contrário, minha impressão foi que ele não lidava diretamente com Mário e parecia relatar algo de que tinha ouvido falar e que não lhe dizia respeito diretamente. Também não demonstrou nenhum sentimento ao comentar que sua mulher estava morrendo no hospital.

Curiosamente, essa mesma displicência ou ausência demonstrada em relação aos familiares e à situação familiar apareceu quando inquirido sobre o

aspecto religioso. Também nesse tema foi extremamente vago, lidando com a questão sem nenhum envolvimento, fato que parece indicar que estabelece com o divino, a mesma relação de distância estabelecida com o mundo.

CASO II

Clara, mãe de José, por ocasião da triagem contou que seu filho apresenta dificuldade escolar.

José tem oito anos, não sabe ler nem escrever, embora freqüente a escola desde os quatro anos.

A família é constituída pela mãe, pelo pai e pelo garoto, os quais mantêm bom relacionamento.

Clara informou que, em casa, o garoto é dócil e obediente e que só muda esse comportamento quando tem de fazer os deveres escolares. Nesse momento, chora e diz que não sabe e não quer fazer os exercícios propostos pela professora. Apesar disso, José tem muitos amigos na escola, e outros que moram perto de sua casa. Brinca com essas crianças e é querido por elas.

Segundo a mãe, seu desenvolvimento psicomotor transcorreu dentro do que é esperado para cada faixa etária. A mãe enfatizou o fato de o menino fazer natação e ter um bom desempenho nessa atividade, bem como em outras modalidades esportivas, como futebol, basquete, etc...

Quando indagada sobre o aspecto religioso, esclareceu ser evangélica e que veio procurar atendimento psicológico contrariando a vontade do pastor de sua igreja. A esse respeito, comentou que o pastor não poderia saber de sua vinda ao CPA, pois caso isso ocorresse, ela receberia algum tipo de punição. Declarou que acreditava em Deus e nos preceitos de sua igreja e os seguia à risca, tendo eles grande influência em sua vida.

A Sra Clara demonstrou a necessidade de enfatizar as qualidades do filho, como forma de minimizar ou esconder suas dificuldades. Durante toda a entrevista referiu-se ao desempenho do garoto nos esportes com tal intensidade que

a queixa inicial apresentada tornou-se secundária e camuflada. Do mesmo modo, diante da questão religiosa, revelava atitude camuflada, pois, embora afirmasse acreditar em Deus, em sua igreja e no pastor, precisava esconder dele sua busca pela ajuda psicológica. Ela me pareceu lidar com a crença religiosa do mesmo modo que lida com a vida. Os problemas, as dificuldades, não são discutidas abertamente. Mostra para os outros uma aparência de normalidade, de aceitação, entretanto, sua conduta contraria essa aparência e por essa razão deve ser escondida.

CASO IV

Virgínia compareceu ao atendimento psicológico com a queixa de que seu filho adotivo está atualmente apresentando dificuldade escolar. Contou não conseguia engravidar e, em virtude disso, resolveu adotar uma criança, no caso, Marcio. Engravidou um mês depois de tê-lo adotado.

Disse que seu desenvolvimento transcorreu de forma adequada, e que Márcio é um garoto bastante obediente e sensato. Entrou na escola aos três anos, adaptando-se bem. Atualmente tem oito anos, cursa a segunda série do ensino fundamental e não está alfabetizado. A mãe relatou que o menino não apresentou dificuldade escolar até o pré-primário, mas não conseguiu alfabetizar-se na primeira série. Ao ser indagada se relacionava isso com algum fato ocorrido, a mãe informou que, até então, Márcio não sabia que era adotivo. Porém, uma pessoa da família contou-lhe sobre o fato exatamente nessa época, quando estava sendo alfabetizado. Relatou que o menino reagiu mal e tornou-se agressivo. A agressividade logo passou, mas a dificuldade escolar permaneceu. A família é constituída pelo pai, pela mãe, por Marcio e por um irmão de sete anos. Contou que o relacionamento familiar é bom e que o casal vive em perfeita harmonia. Os dois irmãos também não revelam problemas de relacionamento, “a não ser as briguinhas da idade” (sic).

Quando indagada a respeito de sua religião, declarou que, embora seja católica não praticante, acredita muito em Deus e Ele é quem rege sua vida, dá-lhe sempre um sinal sobre o que e como algo deve ser feito. Perguntei-lhe sobre o que isso queria dizer e ela comentou que acredita que a vida é uma dádiva de Deus,

que Ele nos dá uma oportunidade que não podemos desperdiçar e, por essa razão, devemos fazer tudo certo, não cultivando raivas ou ressentimentos.

Virgínia demonstrou certa rigidez em seu comportamento, a qual parece estar relacionada, de algum modo com a questão religiosa. Pude perceber que tem necessidade de controlar tudo que a cerca. Tudo tem de dar certo, tudo deve ser feito de forma correta, de acordo com os mandamentos de Deus. Devemos amar a todos, não ter raiva de ninguém. Desse modo, qualquer conflito tem de ser encoberto. Chama a atenção o fato de a cliente não freqüentar a igreja e mesmo assim, ter conceitos e crenças religiosas tão rígidos e enraizados.

CASO IV

Denise compareceu ao CPA para entrevista de triagem. Nessa ocasião relatou que seu filho, Jonas, era muito agressivo, em casa, na escola e com qualquer pessoa que encontrasse. Denise parecia muito agitada, falava compulsivamente, e, expressava-se por meio de um discurso desconexo e de pensamentos incoerentes. Ao mesmo tempo em que falava do filho, falava dela e dos outros parentes, sem que eu conseguisse entendê-la. Durante o relato, mencionava Deus e como falava com Ele. Diante desse quadro, decidi verificar se a cliente viera acompanhada por alguém.

Ela viera com seu marido. Chamei-o e informei-o de que o estado da mulher inspirava cuidados, ao que ele me respondeu que ela já vinha se tratando no Hospital das Clínicas e que o retorno estava marcado para aquele mesmo dia. Disse-lhe que era melhor que ele a levasse para lá imediatamente e que eu poderia dar-lhe uma carta de encaminhamento, ao que ele comentou que não ser necessário, já que eram conhecidos lá. Relatou que sua mulher tinha transtorno bipolar e que, quando parava a medicação, tinha episódios recorrentes de agitação, o que estava acontecendo agora. Comentou ainda, que eles só haviam comparecido à triagem pelo temor de perder a vaga e que ele só não entrara na sala do atendimento porque eu havia chamado o responsável pela criança e não os

responsáveis. Perguntei-lhe se queria que chamasse o resgate que os levaria ao hospital, ao que respondeu negativamente, pois estava de carro e estava acostumado a essa situação. Diante disso, despedi-me e pedi que os seguranças o acompanhassem até o carro.

Não foi possível efetuar essa triagem. Só é possível ressaltar que, na verbalização delirante da cliente, evidenciava-se o discurso religioso.

ALGUMAS SESSÕES DO PSICODIAGNÓSTICO DE JOÃO

Terceira sessão com João

Marizilda: Oi, João, tudo bem?

João: Tudo.

Marizilda: Como você passou esses dias?

João: Bem.

Marizilda: E o cocô?

João: Humm, eu fiz.

Marizilda: Todos os dias?

João: Todos os dias, não. Só uns.

Marizilda: E você está tentando prestar atenção?

João: Estou.

Marizilda: Então, tá. João, eu marquei com sua mãe de ir a sua casa no dia 16, é um domingo, 11 horas, tudo bem?

João: Tudo.

Marizilda: Você não quer falar nada sobre isso?

João: Legal.

Marizilda: O quê?

João: Acho legal você ir.

Marizilda: Então tá, dia 16 eu estarei lá. Eu também vou tentar ir na sua escola, estou esperando sua mãe me dar o telefone. Quando tiver agendado a visita eu te aviso. João, hoje nós vamos fazer uma atividade diferente. Eu vou pedir pra você fazer uns desenhos. Aqui tem a folha, lápis e lápis de cor e quero que você faça um desenho.

João: Que desenho?

Marizilda: Qualquer desenho, o que você quiser.

(João desenha uma casa sobre montanhas, a casa só tem uma janela e não tem portas. De cada lado da casa há uma árvore, sendo que ao lado da árvore posicionada do lado esquerdo da folha há uma flor e do lado da árvore colocada no lado direito da folha há duas flores).

Marizilda: Agora, quero que você me conte uma história sobre este desenho.

João: (Silêncio) Não sei.

Marizilda: Pense em alguma coisa. Pode ser qualquer coisa.

João: Não sei, vou ver se lembro de alguma coisa. Não sei.

Marizilda: Você pode começar, por exemplo, dizendo quem mora nesta casa.

João: Não sei quem mora nesta casa. Só sei que é montanha, árvore, flor e casa e não tem história.

Marizilda: Se for isto, está bom. Só me fala, qual é o nome da história?

João: Já falei, montanha, árvore, flor e casa.

Marizilda: Vou te dar uma outra folha pra você fazer outro desenho.

João: Precisa ser grande?

Marizilda: Não, pode ser do jeito que você quiser.

João: Eu preciso pensar pra contar uma história, eu preciso pensar antes, pensar no que vou desenhar.

(Inicia e vira a folha. Permanece em silêncio enquanto desenha.)

João: Pode ser uma história que já existe?

Marizilda: Seria melhor uma história sua.

João: Mas não pode ser uma história que já existe?

Marizilda: Você é quem sabe.

(Desenha.)

Marizilda: Pronto?

João: É do João pé-de-feijão.

Marizilda: Como assim?

João: O nome da história é João pé-de-feijão.

Marizilda: Então me conta.

João: Era uma vez que um menininho e a mãe dele não tinha comida em casa, eu acho. Aí a mãe dele falou pra ele vender a vaca pra comprar alguma coisa de comida. Ele comprou feijão e a mãe dele jogou no chão e cresceu um pé de feijão até as nuvem. Ele subiu na árvore e achou um castelo que tinha um gigante. Ele entrou no castelo e achou muito ouro, mas o gigante não deixou ele levar. Ele teve que fugir. Ele fugiu com o ouro e chegou na casa dele.

Marizilda: E depois?

João: Depois, ele viveu com a mãe dele, rico e feliz pra sempre.

Marizilda: Tem mais alguma coisa sobre o João que você possa me contar? Como ele era, por exemplo?

João: Ele era legal, gostava da mãe dele e queria dar tudo de bom pra ela.

Marizilda: Mais alguma coisa?

João: Não.

Marizilda: Mais um.

João: (Ri e depois permanece em silêncio.) Pensei em um, mais é muito grande.

Marizilda: Qual?

João: Do Chapeuzinho Vermelho.

Marizilda: Você acha muito grande?

João: Pensei em uma, mas não sei desenhar.

Marizilda: Desenha do seu jeito.

João: Mas os porquinhos, não sei desenhar.

(Silêncio)

João: Esqueci, fiz errado. Acho que tá bom.

Marizilda: Você é quem sabe.

João: Tá bom.

Marizilda: E a história?

João: Um porquinho era muito preguiçoso, o outro só gostava de tocar a flauta dele. O outro era bem esperto e gostava de trabalhar e depois tocar flauta. A mãe dele estava quase morrendo e mandou cada um fazer uma casa. O mais preguiçoso fez uma casa de palha. Depois, ele chamou o outro pra brincar. Os dois foram chamar o mais esperto pra brincar. Aí ele falou que depois, quando terminasse, ele ia. O lobo mau e cada um foi pra casa dele. Primeiro, o lobo mau foi pra casa do preguiçoso e disse: “Se você não abrir essa porta eu vou soprar até derrubar!” e assoprou e derrubou. Aí ele foi pra casa de madeira e berrou: “Se você não abrir esta porta eu vou assoprar até derrubar!” Assoprou e derrubou. Aí ele foi pra de tijolo, a do esperto. Assoprou, assoprou e não derrubou. Tentou entrar pela chaminé e o porquinho pôs um balde de água quente e o lobo caiu em cima, foi embora e eles brincaram.

Marizilda: Qual dos três você acha mais legal?

João: O esperto.

Marizilda: Por quê?

João: Porque ele sabe a hora de trabalhar e de brincar.

Marizilda: E você, também sabe a hora de trabalhar e brincar?

João: Às vezes, eu sou que nem aquele que só quer tocar flauta...

Marizilda: E isso te atrapalha?

João: Claro, né?

Marizilda: Por quê?

João: Porque sim.

Marizilda: Agora outro.

João: Agora, pra eu pensar, vai ser fogo.

Marizilda: Você pode pensar numa história qualquer.

João: Não sei.

(Silêncio)

João: Aqui é um castelo, conta a história. O rei falou que ele ia sair e ia deixar um dos filhos no trono. Ele falou assim: “Vai ficar no trono quem casar com a mulher mais bonita e me der o presente mais bonito. O primeiro casou com uma mulher bem bonita, o segundo casou com uma mulher bem feia. Aí, o primeiro beijou a mulher bonita e o segundo beijou a mulher feia e quando ele beijou, ela virou princesa. Depois foi para os presentes. A primeira deu um colar de ouro e a outra deu um pano de ouro. Aí o rei falou que não tinha como escolher porque as duas eram bonitas e ele colocou os dois no trono e as duas eram princesas.

Marizilda: Nessa história tudo deu certo...

João: É.

Marizilda: Você pensa assim também, que tudo vai dar certo e as coisas vão se resolver?

João: Eu penso.

Marizilda: O último.

João: Deixa eu pensar.

(Silêncio)

Marizilda: Quando você tem que fazer uma redação na escola, como você faz?

João: Faço normal.

Marizilda: Essa é igual.

João: Nossa! já fiz quatro. Vou tentar fazer do Chapeuzinho Vermelho, vou tentar.

(Desenha)

João: Já. Parece o saci-pererê, mas é a Chapeuzinho.

Marizilda: Tá, me conta.

João: Era uma vez uma menininha. A mãe dela mandou levar a cesta de comida pra vó dela. Aí, ela foi pelo caminho o mais difícil. Aí o lobo mau foi atrás dela e foi pelo caminho mais curto. Escondeu a vó dela dentro do armário e se fingiu que era a avó dela. Aí a menininha chegou lá e falou: “Por que esse nariz tão grande?”. A vó respondeu: “Pra te cheirar melhor”. “Por que essa boca tão grande?” E o lobo respondeu “Pra te comer!” Saiu correndo e viu a vó gritando dentro do armário. Tirou a vó de lá. As duas saíram correndo, chegou o caçador e matou o lobo.

Marizilda: De novo, dá tudo certo na história. O bem vence o mal.

João: O bem é de Deus e o mal é do diabo.

Marizilda: Mas às vezes as pessoas são legais e em determinados momentos fazem coisas que não são legais. Às vezes, as pessoas erram.

João: Quem faz coisa errada não é de Deus.

Marizilda: Quem é que você conhece que faz coisa errada?

João: Não sei, só sei que criança não faz coisa errada.

Marizilda: A criança é de Deus, então.

João: É.

Marizilda: João, nós estamos com o tempo esgotado, tem mais alguma coisa que você queira falar?

João: Não.

Marizilda: Então, até domingo.

Quarta sessão com a mãe

Marizilda: Tudo bem?

Marta: Tudo.

Marizilda: Tem algum comentário, alguma coisa que você queira dizer ou contar?

Algo que aconteceu?

Marta: Essa semana que foi do feriado, que nós ficamos três dias em casa, ele fez cocô todos os dias. É impressionante, quando ele está em casa, fica pior, ele faz mais vezes.

Marizilda: Por que você acha que isso acontece?

Marta: Não sei, não sei se ele relaxa e daí faz, não sei o que é.

Marizilda: Você acha possível pensar que esse cocô tem algo a ver com você, sua família?

Marta: Eu não sei, mas acontece mais na minha casa, deve ser, não sei.

Marizilda: Qual foi sua reação, ou dos outros familiares, quando isso aconteceu?

Marta: Eles não viram, só eu vi e mandei ele tomar banho. Quando a gente fala: “João, você fez”, ele fala que não e aí tem que insistir com ele, parece que ele não se percebe.

Marizilda: Quer dizer que, pelo menos nesse final de semana, isso ficou sendo quase que um segredo entre vocês?

Marta: Eu prefiro assim, senão meu marido fica irritado, meu filho do meio, que já não gosta dele, fica rindo, minha filha fica brava, fica uma briga só.

Marizilda: Talvez, então, o João faça cocô para sentir que você está junto com ele, que você o protege, porque, de alguma forma, quando ele faz cocô, você fica como se fosse uma aliada dele.

Marta: Pode ser, eu nunca tinha pensado nisso. Mas é possível.

Marizilda: Então, você pense sobre isso, em outro momento a gente pensa em conversar. Bom, hoje eu tenho uma outra atividade para fazer, eu vou perguntar sobre a sua religião. Você já me disse que você é católica carismática. Com que frequência você vai à igreja?

Marta: Atualmente, eu só vou uma vez por semana, porque eu trabalho muito, eu saio de casa às 6 horas da manhã e volto 10 horas da noite, mas antes eu ia todos os dias.

Marizilda: Se você é católica, você acredita em Deus, né?

Marta: É, eu acredito em Deus. Deus é muito importante na minha vida.

Marizilda: Que representa essa crença na sua vida?

Marta: Deus é cabeça da família, é como se ele fosse a pessoa mais importante da família. Mas eu não sei...pra eu te explicar direito eu tenho que te explicar toda a minha vida. Você não vai entender, porque é muita coisa.

Marizilda: Mas você pode me contar, eu vou procurar entender.

Marta: Mas é muita coisa mesmo.

Marizilda: Eu quero te ouvir.

Marta: Eu tive uma vida dura, vida de roça, eu tinha muitos traumas de infância. Foi depois que eu tive um encontro com Deus, que os traumas passou.

Marizilda: Você pode falar mais sobre isso?

Marta: Mas, para eu falar mais sobre isso vou ter que te contar minha vida inteira.

Marizilda: Você pode me contar sua vida inteira.

Marta: É que eu fui uma menina muito traumatizada. Acho que minha mãe não gostava muito de mim, ela sempre dizia para todo mundo que eu era feia, que só tinha o cabelo bonito. Todos diziam que eu era feia, que minhas irmãs eram bonitas e eu era feia. Eu não me lembro que idade eu tinha, só sei que era bem pequena, não sei, três ou quatro anos. Meu irmão veio para São Paulo e depois voltou para a roça. Aí, ele me levava para o mato.

Marizilda: Como era isso?

Marta: Ele punha uma moeda dentro da caixa de fósforo e dizia que ia me dar. Me levava pro mato e punha o pênis e se masturbava, não chegava a pôr dentro. Isso aconteceu por muito tempo, até quando eu tinha 11 anos. Aí eu falei, que se ele fizesse de novo, eu ia contar para minha mãe e ele nunca mais fez. Acho que minha mãe sabia, acho que ela percebeu alguma coisa, mas naquele tempo não se falava sobre esse assunto. Ela sempre disse que eu era feia, não prestava para nada, era ruim.

Marizilda: Você contou isso a alguém?

Marta: Quando eu estava com 12 anos, minha irmã mais velha já tava em São Paulo e teve nenê e queria que alguém viesse da Bahia pra tomar conta do nenê e minha mãe não ia mandar minhas irmãs que ela gostava mais, a Solange, era o tempo todo, Lange, Langinha, ela mandou eu. Essa minha irmã que eu fui, de São Paulo, era muito ruim. Quando ela era pequena ela caiu num tacho de sabão, minha mãe falou para ela não ir lá, que estava fazendo sabão, mas a vizinha chamou e disse que estava fazendo doce de leite, ela foi e não voltou pelo mesmo caminho e caiu no tacho de sabão. Ficou uma bolha só. Ela ficou revoltada, cresceu revoltada. Batia em todo mundo, quando a gente ficava sozinha com ela,

ela judiava da gente, batia muito. Um dia, ela chegou em casa com uma revista e foi tomar banho. A gente ficou folheando a revista, eu entrei dentro da casa e meus irmãos ficaram na janela, ela viu, bateu em nós e deixou de castigo no quintal sem sair de lá, sem comer. O meu irmão correu e ela correu atrás dele até a cidade e bateu nele na cidade. Ela era ruim, batia nos meninos, ninguém gostava dela. Eles chamavam ela de Bernadetão. Mas na hora de ir para São Paulo, eu não pensei nada disso. Eu queria ir. Quando eu cheguei para cuidar da filha dela, ela me batia muito, eu apanhava o dia inteiro, eu era meio rebelde também, mas ela me batia. Aí ela teve outro nenê e eu cuidava também. Mas como ela me batia, de dia eu batia na menina dela para descontar. Um dia eu dei mamadeira para o bebê e não fiz ele arrotar e deitei ele. Quando eu voltei, ele estava roxo, eu chamei minha outra irmã, que chamou minha irmã, que já veio com o carro pra levar o nenê para o hospital. Ela disse que se o nenê dela morresse ela ia me matar. Eu rezei muito para Deus não deixar ele morrer, eu fiquei com muito medo. O nenê não morreu. Aí ela me arranhou emprego em casa de família. A primeira que eu fui, eu fazia como na roça. Sabe, quando minha mãe mandava lavar a louça, eu falava, Che... tudo era Che..., reclamava, “por que manda eu , só eu , por que não manda outra?” Com a mulher, eu fazia a mesma coisa, reclamava e quebrava toda a louça da mulher, ela não quis ficar comigo. Minha irmã arranhou outro. A mulher me tratava bem, ela tinha duas filhas e um quarto cheio de bonecas e eu só queria ficar com as bonecas. Aí ela não quis ficar comigo. Ela não quis mais ficar comigo porque eu não fazia o serviço, o serviço da casa, eu só ficava no quarto das bonecas, só queria brincar de boneca. Daí eu fui para outra casa, essa mulher me mandou embora, nessa casa eu cuidava de três crianças, mais a mulher era ruim, não me dava nem comida. Mesmo assim eu fiquei lá. Um dia eu ouvi ela falar no telefone

pra minha tia, que tinha sumido um relógio e que eu tinha roubado. Daí eu falei pra ela que era só ela ter me perguntado onde estava o relógio, que eu sabia. Estava debaixo do abajur, eu mostrei pra ela, mesmo assim ela me despediu. Aí minha irmã me mandou de volta pro Norte. Meu pai morava na roça e minha mãe morava na cidade. Eu preferi morar com meu pai na roça e aí eu arranjei um namorado. Eu nem gostava muito dele. Aí teve uma festa e fui eu ele e meu irmão. De repente, meu irmão tinha ido embora e meu namorado foi comigo até perto do curral. Passaram umas mulheres e viram e elas espalharam para a cidade inteira que eu tava transando com ele, mas eu não estava. No dia seguinte, a cidade inteira me olhava, todo mundo cochichava de mim. Eu tinha pena, por causa do meu pai, que era tão bom. Minha mãe, nem tanto. Daí eu fui pra cidade. Minha mãe não queria ficar comigo e mandou para casa de uma tia, em Lagoinhas. A minha tia tinha uma filha e ela não me dava nem comida. Minha prima que repartia o prato dela comigo. Eu saía de casa de manhã cedo e passava o dia inteiro procurando emprego e não conseguia. Depois de muito tempo, uma mulher me deu emprego. Eu fui trabalhar para cuidar dos filhos dela. Fazia tudo também. Só que aí a mulher falou que tinha sumido coisa e que era eu que tinha roubado. De novo, eu fui despedida, todo mundo na cidade falava de mim. Depois de um tempão, eu arranjei outro emprego e a mulher também falou que eu tinha roubado. Ela era advogada e o marido dela era juiz. Ela falou que ia me mandar prender, mas eu não tinha roubado. Aí, minha tia me mandou de volta, mas eu não queria ficar mais na casa de minha mãe. Vim embora para São Paulo outra vez. Aí eu já tinha mais um irmão e uma irmã que moravam em São Paulo. Aí, eu trabalhei em casa de família aqui em São Paulo também. Depois, eu aluguei um quartinho e fui morar sozinha. Mas eu não tinha nem fogão. E meu marido morava do lado. Foi assim

que eu conheci. E aí ele me chamava pra jantar na casa dele porque eu não tinha fogão. Eu fiquei grávida. Minha mãe veio pra cá e ficou triste, mas aceitou. E aí eu resolvi casar com ele. Eu não gostava muito dele, mas resolvi casar. Aí nasceu meu primeiro filho, que era menina e aí meu marido tinha uma amiga e nós construímos uma casa no terreno dela. Depois que a casa estava construída, ela queria que a gente pagasse aluguel. Eu não queria. Larguei a casa lá e fui embora. Foi aí que fui morar na favela.

Eu já tinha dois filhos e fui morar lá. Eu tinha muito medo e vergonha. Todos os meus irmãos tinham uma casa simples, mas tinham, e eu morava na favela e não tinha nada dentro do barraco. Um dia, eu saí com as crianças, quando voltei o barraco tinha sido arrombado e era um cara que era bêbado, aí eu fiquei com mais medo e falei com meu marido que ali não ia ficar, todo mundo tinha casa e eu também queria ter. Aí eu fui com a cara e com a coragem e aluguei uma casa com a minha irmã. Era quatro cômodos, dois pra ela e dois pra mim. Nós juntamos dinheiro pra compra do terreno e construí uma casa, a nossa casa, pelo menos o bruto. Meu marido é muito correto e ficou sabendo de um terreno em Francisco Morato. Ele mandou eu buscar o dinheiro no Banco, sei lá por que não deu cheque, mandou eu buscar o dinheiro no Banco. Eu fui, e minha filha gostava muito de maçã, tudo pra ela era maçã e tinha uma feira no bairro do Limão. Eu fui. Aí levei um golpe. Veio uma mulher por trás de mim e perguntava, “você achou minha carteira?”. Eu dizia que não. Aí veio uma mulher pela frente, dizendo que tinha achado a carteira e trouxe uma carteira e a de trás falava agradecida, que estava feliz porque nós tínhamos achado a carteira dela, e mostrava os talão de cheque e cartão e dizia que queria dar recompensa pra nós. Eu não queria ir, falava que não tinha achado nada, mas ela insistiu tanto, que fui. Ela falava que o

marido dela trabalhava numa fábrica ali perto e que ele que ia dar a recompensa. Eu fui. Quando chegou lá, a outra entrou primeiro e deixou a bolsa dela com a outra. Quando voltou, veio com um dinheiro na mão e uma caneta e falou que o marido dela que tinha dado. Ela falou que era a minha vez de ir, mas pra eu deixar a bolsa, que não podia entrar de bolsa. Eu deixei, não cheguei a andar nem até o fundo do corredor e me toquei, olhei pra trás e voltei correndo, era tarde. Não tinha ninguém mais lá. Eu fiquei desesperada, chorei e entrei numa igreja rezando pra Deus fazer um milagre. Aí, uma pessoa que estava lá disse que não adiantava chorar, que tinha que ir à polícia. Eu fui, o delegado falou que era mais uma que tinha levado o golpe. Aí, foi embora o sonho da casa própria. Aí nós juntamos o dinheiro de novo e apareceu o terreno em Francisco Morato, onde nós moramos. Fui ver o terreno e gostei. Aí, nós tínhamos dinheiro na poupança, só que, de novo, ele mandou o dinheiro pra uma colega, que ia dar para o outro colega, que ia dar para o dono do terreno. Eu fiquei até com medo, demorou dois meses, mas deu certo. E a gente passava o fim de semana construindo. Foi nessa época que eu engravidei e não queria, eu tomava anticoncepcional, só que, nessa época, eu não tinha dinheiro pra comprar por causa da construção, acabei engravidando.

Marizilda: E você já acreditava em Deus?

Marta: Não, Deus foi depois de João, por isso que eu tenho que contar toda minha história, pra você entender. Eu era muito nervosa, batia muito nas crianças, era muito brava, eu era preguiçosa, só tinha vontade de assistir TV ou ir na vizinha, que a gente ficava conversando o dia inteiro, falando, falando... Uma vez, era domingo, e a minha vizinha disse pra eu ir no comício, que ia ter pagode. Eu fui, teve o pagode e tinha um padre que cantava louvores, ele era muito bonito. Aí eu falei pra ela, “vamos na paróquia, vamos conhecer esse padre”. Eu fui na

Renovação Carismática. Eu achei muito bonito. Dava a impressão que eu ia por causa do padre, que era bonito, mas eu me sentia bem. Um dia, o padre disse que ia ter uma missa na igreja de Santo Expedito, mas eu entendi São Benedito, que era perto da minha casa. Eu fui, mas o padre não estava lá. Na igreja só tinha uma senhora que estava com um terço na mão. Ela me perguntou se eu tinha vindo pra missa. Eu disse que tinha, mas eu tinha medo da mulher, por causa do que aconteceu. Ela segurou no meu braço e disse que Jesus me amava. Eu fiquei com medo, achei que ela era doida. Ela disse que desse dia em diante, eu ia ser outra pessoa. Ela disse que eu tinha que receber a bênção. Ela disse pra eu ir até a igreja que tinha a missa, eu fui até estúpida com ela e disse, “você não está vendo que não tem missa nenhuma?”. Meu sapato era só preto naquela época, eu não conseguia usar outra cor, ficava na TV até sair do ar, trabalhava como manicura e o dinheiro que ganhava, gastava todo em sorvete. Se eu ganhasse uma caixa de chocolate, dava um para meus filhos e comia o resto sozinha. A mulher falava “você só usa sapato preto, né?”. Ela falava cada coisa! Ela me levou na Igreja Coração de Jesus. Chegando lá, tinha dois ministros e dois padres. Depois, fomos pra Santo Expedito e eu tinha medo de ter gente na igreja e que as pessoas pensassem que eu estava falando sozinha, até àquela hora, eu não tinha certeza que aquela mulher existia mesmo. Mas aí falaram com ela e eu fiquei mais aliviada, por ver que ela existia. Eu estava louca para chegar em casa e ver meus filhos, ver se eles estavam lá. Conte pra vizinha o que tinha acontecido e ela me disse, “lê os salmos que você vai entender”. Eu li, li, e não entendi nada. Amanheci o dia sentada, pensando no que estava acontecendo. No dia seguinte, amanheci diferente, mais calma. Mas, mesmo assim, eu ia na igreja e o desenho do chão da igreja parecia só pênis, você sabe, o desenho no chão parecia um monte de pênis

e eu pensava, “como eu posso vim aqui se eu fico vendo isso?”. Com o tempo eu perdi aquilo, pedi a Deus que me libertasse daquilo. Eu fiquei dez dias sem comer, nem água. A partir desse dia não assisti mais TV, não tomei mais sorvete. Hoje eu assisto TV, mas não posso assistir porque eu fico muito nervosa, eu participo daquelas coisas lá.

Marizilda: Me explica melhor, o que acontece quando você fica nervosa?

Marta: Eu fico trêmula, parece que estou lá. Eu fico comentando, quando a situação do filme toma conta de mim, eu vou pra minha cama. Digo que não vou mais assistir essa porcaria. Quando eu era pequena, eu entendia as coisas do filme antes delas acontecer. Meus irmãos diziam: “a Marta sabe de tudo”. Até hoje, quando vejo uma novela, não quero me envolver. Até esse big brother eu não vi nada, mas as pessoas falam e eu sabia mais de lá do que as pessoas. As novelas, eu entendo muito disso. Sei o que está acontecendo. Sei o rolo que está. Daquela época, eu não assisti mais TV. É igual à pessoa que é alcoólatra, tem um grupo na igreja. Eles falam que faz dez, vinte anos que estão sóbrios, mas não falam que não são alcoólatras. É o vício. Ele sabe que tem dez ou vinte anos que não bebe, mas tem que evitar o primeiro gole. É igual.

Marizilda: Então, se você voltar a ver TV, volta a ser como antes: misturar as coisas da sua vida com as coisas da TV, não cuidar dos seus filhos, comer muito sorvete, não saber se aquilo que você vê é real, ver muitos pênis nos desenhos dos pisos da igreja, é isso?

Marta: “Tudo é permitido, mas nem tudo me convém”. Hoje, eu acho que a TV é um vício, me faz mal. Hoje, eu não quero ser do jeito que era antes. Há um lado meu que não quer viver mais aquela vida, tem um lado meu que é um lado fraco.

Marizilda: A religião ajudou você a controlar o lado fraco.

Marta: Há um ditado na Bíblia que diz “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. A gente tem que discernir entre o que é bom e o que é ruim. Até minha família diz, “a Marta pensa que é dona da verdade, acha que tudo é pecado”.

Marizilda: Tudo isso aconteceu depois que o João nasceu, né?

Marta: Sim, João foi o que teve uma infância melhor. Minha filha foi quase mãe dele, não desgrudava dele. Era questão de segundos, você não podia ficar doze, catorze horas por dia, olhando ele. Num segundo, ele corria e se machucava. Ele foi o mais bem esperado, quando nasceu tinha uma pessoa para ficar comigo. João nunca apanhou, minha filha diz que ele é o protegido.

Marizilda: Você acha isso?

Marta: Foi, ele foi mais protegido, mas todo mundo gostava dele, dançava, ele era muito esperto.

Marta: Resumindo o que você me disse, parece que sua crença, a religião representa um papel fundamental na sua vida, parece que é a religião que fez de você uma pessoa diferente e parece que é ela quem dá as ferramentas para você conduzir sua vida.

Marta: É, é isso, acho que você entendeu.

Marizilda: Você vive essas crenças na sua família, com seus familiares?

Marta: Sim, João sempre participou e os outros também. Hoje, João vai muito pouco à igreja, porque estamos trabalhando fora. Ele está na catequese, mas tem preguiça de ir, como todas as crianças. Às vezes eu brigo com a outra minha filha, que fala que vai fazer as coisas, mas nunca faz. Eu digo a ela que é porque não coloca Deus no meio, se colocasse, dava certo. Por exemplo, o João vai no Hopi-Hari, antes ele não ia, agora é a segunda vez que vai, não ia por causa do

problema dele e agora ele fala: “Se Deus quiser, eu vou, e Deus vai querer que eu vou. Deus sabe que eu estou bem na escola.”

Marizilda: Sua fé se modificou ao longo do tempo, né? Por tudo que você me contou dá essa impressão.

Marta: Antes eu era católica porque minha mãe era, ela era muito católica. Ela mandava a gente ir na igreja e a gente ia. Agora não, eu vou porque eu quero, eu entendi as coisas, conheci a verdade.

Marizilda; Você tem o hábito de rezar ou meditar?

Marta: Eu tenho, eu rezo, leio a Bíblia, faço orações. Por exemplo, eu rezo pelo João, porque eu acho que a escola hoje é o pior lugar para se ficar. O João é muito metido, está sempre querendo se mostrar. A reclamação é essa. Se a professora briga, ele ri. No trem, vai de pé, infernizado as meninas, mexe com uma, põe apelido na outra. Por isso eu rezo por ele. Acho que tudo tá nas mãos de Deus e Ele pode ajudar. Quando rezo, eu fico mais calma, menos preocupada.

Marizilda: Que sentido tem pra você questões como nascimento, vida, morte?

Marta: Hoje, como eu não estou participando muito, só vou à missa. Eu trabalho com muita gente, pai-de-santo, espírita, que pela Bíblia, eu vejo que está errado. Ultimamente eu estou me sentindo fraca. Como meu pai, ele está nas últimas, com câncer. Eu me questionava muito com Deus, por que ele tem que passar por isso. Minha mãe faleceu, mas foi de uma hora para outra. Meu pai, não. Pra mim ficou difícil, minhas irmãs, como não vão na igreja ficam me cobrando muito, que se eu pedisse a Deus, acontecia um milagre. Quando eu ficava em casa e ia mais à igreja, eu sabia dizer coisas boas para as pessoas. Hoje, eu não sei mais. Como isso que está acontecendo com meu pai. Os médicos acham um milagre, porque ele tem câncer no estômago e não tem dor, minhas irmãs falam que são minhas

orações. Tenho medo de que ele venha a sofrer, e aí eu me sinto estranha, minhas orações. Eu não queria que ele sofresse.

Marizilda: Se eu entendi bem, a religião ajuda você a entender melhor a vida e a morte. Mas, como você está um pouco distante dela, esse entendimento fica mais difícil, tanto para você quanto para você falar com sua família.

Marta: Você entende muito bem o que eu falo, está sendo muito bom vim aqui e falar de tudo isso.

Marizilda: Você acha que sua religião ou suas crenças se relacionam de algum modo, com o problema do João?

Marta: Como? O cocô?

Marizilda: É.

Marta: Não sei, não entendi. A única coisa é que ele começou a fazer cocô logo depois que eu fiquei assim, indo mais na igreja.

Marizilda: Você ensina essas crenças a seus filhos?

Marta: Eu ensino, ensino que Deus é importante, que é o cabeça da família, a pessoa mais importante da família. Ensino que não pode roubar, matar e, principalmente, que tem que dizer a verdade. Uma vez o João pegou 30 reais da carteira da minha filha. Eu falei que se ele pegasse de novo eu ia bater tanto nele que ia deixar a mão dele inchada. Até hoje, se eu falar que vai apanhar, apanha. Hoje, ele reconhece que estava errado, eu falei de Deus, que isso é pecado.

Marizilda: Eu não entendi, você ensina sobre as crenças, sobre a religião, quando eles fazem algo errado?

Marta: Não só. Eles vão à igreja, tem catequese e eles lê a Bíblia, e eu falo no dia-a-dia, sabe, como nós estamos conversando aqui, eu te falei dos salmos, dos ditados, dos provérbios, com eles também é assim.

Marizilda: Você acha que eles entendem?

Marta: Sim, eu não te falei que o João põe Deus até pra ir no passeio da escola? Ele entende que tem que fazer o bem e que Deus ama a gente e faz tudo pra gente. A gente tem que rezar.

Marizilda: Tem algo mais que você queira me contar, que eu não tenha perguntado sobre esse tema, religião, religiosidade, espiritualidade?

Marta: Nossa! Eu já falei tanto...mas, é tudo que eu te falei, Deus é a pessoa mais importante da nossa casa, da nossa vida. Eu já te disse ele é o cabeça da família, ele é que guia nossa vida.

Marizilda: Bom, nosso tempo está esgotadíssimo, nós vamos encerrar e na próxima semana eu vou ver o João. Tudo bem? Na mesma hora.

Marta: Tá bom, tchau.

Quinta sessão com João

Marizilda: Tudo bem?

João: Tudo.

Marizilda: João, nós vamos ter a sessão de hoje e mais uma, daqui a 15 dias e depois a gente pára com este atendimento.

João: Pena...

Marizilda: Você parece ter ficado triste com essa idéia...

João: Eu gosto de vim aqui.

Marizilda: A idéia deste trabalho, João, é que a gente pudesse tentar compreender por que você fazia o cocô e se possível, tentar diminuir isso ou acabar com isso. Para isso eu tinha que conhecer você, conversar com você, e fazer essas atividades que nós estamos fazendo...

João: Eu já não estou mais fazendo cocô...

Marizilda: É mesmo, João? Parou completamente?

João: Já faz duas semanas que não faço nada.

Marizilda: Acho que isto é muito importante, é a prova de que você pode perceber quando quer ir ao banheiro, pode se controlar.

João: É.

Marizilda: E como você está se sentindo com isso?

João: Bem, né?

Marizilda: Você quer dizer alguma coisa mais?

João: Não.

Marizilda: Hoje nós vamos continuar aquela atividade da semana passada, não igual, porque são outras coisas diferentes pra fazer. Agora eu vou fazer umas perguntas e você responde, tá?

Marizilda: João tinha quatro reais e sua mãe lhe deu mais dois. Com quanto ficou?

João: Humm... seis.

Marizilda: Se você tiver dez balas e comer três, quantas balas ficam?

João: Humm... sete.

Marizilda: Se você pegar três lápis em cada mão, com quantos lápis você fica no total?

João: Humm... ah! Seis.

Marizilda: Gilberto tinha oito lápis e comprou mais seis. Com quantos ele ficou?

João: É, como que é mesmo? Deixa eu ver... Oito mais seis, né? Catorze.

Marizilda: Uma menina tinha 12 jornais e vendeu cinco. Com quantos ficou?

João: É 12 tira cinco, né?

Marizilda: Você é quem sabe.

João: Humm... Acho que é oito, não... deixa ver... sete

Marizilda: Se cada camiseta custa oito reais, quanto custam três camisetas?

João: Esse eu não sei.

Uma loja tinha 25 caixas de leite e vendeu 14. Quantas ficaram?

João: Humm... Nossa! Vou pensar... acho que é nove.

Marizilda: Gil ganhou 36 reais. Ele recebeu quatro reais por hora. Quantas horas ele trabalhou?

João: Esse não sei.

Marizilda: Este aqui acabou, agora nós vamos fazer um que é com os cubos. Assim, eu vou fazer um desenho com esses cubos e depois vou mostrar pra você, vou dar outros cubos pra você e você vai fazer um igual ao meu, tá?

João: Tá bom.

Marizilda: Vamos lá, um igual a esse.

João: Pronto.

Marizilda: Você foi muito rápido. Agora nós vamos fazer diferente, eu vou te mostrar no desenho, no cartão, e você faz igual ao do cartão.

João: Pronto.

Marizilda: Agora esse.

João: Já.

Marizilda: Este.

João: Nossa! Esse não encaixa, ah! Não... É assim, pronto.

Marizilda: Este. (João passa do tempo permitido.)

João: Eu não consigo, não dá certo.

Marizilda: (Percebo que João está ansioso com o fato de não conseguir, eu o ajudo a fazer, sinto-o mais aliviado.) Você quer que eu ajude você?

João: Ah! Tinha que pôr desse lado, por isso que eu não conseguia.

Marizilda: Agora esse.

João: Nossa! Esse é mais difícil que o outro.

Marizilda: Tente fazer. (Novamente, João ultrapassa o tempo e eu o ajudo a reproduzir o modelo.) Assim.

João: Agora deu certo.

Marizilda: Agora nós vamos fazer uma outra coisa. É como se fosse um quebra-cabeça, eu vou colocar as partes e você junta essas partes para formar a figura,

tá? Eu vou usar o anteparo para colocar as partes e também vou usar o cronômetro. Vamos começar?

Primeiro eu vou mostrar este que é como se fosse um exemplo. É uma maçã. Agora vamos para o outro. Esse é o primeiro e você deve juntar as peças de maneira correta, e elas irão formar uma menina. Você me avisa quando tiver acabado.

João: Já fiz.

Marizilda: Agora um carro.

João: Já.

Marizilda: Agora um cavalo.

João: Não consigo, não sei onde vai esta parte, não dá certo. (Depois de ultrapassado o tempo.)

Marizilda: Você quer que eu ajude?

João: Quero. (Ajudo João a formar o cavalo.) É porque essa parte eu estava pondo ao contrário.

Marizilda: Outro, agora é um rosto.

João: Nossa! Essa parte não dá certo. Não encaixa.(Depois de ultrapassado o tempo)

Marizilda: Vamos tentar fazer essa parte juntos?

João: Vamos.

Marizilda: Olha, essa parte é aqui perto do nariz.

João: Ah! É por isso, eu tava pondo do outro lado. Já vi.

Marizilda: O último desse é a bola.

João: (Depois de ultrapassado o tempo) Não dá.

Marizilda: Você quer ajuda?

João: Quero.

Marizilda: É esse aqui que tá invertido, se você fizer assim, dá.

João: Ah! tá.

Marizilda: Agora vai ser outra coisa, eu vou fazer umas perguntas e você responde. Se você desse um corte no dedo o que você faria?

João: Vou ao médico.

Marizilda: O que você faria se encontrasse uma bolsa ou uma carteira de alguém em uma loja?

João: Dava para o gerente.

Marizilda: Se você perdesse uma coisa ou um brinquedo de um amigo seu, o que você faria?

João: Deixava quieto.

Marizilda: Por que os carros devem ter cinto de segurança?

João: Pra quando bater não se machucar.

Marizilda: O que você faria se visse sair fumaça pela janela da casa do seu vizinho?

João: Ia ver o que era.

Marizilda: Dê alguma razão pela qual se deve apagar as luzes quando ninguém está usando.

João: Pra não vim conta muito cara.

Marizilda: O que você faria se uma criança menor que você começasse a brigar e a bater em você?

João: Nada.

Marizilda: Por que na lista telefônica, os nomes estão colocados em ordem alfabética?

João: Não sei.

Marizilda: Por que é necessário que o governo fiscalize a carne antes de ser vendida?

João: Por que pode ter algum bicho.

Marizilda: Diga algumas razões por que os carros precisam ter placas?

João: Pra identificar.

Marizilda: Diga algumas razões por que os jogos têm regras.

João: Senão ia brigar.

Marizilda: Por que é melhor fazer eleições por votação secreta?

João: Não sei.

Marizilda: Por que algumas pessoas preferem livros de capa mole em vez de livros de capa dura?

João: Não sei.

Marizilda: Diga algumas vantagens de recebermos as notícias pelo jornal em vez de pela televisão.

João: Não sei.

Marizilda: Por que é que uma promessa deve ser cumprida?

João: Por que prometeu.

Marizilda: Por que a liberdade de expressão é importante numa democracia?

João: Não sei.

Marizilda: Por que se coloca selo nas cartas?

João: Não sei.

Marizilda: Quais são os deveres de senadores e deputados?

João: Não sei.

Marizilda: Agora é a última prova, você está vendo, aqui tem esse símbolo, você vai procurar aqui dentro se também tem, se tiver vai assinalar o sim, se não tiver vai assinalar o não. Como aqui, o que você faria?

João: O sim.

Marizilda: Então coloque, assinale o sim. Agora o outro. Agora no exemplo abaixo, nesse. Isso, e nesse? Isso. Pronto. Agora você vai fazer sozinho até eu mandar você parar.

Vamos lá, pode começar. Pode parar. Agora essa outra parte. Pode começar. Pronto. Acabou. E aí, João, o que você achou de fazer tudo isso?

João: Legal.

Marizilda: João, nós fizemos várias coisas juntos e eu percebi algumas coisas e queria conversar com você sobre elas. Você é um menino que faz amizades fácil, mas dependendo das pessoas, você, no início, fica meio quieto, meio tímido, como aconteceu aqui comigo. Quando você veio aqui à primeira vez, você ficou meio desconfiado.

João: É que eu não sabia como ia ser. Depois achei legal.

Marizilda: Uma outra coisa que eu vi é que, lembra quando você contou as histórias pra mim, eu fiquei pensando, que apesar de você estar crescendo, ainda por outro lado você quer ficar pequeno. É como assim, você me contou que trabalhava e comprou celular, mas por outro lado não conseguia perceber quando queria fazer cocô e fazia na roupa e isso é coisa de gente pequena. Eu fiquei achando que isso tinha a ver com sua mãe, acho que você acha que sua mãe vai gostar mais de você se você for pequeno.

João: A minha mãe sempre falou que era pra mim ficar pequeno, pra ser o nenê dela. Ela fala que quem cresce fica pecador, que criança não peca e Nosso Senhor

gosta. Outro dia ela falou que eu estava moço, que meu pé tinha crescido e eu chorei.

Marizilda: Sua mãe é uma pessoa muito importante pra você e você quer que ela sempre goste de você. Eu entendo como você se sente, mas eu acho que Nosso Senhor gosta também de quem cresce, senão ele não tinha feito as crianças crescerem e se tornarem adultos e a sua mãe também já está entendendo, que pra gente ser legal, a gente não precisa ser criança.

(Permanecemos em silêncio por algum tempo.)

Marizilda: Eu vi também, que na sua cabeça, na sua imaginação, você fica sempre pensando que tudo vai dar certo, como se fosse uma mágica, igual nas histórias que você me contou, igual no João pé-de-feijão.

João: É.

Marizilda: Explica melhor isso.

João: Eu fico pensando que vou achar uma mala de dinheiro, vou ficar rico milionário, vou ter tudo que eu quero, não vou precisar trabalhar, nem estudar, assim...

Marizilda: Eu entendi, acho que isso é também um jeito de ficar pequeno, de não ter responsabilidade com as coisas, com a escola, por exemplo.

João: A escola é chata.

Marizilda: João, na semana que vem você não vem, você vem na outra e aí a gente conversa um pouco mais sobre isso que nós conversamos hoje e decidimos sobre você continuar o atendimento em outro lugar, com outra pessoa.

João: Quando é?

Marizilda: Sem ser na semana que vem, na outra. Tchau, João.

João: Tchau.

Sexta sessão com a mãe

(Marta chegou com 25 minutos de atraso.)

Marizilda: Tudo bem?

Marta: Eu me atrasei por causa do ônibus. E depois, quando cheguei, você não estava aqui e eu fui até a cantina, aí você veio me chamar e eu atrasei mais ainda.

Marizilda: Não faz mal. Antes de tudo, eu quero falar que nós temos a sessão de hoje e mais duas sessões. Hoje quero, em primeiro lugar, agradecer a forma como vocês me receberam na casa de vocês e também conversar sobre algumas coisas do João que eu observei aqui, nas atividades que fiz com ele e que também observei na sua casa. Eu achei o João bastante infantil pra idade que ele tem. Eu fiquei com a impressão de que, para algumas coisas, ele age como uma criança bem pequena. Acho que para algumas coisas, ele ainda tem aquele pensamento mágico de criança, sabe? Ele acha que as coisas vão se resolver magicamente, sem que ele precise fazer nada para que isso aconteça.

Marta: Nossa! Você já tinha falado um pouco isso. E eu fiquei pensando que eu falo pra ele que eu não quero que ele cresça, que eu quero que ele fique sempre bebê, que eu vou gostar mais dele se ele for sempre o bebê da mamãe. Acho que é por isso, então.

Marizilda: Acho que pode ser por isso, inclusive na sua casa, o único porta-retratos que tem é você com ele e ele bebê, mas gostaria de conversar com você sobre isso, sobre esse seu desejo de que ele fique pequeno. Desde que nós conversamos sobre a sua religião, eu fiquei com a impressão que tem a ver com ela, não sei se deu pra entender, quero dizer que seu desejo de que ele fique pequeno tem a ver com sua religião.

Marta: Como assim?

Marizilda: Não sei, acho que é você que tem que me falar...

Marta: Olha, só se for porque eu adoro criança, as crianças são puras e inocentes, não têm pecado. Eu mesmo, quando era pequena, não tinha pecado e depois que cresci...

Marizilda: Eu acho que é isso, de algum modo você passa pra ele a mensagem de que crescer não é bom, que a gente fica pior quando cresce, que a gente fica mais pecadora, que Deus não vai gostar, nem a mãe. A gente percebe, ao entrar na sua casa, exatamente o que você falou, que Deus é o centro de tudo e se é assim, pode ser que também tenha a ver com as dificuldades.

Marta: Você sabe que eu faço isso mesmo? Você sabe, eu já te contei a minha vida toda e você viu como eu era. Antes de eu ir na religião eu era assim como eu te contei. Eu te falei que eu quando encontrei meu marido, eu nem gostava dele, eu fiquei grávida por ficar, eu era totalmente sem cabeça...

Marizilda: Totalmente pecadora?

Marta: Era. Olha, eu casei, mas mesmo depois que eu casei, não queria saber de nada, ficava o dia inteiro assistindo televisão, tomando sorvete ou na casa da vizinha. Mesmo depois que eu tive filho, eu não cuidava deles, nem da casa. Se eu estivesse tomando sorvete eu escondia deles, pra não dar pra eles. Se eu ganhasse uma caixa de bombom eu dava um pra cada um e o resto eu escondia pra comer sozinha. Mesmo depois, eu te contei, eu fui com a minha amiga na missa e lá eu vi o padre e eu me interessei pelo padre, eu achei ele bonito e fui no dia seguinte, pra igreja onde eu tinha entendido que ele ia rezar a missa. Chegou lá, não tinha missa nenhuma, só encontrei a mulher que me levou pra outra igreja onde o padre realmente estava rezando a missa. Mas até aí eu não estava interessada na missa ou na religião, estava interessada no padre e estava com

uma raiva louca daquela mulher, que ficava falando que, daquele dia pra frente, minha vida ia mudar, que Cristo ia entrar na minha vida, que eu seria mais feliz. Eu contei também que quando eu entrei naquela igreja, eu só via pênis, na verdade, era o desenho do chão da igreja que me confundia e parecia que eu só via pênis. E essa visão não foi só naquele dia, demorou uns quatro, cinco meses, pra eu deixar de ver aquilo. E mesmo antes, quando eu era pequena, tudo bem, eu só me sentia mal porque minha mãe falava que eu era feia, só tinha o cabelo bonito, mas a cara era feia. Depois, quando eu fui crescendo, eu tive muito sofrimento na vida. As casas onde eu trabalhei e fui maltratada, as coisas também que eu fiz nessas casas. Mesmo com meus sobrinhos, os filhos da minha irmã, ela me batia e me judiava de noite e eu judiava dos filhos dela durante o dia. Olha, eu sofri muito, enquanto eu não tinha Jesus no coração.

Marizilda: Talvez seja por isso que você não queira que seu filho cresça, por que crescer significa pecar e sofrer?

Marta: Eu acho que é. Uma vida como a que eu tive deixa a gente marcada por muito tempo.

Marizilda: Eu entendo as suas dificuldades, mas queria te perguntar se você pode fazer alguma coisa em relação a isso. Em relação ao João, mais ou menos a idéia é se você pode fazer alguma coisa pra liberá-lo da tarefa de ficar pequeno, de não poder crescer e se transformar num pecador.

Marta: Acho que eu posso conversar com ele, quando você fala fica claro como água, mas eu não tinha visto que estava fazendo assim. Não, eu sabia que falava pra ele ficar pequeno, que queria isso, mas não relacionava uma coisa com a outra.

Marizilda: Na verdade, Marta, acho que você também se confundia nas coisas que queria, esperava dele. Por um lado, queria que ele ficasse sempre pequeno, que não pecasse, que se mantivesse puro e inocente. Por outro lado, gostava que ele trabalhasse, que tivesse seu próprio dinheiro, que fosse bem na escola. Ele respondia a isso do mesmo modo, por um lado, fazia cocô na roupa, não cumpria as tarefas escolares e nesse sentido, era pequeno. Do outro lado trabalhava, comprava celular e era grande. Mas é difícil sustentar esses dois lados tão diferentes, por isso, às vezes também ficava pequeno no trabalho, o que acabou fazendo com que ele fosse mandado embora.

Marta: Eu entendi e acho que você tem razão. Eu vou conversar com ele.

Marizilda: Tente valorizar o crescimento, de algum modo, mostre que crescer não traz só pecado e coisas ruins, mostre que crescer também é bom. Agora, Marta, eu sinto que dentro de você isso não é tão claro assim. Eu, como psicóloga, posso te dizer que é inevitável, é uma lei da vida, e que crescer vale a pena, que também traz coisas boas, e que os adultos pecam, cometem erros, mas também fazem coisas boas em relação a eles mesmos e a seu próximo. Acho que as coisas e as pessoas não são só boas ou só ruins. Elas são boas e ruins também. Mas eu não sei se essas minhas palavras causam realmente um efeito sobre você. Você tem um padre conhecido, da sua confiança?

Marta: Tenho, da minha paróquia, ele é um padre que é também psicólogo.

Marizilda: Por que você não tenta conversar com ele sobre isso? Sobre o fato de que, em função da sua experiência de vida, você acha que crescer é sinônimo de pecar, talvez você possa ouvir o que ele tem a dizer a esse respeito. Conte essa situação toda. O que você acha?

Marta: Sabe, eu já tinha contado pra ele, já faz tempo, sobre o problema do João e naquela época, ele falou que o João fazia isso por causa de mim. Ele não explicou direito, mas falou isso. Agora que você me explicou eu entendi o que ele quis dizer. Eu posso conversar com ele sim, acho que vai ser bom.

Marizilda: Aproveitando isso, eu queria te dizer mais uma coisa. Sabe quando eu falei que o João imagina, na cabeça, que tudo vai dar certo, uma mágica, um milagre? Acho que isso também tem a ver com a questão religiosa.

Marta: Como assim?

Marizilda: Lembra quando eu te perguntei o que era Deus pra você e você me disse que Deus é tudo, que tudo que acontece passa pelas mãos Dele, que nada acontece sem que Ele queira? Eu acho que o João fica também esperando isso, que tudo é Deus que pode fazer.

Marta: Mas eu não acho isso! Deus disse: “Faça a sua parte que eu farei a minha”.

Marizilda: Só que eu não sei se ele entende desse jeito. Eu fico com a impressão que ele coloca muito na mão de Deus o que pode acontecer com sua vida. Mesmo com o cocô, você mesma me contou que ele ajoelhava no chão da sala pedindo a Deus que o ajudasse a não fazer mais, como se isso dependesse de Deus e não dele.

Marta: Eu tento passar pra eles que tem a nossa parte, que nós temos que fazer a nossa parte, mas não sei, agora que você está falando, tem a minha filha também, eu não te falei, ela fica lá parada, não é capaz de fazer alguma coisa pra ela, estudar, ou trabalhar num salão que ganhe mais dinheiro. Só fica falando que vai, que vai e não faz nada. Será que ela fica esperando que Deus faça? Eu não penso isso, eu penso que a gente tem que fazer a nossa parte.

Marizilda: Marta, você me diz que pensa isso, mas será que nas suas atitudes você passa isso pra eles?

Marta: Como assim?

Marizilda: Não sei, nas coisas que você faz, por exemplo, você me contou que o João começou a fazer cocô quando tinha quatro anos e você só trouxe ele aqui com 11 anos. Por quê?

Marta: Quando eu era mais nova era mais ignorante, não sabia nada de psicólogo, mas eu podia ter levado no médico, como levei depois e o médico mandou no psicólogo e eu não fiz isso.

Marizilda: Talvez seja isso. Talvez, em algumas atitudes suas, você mostre que só Deus pode solucionar o problema e eles esperem por isso.

Marta: Pode ser que seja isso. Eu vou passar a prestar atenção nessas coisas. Sabe, quando eu venho aqui eu me sinto muito aliviada, parece que eu deixo todo o meu peso aqui. É isso que eu falo pra minha filha, se esse atendimento que é mais pro João, faz eu me sentir tão bem, imagine ela.

Marizilda: Uma outra coisa que eu percebi é a ligação forte que ele tem com você. Pra ele, você é a pessoa mais forte e mais importante da casa. Então, ele sempre quer sua aprovação nas coisas que faz e, quando isso não acontece, fica muito triste.

Marta: Eu sei. Mas é o único jeito dele melhorar um pouco, é quando eu dou meu desprezo pra ele.

Marizilda: Eu penso que nós temos que encontrar outra maneira além dessa, dele melhorar. Olha, na sua casa, por exemplo, você falou de todas as coisas erradas que ele faz, na minha frente e ele ficou supersem graça, você percebeu?

Marta: Mas é bem feito pra ele, se ele fizesse o certo eu só teria coisas boas pra falar.

Marizilda: Mas é preciso tomar cuidado com isso. Além disso, ferir os sentimentos dele e da sua filha também, ainda como você é uma figura importante pra ele, ele imita você. Você reparou? Você o culpou e ele culpou a escola.

Marta: É, eu não tinha percebido, mas foi mesmo.

Marizilda: Então, tente pensar sobre todas essas coisas e conversar com ele. Se você quiser o atendimento pra sua filha, se ela quiser, é só fazer a inscrição na recepção e você também, quando acabarmos esse atendimento, você quiser um pra você, é só falar, o procedimento pra você é um pouco diferente, eu já faço direto daqui.

Bom, estamos terminando. Na semana que vem, o João. Aliás, acho que o João vai ter que vir duas seguidas e depois vem você e a gente termina, tá?

Marta: Tá. Tchau.

Marizilda: Tchau.

Sétima sessão com a mãe

Marizilda: Oi, Marta, tudo bem?

Marta: Tudo, e você?

Marizilda: Tudo bem. Marta, hoje é o nosso penúltimo atendimento, depois desse, só teremos mais um com você e um com o João.

Marta: O João não está gostando de acabar aqui, ele gosta de vim aqui, ele sai daqui bem, pra cima.

Marizilda: Você também não está gostando disso.

Marta: Eu também não, eu também saio daqui bem.

Marizilda: Eu estou pretendendo, se você concordar, encaminhar o João para uma pessoa que eu conheço, uma ex-aluna que vai atendê-lo gratuitamente. Não quero deixar ele pra atendimento aqui porque, por ser uma clínica-escola, obedece ao calendário escolar e assim tem muitas interrupções e eu acho que o João precisa de um atendimento constante, sem interrupções e sempre com a mesma pessoa. O que você acha?

Marta: Eu acho bom, mas eu não vou ter que pagar?

Marizilda: Não, eu vou conversar com a pessoa e no último dia dou o nome e endereço dela, pra você.

Marta: Tá certo. Sabe, já faz três semanas, é, acho que é três semanas que ele não faz cocô, parece mentira, todo esse tempo e não fez nada.

Marizilda: Mas mesmo assim, Marta, eu acho que ele tem que continuar, porque às vezes, tem uma melhora assim e depois volta. Então é melhor ele continuar e se fortalecer mais pra depois a gente pensar em parar. Quanto a você, vale o que nós conversamos, se você quiser continuar, me avise que eu faço o encaminhamento.

Marta: Por falar nisso, minha filha veio, chamaram ela, só que o moço que chamou, ela não entendeu direito, acho que ele falou que não vai chamar mais.

Marizilda: Será? Normalmente, o procedimento é chamar para fazer a triagem, depois disso a pessoa espera um pouco e aí é chamada para o atendimento. Como aconteceu com você e com o João, lembra? Você veio aqui no ano passado, eu fiz a triagem com você e você me contou sobre o problema do João e depois, esse ano eu mandei chamar vocês. Normalmente é assim que acontece.

Marta: É, então vai ver que é isso e eu não entendi direito. Ou então foi ela que não entendeu.

Marizilda: Tenta ver com sua filha o que aconteceu. Marta, eu conversei com a escola, com a coordenadora, pelo telefone e ela me disse aquilo mesmo que você já tinha falado, que ele brinca na aula, que tem dificuldade para aprender algumas coisas. Mas ela disse que não é só ele, que é a turma toda assim e que os professores não conseguem segurar.

Marta: Eu sei. Eu já fui na escola, na sala de aula, e vi dois brigarem na frente da professora e ela não fazer nada. É tudo por causa dessa aprovação, que todo mundo passa, então eles já sabem que não precisa fazer nada, pode tirar nota ruim o ano inteiro que no final do ano dá um trabalho e passa. É isso!

Marizilda: E não existem outras escolas, você já viu outra?

Marta: É tudo igual ou pior. Ele ainda estuda pro lado de cá que é melhor, se for pra lá onde eu moro então nem se fala. Não tem solução.

Marizilda: O que você espera que aconteça?

Marta: Só Deus pode fazer um milagre.

Marizilda: Marta, lembra quando eu te falei que João fica sempre esperando que algo aconteça e resolva todos os seus problema? Eu acho que é um pouco

parecido com você, você também fica esperando que Deus resolva seus problemas e nesse sentido, fica paralisada.

Marta: Sabe, eu queria te contar que eu conversei com o João. Eu aproveitei um dia que eu estava olhando ele e vi como o pé dele cresceu. Eu aproveitei isso e falei pra ele “como seu pé cresceu, como você cresceu, você está ficando moço, bonito, a mamãe gosta de te ver assim”. A reação dele foi incrível, ele ficou bravo e disse que não estava crescendo e gritou. Eu insisti e disse que ele não estava se percebendo, que o pé dele estava enorme, que já estava calçando 41 e que esse já é pé de gente grande, que ele já estava calçando como o pai dele e como o irmão dele. Ele começou a chorar, dizendo que não estava crescendo e demorou um tempão chorando. Foi para o banheiro, se trancou no banheiro e continuou chorando. Eu quis mostrar pra ele que ele crescer me agradava, mas não sei não...

Marizilda: Acho, Marta, que não é só você falar com ele num dia, é mais que isso, é você mostrar pra ele nas suas atitudes que está ao lado dele nesse crescimento e mais, que continua gostando dele, apesar dele ter crescido e que não o considera um pecador só porque cresceu.

Marta: Eu sei que tem que ser assim. Eu fui conversar com o padre. Eu nem fui só por causa da nossa conversa. Eu fui também porque estava cheia, por causa do meu marido. Ele está surdo, fica completamente fora do ar e eu tenho que dá conta de tudo, fico sobrecarregada e ele não sabe de nada. Eu estava cheia a ponto de explodir e fui conversar com o padre, aquele mesmo que eu te falei que era padre e psicólogo. Conversei com ele e ele me disse isso que você falou, que não adianta só eu falar, que eu tenho que mostrar pra ele. Ele falou, ele já tinha falado que a culpa do menino ser assim é toda minha.

Marizilda: Você conversou com ele sobre aquela sua idéia de que todo mundo que cresce é pecador?

Marta: Conversei. Ele me disse que eu tenho um jeito errado de ver o pecado, porque até Maria Madalena, que pecou, foi perdoada por Deus.

Marizilda: E o que você achou disso?

Marta: Não sei, eu acho que ele tá certo. Eu sou muito rígida, não quero nada errado, quero tudo certo.

Marizilda: Talvez, Marta, você tenha a idéia de que quando você cresceu, você pecou. Talvez você mesma não consiga perdoar os pecados que você julga ter cometido.

(Silêncio)

Marta: Agora acho que você falou o que é. A primeira vez que eu contei a minha vida inteira, com todas as coisas que fiz, foi aqui e eu me senti tão bem, tão aliviada! Você não ficou assustada comigo, nem me tratou diferente por causa do que eu contei. Você sabe, eu nunca me senti mãe naquele tempo, eu só pensava em mim, comia as coisas e escondia dos meus filhos e até hoje de vez em quando, quando eles me chamam mãe, eu nem acredito que sou eu, às vezes ainda acho inacreditável.

Marizilda: Então, Marta, você ainda tem muita coisa pra falar e pra rever da sua vida. Quanto mais você se sentir bem, mais vai poder ajudar seu filho. Portanto, pense num atendimento psicológico pra você também.

Marta: Eu vou pensar.

Marizilda: Bom, eu quero falar um pouco sobre o João. Lembra, eu te falei que o João era muito infantil e que eu queria olhar melhor isso. Eu fiz então uma atividade para ver a inteligência dele, para ver como que ele lida com situações do

dia-a-dia, como ele resolve problemas do cotidiano. E agora vou contar pra você. A primeira coisa a falar é que o João é um menino inteligente e tem uma habilidade maior para fazer coisas que exijam fala, linguagem, do que para fazer coisa que exijam habilidade manual.

Marta: Não te falei, que no trem, na rua, ele fala com todo mundo e eu fico preocupada porque ele pode falar com pessoas que não prestam, pode se envolver com drogas ou coisas assim. E com as mãos, como você falou, ele não é muito bom. Quando ele era pequeno, ganhava um brinquedo e queria desmontar para ver como era feito. Desmontava e depois não sabia mais montar.

Marizilda: Então, nossa primeira observação coincide. Em qualquer ambiente que ele vá ele é capaz de perceber os detalhes que tem ali, as minúcias. Ele percebe, mas nem sempre consegue nomear as coisas.

Marta: Como assim?

Marizilda: Eu vou te dar um exemplo, você usa tiara, todas as vezes que você veio aqui estava de tiara, se um dia você estiver sem ela, ele vai perceber, mas é possível que não consiga dizer o nome do que está faltando. É possível que diga “mãe, hoje você não pôs aquele negócio na cabeça”. Entendeu agora, ele percebe, mas nem sempre dá nome para as coisas.

Marta: (Acena afirmativamente com a cabeça.)

Marizilda: Uma coisa que poderia ser feita para estimulá-lo nesse sentido é, quando você estiver com ele, dentro de casa mesmo, e estiver pegando um objeto, fale o nome do objeto. Por exemplo, vamos supor que você esteja lavando louça e pegue um amassador de alho para lavar e ele esteja junto, peça pra ele enxugar o amassador de alho, ou seja, diga o nome do objeto, para que ele guarde na memória. Melhorando isso, ele pode também melhorar na escola.

Marizilda: Ele consegue reter as informações que dão a ele. Enfim, aquilo que é ensinado a ele, ele consegue aprender.

Marta: Isso eu sempre falei, desde que ele era pequenininho. Eu já te contei que ele andou muito cedo e que aprendeu a andar sozinho. Era super levado, não parava quieto um só instante. Ele sempre aprendeu as coisas com muita facilidade.

Marizilda: Como eu já te disse, ele é um menino inteligente, tem uma boa inteligência verbal. Ele é capaz de reconhecer o que os objetos têm em comum, estabelecendo categorias para eles. Assim, ele tem um raciocínio abstrato, a coisa não precisa estar ali, pra ele poder pensar sobre elas, ver suas qualidades. Ele pode pensar na coisa sem que ela tenha que estar presente ali. Se eu pudesse dar um exemplo grosseiro pra você, eu diria o seguinte: Ele sabe o que é um cachorro, mesmo sem ter um cachorro na frente dele. Ele sabe que o cachorro é um animal, ele aprendeu as características que uma coisa tem que ter pra ser considerada um animal. Assim, quando ele vir um outro animal, mesmo que ele não saiba o nome, ele vai saber que é um animal. Não sei se deu pra entender.

Marta: Deu, sim.

Marizilda: Isso quer dizer que se o João não vai bem na escola, não é porque ele não tem inteligência ou capacidade pra aprender. Isso ele tem.

Marta: Acho que a escola que é ruim. Depois que teve esse negócio de não repetir mais de ano, as crianças passam de ano e não sabem nada. Vão de um ano pro outro e não aprendem nada. As professoras faltam, é uma porcaria. E também eles sabem que vão passar de qualquer jeito e também não faz o mínimo esforço pra estudar, pra aprender. Isso não é só o meu filho, são todos os alunos.

Marizilda: Essa é uma reclamação geral. Quase todas as mães que eu atendo aqui têm esse mesmo ponto de vista. Talvez as mães devessem se unir e buscar junto aos órgãos competentes uma solução para o caso. No fundo, o grande prejuízo é das crianças, que deviam estar aprendendo e na realidade não estão.

Marta: Eu já pensei nisso. Mas tem mãe também que não tá nem aí.

Marizilda: Uma outra coisa que eu vi, é com relação à coordenação viso-motora fina. Lembra que, logo no início, eu falei pra você que ele tinha uma boa coordenação e você me disse que nem parecia, porque ele ia mal na escola?

Marta: Lembro, sim.

Marizilda: Então, eu falei que ia olhar isso melhor e olhei. Ele tem uma boa coordenação, sim. O que acontece é que ele é lento, ele tem um ritmo lento. Então, pra ele fazer uma lição, por exemplo, corretamente, ele demora. E eu acho que é isso que acontece na escola, pra ele fazer uma tarefa corretamente, ele demora, ele se cansa, os outros acabam antes e ele não.

Marta: Sabe que antes, ele reclamava que a professora punha a lição na lousa e apagava e não dava tempo dele copiar? Agora ele não reclama mais, porque nem copia mais a lição. Você olha o caderno dele, está meio vazio.

Marizilda: Acho que ele fazendo a psicoterapia, o atendimento que eu vou encaminhar e também o reforço que eu já, já, vou falar com você, vai ajudar nesse sentido.

Marizilda: Eu notei que ele tem dificuldade no que diz respeito a raciocínio aritmético, na verdade ele tem dificuldade para fazer contas, cálculos de modo geral. Nós já tínhamos falado nisso. Eu acho isso um problema. Tem aí uma diferença que o atendimento psicológico não vai dar conta. Ele está aprendendo

expressões e não sabe fazer corretamente as quatro operações. Essa diferença, não tem atendimento psicológico que possa melhorar.

Marta: O que eu não entendo é que ele sabia fazer isso antes.

Marizilda: Marta, eu não sei o que aconteceu. Só sei que hoje, ele não consegue fazer de cabeça nem soma, nem subtração de dois algarismos e divisão, de cabeça, nem de um algarismo. Fora que eu acho que também há uma deficiência no raciocínio. Por exemplo, se você der um problema de Matemática simples pra ele, ele não sabe fazer, ou pelo menos, tem grande dificuldade pra fazer. Eu acho que uma possibilidade pra resolver isso é colocá-lo num reforço. Na escola que ele vai tem reforço?

Marta: Não sei com certeza, mas acho que tem.

Marizilda: O que você acha disso?

Marta: Não sei. Acho que ele não vai gostar nada disso.

Marizilda: É possível que ele não goste, mas eu não vejo outra saída para esta questão. Você tem alguma outra idéia?

Marta: Não tenho não. Acho que é isso mesmo que você falou.

Marizilda: Minha sugestão, então, é que você se informe sobre isso e também converse com ele sobre isso. Eu também vou conversar. Uma outra coisa, é a noção de tempo e de espaço. Ele parece ter uma pequena dificuldade quanto a essas noções. Nem sempre os pensamentos dele ou uma redação que ele faz têm uma sequência correta. Às vezes ele pode se atrapalhar um pouco nesse sentido, o que acaba também atrapalhando sua produção escolar. Você nota isso?

Marta: Bom, às vezes ele fala e fica tão ansioso pra contar, que fala atrapalhado e fica difícil de entender a história. Agora, a redação eu não vejo o que ele faz. É

difícil eu pegar um caderno dele pra ler. Eu chego tarde, cansada, ainda vou fazer comida, não dá pra fazer outra coisa. Isso eu não sei.

Marizilda: Eu sei que é difícil pra você. Também com relação ao plano do papel, quando alguma coisa está no papel, ele tem mais dificuldade para fazer uma análise e depois uma síntese. Acho que eu não expliquei direito. Sabe aquilo que você me contou, que quando ele era pequeno ele desmontava o brinquedo para ver como era feito e depois não sabia remontar? É isso, ele não consegue, só de olhar, saber como a coisa é feita, embora ele tenha vontade de saber.

Marta: Isso eu sempre percebi. Tanto que no começo, eu brigava com ele e batia nele. Depois, eu já não batia mais, porque eu percebia que ele não fazia por mal, ele não queria quebrar o brinquedo.

Marizilda: Além de não querer quebrar, eu penso que ele ainda fica muito frustrado por perceber que não consegue. Ele consegue ter um bom raciocínio verbal, conhece a função dos objetos, sabe pra que serve as coisas, e entende o sentido atribuído às palavras. Tem um bom nível de compreensão do mundo em que vive.

Marta: Como assim?

Marizilda: Como a gente já falou antes, embora ele tenha um lado bastante infantil, um pouco regredido, ele não é uma criancinha inocente, que não tem noção de nada. Ele tem noção das coisas que o cercam, ele consegue decifrar emoções mesmo que elas não sejam ditas. Por exemplo, ele tem noção de valores tipo honestidade, desonestidade, ele sabe o que é esperado dele, enfim, ele reconhece o mundo em que ele vive.

Marta: Bom, isso eu já falei pra você, se eu ficar brava com ele, eu não preciso falar nada, ele sabe pela minha cara. Sabe e fica super triste, é o único jeito de castigá-lo.

Marizilda: Então, acho que é isso. Tem mais uma coisa, ele tem um pouco de dificuldade para reproduzir um objeto, por exemplo: ele tem dificuldade para fazer quebra-cabeça. Sabe como, pra montar uma coisa a partir de suas partes. Não sei se você já observou isso?

Marta: Quando ele era menor e a gente dava quebra-cabeça pra ele, a gente ajudava a fazer. Acho que sozinho ele não fazia mesmo, pelo menos no começo, depois ele já decorava, aí fazia.

Marizilda: Ele também me pareceu que não tem uma boa noção do seu corpo e isso você já tinha me dito.

Marta: É, eu não te falei? Ele não se percebe.

Marizilda: A pessoa para quem eu vou encaminhá-lo vai trabalhar um pouco essa parte motora, corporal, com ele. Acho que vai ser bom, acho que vai ajudar.

Marta: Tomara que sim.

Marizilda: Por outro lado, ele tem alguma dificuldade para resolver problemas do dia-a-dia. Ele, em muitas coisas, não resolve sozinho, preferindo recorrer a outras pessoas, em especial a você. Isso mostra dificuldade para decidir as coisas, imaturidade, etc...

Marta: Isso ele tem. Tudo é “mãe!”. Mãe daqui, mãe dali. Eu falo pra eles, se eu morrer que vocês fazem sem mim?

Marizilda: Então nesse sentido, Marta, é preciso refletir. Tem coisas que ele pode fazer sozinho e você deve deixar. Tem outras coisas que ele não pode fazer sozinho e você não pode deixar. Por exemplo, a escola é algo que você deve incentivar como sendo uma responsabilidade dele e não sua.

Marta: Eu tento fazer isso, mas ele não entende. Se eu não ficar em cima, ele não faz nada.

Marizilda: Eu sei que é difícil, mas nós precisamos mudar esse quadro. Tem uma última coisa que eu quero falar a respeito desta atividade...

Não sei se você entendeu tudo que eu falei?

Marta: Eu entendi e foi ótimo. Cada coisinha que você falava, parecia que eu via meu filho. Foi bom. Você parecia conhecer ele mais até que eu. Como é que você faz isso?

Marizilda: Certamente, Marta, você conhece seu filho muito bem. O meu conhecimento é um outro tipo de conhecimento. São duas coisas diferentes. Mas exatamente porque foram conhecimentos diferentes é que nós conseguimos fazer esse diagnóstico. Eu ia te falando uma coisa, você me dizia outra e assim nós fomos fazendo até completarmos todo esse quadro.

Marta: Foi bacana mesmo.

Marizilda: O que eu considero fundamental, Marta, é que você consiga superar aquelas suas idéias sobre pecado e crescimento, para libertar o João disso e possibilitar que ele cresça e se desenvolva.

Marta: Eu estou tentando fazer isso. Tô me esforçando mesmo.

Marizilda: Eu acredito e estou torcendo por vocês.

Marta: Eu queria agradecer, foi muito importante tudo isso.

Marizilda: Mas nós ainda vamos fazer mais um encontro. Assim, a semana que vem eu vou atender o João, e na outra semana faremos o atendimento com você. Provavelmente, será um atendimento mais curto. Faremos um encerramento e eu vou te dar o endereço e telefone da pessoa pra quem você deve ligar para atender o João. Durante essa semana eu já vou entrar em contato com a pessoa, assim já fica tudo acertado pra quando você vier.

Marta: Tá certo.

Marizilda: Tem mais alguma coisa que você queira colocar?

Marta: Não. Acho que por hoje é só.

Marizilda: Então, tchau.

Marta: Tchau.

Sexta sessão com João

Marizilda: Oi, João, tudo bem?

João: Tudo.

Marizilda: Bom, João, esse é o nosso último atendimento. Nós vamos conversar um pouquinho e depois, o resto do tempo nós podemos fazer o que você quiser.

João: Tá.

Marizilda: João, sua mãe trouxe você aqui porque você fazia cocô na roupa e depois, durante o atendimento, apareceu também uma queixa em relação à escola. Durante o tempo que a gente ficou aqui, nós fizemos várias coisas diferentes. Dessas coisas que nós fizemos deu pra ver que você é um menino inteligente e que podia aproveitar melhor sua inteligência, do que vem fazendo.

Você entende o que eu estou falando?

João. Não.

Marizilda: Então eu vou te explicar melhor. Por exemplo, na escola suas notas estão boas?

João: Não, tá tudo ruim.

Marizilda: Inclusive, eu conversei com a coordenadora da sua escola e ela me disse que você está com dificuldade na escola e que também você conversa muito, você e toda sua sala.

João: Eu sou até bonzinho!

Marizilda: Então, o que eu quero dizer é que você tem inteligência pra ir melhor na escola, do que vem fazendo.

João: Eu sei. Mas são as professoras que não sabe ensinar, falta, não dá aula. Eu não quero mais ir na escola.

Marizilda: A escola é importante pra você. Talvez hoje você não perceba isso. Mas com o tempo, você vai perceber.

João: É muito chato.

Marizilda: Eu entendo você, mas você tem que insistir. Mas enfim, você conhece um monte de coisas, sabe o que elas significam, sabe pra que os objetos servem, sabe conversar com as pessoas. Tem um pouco de dificuldade pra montar as coisas, pra reconhecer e usar as formas geométricas e pra fazer contas. Eu fiquei pensando nisso e principalmente na dificuldade de fazer conta. Você acha que você tem?

João: Eu acho, eu detesto Matemática e ainda a professora não sabe ensinar. Eu acho difícil mesmo.

Marizilda: Então, e o que você acha que a gente pode fazer para melhorar isso?

João: Eu já sei o que você vai falar, é do reforço, minha mãe já falou comigo. Mas eu não queria não.

Marizilda: João, você pode não gostar dessa idéia e se for assim, se você fizer isso de má vontade, não vai adiantar. Vamos pensar juntos. Você não sabe fazer conta direito, a professora passa uma matéria mais adiantada, você não sabe fazer, alguns sabem, você gostaria de saber fazer, mas não sabe. Aí você fica com raiva, com vergonha, e cada vez aprende menos e cada vez acha mais chato a escola e a aula. Não é assim que acontece?

João: É.

Marizilda: Então, é isso que eu gostaria que mudasse, eu gostaria que você se sentisse melhor em relação à Matemática e à escola.

João: Tá.

Marizilda: Você acha que pode fazer um esforço e ir pelo menos um pouco no reforço?

João: Acho que sim.

Marizilda: Eu percebi que você ficou triste quando eu falei sobre isso.

João: É que eu fico com vergonha quando eu não sei.

Marizilda: É por isso que nós temos que encontrar uma solução. Tudo bem?

João: Tudo.

Marizilda: Tem mais uma coisa que eu já te falei e queria retomar. O cocô...

João: Eu não fiz mais, já faz tempo.

Marizilda: Que ótimo, você parece feliz com isso!

João: É.

Marizilda: Então, eu achei também que você não queria muito ficar grande. crescer, porque você achava que se crescesse, sua mãe podia não gostar tanto de você. Ela gostava de ter um filho pequeno, isto é o que você achava.

João: É chato crescer.

Marizilda: Por quê?

João: Quem cresce faz coisa errada.

Marizilda: Quem cresce faz coisa legal também, trabalha, ganha seu dinheiro, compra celular, ajuda as pessoas e muitas outras coisas...

João: Mas tá escrito na Bíblia.

Marizilda: O que está escrito na Bíblia?

João: Não sei, minha mãe que fala.

Marizilda: O que sua mãe fala?

João: Não lembro.

Marizilda: É melhor você perguntar pra sua mãe sobre isso que ela fala e você não sabe direito o que é. De qualquer modo, João, crescer também traz coisas boas.

João: Pode ficar rico e ter tudo que quer, né?

Marizilda: Pode ser. Bom, enfim, é isso. Nosso atendimento está terminando...

João: Você não falou que a gente ia jogar?

Marizilda: Calma, tá terminando hoje, mas não agora. Nós vamos jogar sim. Eu só queria te falar que você vai continuar o atendimento em outro consultório, não aqui, e com outra pessoa que não sou eu.

João: Onde?

Marizilda: É aqui perto. O que você acha?

João: Nada.

Marizilda: Como nada?

João: Não acho nada, eu nem sei, nem conheço.

Marizilda: Entendi, você só pode achar alguma coisa na hora em que conhecer.

João: É.

Marizilda: Então tá. O que você quer fazer?

João: (Enquanto abre a caixa) Varetas. Eu vou jogar. Ih! Saiu fácil. Par!

Marizilda: Ímpar.

João: Cinco, você ganhou. Começa.

Marizilda: Tá difícil.

João: Tira esse aqui.

Marizilda: Você tá me ajudando?

João: Tô.

Marizilda: Errei, sua vez.

João: Agora tá difícil. Tira esse que você mexeu.

Marizilda: O que a gente erra a gente pega?

João: É.

Marizilda: Fica mais fácil pra quem joga depois.

João: É. Errei.

Marizilda: Deixa eu me concentrar. Ih! Não adiantou nada, errei. Tiro esse.

João: Ah! Encostei o braço! Você.

Marizilda: Minha vez, vamos ver. Não deu, esse é meu.

João: Agora eu vou acabar. Ah! Quase.

Marizilda: Vamos ver se eu consigo acabar. Não foi dessa vez.

João: Pronto, acabei. Vamos contar alto, você primeiro.

Marizilda: 10, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100, 110, 125, 140, 155, 170, 190, 200, 210, 230, 250, 270. Você.

João: 10, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80 e ... 85, 90.

Marizilda: Você tinha 80, com mais 15 deu 90?

João: Ah, é ! 95, 105...

Marizilda: De novo, você tinha 95, mais 15, dá 105?

João: 105, não, 110, 120, humm...125, 130, 130 não, né? 140, 150, 150... não, 140, 150, 150...não, 155, 160, né? Não, quanto que era mesmo que eu tava?

Marizilda: 155 mais 15.

João: 170, 190, ah, tem um vermelho aqui de 10... 200, 220, mais 50, 230, 240, 250, 270.. Igual, empatou. Os dois, 270. Dá tempo pra mais um?

Marizilda: Vamos bem rápido.

João: Você joga. Ímpar.

Marizilda: Par.

João: Eu. Fácil esse aqui, vou tirar aquele lá embaixo. Não dá, eu olhei por baixo, tá grudado. Vou desse lado. Humm, mexi....

Marizilda: Vou tirar esse aqui. Não consegui, errei.

João: Sou eu. Esse, o azul ali em baixo. Nossa, agora tirei um monte.

Marizilda: Dessa vez eu vou perder, você tirou tantos...

João: Mas o preto ainda está aí.

Marizilda: É, mas está num lugar muito difícil.

João: Eu não acho.

Marizilda: Eu acho, errei, sua vez.

João: Eu vou conseguir, ah! tirei, tá vendo, não te falei, ele tava solto em baixo, eu tirei o preto.

Marizilda: É. Parabéns!

João: Eu vou conseguir tudo.

Marizilda: Dessa vez você vai ganhar de longe!

João: Pronto.

Marizilda: Com certeza você ganhou!

João: Acho que não precisa nem contar.

Marizilda: É, acho que não. Vamos juntar para guardar.

João: Tó.

Marizilda: Cadê o elástico?

João: Sumiu.

Marizilda: Tá aqui, debaixo da tampa da caixa.

João: Ah!

Marizilda: João, nós vamos encerrar agora, eu espero que dê tudo certo pra você.

A semana que vem sua mãe vem só pra eu dar o endereço da psicóloga pra ela.

Tchau.

João: Tchau.

